# «ROTA SEGURA»: JÁ MORRERAM 23 PESSOAS DESDE O DIA 23

Os números mais recentes — 23 mortos, 313 feridos, 88 dos quais em estado grave, num total de 400 acidentes — indiciam um Natal mais sangrento do que os anteriores. Estes números — referentes à primeira fase da Operação «Rota Segura» — dizem respeito ao período que decorre desde as 11 horas do passado dia 23, terça-feira. A operação só terminará ao meio-dia da próxima segunda-feira, dia 28. Amanhã à tarde, entretanto, iniciar-se-à a segunda fase, com o regresso às grandes cidades de milhares de pessoas que foram passar o Natal à província. Esta manhã a situação nas estradas foi descrita como normal, não havendo indicações sobre acidentes, mas em vésperas de começar a fase dois da operação, a GNR — que tem cerca de 4 mil agentes envolvidos na vigilância do trânsito — recomenda precauções especiais aos automobilistas, chamando particularmente a atenção para o mau estado das estradas e para os elevados índices de alcoolémia — 110 condutores detectados, neste estado, até agora.

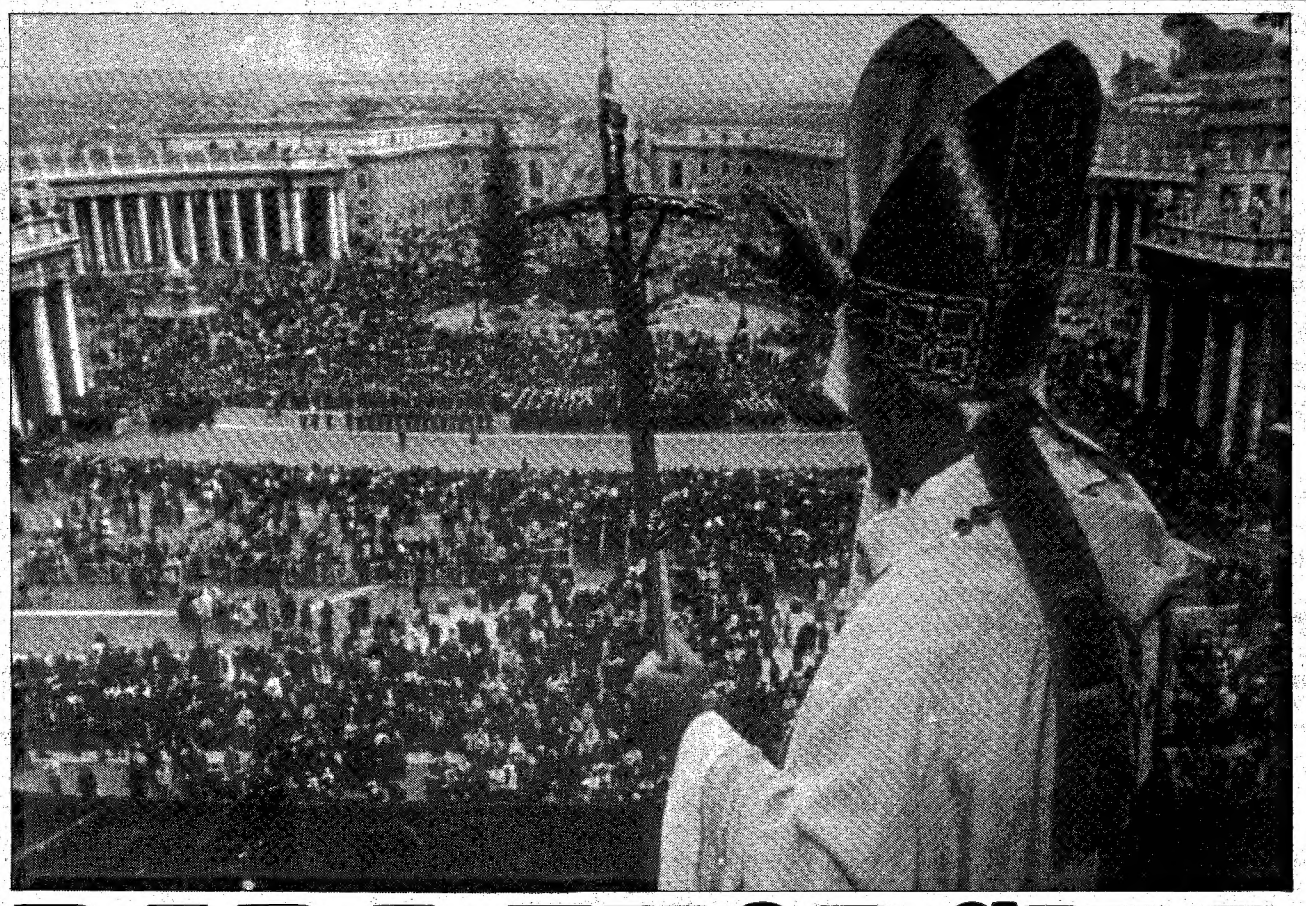
Pag.6

## *Maria João Pires vence o frio*

Centenas de soviéticos, lutando contra o frio intenso, concentraram-se durante horas em longas bichas para tentarem ver e ouvir a pianista portuguesa Maria João Pires a ensaiar com a orquestra de câmara «Virtuosos de Moscovo». Foi ontem, em Leninegrado Comentário do maestro Vladimir Spivakov: «Ela provou que o espírito é capaz de vencer todas as dificuldades».


# Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 548 Sábado, 26 de Dezembro de 1987 Preço 45$00

# PAPA EXORCIZA "TENTAÇÃO" TECNOLÓGICA

Falando para milhões de católicos, que em 34 países escutaram as suas palavras através da televisão, para além de 50 mil peregrinos concentrados na Praça de São Pedro, na Vaticano, o Papa João paulo II contrapôs o poder divino ao progresso cientifico, exortando a que a humanidade não procure a salvação na tecnologia. João Paulo II, depois da tradicional benção «Urbi et Orbi» e de desejar Boas Festas em 52 línguas, frisou que o nascimento de Cristo numa mangedoura, em Belém, tinha dado aos homens o poder para se tornarem filhos de Deus, algo que nenhum progresso humano poderia alcançar. «Saberão as pessoas fazer uso deste poder? A pergunta tem sido feita a todas as gerações na História, mas volta com particular intensidade neste nosso tempo, na era tecnológica», disse.

Págs 14 e 15

## *GOLFO PÉRSICO*

### ONU prepara novas medidas para assegurar cessar-fogo

A ONU está disposta a tomar medidas para assegurar o respeito pelo cessar-fogo na região do Golfo. Os EUA manifestaram apoio a esta decisão.

Págs. 14 e 15

*O cargueiro «Hyundai» em chamas, após um ataque iraniano*

*NESTA EDIÇÃO: SUPLEMENTOS «CARTAZ» E «LER/ESCREVER»*

# A ALEMANHA VAI COMEMORAR DISCRETAMENTE EM 1988 OS 75 ANOS DE WILLY BRANDT

Camille Helgne

**Noutras circunstâncias, no tempo em que era chanceler, e mesmo antes, os setenta e cinco anos de Willy Brandt teriam sido um acontecimento nacional. Hoje, só os amigos e um círculo restrito do partido (SPD) pensam comemorá-los, de resto muito discretamente. É, no entanto, incontestável que, ao lado de Konrad Adenauer, «o velho» Willy Brandt é a figura mais marcante da vida política da República Federal desde o fim da guerra.**

Personagem fora do comum. neto de um ex-criado de quinta, filho natural de uma empregada de mercearia, ele não se chamava, na verdade, nem Willy nem Brandt, mas sim Herbert Ernst Karl Frahm. Frahm era o apelido da mãe.

Nasceu em Lubeck, velha e rica cidade hanseática, mas da qual só conheceu o lado **sombra,** os bairros operários, as greves (isto durante os primeiros anos da sua vida), depois foi a guerra de 14-18, e quase conheceu a fome. Quando a mãe se casou com um pedreiro que não tinha grande amizade por esse «filho de ninguém», o pequeno Herbert passou a viver praticamente com o avô.

### «O meu pai (que nunca vi) não me interessa»

Ninguém sabia quem era o pai de Herbert. «Nunca o vi e não me interessa», dizia ele. Também se ignora quando a mãe morreu e o que foi feito do padrasto e do meio irmão nascido em 1920. As investigações feitas pelos jornalistas nunca deram nenhum resultado. O que se sabe é que o avô, ex-criado de quinta e mais tarde camionista em Lubeck, teve um papel capital na educação, na formação ideológica do neto. Militante social-democrata, foi ele quem lhe inculcou a noção da luta de classes. Nada caracteriza mais a influência do velho Frahm no neto que a recordação do ano de 1922, ano de perturbações sociais e caos económico na Alemanha. O avô motorista entrou em greve com outros companheiros de trabalho e em casa não havia nada para comer.

### «Não temos pão em casa»

Um dia, Herbert, então com nove anos, ao regressar da escola parou junto a uma padaria onde havia um agradável cheiro a pão fresco. Olhava para a montra com tanta vontade de comer, que um transeunte teve pena dele.

— Tens fome? perguntou ao rapazinho. Não comeste hoje?

A resposta veio espontânea:

— Já não temos pão em casa.

### «Não aceitamos esmolas»

O homem pegou-lhe no braço.

— Vem cá?, disse ele, levando-o à padaria onde lhe comprou dois pães grandes: «Toma e vai depressa para casa!».

Louco de alegria, Herbert foi entregar ao avô os presentes miraculosos e contou-lhe a sua aventura.

O velho Frahm franziu as sobrancelhas e o seu rosto ficou sombrio.

— Leva já esses pães ao senhor, ou, se lá não o encontrares, ao padeiro. Estamos em greve para que os patrões nos paguem salários decentes, mas não aceitamos esmolas. Não somos mendigos.

A criança, primeiro estupefacta, quase desesperada, dominou-se perante o olhar severo do avô.

— Sim. «Opa» (avô). Tens razão.

Retendo as lágrimas — porque efectivamente ainda quase não comera nesse dia — foi levar os pães à padaria.

### 1932

O avô, embora a vida em casa nem sempre fosse alegre, quer que o neto estude para sair da condição operária. E priva-se de muitas coisas para o poder mandar, primeiro para a «Realschule», depois para o «Gymnase», o liceu.

Aos dezoito anos Herbert Ernst Frahm termina o curso liceal e obtém o que, na Alemanha, se chama «certificado de maturidade». Um ano antes, apesar da sua juventude, fora admitido no Partido Social Democrata. No dia em que termina o curso — coincidência simbólica — estalam em Lubeck sérias lutas entre nazis e socialistas. Está-se em 1932, o ano trágico do destino alemão: a hora em que o pintor de paredes de Braavnan tomará o poder aproxima-se perigosamente.

### Inteligente, bonito rapaz, entusiasta

Será também a hora do destino. Porque muito antes de terminar o liceu, Herbert Frahim sabe o que vai fazer na vida: jornalismo. Começa no **Volksboten,** órgão oficial social-democrata, dirigido por Julius Leler, deputado do Reichstag.

Este, bom psicólogo que tem o hábito de descobrir os futuros quadros na massa dos militantes, depressa descobre boas qualidades no jovem Frahm que, entusiasta, inteligente, bonito rapaz, tem tudo o que é necessário para triunfar.

Protege-o, empresta-lhe livros, encomenda-lhe artigos, aconselha-o. Pode dizer-se que, se o futuro Willy Brandt herdara o vírus político do avô, quem o ajudou a desenvolvê-lo, a concretizá-lo foi Julius Leber.

### «Refúgio norueguês»

Leber não verá, no entanto, a ascensão do seu discípulo. Antinazi corajoso, passará vários anos na prisão. Depois, tendo feito parte do complot de 20 de Julho de 1944, será preso, pouco tempo depois do atentado falhado. Condenado à morte por um processo de paródia de justiça, será executado a 5 de Janeiro de 1945.

Nesse dia, Willy Brandt, que entretanto adoptara esse nome de guerra, já vive na Suécia como «refugiado norueguês» e ignora tudo da sorte do seu mestre.

Entretanto, como a «peste castanha» ameaçasse cada vez mais a Alemanha, muitos socialistas tinham pensado que o seu partido, o SPD, não lutava com bastante energia e virilidade contra os nazis. Assim, os descontentes de esquerda haviam fundado desde 1931, o SAP, Sozialistische Arbeiter Partei, o Partido Socialista Operário.

### Delegado do partido aos 19 anos

Apesar das advertências de Leber, que achava que toda a cisão e divisão só seriam úteis a Hitler, Herbert Karl Frahm aderira a esse partido.

Infelizmente, se o novo movimento talvez combatesse mais incarniçadamente a maré alta da extrema-direita, ele não pôde impedir Adolfo Hitler de se tornar chanceler a 30 de Janeiro de 1933. Consequências: poucas semanas, poucos dias depois, os SS e a Gestapo perseguiam os seus inimigos, o SPD, o SAP e o KP (comunista) com igual fúria.

Os três foram interditos, embora continuassem ilegalmente as suas actividades. O SAP resolve mesmo fazer um congresso... clandestino, naturalmente, em Dresden. O enviado de Lubeck é Herbert Frahm, que ainda não tem dezanove anos e meio, mas já tem um certo nome no movimento.

### Emigrante com cem marcos no bolso

É precisamente por ser conhecido, também entre os adversários, que os camaradas o aconselham a mudar de nome. Durante os doze anos que se seguem milhões de europeus farão o mesmo.

Mas porquê Brandt e porquê Willy?

A mais verosímil, entre as várias versões, é que esse nome e esse apelido, banais para os alemães, foram escolhidos por ele, ou por um dos seus amigos, por puro acaso, para passar despercebido.

### O fim das ilusões

Com efeito, ninguém reconhece o ex-Frahm, que desembarca em Abril de 1933, com cem marcos no bolso, em Oslo, capital da Noruega.

Se, jovem militante de extrema-esquerda, tivesse continuado em Lubeck, sob o regime nazi, não teria tardado a ser preso e a terminar a sua vida num campo de concentração. Numerosos resistentes, anónimos ou (que se tornaram) célebres, de De Gaulle a Henry Spaak, a Carlo Schmidt, a Saragat, sem esquecer Lenine ou Tito, haviam escolhido — provisoriamente — o exílio.

Ao chegar a Oslo, com dezanove anos, Willy Brandt, jovem emigrante, esperava com ingenuidade (não era ele o único) que a pressão da opinião pública internacional ajudando a resistência interna faria com que a ditadura hitleriana ruísse mais tarde ou mais cedo. Infelizmente...

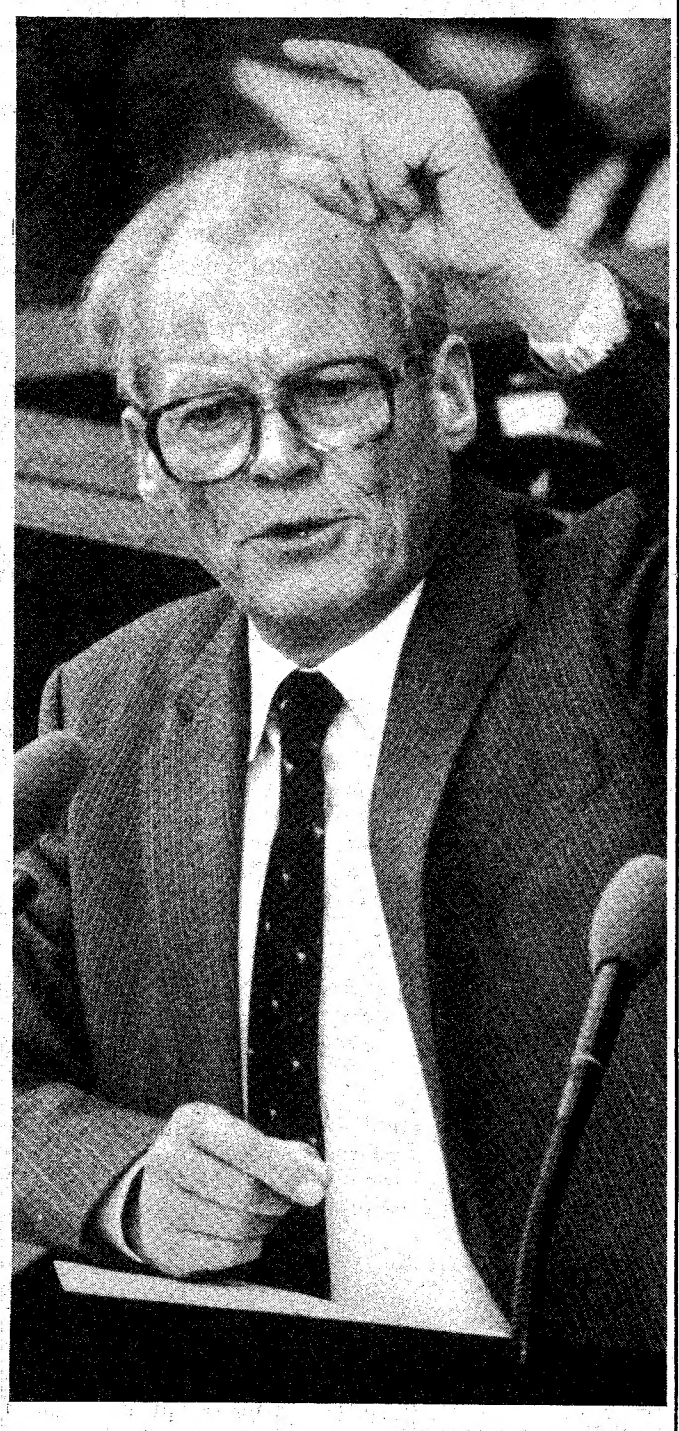
### Traição

Aprendeu depressa o norueguês e voltou mesmo a Berlim, em 1936, enviado por uma organização clandestina. Titular de um passaporte norueguês com o nome de Martin, facilmente passou despercebido.

Essa «traição» à sua nacionalidade de origem, ser-lhe-á amargamente censurada mais tarde. Apesar do seu nome falso, os serviços de Himmler e de Goebbels depressa conseguem a sua «ficha» e em 1938 perde a nacionalidade alemã.

No mesmo momento, Brandt muda, de resto, oficialmente de nacionalidade. Para que tenha maior liberdade de acção em Estocolmo, o governo norueguês no exílio reconhece-o como estando sob a sua alçada. Quanto ao seu estado civil, o refugiado alemão Herbert Frahm torna-se refugiado norueguês — o que no contexto da Europa de 1940 nada tinha de desonroso. Como não seria desonroso, quando terminada a guerra, ele ter ido a Berlim de uniforme... de major norueguês.

«Esse homem — escreveria um jornal de extrema-direita — que enquanto os seus compatriotas tremiam de frio e passavam fome nas ruínas da antiga capital, preferia passear-se nela com o uniforme dos vencedores, beneficiando dos seus privilégios, esse homem quer ser amanhã chanceler do Reich!»



### «O Kennedy alemão»

Como falava tão bem o norueguês como o alemão (duas das suas mulheres eram norueguesas), houve quem lhe sugerisse que se tornasse legalmente norueguês. É «redescoberto» em 1947 por Ernest Reuter, oberburgermeister social-democrata de Berlim-ocidental, que o convence que, sendo alemão, o seu lugar é na República Federal e não no estrangeiro.

No mesmo ano oficializa o seu nome de Willy Brandt, que é praticamente o seu desde 1933.

A sua ascenção política será então rápida, os amigos e o partido «lançam-no» como o «Kennedy alemão», slogan que o hábil Willy aceita sem protestar. Houve mesmo quem afirmasse que ele «copiava servilmente» o seu modelo americano.

O resto é sabido: Frahm-Brandt, regressado da emigração, dirigente do SPD, vice-chanceler em 1966, depois chanceler em 1969, está entre aqueles que participam na reconstrução da nova Alemanha. A sua carreira, se não foi quebrada, foi, pelo menos, comprometida com a suspeita que pesou em alguns dos seus colaboradores mais próximos.

Demitiu-se em 1974, com 61 anos de idade, em proveito de Helmut Schmidt, também social-democrata. Tem ocupado lugares mais honoríficos do que de real importância à frente do partido. Isso não impede, porém, que, com a sua corajosa e leal atitude antes e durante o nazismo e com o seu comportamento depois da queda de Hitler, Willy Brandt ficasse sendo uma personagem marcante do mundo político alemão. Essa Alemanha que, desde 1950, teve de reaprender — para alguns, aprender muito simplesmente — a democracia.

O facto de o seu sucessor Helmut Schmidt estar longe de ter a sua classe e o seu prestígio, não é decerto estranho à descida, para não dizer, à grande queda eleitoral do Partido Social Democrata.

Ninguém ignora em Bona que, se a RFA tem a dirigi-la, há mais de cinco anos, um homem de uma evergadura... medíocre, como Helmut Kohl, sem uma esperança excessiva de um regresso dos socialistas, isso deve-se, de certo modo, a essa situação.

*Cardeal-Patriarca na sua mensagem de Natal*

# "JESUS É O ÚNICO SALVADOR TAL COMO DISSE S. PEDRO"

**Votos especiais para «os que nesta noite mais sentem o desconforto da vida e as agruras da existência», desejou o Cardeal-Patriarca na sua mensagem de Natal. D. António Ribeiro salientou, entre outros, os doentes e os pobres, os emigrantes e os presos, os desempregados e «os que não têm casa».**

Foi assim que D. António Ribeiro concluiu a sua mensagem de Natal, na qual realçou que nunca será «excessiva» a veneração ao culto da Virgem Maria. Aliás, ao dedicar a sua mensagem à Virgem Maria, D. António Ribeiro recordou que o Papa João Paulo II declarou 1987 como o Ano Mariano.

Para além disso — disse o cardeal —, «não pode ver-se o menino da gruta de Belém sem ver Maria, sua mãe». Para D. António Ribeiro não há outra maneira de celebrar o Natal senão «uma efectiva aproximação do mistério, para o contemplar de perto».

«Quem decidir ficar na rua — acrescentou — seduzido pelo bulício do mundo, jamais conseguirá compreender o significado mais autêntico da festa de hoje».

Segundo D. António Ribeiro, cabe à mãe de Deus «uma dignidade única, sem paralelo com a de qualquer outra criatura terrena em toda a história da Humanidade».

«Quando, por vezes, em nome do Evangelho, surgem cristãos a combater a correcta devoção mariana da Igreja Católica, não se apercebem talvez de que negam o Evangelho, no qual dizem acreditar» — acrescentou.

Sobre Jesus, D. António Ribeiro diz que é «o único salvador». «Contra os falsos messianismos de todas as épocas — disse o cardeal — mantêm valor e vigor as palavras do apóstolo S. Pedro perante o sinédrio de Jerusalém: não há, debaixo do céu, outro nome que nos possa salvar».

D. António Ribeiro concluiu a sua mensagem, como acima se diz, com votos especiais para «os que nesta noite mais sentem o desconforto da vida e as agruras da existência»: os doentes e os pobres, os emigrantes e os presos, os desempregados e «os que não têm casa nem pão».

**Progresso também tem aspectos negativos**

Apesar de ter contribuído para um maior bem-estar, o progresso também tem criado, por vezes, «situações ferozes», disse o Bispo do Porto, D. Júlio Rebimbas. «Quando se resolvem problemas, novos problemas e mais difíceis aparecem» — disse na sua mensagem de Natal.

Segundo o Bispo, entre os novos problemas da sociedade moderna encontram-se os relacionados com a contaminação atmosférica e a engenharia genética.

Por isso, D. Júlio Rebimbas disse que o Natal «não convida ao triunfalismo nem à ingenuidade» de acreditar numa sociedade sem males.

«Pôr os olhos no quadro histórico do Natal exige conversão a Deus e ao Homem, esvaziamento e disponibilidade, na medida em que a envolvência das circunstâncias o sugere e o exige» — acrescentou.

D. Júlio Rebimbas observou que «no mistério da história dos homens continua a aplicação dos problemas injustos, a recusa de soluções de gente a viver em habitações indignas, a impaciência de quem nunca vê chegar a luz na escuridão».

«Natal é dia de grande contraste e da grande conjugação à luz do qual temos de buscar a nossa indentidade» — referiu o bispo, lembrando que «neste mistério, revela-se a todos os homens e a todas as gerações a infinita bondade de Deus».

«Jesus não é uma tradição anual, nem um mito, nem uma fábula e parte verdadeira da história humana» — concluiu.

**Bispo de Angra apela à solidariedade**

O Bispo de Angra e Ilhas dos Açores apelou à solidariedade na sua mensagem de Natal, depois de afirmar — no mesmo texto — que «o nascimento de Jesus Cristo «fundamenta os autênticos direitos humanos».

Numa mensagem de Natal dirigida aos católicos açorianos publicada no jornal da Igreja local, «A União», D. Aurélio Granada Escudeiro afirma que «sem Jesus Cristo os Direitos Humanos perdem o seu valor e o homem deixa de ter critérios certos e seguros».

O prelado açoriano apela ainda à solidariedade e considera que «o Natal dos católicos não deverá ser tranquilo, enquanto a alguns homens faltar o indispensável».

O bispo finaliza a sua mensagem de Natal afirmando que «o Natal aparece à Humanidade como marco histórico de valor único».

*Casa do Corpo Santo, em Setúbal*

# Cinco mil visitaram ontem presépio ao vivo

Mais de cinco mil pessoas presenciaram, ontem à tarde, o presépio exposto na Casa do Corpo Santo, em Setúbal — disse o responsável pela exposição.

Quinze figuuras, elementos dos escuteiros de Setúbal (Grupo 484, da Anunciada), trajando à época, participaram na iniciativa organizada pela Câmara de Setúbal, com o apoio da Região de Turismo de Setúbal-Costa Azul.

O autor do presépio ao vivo, Rui Mesquita, disse à Lusa que «a intenção foi reviver a tradição, quebrada a partir de 1900, dos presépios ao vivo, que se faziam no Teatro Silva Santos, na casa onde nasceu Luísa Todi».

Rui Mesquita, que é também autor do presépio-morto, patente no Largo da Ribeira Velha, sublinhou que «a experiência resultou e o volume de pessoas que paravam para ver o presépio justifica que se continue a fazer».

No Porto, o Natal deixou boas recordações aos comerciantes. Com efeito, os que estão estabelecidos no centro da cidade manifestaram a sua «satisfação» à Lusa pelo volume de negócios concretizados nesta quadra.

Numa ronda a que procedeu nos estabelecimentos na «baixa», a Lusa recolheu informações que «o negócio foi em 1987 superior ao dos anos anteriores» e alguns comerciantes consideraram mesmo que «este ano foi o melhor de todos».

Os comerciantes contactados escusaram-se a quantificar os volumes de vendas, alegando que «o segredo é a alma do negócio» ou que «os resultados somente poderão ser apurados em Janeiro».

Os bazares e os estabelecimentos de confecções e artigos electrodomésticos terão sido, segundo os indicadores obtidos nesta ronda, os mais procurados pela clientela.

Mas também as ourivesarias e as lojas com artigos de decoração para o lar têm sido muito frequentadas nesta época do ano.

Os supermercados, que antecipadamente haviam reforçado os seu estoques, estão permanentemente cheios de gente e alguns artigos, sobretudo electrodomésticos e brinquedos, esgotaram por mais de uma vez nesta quadra.

As pessoas, cheias de presentes e de sacas, circulam com dificuldade, porque o movimento aumentou consideravelmente nos últimos dias.

Também os automóveis transitam nas ruas a custo, ou aguardam, no meio de longas filas de espera, num trânsito desordenado e caótico, com frequentes engarrafamentos.

Este período tem sido muito favorável, ainda, para o comércio ambulante, vendedores da rua (com banca e tendas no centro da cidade) que vendem louças, brinquedos, roupas, artesanato e bijutaria, e «não têm razão de queixa» — afirmam.

Por seu turno, os tripulantes da caravela «Bartolomeu Dias», celebraram o Natal com um jantar de peru servido a bordo, depois de uma ceia de bacalhau no dia 24.

A celebração quebrou a rotina de bordo, juntando numa mesma refeição os quartos em que a tripulação está dividida.

A caravela «Bartolomeu Dias» encontra-se 120 milhas a Sudoeste da ilha de Ascensão, a caminho de Walvis Bay, na África do Sul.

*Homenagem a filho assassinado*

# Comerciante de Roterdão promove festas em aldeia perto de Coimbra

Um comerciante português estabelecido na Holanda (Roterdão) proporcionará amanhã uma jornada de festa rija numa pequena aldeia dos arredores de Coimbra, como o fez jó ontem. Pretexto: a morte de um seu filho. Duas jornadas de festa rija em três dias, é obra, como aqui conta o jornalista Rodrigues dos Santos, da Lusa.

João Duarte Tomaz, de 60 anos, tem para oferecer brinquedos (até em duplicado) a 1500 crianças, roupas a 300 idosos, e muito mais coisas em memória do filho, que lhe foi assassinado aos 20 anos.

As primeiras dez pessoas que se identifiquem com o nome de Mário João (o do filho) oferecerá outras tantas bicicletas novas em folha e, ainda, mais 50 bicicletas usadas, mas em bom estado, para ofertar aos simplesmente «João».

Outra prenda de Natal que Duarte Tomaz promete são duas contas bancárias na Caixa Crédito Agricola de Carapinheira do Campo a um homem e uma mulher que ali se apresentem, dia 27, «travestidos» à boa maneira da quadra natalícia que se atravessa.

Um casal que, por exemplo, queira fingir de S. José e Nossa Senhora, pode fazê-lo, mas sem nenhuma garantia de ganhar a abertura da conta bancária, por haver um júri muito atento aos mais ou menos imaginativos.

João Duarte Tomaz, dorido pela morte do filho, assassinado há quatro anos, numa oficina de automóveis que tinha em Lisboa, por um empregado despedido, não se fica por aqui na homenagem à aldeia que o Mário João adorava como terra de sua mãe.

Para já mobilizou dois «Pais Natal» que andam distribuindo pelas aldeias da freguesia de Carapinheira do Campo, com especial incidência no lugar de Casal Simão, os primeiros brinquedos.

DL NACIONAL

# Madrid investe na ligação Verin-Chaves

O Governo de Madrid vai gastar cerca de 720 mil contos para transformar a estrada Verim–Chaves em via–rápida, segundo noticiou o diário galego de língua castelhana «Faro de Vigo». O jornalista Nanuel Turon disse à agência Lusa que a obra deverá ficar concluída no mais curto espaço de tempo, podendo, se se verificarem os «timings» previstos, «ser aberta ao tráfego rodoviário ainda antes do Verão de 1988».

A melhoria do troço entre a fronteira de Feces de Abaxo e Verin, do lado galego da fronteira, facilitará a entrada e saída de emigrantes portugueses vindos da Europa, evitando as longas filas de espera que hoje se verificam.

A justificação para o empreendimento prende–se com o facto de a fronteira de Feces de Abaxo ter sido elevada à primeira categoria, no âmbito da política deliberada do Governo do Estado espanhol de criar ligações com Portugal. Isto implicou, segundo Manuel Turon, que «o Governo de Felipe Gonzalez optasse por dotar rapidamente aquela via de acesso das melhores condições, equiparando o troço ao nível de 'ligação para Madrid'».

Na área da fronteira vão ser construídos parques de estacionamento, sanitários e serviços de atendimento compatíveis com a classificação atribuída, esperando Madrid «que o Governo português siga o exemplo das entidades de Espanha», acrescentou Turon.

Por outro lado, o Conselho de Ministros criou recentemente uma zona de jogo para a área termal de Vidago–Pedras Salgadas, que vai ser explorada pelo empresário Sousa Sintra, a que estão associados os municípios de Chaves, Valpaços, Boticas e Vila Pouca de Aguiar.

Estas câmaras vêm na iniciativa de abertura do jogo «uma forma espectacular de atrair muitos turistas espanhóis», segundo afirmou à Lusa o presidente do município aguiarense, António Gil.


VEÍCULO DE CULTURA DOS TEMPOS QUE CORREM

O comboio é movimento no espaço, ao longo do tempo. Todo o seu percurso tem sido a afirmação de novas realidades que trazem consigo novas esperanças, maiores benefícios.
O seu papel é rico de mil e um personagens. Como equipamento social adaptado à comunidade é insubstituível. Como indicador tecnológico, a sua história revela a determinação constante em tornar mais elevados os níveis de segurança e de conforto. Como memória colectiva é um caso ímpar de pujança, bem documentado nas estações, azulejos, locomotivas e composições antigas que a CP faz questão de preservar como património da comunidade.
Testemunha privilegiada da evolução dos nossos tempos, o comboio é um veículo de cultura que corre para o futuro.

CP

Comboio, a opção viva.


*Ecologistas contra alargamento do CTA*

# "Tiro" do Governo no estuário do Tejo "vai-lhe sair pela culatra"

## — prevê Herculano Pombo ("Verdes")

**O «tiro» que o o Governo «pretende dar na Reserva do Estuário do Tejo vai–lhe saír pela culatra», afirmou ao «DL» o deputado de «Os Verdes», Herculano Pombo, a propósito do projectado alargamento do Campo de Tiro de Alcochéte(CTA).**

Criticando as «grandes cautelas e algum secretismo» que rodearam os actos do Governo para a efectivação deste «macabro projecto», o deputado ecologista falou–nos do «silêncio como resposta» a requerimentos por si apresentados à SEARN(Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Nacionais) e ao Ministério da Defesa e sublinhou a ausência de «qualquer posição pública compatível com as anteriores preocupações» por parte do novo titular daquela Secretaria de Estado, Macário Correia.

«Carlos Pimenta, que enquanto Secretário de Estado do Ambiente manifestou a sua preocupação em ofício dirigido ao Ministério da Defesa, foi premiado com um lugar no Parlamento Europeu onde se esqueceu por completo do problema», acrescentou Herculano Pombo, referindo que no próprio Orçamento de Estado para 1988 «existe a tentativa de camuflar a verba de 550 mil contos destinados às expropriações, que vem colocada entre as verbas para a aquisição de material de escritório para o EMGFA».

### «Fuga para a frente»

«Só em 19 de Novembro— acrescentou o deputado— em sessão parlamentar, o Governo se viu obrigado a quebrar o silêncio, já que desta vez decidimos colocá–lo perante a obrigação legal de responder. A resposta constitui nítidamente uma fuga para a frente, tentando o Ministro da Defesa revelar serenidade e segurança na decisão governamental, baseando a sua argumentação na análise dos efeitos do actual Campo de Tiro, chegando mesmo a referir o aproveitamento agrícola e silvo–pastorício modelar existente no CTA, em nítido contraste com as áreas circundantes».

Sublinha Herculano Pombo que Eurico de Melo «não foi, entanto, capaz de enfrentar a questão da futura utilização e os seus efeitos catastróficos, vacilando claramente entre a ameaça e a aceitacão de hipóteses diferentes para a localização do Campo de Tiro».

O deputado de «Os Verdes» recorda que «são os mais variados» os sectores da opinião pública portuguesa que se opõem decididamente ao alargamento do CTA, desde as autarquias aos ambientalistas, dos grupos de cidadãos aos técnicos de ambiente, aos pacifista e a inúmeros deputados de diversos partidos, e salienta a recente reunião de todas as organizações que no nosso país se têm manifestado publicamente contra o projecto.

«Depois disto— assinala o deputado ecologista— não é mais possível esconder estes oito mil hectares de morte e destruição e o que começou por ser uma questão local é já uma questão nacional e começa a ter repercussões em toda a Europa».

### Deputados contra alargamento do CTA

Para além das várias iniciativas que «Os Verdes estão a levar a cabo na luta contra o alargamento do CTA, Herculano Pombo destaca o abaixo–assinado que foi já subscrito por dezenas de deputados de diversos partidos, a campanha nacional de informação e alerta de opinião pública e uma campanha internacional junto dos Partidos Verdes de toda a Europa, que passou já pela abordagem da questão no Parlamento Europeu, através de dois deputados ecologistas do Grupo Arco–Íris, a pedido dos «Verdes» portugueses.

O deputado ecologista prevê ainda a denúncia junto do organismo da ONU encarregado de velar pela protecção do ambiente e iniciativas legislativas do Grupo Parlamentar do seu partido visando impedir a execução do projecto, nomeadamente a «proposta de transferência da verba orçamentada de 550 mil contos do CTA para a investigação e inventariação dos recursos da nossa Zona Económica Exclusiva».

# Bilhetes premiados roubados no Porto

Seis bilhetes premiados da Lotaria Popular foram ontem de madrugada roubados de «Casa Deus Dá a Sorte», na Praça da Liberdade, Porto — disse um responsável da Polícia Judiciária.

Estes bilhetes, respeitantes à 42.ª extracção da Lotaria Popular, foram premiados com 300 mil escudos — 50 mil escudos cada — e os prémios já tinham sido liquidados pelo estabelecimento assaltado.

Prevenindo a eventual apresentação desta lotaria para segunda cobrança dos prémios, a Polícia Judiciária tornou público os números da lotaria que foram roubados: 16.44 – 66.444 – 86.444 – 96.444 – 516.444 – 526.444.

*Deputado do PCP comenta proposta de Lei da Reforma Agrária:*

# Maioria das cooperativas é "perfeitamente viável"

## — diz Rogério de Brito

**A nova lei da Reforma Agrária que uma equipa nomeada por Álvaro Barreto tem vindo a elaborar e que o Executivo enviará em breve para a Assembleia da República assenta em critérios já enunciados pelo Governo anterior e pelo «mesmo ministro», considera o deputado Rogério de Brito, membro da Comissão Parlamentar de Agricultura, a propósito das notícias divulgadas sobre a matéria por dois semanários.**

Em declarações ao «Fim de Semana/ O diário», o deputado comunista lembrou que Álvaro Barreto afirmava já no primeiro Governo dirigido por Cavaco Silva que apenas duas dezenas das cerca de trezentas UCP's/Cooperativas agrícolas seriam «viáveis» e frisou que «nunca os critérios de classificação da viabilidade ou inviabilidade foram objectivamente definidos».

«A experiência demonstra—acrescentou Rogério de Brito, citando o exemplo da cooperativa do Ciborro, incluída na lista das inviáveis e visitada recentemente pelo Presidente da República e pelo Secretário de Estado da Agricultura—que essa classificação obedece fundamentalmente ao arbítrio».

Admitindo que algumas das cooperativas terão uma gestão menos boa e uma difícil situação económica, o mesmo deputado entende, porém, que a «esmagadora maioria delas é perfeitamente viável» e denuncia como «pura hipocrisia» as exigências técnico-económicas previstas na nova legislação.

«Como é possível—pergunta Rogério de Brito— que uma unidade agrícola desenvolva todas as suas potencialidades quando está permanentemente sob a ameaça de novas reservas e da espoliação de máquinas e equipamentos, de gados, das próprias colheitas?»

### Regresso da estrutura latifundiária

Quanto à questão dos indivisos, o articulado do novo diploma, ainda a discutir em Conselho de Ministros, divulgado pelo «Expresso» e pelo «Semanário»(este revela serem autores do projecto, Azevedo Soares, do IGEF, Henrique Granadeiro, do IFADAP, e três ex- Secretários de Estado da Agricultura: Carlos Portas, Ferreira do Amaral e Jaime Figo), permite a atribuição de mais do que uma reserva, ou seja, cada um dos sucessores ligados à exploração agrícola passa a ter direito a requerer uma pontuação.

Tal projecto, comenta também Rogério de Brito, «não é mais do que um artifício, visando a reconstituição integral da estrutura de propriedade latifundiária por via da atribuição ou legalização de reservas ao marido, à mulher, aos filhos, aos sobrinhos...»

### Indemnizações

Na notícia do «Semanário» refere-se ainda que o projecto pretende validar as doações e sucessões anteriores a 29 de Julho de 1975, sobre as quais recaía o efeito suspensivo. Tal norma, conjugada com a extinção dos indivisos, implicaria a retirada de muitos milhares de hectares de terra pertencentes às cooperativas.

O mesmo jornal indica que Cavaco terá rejeitado a «correcção inflacionária» nas indemnizações aos antigos proprietários, defendendo que estes recebam o valor que o Estado recebeu pelo período de desapossamento da terra.

O «Expresso» revela, por seu turno, que a nova legislação estabelece estabelece também princípios que obrigam à exploração da terra. Os proprietários que não cumpram esta determinação serão obrigados a arrendar os seus terrenos.

*Mais mudanças no nosso turismo*

# SEVERO DOS SANTOS DEIXA INSTITUTO NACIONAL DE FORMAÇÃO

O chefe do gabinete do secretário de Estado do Turismo substituirá Severo dos Santos na presidência do Instituto Nacional de Formação Turística. O respectivo despacho está já nas mãos do ministro Ferreira do Amaral, por iniciativa de Licínio Cunha. Só produzirá efeitos depois de publicado. Tudo indica para que venha na folha oficial ainda este ano.

Foi a segunda mudança, no curto espaço de uma semana, no complexo organigrama do turismo oficial português. O primeiro, como o «DL» noticiou demitiu Ismael Ribeiro da Cunha da presidência do Instituto de Promoção Turística (IPT), menos de um ano depois de ser investido nas funções.

Fontes próximas do IPT atribuíram à exoneração de Ribeiro da Cunha motivos meramente políticos, designadamente — uma das hipóteses — o facto de ser membro do PSD e haver alegadamente apoiado a candidatura de Soares. Um outro Ribeiro da Cunha (José) foi «corrido» da Comissão de Saneamento Básico do Algarve pela mesma razão.

Ainda não estavam apagados os ecos dessa controversa exoneração e outra surgiu, como acima se diz, relativa a Severo dos Santos, na presidência do Instituto Nacional de Formação Turística (INFT). Talvez a «sanha» não fique por aqui, porque são muitos os órgãos ligados ao nosso turismo oficial: IPT, INFT, Direcção-Geral de Turismo, Fundo de Fomento de Turismo, ENATUR, Conselho Nacional de Turismo. Note-se que só o turismo «monopoliza» cerca de mil funcionários.

Borges de Oliveira deverá substituir Severo dos Santos na presidência do INFT, ao passo que o director dos Serviços de Pessoal da Caixa Geral de Depósitos, José Vale, está indicado para o lugar de Isamel Ribeiro da Cunha.

Mas as demissões no âmbito da Secretaria de Estado do Turismo não ficarão, ao que fontes bem colocadas dizem, por aqui. O vice-presidente do Instituto Nacional de Formação Turística, Luís Rodrigues, deverá também demitir-se do seu lugar, não tolerando ser n.º 2 do chefe de gabinete de Licínio Cunha, cujo currículo neste ramo nada diz aos especialistas do sector.

Atente-se que recentemente o processo de cooperação com os países africanos de expressão portuguesa no domínio da formação turística foi objecto de um inquérito que, em última análise, incidiu sobre Severo dos Santos, vindo este a ser ilibado das acusações que lhe eram feitas por dois funcionários do INFT.

# Governo francês desmente envio de explosivos para o Irão

O Ministério francês dos Negócios Estrangeiros desmentiu quinta-feira à noite notícias sobre o presumível envio de explosivos para o Irão, fabricados pela empresa estatal SNPE.

O matutino parisiense «Le Matin», de tendência pró-socialista, revelou quarta-feira a presumível entrega ao Irão, em Agosto de 1986, de pólvora para obuses fabricados pela «Societé Nationale des Poudres et Explosifs».

No dia anterior o jornal independente «Le Monde» informou que a companhia privada francesa «Luchaire» tinha vendido ilegalmente em várias ocasiões armamento a Teerão, já depois do primeiro-ministro, Jacques Chirac, ter assumido o poder em Março de 1986.

No entanto, «Le Matin» já tinha publicado em 16 de Novembro documentos relativos a vendas de explosivos ao Irão, entre 1982 e 1985, sob a anterior administração socialista.

Entretanto, o líder do grupo parlamentar socialista, Pierre Joke, exigiu ao Governo de Paris que autorizasse ao juiz encarregado de investigar o caso «Luchaire», para incluir os novos dados fornecidos pelo jornal «Le Matin».

O juiz michel Legrand, encarregado do caso «Luchaire», apreendeu terça-feira 113 documentos na sede parisiense desta empresa, segundo informaram quinta-feira à noite fontes oficiais francesas.

# Sete feridos na explosão de cilindro de aquecimento

A explosão de um cilindro de aquecimento de água de um prédio de Vila Real causou ontem 7 feridos e a destruição parcial do andar onde ocorreu — disse uma fonte da Cruz Verde local.

Os feridos, todos da mesma família, foram transportados para o hospital de Vila Real, mas uma fonte daquele estabelecimento recusou-se a fornecer a sua identidade, alegando «sigilo profissional».

O incidente ocorreu no terceiro de um prédio de cinco andares da Rua Marechal Teixeira Rebelo, naquela cidade transmontana e os escombros provocados pela explosão danificaram ainda oito viaturas, que estavam estacionadas no largo fronteiro.

«Ouvimos um estrondo, e a violência foi tão grande que pensávamos que o edifício ia pelos ares», disse uma vizinha

Conseguiu apurar-se que alguns dos feridos, com traumatismos e escoriações várias, continuavam internados no hospital de Vila Real.

# PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL NOS VAMOS...

## Trânsito "doce" nas zonas urbanas

Era esta manhã nulo, ou praticamente nulo, o trânsito na cidade de Lisboa, segundo expressão do graduado de serviço à Divisão Distrital de Trânsito da PSP. Na opinião do chefe Maravilhas, não se previa que o tráfego aumentasse nas principais artérias da cidade, à semelhança, de resto, do quadro de quarta-feira, véspera de Natal.

A Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa mantém quarenta agentes na rua, apesar da escassa circulação que tem animado a capital desde a consoada de anteontem. Não houve, ainda segundo o mesmo responsável, acidentes de monta na sua área, nas últimas horas.

Mesmo os quarenta agentes de serviço nas ruas e pontos nevrálgicos da capital estão mais para obviar a qualquer ocorrência especial que para fiscalizar e ordenar o trânsito, que, como atrás se diz, é fraco.

Os restantes membros da Divisão de Trânsito encontram-se de descanso até amanhã, porque à tarde são esperados os milhares de lisboetas que saíram da cidade para a província. Amanhã à tarde, com efeito, terão que arregaçar as mangas no ordenamento e regularização dos automobilistas que regressarão à capital no início da segunda fase de «Rota Certa», isto é, do retorno do Natal passado na província.

O mesmo panorama — pouco trânsito — se regista hoje nas áreas urbanas das cidades do Porto, Coimbra, Setúbal e Faro, bem como nas distritais do interior, segundo contactos desenvolvidos pelo «DL» junto dos graduados de serviço nos respectivos postos de trânsito da PSP e da GNR.

O responsável na capital do Norte, chefe Lopes, disse ao «DL» que a circulação de trânsito era muito reduzida, havendo a assinalar apenas quatro acidentes nas últimas 24 horas (até às 8 desta manhã), de que resultaram apenas seis feridos ligeiros.

Em Coimbra, o agente Páscoa considerou que o trânsito era inferior ao normal, tendo-se verificado dois acidentes, que provocaram ferimentos ligeiros a duas pessoas. A situação em Faro era idêntica: trânsito abaixo do normal e também dois acidentes, mas apenas com um ferido.

### Dois acidentes com vítimas mortais

A noite de Natal não foi, apesar do que atrás fica dito, de «paz» na estrada: mesmo em cima das 24 horas, houve sangue. Fica a explicação: poucos minutos antes da meia-noite, ocorreu um grave acidente de viação na Avenida General Roçadas, em Lisboa, quando um táxi e uma viatura ligeira chocaram de frente, segundo parece por ambas circularem fora de mão.

O condutor da viatura ligeira particular, José Ramos, de 60 anos, chegou já sem vida ao Hospital de S. José, pelo que o corpo ficou depositado no Instituto de Medicina Legal. Para além daquela morte, resultaram ainda 12 feridos, em consequência do embate entre as duas viaturas, e um transeunte colhido por um dos automóveis, depois do choque.

Esta manhã, nove feridos encontravam-se ainda internados no hospital de S. José, devido a lesões e traumatismos graves.

Outro acidente com raves consequências foi o que ocorreu, na noite de Natal, em Albergaria, entre Grândola e Alcácer do Sal, quando várias viaturas ligeiras chocaram entre si, provocando dois mortos e três feridos graves, que se encontram internados no hospital de Setúbal. São eles: Luís Marmelete, Maria Aida Marmelete e Mário Baptista.

As vítimas mortais são, Miguel José Assunção Marmelete e António Gravata Rodrigues.

A família Marmelete seguia de Faro para Viseu, onde ia passar o Natal com os restantes familiares.

*Operação "Rota Segura"*

# NATAL SANGRENTO NO ASFALTO: 23 MORTOS NAS PRIMEIRAS HORAS

**Vinte e três mortos, 289 feridos (dos quais 87 em estado grave) e 379 acidentes: eis os números da primeira fase da operação «Rota Segura», montada pela GNR em todas as estradas de Portugal. Números apurados entre as 11 horas do dia 23 e as 8 horas desta manhã. A operação prolongar-se-á até ao meio dia de segunda-feira, dia 28. As primeiras horas indiciam-nos um Natal sangrento.**

São números que impressionam e fazem meditar. Incitam-nos à reflexão, anhtes do regresso, em força, às cidades, aos pontos de partida, no retorno da passagem do Natal na província. A manter-se este ritmo de acidentes, serão pulverizados todos os recordes relativos a acidentes, mortos e feridos nas estradas portuguesas, durante o Natal.

A par da frieza dos números ressaltam outros aspectos delicados da operação «Rota Segura», nomeadamente o total de automobilistas a conduzirem sem a necessária habilitação (carta de condução) e o exagerado registo de condutores sob o efeito do álcool, segundo os testes a que foram submetidos pelas autoridades.

Observadores avivam a atenção para o facto de muitos deles, eventualmente, nem sequer terem ingerido a quantidade de álcool permitida por lei, mas cujos testes resultaram positivos, por razões que a alcoolemia, propriamente dita, desconhece, mas que os testes acusam. Outros há, em contrapartida, que superam esse limite mínimo permitido por lei, mas o «balão» não regista. Paradoxos.

De qualquer modo, o certo é que, vinte e quatro horas depois da operação ter arrancado, já o número de mortos chegava aos onze, aumentando hora a hora, conforme a sala de operações da GNR, no Comando-Geral (no Carmo), completava os balanços distritais. De onze para quinze foi um instante e até 23 (números dados às 8 horas da manhã) foi coisa de pouca monta.

### Mais de trezentas manobras perigosas

Ainda segundo os responsáveis pela operação «Rota Segura», os militares nas estradas detectaram 335 manobras perigosas e 96 condutores com excesso de alcoolemia, considerando serem estas como as principais causas dos acidentes ocorridos.

A GNR tem na estrada quatro mil homens, com especial incumbência de aconselhar e prevenir os acidentes, bem como permitir uma melhor fluidez do trânsito, que, como se esperava, atingiu uma intensidade que as vias rodoviárias não comportam.

Os afluxos de viaturas fizeram-se sentir do centro das cidades para as zonas de menos densidade populacional, esperando-se que, a partir da tarde de segunda-feira, se verifique o mesmo, mas em sentido contrário — no regresso das pessoas às suas residências habituais.

As autoridades envolvidas na operação fazem votos para que não ocorram mais mortes nas estradas e pensam que é possível suster o aumento dessa sinistralidade. Nesse sentido tentam sensibilizar os condutores, aos quais exortam a cumprir rigorosamente as regras de trânsito e respeitar as indicações que os elementos da GNR na estrada lhes recomendam.

*Português fugitivo conta*

# Condições de vida nas prisões da Renamo são péssimas

As condições de vida impostas pela Renamo aos seus prisioneiros «são péssimas, há muitas doenças graves, a alimentação é pouco própria e muitas vezes não chega», contou ontem à agência Lusa um português que recentemente fugiu de uma prisão daquele grupo que combate o Governo de Moçambique.

O cidadão, que reside na zona de Coimbra, fez questão em manter o anonimato para «não prejudicar nada nem ninguém». Referiu, no entanto, que foi raptado pelo rebeldes a 30 de Abril deste ano, evadindo-se da segurança da Renamo, de uma base situada na mata densa, algures na província de Nampula. Nessa base e nas mesmas prisões encontravam-se outros detidos, entre os quais alguns portugueses.

O ex-prisioneiro contou que «supondo que algum de nós viria a ser liberto antes dos outros trocavamos endereços de familiares e mensagens para os mesmos esperando que fizessem diligências para a libertação dos que ficavam».

Este cidadão manifestou especial preocupação pela sorte de outro português, de nome Sérgio de Oliveira Campos, bem como de um filho deste, ambos raptados pela Renamo em Fevereiro de 1987. Estes dois portugueses continuam cativos.

«Na noite em que fugi — referiu —, o Campos havia dois dias que estava muito doente com febre, vómitos e falta de apetite, tendo perdido vários quilos». O fugitivo adiantou como razões para o facto de Sérgio Campos não o ter acompanhado na fuga que «a segurança da Renamo era de tal ordem que seria demasiado arriscado sair do interior da base mais de uma pessoa. Além disso, o percurso teria de ser feito a pé e de noite e o Campos estava muito debilitado».

O ex-prisioneiro da Renamo disse ainda que «Sérgio Campos é uma pessoa com muita confiança na solidariedade humana e nas diligências que eventualmente possam ser realizadas para obter a sua libertação». Sublinhou que era esta a sua mensagem de Natal.

O recado do português cativo da Renamo foi igualmente transmitido à missionária Gabriela Fragoso que chegou a Portugal no dia 23, depois de libertada por aquele movimento guerrilheiro moçambicano.

Sérgio Campos, no último contacto com o fugitivo, transmitiu-lhe a esperança de que o Governo e a empresa onde trabalhavam façam diligências no sentido da sua libertação e da de seu filho, de nome Paulo. Da empresa pretende ainda, por tal estar expresso no contrato de trabalho, o transporte para Portugal dos outros filhos que ficaram em Munapo para se juntarem aos irmãos já residentes em Portugal.

Em relação à última mulher de Sérgio Campos, uma moçambicana, serão poucas as possibilidades de libertação, porque «parece já estar definitivamente enquadrada na população sob alçada da Renamo».

# Após quatro anos em coma Varela Crujo faleceu em Beja

O cavaleiro tauromáquico Varela Crujo, que esteve de coma desde 11 de Agosto de 1983 devido a uma colhida na Praça do Campo Pequeno em Lisboa, faleceu às 6.00 horas de ontem num quarto particular do Hospital de Beja.

Da colhida resultaram várias fracturas cranianas que o lançaram desde então em vida vegetativa.

O empresário da Praça do Campo Pequeno, na altura Manuel Gonçalves disse que a tauromaquia portuguesa perdeu «um cavaleiro já firmado e de largo futuro».

Acrescentou: a sua juventude permitiu que permanecesse quatro anos deitado no leito em estado de coma.

Apesar de ter nascido em Lisboa, Varela Crujo de 30 anos, iniciou a sua carreira em Beja na herdade de seu pai, criador de reses bravas.

Depois de uma carreira como forcado, Varela Crujo passou ao toureiro equestre, vindo a tomar alternativa de cavaleiro profissional em 10 de Abril de 1977, na praça do Campo Pequeno, iniciando a sua promissora carreira.

Seis anos depois, na mesma praça, um novilho da ganadaria de Manuel Agostinho Pontes Dias acabou de maneira trágica com a sua carreira nas arenas.

A gravíssima colhida do cavaleiro Varela Crujo ensombrou a corrida nocturna da praça de toiros do Campo Pequeno.

Varela Crujo, foi colhido e derrubado do cavalo quando preparava a cravagem do primeiro ferro curto, sendo projectado na arena, daí resultou fractura do crâneo.

O acidente ocorreu nos médios da arena, quando o cavaleiro desenvolvia a brega, no momento em que tentou executar um recorte com o cavalo em desequilíbrio, foi facilmente derrubado pelo novilho.

Imediatamente transportado para o hospital de Santa Maria, com fractura de crâneo, o seu estado foi considerado muito grave.

## Ligação Mondim de Basto-Vila Real concretiza-se ao fim de século e meio

A ligação entre Mondim de Basto e Vila Real, «uma velha aspiração de século e meio das respectivas populações» foi estabelecida pela primeira vez na quinta-feira, por duas viaturas «todo-o-terreno». Os carros atravessaram a serra do Alvão utilizando uma estrada que se encontra em construção e atravessa as zonas rurais de Vilar de Ferreiros, Bilhó, Anta e Lamas D'Olo.

A nova via está a ser construída com o apoio do Regimento de Engenharia de Espinho em conjunto com as câmaras municipais de Ribeira de Pena, Mondim de Basto e Vila Real que suportam alguns custos nos troços de passagem pela áreas dos respectivos municípios.

Os condutores dos «jeeps» tiveram de fazer alguns desvios da rota prevista para o traçado da estrada, porque algumas variantes ainda não estão prontas.

«A viagem foi realizada em precárias condições, apesar do tipo de viaturas utilizadas», segundo disse à agência Lusa o impulsionador da nova via. Joaquim de Carvalho, presidente da Assembleia de Freguesia de Bilhó e membro da Assembleia Municipal de Mondim de Basto, explicou que «embora os carros tivessem ficado cobertos de terra e as botas dos passageiros cheias de lama, conseguimos vencer o desafio de atingir Vila Real pela via há tanto tempo sonhada».

Os presidentes dos municípios de Vila Real, Mondim de Basto e Ribeira de Pena abriram uma garrafa de Porto fino à chegada à cidade dos dois «jeeps», um transportando um grupo de militares e o outro um grupo de civis, e brindaram pelo sucesso do projecto.

A construção desta estrada constitui um desejo com mais de século e meio e tem sido passada de geração em geração. Segundo referiu o presidente do município vilarealense, Armando Moreira, «as pessoas de um lado e doutro do Alvão designavam-se mutuamente como vivendo atrás da serra».

Joaquim de Carvalho, o presidente da Junta de Bilhó, observou que «agora queremos ver quanto tempo vai demorar a poder transitar-se de bicicleta, de automóvel ou quando o povo poderá cruzar a estrada a pé, de modo que não seja necessário sacrificar-se mais o corpo e os sapatos».

«Eu lembro-me — acrescentou — que já os meus bisavós diziam que nunca mais se concretizava o desejo de estabelecer ligações entre as povoações dos municípios de Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Vila Real».

O presidente da câmara de Ribeira de Pena, João Pereira, por seu turno, disse que a abertura desta estrada é «fundametal para o desenvolvimento de parte do nosso concelho em termos económicos, pois vai dar possibilidade às freguesias de Cerva e Limões para ficarem ligadas a dois importantes pontos do distrito».

O presidente da edilidade vilarealense, Armando Moreira, referiu que a construção da via era «um sonho de séculos». «Hoje o sonho fez-se realidade e a estrada está a ser aberta com o esforço finanaceiro conjunto das três autarquias e em colaboração com a engenharia militar, pelo que o Alvão está agora aberto ao progresso».

## Praça do Bocage provoca polémica em Setúbal

A actual Praça do Bocage, em Setúbal, é uma verdadeira «manta de retalhos» que não obedece a nenhum pensamento artístico ordenador do conjunto, segundo escreve o conservador do Museu da Cidade no semanário local «Actual».

O historiógrafo Fernando Antoónio Baptista Pereira, ex-assistente da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, escreveu no número de Natal do semanário «Actual» que «havia projectos que prometiam uma solução mais satisfatória para os desafios historico-culturais, mas a obra agora realizada não lhes deu resposta».

No texto publicado, o conservador do Museu de Setúbal e assistente da cadeira de História de Arte da Faculdade de Belas Artes sustenta que «a solução deveria assumir sem complexos a história da praça e apresentar-se como alternativa moderna que possibilitasse o reencontro da vocação local como ponto de encontro dos cidadãos, enquanto espaço de lazer e de fruição cultural e artística».

Recorde-se que a Praça do Bocage, no centro de Setúbal, considerada como a sala de visitas da cidade, sofreu, ao longo do ano, obras de remodelação que deverão estar concluídas no próximo mês. Os trabalhos tiveram um custo estimado de cerca de vinte mil contos, havendo colaborações para a sua iluminação, ao abrigo da lei do mecenato cultural. No centro da praça encontra-se o monumento a Bocage, da autoria de Pedro Carlos dos Reis.

# DESERTOR DAS FAPLA AUTORIZADO A DEIXAR AEROPORTO DE LISBOA

O cidadão angolano António Fernando Adão, que pediu asilo político às autoridades portuguesas, no passado dia 13, deixou quarta-feira a zona internacional do aeroporto de Lisboa e foi entregue ao Serviço de Estrangeiros — disse uma fonte oficial.

António Fernando Adão, que se identificou como cabo-verdiano, possui, no entanto, bilhete de identidade de Angola e passaporte de Cabo Verde.

Segundo declarou às autoridades portuguesas, não deseja regressar a Cabo Verde ou ao seu país de naturalidade, por ser desertor das Forças Armadas de Angola (FAPLA), que deixou ao cabo de dois anos e oito meses de serviço.

António Adão viajou no passado dia 13 num voo comercial de Cabo Verde para Madrid, com escala por Lisboa.

À sua chegada a Madrid pediu asilo político às autoridades espanholas, mas estas indeferiram o pedido e embarcaram-no num avião para Lisboa.

As autoridades portuguesas tentaram por três vezes fazê-lo regressar a Cabo Verde sob escolta de segurança, mas os comandantes dos aviões recusaram-se a levá-lo.

O Serviço de Estrangeiros terá agora de decidir qual o destino de um eventual súbdito angolano, com passaporte cabo-verdiano, mas que pretende asilo político em Portugal ou noutro país europeu.


80 CAVALOS COM SEGURANÇA

NOVO MOTOR · MAIOR PERFORMANCE

VOLVO 340 GLE

Tejadilho de correr
Bloqueamento central
Vidros eléctricos
Conta-Rotações
Relógio de Quartzo

GARANTIA 8 ANOS CONTRA CORROSÃO

1721 c.c.

P.V.P. 2750 Contos em 21-10-87

VOLVO

SEGURANÇA E QUALIDADE

W&R

## Exportações chinesas atingem recorde

As exportações da China, nos primeiros 11 meses deste ano, atingiram o total recorde de 31 700 milhões de dólares, ou seja mais 29,9 por cento do que no mesmo período de 1986, anunciou o Ministério chinês do Comércio e Relações Económicas Externas.

Segundo a mesma fonte, esera-se que, este ano, as exportações ascendam a 34 000 milhões de dólares, contra os 27 000 milhões obtidos no ano passado.

Nos primeiros 11 meses deste ano, as trocas comerciais entre a China e o estrangeiro elevaram-se a um total de 58 300 milhões de dólares, ou sejam mais 14,5 por cento do que de Janeiro a Novembro de 1986.

O ano passado, a balança comercial chinesa encerrou com um défice de 12 000 milhões de dólares, contra 7610 milhões em 1985 enquanto, para este ano, se deverá registar um superavit de cerca de 5000 milhões de dólares.


COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS | (Por Unidade) COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 50$35 | 56$35 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 80$70 | 81$90 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 11$45 | 11$65 |
| BÉLGICA (franco) | 3$668 | 3$918 |
| BRASIL (cruzado) | 1$311 | 2$011 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 100$85 | 103$35 |
| (notas de 5 a 1000) | 101$35 | 103$85 |
| DINAMARCA (coroa) | 20$95 | 21$35 |
| ESPANHA (peseta) | 1$158 | 1$278 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 131$75 | 135$25 |
| (notas de 5 a 1000) | 132$25 | 135$75 |
| FINLÂNDIA (marka) | 32$65 | 33$25 |
| FRANÇA (franco) | 23$85 | 24$55 |
| HOLANDA (florim) | 71$70 | 72$80 |
| IRLANDA (libra) | 215$15 | 219$15 |
| ITÁLIA (lira) | $100 | $115 |
| JAPÃO (iene) | $999 | 1$054 |
| NORUEGA (coroa) | 20$60 | 21$10 |
| REINO UNIDO (libra) | 242$00 | 246$50 |
| SUÉCIA (coroa) | 22$20 | 22$70 |
| SUÍÇA (franco) | 99$40 | 100$90 |
| VENEZUELA (bolívar) | 4$301 | 5$301 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

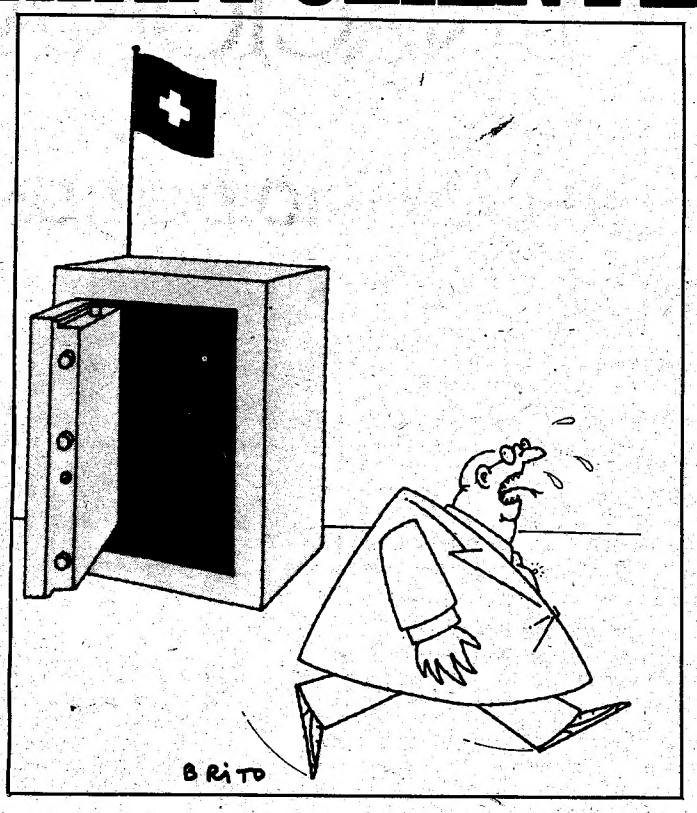
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.


# BANCOS ESPANHÓIS LUDIBRIAM CLIENTES

A União de Consumidores de Espanha tornou recentemente pública a denúncia de casos de práticas abusivas por parte de instituições de crédito para com os seus clientes que chegaram a atingir a quantia de18 mil milhões de pesetas recolhidas entre cobrança de juros e comissões.

A notícia divulgada pelo prestigiado diário espanhol «El Pais», dá conta da elaboração de um relatório no qual colaborou o Serviço de Consumo da Comunidade de Madrid, a Associação Espanhola para a Investigação e Controlo Financeiro e o Instituto Nacional de Consumo onde se descreve as irregularidades de que, de uma forma generalisada, se recorre a totalidade do sector bancário espanhol.

Na opinião de presidente da União de Consumidores, Janvier Angelina, a maioria das irregularidades produz-se pelo simples facto de que não é prestada toda informação aos clientes. Esta organização de consumidores afirma que o sector bancário viola continuamente não só as normas bancárias, como também as relativas à publicidade do ususário. E acrescenta: «O Banco de Espanha é o primeiro a não cumprir a legislação vigente já que dificulta em absoluto a transparência que se pretende e se necessita no mercado bancário, ao negar-se a colaborar com as associações de consumidores».




Entre as práticas irregulares, Javier Angelina enumerou como usuais a falta de informação clara e exequível, cláusulas abusivas nos contratos bancários, falta de cumprimento generalizado dos contratos bancários segundo o disposto na lei do Consumidor, publicidade enganadora com ofertas que não correspondem à realidade, falta de cumprimento de obrigações de informação ao cliente e publicidade de normas sobre tarifas de comissões, cobrança de comissões superiores às estabelecidas, cobrança de juros reais diferentes dos estabelecidos e imposição de serviços aos clientes.

Aquela organização assinala ainda que «as condutas abusivas dos bancos são fomentadas por uma falta absoluta de informação, clara e concreta dos direitos e condições que regem as relações entre os usurários e o sector bancário, o qual, aproveitando-se destas circunstâncias, actua impunemente com prepotência, deixando os clientes num plano de inferioridade».

# Câmara Luso-Alemã promove relações bilaterais

A República Federal da Alemanha ocupa o primeiro lugar entre os países fornecedores de Portugal, com 14,9% do total importado no primeiro semestre de 1987. Constitui também um importante cliente do nosso país, tendo absorvido 15,7% das exportações nacionais, no mesmo período. Somente a França ultrapassou esta percentagem, comprando 16,7% do total exportado.

«Os resultados da iniciativa e estrutura da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, estão bem patentes no equilíbrio comercial entre Portugal e a Alemanha», afirma o secretário-geral da instituição, Gunter Metzger.

A propósito do papel desempenhado por aquela Câmara no desenvolvimento das relações económicas entre os dois países, Gunter Metzger salienta que, «ao contrário de uma Embaixada, que somente procura promover às suas exportações, a Câmara trabalha no sentido bilateral», apesar de ser subsidiada pelo Governo alemão-federal. Refere ainda a colaboração que a Câmara tem vindo a desenvolver com o ICEP — Instituto do Comércio Externo Português, nomeadamente quanto às participações portuguesas em feiras industriais realizadas na Alemanha.

Mostrando-se optimista e confiante na continuação do desenvolvimento de sólidas relações entre os dois países, o mesmo responsável da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã refere que, de há dois anos para cá, algumas «empresas alemãs têm vindo a fazer investimentos directos em Portugal», sobretudo nas áreas metalomecânica e electrónica.

Por último, Gunter Metzger enuncia ainda duas vertentes nas quais a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã aposta. «No esforço permanente de abrir novas vias para as relações bilaterais», afirma, a Câmara promove seminários destinados a aferir as possibilidades de investimento alemão em Portugal, dando também particular atenção ao papel da formação profissional.

# NERGA lança na Guarda programa de apoio às empresas

O Núcleo Empresarial da Região da Guarda (NERGA) vai desenvolver, em 1988, cinco cursos apoiados pelo Fundo Social Europeu (FSE), no âmbito de um programa de apoio específico às empresas suas associadas.

Este propósito consta do plano de acção daquele núcleo empresarial para o próximo ano, sendo aqueles cursos realizados em colaboração com o Departamento de Formação da Associação Industrial Portuguesa (AIP).

Organização e gestão empresarial, gestão de qualidade, gestão de «stocks», manutenção industrial e operadores de Informática para as empresas, são os temas dos cursos.

O NERGA procura, através destas iniciativas, abanger os sectores têxtil, construção civil, alimentar, representações comerciais e serviços.

O plano de acção deste organismo prevê também a realização de seminários de curta duração que vão abordar temas relativos ao Código das Sociedades Comerciais, apoios e incentivos às empresas, exportação, gestão da produção, gestão de recursos humanos e gestão financeira.

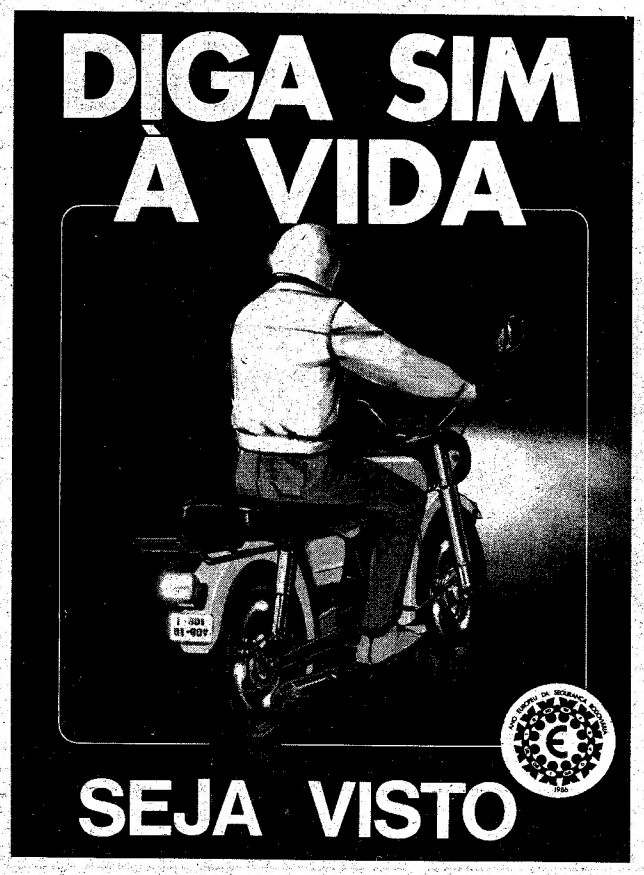
Estes cursos serão efectuados em colaboração com o Instituto de Emprego e Formação Profissional IFEP).

A criação de serviços de consultadoria jurídica e económico-financeira está também prevista no âmbito do plano de actividades.

Pretende-se também, segundo o documento, implementar o relacionamento com entidades oficiais, nomeadamente o Governo Civil e autarquias, tendo como objectivo a afirmação do NERGA como legítimo representante da estrutura rodutiva da região.

O NERGA defende o estreitamento de relações com Espanha, pelo que vai providenciar a assinatura de um protocolo com a federação de organizações empresariais de Salamanca.

Com a edilidade da Guarda, pretende este núcleo empenhar-se no arranque do parque industrial local, estrutura capaz de fixar um bom número de unidades industriais portadoras de inovação tecnológica e utilizadores de mão-de-obra minimamente qualificada.

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

## RELATÓRIO DO CONSELHO DE GESTÃO

### I – CONSIDERAÇÕES GERAIS

**1.** A evolução da economia portuguesa no ano transacto foi animada por um movimento de recuperação que, no essencial, poderemos caracterizar pelos seguintes aspectos:

- a retoma do investimento produtivo
- o aumento do crescimento do produto com base numa significativa expansão de procura interna acompanhada, conforme fora previsto, por desaceleração da procura externa
- a apreciável melhoria das contas externas
- a queda acentuada da taxa de inflação.

Os reflexos positivos na exploração dos bancos resultante desta recuperação foram, contudo, reduzidos devido aos efeitos acumulados de anos anteriores provocados pelas conhecidas dificuldades que têm afectado a economia do País, e, bem assim, à persistência de elevados excessos de liquidez que apenas têm encontrado aplicação nos mercados interbancários a taxas não compensadoras.

Por outro lado, o crédito bancário, que continuou sujeito à fixação de limites pelas Autoridades Monetárias, registou um moderado crescimento em contínua desaceleração ligada à descida da inflação e aos efeitos da progressiva desintermediação verificada no mercado das grandes empresas que procuram crédito.

Assim, foi sobretudo pela via do abaixamento do custo médio dos recursos, resultante do significativo aumento dos Depósitos à Ordem e da pronunciada desaceleração do crescimento dos Depósitos a Prazo que, de um modo geral, as condições de exploração dos bancos registaram alguma melhoria.

A actividade do sector em 1986 foi também marcada por um forte dinamismo propiciado pela maior flexibilidade do mercado, que se traduziu fundamentalmente numa grande movimentação do mercado de capitais e no aparecimento de novos produtos e serviços em progressiva concorrência.

**2.** Neste contexto, a actuação do Banco Nacional Ultramarino foi orientada no sentido da consecução dos seguintes objectivos fundamentais:

- a preservação do equilíbrio patrimonial e a rentabilidade da exploração através da adequada dinamização das várias áreas de gestão
- e, paralelamente, a continuação da implementação do programa de modernização do funcionamento global do Banco com base

– na crescente utilização de meios informáticos, a desenvolver de harmonia com um adequado plano director, e na consequente melhoria dos métodos de trabalho e de gestão, designadamente nas áreas de planeamento operacional e estratégico

– na sua permanente adequação às exigências dos mercados financeiros e de serviços bancários cada vez mais concorrenciais e abertos à inovação e às inevitáveis influências provindas do exterior, em particular resultantes da participação de Portugal na CEE.

Na área da gestão global merecem ainda relevo as reuniões de trabalho levadas a efeito pelo Conselho com os quadros do Banco no âmbito da apreciação e discussão do plano e orçamento, em que, de modo participado, foram estabelecidos as metas e objectivos a atingir nas diferentes áreas de actuação.

**3.** Na actividade creditícia procurou-se manter o possível apoio aos nossos clientes tendo embora em conta a finalidade dos fundos mutuados e as limitações impostas pelos «plafonds» de crédito atribuídos ao Banco, os quais se mostraram sempre bastante inferiores à procura.

Especial atenção continuou também a merecer a dinamização da gestão dos créditos na situação de vencidos e não pagos.

Na área comercial é ainda de assinalar a elevada taxa de crescimento obtida nos Depósitos à Ordem e a diminuição controlada dos Depósitos a Prazo conseguida, essencialmente, através da sua desmobilização e transformação em Bilhetes de Tesouro, nos quais o Banco registou um significativo aumento. Em consequência, o rácio Depósitos à Ordem/Depósitos a Prazo passou a apresentar uma apreciável melhoria que traduz uma redução do custo médio do custo dos recursos.

**4.** No que respeita aos recursos humanos demos continuidade à política de redução de efectivos encetada anteriormente.

Não obstante, procedeu-se à admissão de alguns empregados para funções consideradas estratégicas em que se privilegiou os candidatos mais jovens e com habilitações literárias mais elevadas, o que, conjugado com as novas tecnologias que estão sendo implementadas, permitiu criar condições para melhorar a produtividade e a qualidade dos serviços prestados.

Desenvolveu-se também um importante esforço de formação e reciclagem, designadamente, de empregados com actividades ligadas à introdução de novas tecnologias.

**5.** Conforme as orientações do PDI – Plano Director de Informática prosseguiu, em 1986, a implementação de novas aplicações e reforçou-se a capacidade de tratamento das operações a nível local e central, o que permitiu criar melhores condições para o desenvolvimento do Sistema de Informação do Banco.

Foram ainda lançados novos serviços, nomeadamente o Videotex, que proporciona às Agências e aos clientes um vasto leque de informações de ordem geral, que culminará com o chamado banco ao domicílio, através do qual os clientes, mediante terminais colocados nas suas próprias instalações, podem aceder às informações a seu respeito constantes nos nossos computadores e transmitir ao Banco as suas instruções em tecnologia de correio electrónico, o que se traduzirá na redução da comunicação baseada em suporte de papel.

**6.** No âmbito de uma política de contenção de gastos, foram prosseguidas as obras já em curso ou em fase de finalização, com parcimónia de custos e justificadas por critérios de racionalidade.

Dentro desta orientação concluíram-se em 1986 as instalações para as Agências de Terras de Bouro, Chaves, S. João da Pesqueira, Figueira da Foz, Alcácer do Sal, Nisa, Caia, Góis, Coruche e para a Dependência de Alvalade em Lisboa.

Há ainda a salientar a continuação dos trabalhos no denominado Edifício BNU onde se concentrarão os Departamentos Centrais quando se verificar a sua conclusão prevista para o decurso de 1988.

Prosseguiram em ritmo crescente as acções tendentes à alienação do património imobiliário não afecto à exploração. Com vista a melhor alcançar este objectivo coordenaram-se os esforços dos serviços do Banco com os da sua empresa imobiliária, CNUFA – Companhia Nacional Ultramarina de Fomento e Administrações, SA, dotando esta com os meios necessários ao adequado desempenho da sua actividade.

**7.** Na área internacional continuou a preocupação dominante de elevada qualidade dos serviços prestados, tendo-se desenvolvido novas formas de apoio à clientela e, paralelamente, prosseguiram em bom ritmo, as acções de informatização específicas no enquadramento do citado PDI o que permitiu manter a reconhecida capacidade de resposta do Banco nesta área.

No âmbito de uma gestão criteriosa da nossa rede de correspondentes no estrangeiro desenvolveram-se contactos privilegiados com alguns deles, estabelecendo-se acordos de cooperação específica.

**8.** Em Macau, o Banco continuou a exercer as importantes tarefas que lhe estão cometidas ao abrigo do contrato com a Administração do Território e com o Instituto Emissor de Macau, ao mesmo tempo que procurou desenvolver a função comercial, designadamente pela criação de novos produtos e serviços a oferecer à clientela.

No primeiro trimestre de 1986 foi inaugurada a nova agência na Rua 5 de Outubro que passou a ser o sexto balcão do Banco naquele Território.

**9.** Relativamente às empresas, nossas participadas, parabancárias e bancárias, foi a sua gestão normalmente acompanhada pelo Banco na sua dupla qualidade de accionista e administrador.

Destas, destacam-se, pela natureza da relação com elas estabelecida, as seguintes:

No estrangeiro e Macau:

Banque Franco-Portugaise
Bank of Lisbon International, Ltd.
SOFIDEMA – Sociedade Financeira para o Desenvolvimento de Macau

Em Portugal:

CISF – Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros
INVESTIL – Soc. Gestora do Fundo de Investimentos Mobiliários Invest

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

## II – APRECIAÇÃO DO BALANÇO E CONTAS DO EXERCÍCIO

### 1. EVOLUÇÃO DAS PRINCIPAIS RUBRICAS DO BALANÇO

As variações registadas nas rubricas do Balanço encontram-se naturalmente relacionadas com as alterações ocorridas nas condicionantes exógenas que influenciaram a actividade bancária em 1986. Efectivamente, a desaceleração verificada no seu crescimento, em termos nominais, é reflexo de aspectos que, simultaneamente, caracterizam também o quadro económico envolvente, designadamente:

- queda da taxa de inflação
- crescimento moderado do crédito
- redução do crescimento dos depósitos totais.

Influenciadas por tais circunstâncias, as principais rubricas do Balanço, relativas à actividade desenvolvida no Continente e Ilhas, apresentaram a seguinte evolução:

- O «Crédito Concedido registou um crescimento de 6,5%, o que está em congruência com a desaceleração verificada na expansão do crédito interno à economia do País
- Os Depósitos aumentaram, no seu conjunto, 11 848 milhares de contos, em resultado da conjugação das seguintes variações:

– Os Depósitos à Ordem com um crescimento pontual de 21 199 milhares de contos entre 31/12/85 e 31/12/86 (+29,43%) e de 16 127 milhares de contos em termos de saldo médio anual, a que corresponde a expressiva taxa de 32,3%

– Os Depósitos a Prazo com uma diminuição de 9350 milhares de contos, a qual resultou da política comercial seguida no sentido de obter a sua desmobilização e transformação em Bilhetes do Tesouro, a fim de permitir reduzir, conforme os objectivos orçamentados, o custo médio dos recursos captados através da melhoria da relação Depósitos à Ordem/Depósitos a Prazo. Os Bilhetes do Tesouro que, deste modo, foram cedidos aos nossos clientes, atingiram o elevado montante de 37 856 milhares de contos, detendo, assim, o Banco uma das posições cimeiras neste mercado.

No que respeita às rubricas do Balanço que traduzem a actuação do BNU em Macau, referiremos que prosseguiu o desenvolvimento do Banco no âmbito da actividade doméstica do Território. Porém, relativamente às rubricas que relevam as operações «off-shore» verificou-se uma redução de actividade pelas seguintes razões:

- Diminuição significativa dos créditos externos obtidos por Macau para financiar as importações portuguesas, cujo valor tem vindo a decrescer em virtude da política de financiamento seguida e da melhoria das contas externas do País, provocando assim simultânea diminuição do Crédito Concedido e da rubrica Depósitos a Prazo que releva os fundos angariados nos mercados externos para fazer face aos aludidos financiamentos.

Ao nível do Balanço consolidado é ainda de referir os reflexos provocados pela descida no câmbio da pataca em relação ao escudo.

### 2. APRECIAÇÃO DOS RESULTADOS

As contas do exercício económico de 1986, apresentadas nos prazos legais, subentendiam critérios de atribuição de juros e sua contagem relativos a créditos relacionados com a descolonização que não mereceram a aceitação do Senhor Ministro das Finanças, tendo-se procedido, entretanto, em sede do processo de aprovação das contas, aos respeticos ajustamentos, de acordo com as orientações definidas pela Tutela.

De qualquer modo, tem de registar-se como positivo o esclarecimento de uma situação que se encontrava pendente, bem como a aceitação em que culminou de compensação parcial, a nível central, de riscos concretizados em créditos que transcendiam, sem dúvida, a actividade comercial do Banco em territórios que estiveram sob administração portuguesa.

Após a primeira apresentação das contas, encontrou-se matéria para rever a deliberação tomada quanto à contagem de juros sobre os débitos de um cliente, dada a redução, entretanto admitida, das perspectivas da sua cobrança.

Os resultados que vieram a apurar-se podem entender-se como o reflexo, nas contas relativas ao Continente e Ilhas, que, mais cedo ou mais tarde, teria de ocorrer em consequência de efectivas perdas patrimoniais e de funções inerentes à cessação de actividade dos departamentos do Banco em territórios ultramarinos.

O processo de reajustamento agora assumido vem, antes de mais, propiciar um quadro de referência a apoios da Tutela, traduzidos em injecção de capitais através da emissão e colocação, junto do Tesouro, de títulos de participação especiais, cuja oportunidade é deduzida a partir da situação de fecho do exercício de 1986 para concretização em 1987.

Por outro lado, as perspectivas abertas à economia portuguesa permitem encarar o processo de reajustamento com a confiança retirada da previsão de um abrandamento nas medidas de administração quantitativa do crédito que, num Banco de valor de balanço médio e acumulando os efeitos restritivos do momento de início do enquadramento do crédito que o relativizou negativamente, têm constituído um elemento fortemente redutor dos Proveitos.

O «cash-flow», reflectindo as alterações havidas, apresenta-se negativo em 2944 milhares de contos.

Após a constituição das dotações para Amortizações de 624 m.c. e de 1140 m.c. para Provisões, o Resultado de Exploração mostra-se negativo em 4708 milhares de contos.

O saldo de Lucros e Perdas teve a expressão positiva de 2702 m.c. devido fundamentalmente a proveitos imputáveis a exercícios anteriores.

O Resultado do Exercício apurado foi, assim, de 2006 milhares de contos negativos.

## III – NOTAS FINAIS

**1.** Já no decorrer de 1987, os Órgãos Sociais do BNU foram objecto das seguintes alterações:

- Por Resolução do Conselho de Ministros de 23/4/87:
  - Foi exonerado a seu pedido do cargo de Presidente do Conselho de Gestão, o Sr. Dr. Mário Martins Adegas,

    e nomeada em sua substituição a Sr.ª Dr.ª Maria Manuela Matos Morgado Santiago Baptista;
- Por Resoluções do Conselho de Ministros de 13/8/87:
  - Foram exonerados, a seu pedido, de membros do Conselho de Gestão os Srs. Drs. Fernando Ginja Mendes, João Assunção Fernandes e Eduardo José da Silva Farinha,

    e nomeados membros do mesmo Conselho os Srs. Drs. António Andrada Reis e José Maria Rego Amorim.

O Conselho de Gestão entende deixar expresso o agradecimento do Banco aos membros exonerados pela boa e leal colaboração que sempre dispensaram à Instituição no desempenho das suas funções.

**2.** A concluir, desejamos expressar o nosso agradecimento a todos os que, de algum modo, nos ajudaram na actividade desenvolvida

- às Autoridades Monetárias
- às Autoridades do Território de Macau e ao Instituto Emissor de Macau
- à Comissão de Fiscalização
- aos Clientes
- aos Trabalhadores do Banco, pelo esforço desenvolvido e dedicação demonstrada.

Lisboa, 22 de Outubro de 1987

***O CONSELHO DE GESTÃO***

***Maria Manuela Matos Morgado Santiago Baptista (Presidente)***
***Abel Pinto Repolho Correia***
***António Paiva de Andrade Reis***
***José Maria da Cunha Rego de Amorim***

## PARECER DA COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO RELATIVO AO EXERCÍCIO DE 1986

**1.** Dando cumprimento ao disposto na alínea c) do n.º 1 do Art.º 22.º do Decreto-Lei n.º 729-F/75, de 22 de Dezembro, vem a Comissão de Fiscalização emitir o seu parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas, apresentados pelo Conselho de Gestão do Banco Nacional Ultramarino, relativos ao exercício de 1986.

**2.** O Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1986, apresentados dentro do prazo legal pelo Banco, foram posteriormente reajustados pelo Conselho de Gestão de acordo com as orientações definidas no Despacho n.º 159/87-X de 15/7/87 do Senhor Ministro das Finanças.

**3.** Tais orientações relacionam-se essencialmente com o critério de cálculo dos juros sobre os créditos relacionados com o processo da descolonização. O montante apurado e que, do mesmo passo, mereceu a aceitação do Senhor Ministro das Finanças, determinou o nível de compensações a favor do Banco.

Dos juros assim calculados no total de 3571 milhares de contos, 2712 m.c. foram imputados a exercícios anteriores e o restante à Conta de Exploração.

Foram também anulados juros relativos a créditos concedidos a um cliente, por se terem reduzido as perspectivas da sua cobrança.

**4.** Já no decorrer do exercício de 1987, é de salientar a autorização concedida ao Banco para a emissão de 10.150 milhares de contos de Títulos de Participação, nos termos dos Despachos n.ºs 58/87-X e 48/87-XI do Senhor Ministro das Finanças, publicados nos Diários da República – II Série – de 28/3 e 22/10/87, respectivamente.

**5.** No entretanto, os Órgãos Sociais do Banco sofreram as seguintes alterações:

a) Por resolução do Conselho de Ministros de 23/4/87, foi exonerado, a seu pedido, do cargo de Presidente do Conselho de Gestão, o Sr. Dr. Mário Martins Adegas e nomeada em sua substituição a Sr.ª Dr.ª Maria Manuela Matos Morgado Santiago Baptista;

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

b) Por resolução do Conselho de Ministros de 13/8/87, foram exonerados, a seu pedido, de membros do Conselho de Gestão os Srs. Drs. Fernando Ginja Mendes, João Assunção Fernandes e Eduardo José da Silva Farinha e nomeados membros do mesmo Conselho os Srs. Drs. António Paiva de Andrada Reis e José Maria da Cunha Rego de Amorim.

**6.** No desempenho das suas funções, a Comissão de Fiscalização procurou acompanhar atentamente a actividade do Banco no Continente e Regiões Autónomas, verificando o cumprimento das leis e regulamentos aplicáveis, bem como as instruções das Autoridades Monetárias, de que teve conhecimento, e com os meios que atempadamente foram postos à sua disposição pelos Serviços e o Conselho de Gestão do Banco.

**7.** A Comissão acompanhou, atentamente, as acções desenvolvidas pelo Conselho de Gestão com a Tutela/Banco de Portugal visando o reforço da solidez das IC's, acolhidas no Programa IV, oportunamente entregue no Ministério das Finanças.

**8.** A Comissão continuou a acompanhar, ao longo do ano, os esforços do Conselho de Gestão na dinamização da gestão dos créditos na situação de vencidos e não pagos.

**9.** Verificou-se uma melhoria no «ratio» Depósitos à Ordem/Depósitos Totais, com apreciável melhoria do custo dos recursos.

**10.** Prosseguiu em 1986, a implementação do PDI – Plano Director de Informática – que permitirá criar melhores condições para o desenvolvimento do sistema de informatização do Banco.

**11.** A Comissão tomou conhecimento da deliberação do Conselho de Gestão quanto ao lançamento do Plano de Modernização do Planeamento e da Contabilidade, para que, em coordenação com o anterior, possa melhorar a área da Contabilidade.

**12.** No exercício de 1986, os bens do Activo Imobilizado foram reavaliadas por Esc. 3 503 442 848$00, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 318-B/86, de 27 de Maio, tendo-se procedido às Amortizações e Reintegrações do mesmo activo em conformidade com as taxas previstas na Lei Fiscal.

**13.** Quanto ao Departamento de Macau, a Comissão analisou os elementos postos à sua disposição.

**14.** O resultado apurado no Balanço Consolidado, após as orientações do Senhor Ministro das Finanças, apresenta-se negativo em 2006 milhares de contos, tendo as provisões sido reforçadas em 1140 milhares de contos.

**15.** O Balanço e a Demonstração de Resultados mostram-se elaborados em conformidade com o «Plano de Contas para o Sector Bancário», e instruções e orientações das Autoridades Monetárias.

**16.** Nestes termos, a Comissão de Fiscalização dá o seu parecer favorável à aprovação do Relatório, Balanço e Contas, relativos ao exercício de 1986, atenta a conjuntura e o Relatório da Actividade da Comissão de Fiscalização.

**17.** Por último, a Comissão de Fiscalização sublinha o positivo funcionamento institucional da Comissão com o Conselho de Gestão e a boa colaboração recebida dos Departamentos do Banco no desempenho das suas funções.

Lisboa, 27 de Outubro de 1987

**A COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO**
***(José Luís Nunes – Presidente)***
***(Vasco de Almeida Faria – ROC)***
***(David Domingues – Vogal)***

## CERTIFICAÇÃO LEGAL DAS CONTAS

**1.** Como as contas do exercício de 1986 não mereceram a aceitação do Senhor Ministro das Finanças, conforme é referido no Relatório do Conselho de Gestão, foram feitos os ajustamentos determinados pela Tutela, nomeadamente quanto aos critérios de atribuição de juros sobre activos resultantes da descolonização.

**2.** Procedeu-se igualmente à anulação de juros sobre os débitos de um cliente em face da redução das perspectivas da sua cobrança.

**3.** Nestas condições, examinámos novamente as contas do Banco Nacional Ultramarino, que compreendem o Balanço em 31 de Dezembro de 1986, a Demonstração de Resultados – Conta de Exploração e de Perdas e Lucros –, e os respectivos Anexos, relativos à actividade exercida no Continente, Açores e Madeira, elaborados em conformidade com o PLANO DE CONTAS PARA O SISTEMA BANCÁRIO, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 455/78, de 30 de Dezembro, e legislação complementar, bem como as Instruções das Autoridades Monetárias, com a profundidade possível, documentos estes reformulados conforme orientação do Despacho do Senhor Ministro das Finanças n.º 159/87-X, de 15 de Julho.

**4.** Como facto relevante ocorrido após o termo do exercício, faz-se referência, por imperativo legal – Art.º 66.º b) do Código das Sociedades Comerciais –, ao apoio da Tutela traduzido na autorização concedida para a emissão de 10 150 milhares de contos de Títulos de Participação, a colocar junto do Tesouro.

**5.** A consolidação das contas com as da actividade exercida em Macau foi harmonizada com o Plano de Contas Nacional, não se dispondo do relatório de verificação local.

**6.** É nossa convicção que os citados documentos de prestação de contas apresentam de forma verdadeira e apropriada a situação financeira do Banco, bem como os resultados das suas operações referentes a este exercício, de acordo com os princípios contabilísticos geralmente aceites na actividade bancária, aplicados de uma forma consistente em relação ao exercício anterior.

**7.** O Relatório do Conselho de Gestão está elaborado de harmonia com as contas apresentadas.

Lisboa, 27 de Outubro de 1987

**O REVISOR OFICIAL DE CONTAS**
***(Ilegível)***

## BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

## CONSOLIDADO

| CÓDIGO DAS CONTAS | CONTAS | ACTIVO BRUTO | PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS | ACTIVO LÍQUIDO |
|---|---|---|---|---|
| 10 + 11 | Caixa e Depósitos em Bancos Centrais | 17 265 045 191$19 | | 17 265 045 191$19 |
| 12 | Valores a Cobrar | 13 681 859 103$12 | | 13 681 859 103$12 |
| 14 + 21 | Depósitos e Aplicações noutras Inst. Crédito no País | 15 229 565 619$73 | | 15 229 565 619$73 |
| 15 + 22 | Depósitos no Estrangeiro | 19 723 748 009$46 | | 19 723 748 009$46 |
| 16 + 17 | Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro | 926 511 159$83 | | 926 511 159$83 |
| 20 | Crédito Concedido | 209 233 748 536$62 | 8 300 985 441$06 | 200 932 763 095$56 |
| 23 | Acções, Obrigações e Quotas | 22 295 590 414$31 | 5 191 203$83 | 22 290 399 210$48 |
| 24 | Bilhetes do Tesouro | 1 217 158 000$00 | | 1 217 158 000$00 |
| 27 | Aplicações de Recursos Consignados | 6 229 123 489$17 | | 6 229 123 489$17 |
| 28 | *Devedores | 30 083 174 713$09 | | 30 083 174 713$09 |
| 40 | Participações Financeiras | 1 129 443 114$79 | | 1 129 443 114$79 |
| 41 | Imóveis | 16 175 473 187$95 | 3 006 508 465$34 | 13 168 964 722$61 |
| 42 | Equipamento | 3 267 459 995$69 | 1 901 131 813$11 | 1 366 328 182$58 |
| 43 + 44 + 45 + 49 | Outras Imobilizações | 4 043 488 710$42 | 631 780 352$95 | 3 411 708 357$47 |
| 19 + 29 + 50 + 51 + 52 + 56 + 58 + 59 | Contas Diversas | 81 027 599 837$41 | | 81 027 599 837$41 |
| | **TOTAIS** | **441 528 989 082$78** | **13 845 597 276$29** | **427 683 391 806$49** |

| CÓDIGO DAS CONTAS | CONTAS | PASSIVO | |
|---|---|---|---|
| 301 + 311 | Depósitos à Ordem | 105 045 187 520$64 | |
| 302 + 303 | Depósitos com Pré-Aviso | 626 155 879$90 | |
| 303 + 313 | Depósitos a Prazo | 206 587 290 402$65 | |
| 304 | Depósitos de Poupança | 11 276 526 803$28 | 323 535 160 606$47 |
| 37 | Cheques e Ord. a Pagar | 1 837 544 651$52 | |
| 36 | Recursos Consignados | 6 229 409 717$57 | |
| 32 + 33 + 34 | Outros Recursos | 12 565 380 906$89 | |
| 38 + 39 | Credores | 3 753 249 958$51 | |
| 50 + 53 + 54 + 55 + 58 + 59 | Contas Diversas | 68 692 304 711$11 | 93 077 889 945$60 |
| 63 | Provisões para Riscos Diversos | | 1 612 061 100$70 |
| 61 | Capital | 7 000 000 000$00 | |
| 62 | Reservas | 4 464 777 494$44 | 11 464 777 494$44 |
| 67 | Resultado do Exercício | | (2 006 497 340$72) |
| | **TOTAL** | | **427 683 391 806$49** |

**DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO CONTABILIDADE E CONTROLO**
**O DIRECTOR**
**JOSÉ DA SILVA BAPTISTA**

| | CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS | |
|---|---|---|
| 90 | Valores Recebidos em Depósitos | 25 357 143 152$09 |
| 91 | Valores Recebidos para Cobrança | 18 857 454 827$84 |
| 92 | Valores Recebidos em Caução | 200 714 439 973$57 |
| 93 | Garantias e Avales Prestados | 19 504 772 054$56 |
| 94 | Créditos Abertos | 10 446 672 600$93 |
| 95 | Aceites em Circulação | 1 308 037 935$97 |
| 96 | Valores Dados em Caução | 303 995 680$00 |
| 971 | Compras a Prazo | 1 716 262 118$38 |
| 972 | Vendas a Prazo | 1 314 286 392$56 |
| 99 | Outras Contas Extrapatrimoniais | 83 452 609 707$51 |

**O CONSELHO DE GESTÃO**
**MARIA MANUELA MATOS MORGADO SANTIAGO BAPTISTA — PRESIDENTE**
**ABEL PINTO REPOLHO CORREIA**
**JOSÉ MARIA DA CUNHA REGO DE AMORIM**
**ANTÓNIO PAIVA DE ANDRADA REIS**

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

## CONSOLIDADO

### DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1986

### CONTA DE EXPLORAÇÃO

| Código | Débito | Montante | Código | Crédito | Montante |
|---|---|---|---|---|---|
| 70 | Custo de Operações Passivas | 42 980 103 358$75 | 80 | Proveitos de Operações Activas | 43 836 560 404$22 |
| 71 | Custos com o Pessoal | | 81 | Proveitos de Serviços Bancários | 1 315 323 939$62 |
| 711 | Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização | 26 765 024$70 | 82 | Proveitos de Outras Operações Bancárias | 2 294 281 029$12 |
| 712 | Remunerações de Empregados | 6 787 963 131$36 | 83 | Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras. | 3 997 650 127$19 |
| 713 | Encargos Sociais Obrigatórios | 2 410 361 530$86 | 84 | Outros Proveitos Bancários | 402 072 267$10 |
| 714 + 715 | Outros Custos com o Pessoal | 76 254 643$33 | 85 | Proveitos Inorgânicos | 18 498 314$11 |
| 72 | Fornecimentos de Terceiros | 456 081 394$00 | | Prejuízo de Exploração | 4 707 959 805$49 |
| 73 | Serviços de Terceiros | 1 670 132 962$33 | | | |
| 74 | Outros Custos Bancários | 345 163 892$37 | | | |
| 75 | Impostos | 37 375 555$64 | | | |
| 76 | Custos Inorgânicos | 18 274 730$46 | | | |
| 77 | Dotações para Amortizações | 623 869 663$05 | | | |
| 78 | Dotações para Provisões | 1 140 000 000$00 | | | |
| | **TOTAL** | **56 572 345 886$85** | | **TOTAL** | **56 572 345 886$85** |

### CONTAS DE LUCROS E PERDAS

| Código | Débito | Montante | Código | Crédito | Montante |
|---|---|---|---|---|---|
| 651 | Prejuízo de Exploração | 4 707 959 805$49 | 653 | Lucros Relativos a Exercícios Anteriores | 2 871 358 492$01 |
| 652 | Perdas Relativas a Exercícios Anteriores | 364 846 743$95 | 655 | Lucros Excepcionais | 192 343 327$99 |
| 654 | Perdas Excepcionais | 5 684 566$90 | 657 | Provisões Utilizadas | 35 922 087$80 |
| 656 | Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício | 27 630 131$78 | 66 | Resultado do Exercício | 2 006 497 340$72 |
| | **TOTAL** | **5 106 121 248$12** | | **TOTAL** | **5 106 121 248$12** |

**DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO**
**CONTABILIDADE E CONTROLO**
**O DIRECTOR**
***JOSÉ DA SILVA BAPTISTA***

**O CONSELHO DE GESTÃO**
***MARIA MANUELA MATOS MORGADO SANTIAGO BAPTISTA* — PRESIDENTE**
***ABEL PINTO REPOLHO CORREIA***
***JOSÉ MARIA DA CUNHA REGO DE AMORIM***
***ANTÓNIO PAIVA DE ANDRADA REIS***

## BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

## CONTINENTE, AÇORES E MADEIRA

| CÓDIGO DAS CONTAS | CONTAS | ACTIVO BRUTO | PROVISÕES AMORTIZAÇÕES E MENOS-VALIAS | ACTIVO LÍQUIDO | CÓDIGO DAS CONTAS | CONTAS | PASSIVO | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 + 11 | Caixa e Depósitos em Bancos Centrais | 17 262 691 941$00 | | 17 262 691 941$00 | 301 + 311 | Depósitos à Ordem | 93 204 403 209$72 | |
| 12 | Valores a Cobrar | 13 606 126 199$21 | | 13 606 126 199$21 | 302 + 303 | Depósitos com Pré-Aviso | 626 155 879$90 | |
| 14 + 21 | Depósitos e Aplicações noutras Inst. Crédito no País | 11 658 384 338$10 | | 11 658 384 338$10 | 303 + 313 | Depósitos a Prazo | 185 805 023 415$46 | |
| 15 + 22 | Depósitos no Estrangeiro | 8 628 125 105$18 | | 8 628 125 105$18 | 304 | Depósitos de Poupança | 11 276 526 803$28 | 290 912 109 308$36 |
| 16 + 17 | Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro | 825 066 250$77 | | 825 066 250$77 | 37 | Cheques e Ord. a Pagar | 1 837 307 477$86 | |
| 20 | Crédito Concedido | 182 243 691 449$68 | 8 231 140 941$06 | 174 012 550 508$62 | 36 | Recursos Consignados | 2 251 547 147$92 | |
| 23 | Acções, Obrigações e Quotas | 21 863 939 087$03 | 5 191 203$83 | 21 858 747 883$20 | 32 + 33 + 34 | Outros Recursos | 8 823 749 380$80 | |
| 24 | Bilhetes do Tesouro | 1 217 158 000$00 | | 1 217 158 000$00 | 38 + 39 | Credores | 3 511 359 364$18 | |
| 27 | Aplicações de Recursos Consignados | 2 251 260 919$52 | | 2 251 260 919$52 | 50 + 53 + 54 + 55 + 58 + 59 | Contas Diversas | 35 487 087 871$51 | 51 911 051 242$27 |
| 28 | Devedores | 29 355 628 791$81 | | 29 355 628 791$81 | 63 | Provisões para Riscos Diversos | | 831 231 149$45 |
| 40 | Participações Financeiras | 1 038 143 114$79 | | 1 038 143 114$79 | 61 | Capital | 7 000 000 000$00 | |
| 41 | Imóveis | 15 449 230 677$16 | 2 941 511 543$41 | 12 507 719 133$75 | 62 | Reservas | 4 464 777 494$44 | 11 464 777 494$44 |
| 42 | Equipamento | 2 844 938 446$55 | 1 647 230 110$33 | 1 197 708 336$22 | 67 | Resultado do Exercício | | (2 006 497 340$72) |
| 43 + 44 + 45 + 49 | Outras Imobilizações | 3 862 399 507$21 | 513 055 304$16 | 3 349 344 203$05 | | **TOTAL** | | **353 112 671 853$80** |
| 19 + 29 + 50 + 51 + 52 + 56 + 58 + 59 | Contas Diversas | 54 344 017 128$58 | | 54 344 017 128$58 | | | | |
| | **TOTAIS** | **366 450 800 956$59** | **13 338 129 102$79** | **353 112 671 853$80** | | | | |

**DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO**
**CONTABILIDADE E CONTROLO**
**O DIRECTOR**
***JOSÉ DA SILVA BAPTISTA***

| | CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS | |
|---|---|---|
| 90 | Valores Recebidos em Depósitos | 24 348 121 976$14 |
| 91 | Valores Recebidos para Cobrança | 18 209 092 243$25 |
| 92 | Valores Recebidos em Caução | 170 459 763 650$46 |
| 93 | Garantias e Avales Prestados | 18 310 471 148$74 |
| 94 | Créditos Abertos | 9 177 991 056$50 |
| 95 | Aceites em Circulação | 1 308 037 935$97 |
| 96 | Valores Dados em Caução | 303 995 680$00 |
| 971 | Compras a Prazo | |
| 972 | Vendas a Prazo | |
| 99 | Outras Contas Extrapatrimoniais | 76 545 817 874$78 |

**O CONSELHO DE GESTÃO**
***MARIA MANUELA MATOS MORGADO SANTIAGO BAPTISTA* — PRESIDENTE**
***ABEL PINTO REPOLHO CORREIA***
***JOSÉ MARIA DA CUNHA REGO DE AMORIM***
***ANTÓNIO PAIVA DE ANDRADA REIS***

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

## CONTINENTE, AÇORES E MADEIRA

### DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1986

### CONTA DE EXPLORAÇÃO

| Código | Débito | Montante | Código | Crédito | Montante |
|---|---|---|---|---|---|
| 70 | Custo de Operações Passivas | 40 745 409 075$74 | 80 | Proveitos de Operações Activas | 40 891 555 764$26 |
| 71 | Custos com o Pessoal | | 81 | Proveitos de Serviços Bancários | 1 297 228 341$70 |
| 711 | Remunerações dos Órgãos de Gestão e Fiscalização | 26 765 024$70 | 82 | Proveitos de Outras Operações Bancárias | 2 004 155 015$82 |
| 712 | Remunerações de Empregados | 6 391 019 647$90 | 83 | Rendimento de Títulos de Crédito e de Participações Financeiras. | 3 987 877 941$25 |
| 713 | Encargos Sociais Obrigatórios | 2 385 759 442$10 | 84 | Outros Proveitos Bancários | 365 874 413$12 |
| 714 + 715 | Outros Custos com o Pessoal | 19 381 828$20 | 85 | Proveitos Inorgânicos | 14 449 551$70 |
| 72 | Fornecimentos de Terceiros | 400 880 432$89 | | Prejuízo de Exploração | 4 726 828 979$17 |
| 73 | Serviços de Terceiros | 1 512 385 793$76 | | | |
| 74 | Outros Custos Bancários | 316 390 278$30 | | | |
| 75 | Impostos | 29 183 091$60 | | | |
| 76 | Custos Inorgânicos | 10 556 568$10 | | | |
| 77 | Dotações para Amortizações | 507 138 080$00 | | | |
| 78 | Dotações para Provisões | 943 100 743$73 | | | |
| | **TOTAL** | **53 287 970 007$02** | | **TOTAL** | **53 287 970 007$02** |

### CONTA DE LUCROS E PERDAS

| Código | Débito | Montante | Código | Crédito | Montante |
|---|---|---|---|---|---|
| 651 | Prejuízo de Exploração | 4 726 828 979$17 | 653 | Lucros Relativos a Exercícios Anteriores | 2 862 045 634$54 |
| 652 | Perdas Relativas a Exercícios Anteriores | 362 941 849$79 | 655 | Lucros Excepcionais | 190 990 332$80 |
| 654 | Perdas Excepcionais | 5 684 566$90 | 657 | Provisões Utilizadas | 35 922 087$80 |
| 656 | Dotações para Impostos sobre Lucros do Exercício | -$- | 66 | Resultado do Exercício | 2 006 497 340$72 |
| | **TOTAL** | **5 095 455 395$86** | | **TOTAL** | **5 095 455 395$86** |

**DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO**
**CONTABILIDADE E CONTROLO**
**O DIRECTOR**
***JOSÉ DA SILVA BAPTISTA***

**O CONSELHO DE GESTÃO**
***MARIA MANUELA MATOS MORGADO SANTIAGO BAPTISTA — PRESIDENTE***
***ABEL PINTO REPOLHO CORREIA***
***JOSÉ MARIA DA CUNHA REGO DE AMORIM***
***ANTÓNIO PAIVA DE ANDRADA REIS***

Aprovado pelos seguintes despachos do Senhor Secretário de Estado do Tesouro:

"Em face da apreciação do B. Portugal às contas do BNU e nos termos do despacho do Senhor Ministro das Finanças n.º 159/87-X, aprovo as contas aqui apresentadas." 30/X/87

"No seguimento da aprovação das contas do Banco Nacional Ultramarino, em 30.X.87, o Estado assumirá os seus compromissos como titular do capital da Instituição, reforçando em 1988 os seus capitais próprios ou equiparados." — 30/XI/87

*Elementos da tripulação do vaso de guerra norte-americano «Elrod, no golfo Pérsico, mostram uma enorme faixa aos repórteres que sobrevoam a sua embarcação de helicóptero, onde lhes desejam um feliz Natal*

Um diplomata zimbabweano nas Nações Undias acusado de maus tratos graves num dos seus filhos, de 9 anos, foi expulso dos Estados Unidos. A decisão foi anunciada oficialmente quarta-feira e vem na sequência da partida de Floyd Karamba, adido administrativo da missão diplomática do Zimbabwe junto das Nacões Unidas, a pedido do Departamento de Estado norte-americano. Karamba deixou os Estados Unidos na segunda-feira depois do juiz Barry Cozier, do Tribunal Familiar de Queens, ter ordenado que o filho do diplomata, alvo de castigos corporais, ficasse sob custódia do Departamento de Estado a fim se serem transferido para a missão zimbabweana, que se encarregará de o enviar para o seu país.

*Aspecto do funeral do chefe-ministro d Ramachandran, a que assistiram milhares de pess funeral, ocorreram confrotnos com a polícia que provo*

## Mísseis serão peças de museu

Os Estados Unidos e a União Soviética poderão conservar 15 mísseis de médio e curto alcance e respectivas rampas de lançamento, desactivados, como peças de museu, disse o general Nikolai Tcherkov, do Estado-Maior-General das Forças Armadas soviéticas. Os dois países terão de destruir, nos termos do tratado sobre a liquidação daqueles mísseis, um total de 2600 engenhos de médio e curto alcance, instalados e não instalados, 1750 dos quais são soviéticos e 850 norte-americanos, afirma Tcherkov, que acompanhou o líder soviético, Mikhail Gorbatchev à cimeira de Washington. Os mísseis soviéticos sujeitos a liquidação são o «SS-20», o «SS-4» e o «SS-5» (médio alcance e o «SS12» e «SS-23» (curto alcancè), a que se junta o míssil de Cruzeiro «RK-55», já ensaiado mas não instalado. Os mísseis norte-americanos abrangidos pelo tratado são o «Poershing-2» e o de Cruzeiro «BGM-109 G» (médio alcance) e o «Pershing 1A» (curto alcance), a que se junta o «Pershing-1B», também já ensaiado, mas não instalado. Num texto divulgado pela agência «Novosti», o general Tcherkov diz ainda, em relação à eliminação das ogivas, que «apenas são sujeitas à liquidação as ogivas dos mísseis instalados cuja quantidade não é referida nos documentos anexos». Após mencionar os métodos escolhidos para destruição dos engenhos, o general alonga-se na justificação, repetidamente divulgada, nos últimos dias, na Imprensa soviética, da opção tomada pelo Kremlin de aceitar a «liquidação assimétrica» dos mísseis, prevista pelo tratado.

## Conversações EUA-Espanha recomeçam em Janeiro

A notícia recentemente publicada pelo jornal «Washigton Post» sobre uma eventual ruptura negocial entre a Espanha e os Estados Unidos a propósito da redução de efectivos norte-americanos em solo espanhol «não tem pés, nem cabeça» — disse uma fonte governamental de Madrid. O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Espanha, Inocêncio Arias, sublinhou que as negociações prosseguem, «simplesmente não têm levado para já a um acordo comum», acrescentando que «recomeçarão, normalmente, em Janeiro». A notícia do jornal norte-americano «Washigton Post», assinada pelo seu correspondente em Madrid, Jim Hoagland, sustenta que a Espanha rompeu as negociações com os Estados Unidos sobre a presença de 72 caças-bombardeiros F-16 na base de Torrejon (Madrid), principal ponto de discordância nas negociações que começaram há já 17 meses. Ententanto, em Washington, um alto funcionário da administração norte-americana que não se quis identificar, declarou que as «negociações não se romperam», adiantando que «o governo espanhol confirmou também que prosseguirão».

## Revista completa revela: suspeito era afinal suspeita

As autoridades policiais do estado norte-americano da Florida fizeram uma descoberta surpreendente quando fizeram uma revista completa (sem roupas) a um suspeito acusado de vigarizar três bancos de Connecticut em mais de 80 000 dólares (cerca de 10 700 contos). Ele é, afinal, uma ela. O suspeito, conhecido por Richard Wong, ou Chung Yin Wong, parece um homem, fala como um homem, identifica-se como homem nos seus documentos legais e tem uma mulher, disseram agentes policiais dos estados de Connecticut e da Florida.

*Na sua mensagem de Natal*

# PAPA ALERTA CONTRA TENTAÇÕES DA ERA TECNOLÓGICA

**O Papa João Paulo II, dirigindo–se ontem a milhões de pessoas em todo o mundo, durante a missa de Natal celebrada no Vaticano, exortou a humanidade a não ser tentada a ver a salvação na tecnologia e a olhar antes para a mensagem do nascimento de Cristo. Das recentemente reabertas catedrais de Pequim à praça da Mangedoura em Belém, fortemente guardada por soldados israelitas, milhões de cristãos em todo o mundo assinalaram ontem o nascimento de Cristo há quase 2.000 anos.**

Falando da varanda central da basílica de São Pedro, o Papa leu a sua mensagem de Natal e desejou boas–feats em 52 línguas. No 10º Natal que passa no Vaticano como chefe espiritual dos 850 milhões de católicos romanos de todo o mundo, João Paulo II lançou a benção «Urbi et Orbi», que é dada apenas duas vezes por ano— no dia de Natal e no Domingo de Páscoa.

Antes, o Pontífice dissera que o nascimento de Cristo numa mangedora em Belém tinha dado aos homens poder para se tornarem filhos de Deus, algo que nenhum progresso humano poderia alcançar.

«Ele, que veio por nossa causa e para a nossa salvação «desceu» do Pai, tornou–se carne no ventre da Virgem Maria e fez–se homem. Ele concedeu este poder a nós homens e este é o poder do Natal», afirmou o Papa.

«Saberão as pessoas que uso fazer deste poder? A pergunta tem sido feita a todas as gerações da história, mas volta com particular intensidade neste nosso tempo, na era da tecnologia», adiantou.

«Nunca tanto como hoje foi o homem tentado a acreditar que é autosuficiente, capaz de contruir com as suas próprias mãos a sua sua própria salvação», disse João Paulo II

O Natal começou primeiro no Pacífico, onde os australianos e os neozelandeses aproveitaram o Verão a decorrer no hemisfério sul e foram para as praias ou prepararam «baebecues» nos jardins das suas casas.

Nas Filipinas, o único país católico da Ásia, um ecssar–fogo de 48 horas em homenagem ao nascimento de Cristo trouxe uma curta trégua à guerra entre as forças governamentais e a guerrilha comunista que dura há 18 anos.

Dezenas de milhar de crentes chineses encheram as igrejas para celebrarem o nascimento de Cristo e o reaparcimento lento da religião na China.

Na Terra Santa, um céu encoberto e medidas de segurança pouco habituais nesta ocasiões deram uma caracteristica diferente às celebrações junto dos locais sagra-

*Segundo Daniel Ortega*

# 'Contras' violaram tréguas de Natal

O presidente nicaraguense, Daniel Ortega, anunciou ontem que os «contras» violaram a primeira trégua de Natal acordada no país ao atacarem uma cooperativa camponesa no centro da Nicarágua.

Ortega não deu pormenores do ataque, ocorrido na quinta–feira, mas funcionáros governamentais disseram que pelo menos uma criança ficou ferida no ataque contra uma cooperativa agríolca situada próximo de vila Sandino, 160 quilóemyros a leste de Manágua.

Um porta–voz do Ministério nicaraguense da Defesa afirmou, pelo seu lado, qùe as forças do governo sandinista ainda estavam ontem a respeitar as tréguas, apesar da violação praticada pelos rebeldes. Os dois dias de tréguas pedidos pelo cardeal Migauel Obando e Bravo, mediador nas negcoiações sandinistas-«contras», tingam sido aceites pelos dois lados e tiveram inicío às OO.OO horas locais de quarta–feira prolongando–se atá às 24 horas de sexta–feira.

Foi a primeira vez que o executivo de Daniel Ortega e os rebeldes antisandinistas concordaram em suspender os ataques em todo o território nicaraguense.

Na quinta–feira foi anunciado oficialmente o número total de vítimas dos combates registados na madrugada do domingo em três povoações mineiras no nordeste da Nicarágua e que se saldaram em 213 mortos entre rebeldes, soldados governamentais e civis.

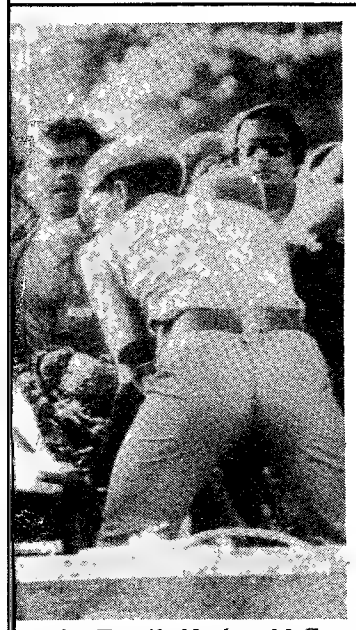
Durante esta ofensiva, os rebeldes destruiram dois radares do Exército sandinista, utilizados para detectar os voos dos aviões que abastecem os «contras» naquela região.

Entretanto, em Frankfurt, o deputado social–democrata alemão–federal Hans–Juergen Wischnewski, um dos estrangeiros que representarm o governo de Manágua nas negciações indirectas com os «contras», realizadas em São Domingo, considerou qie são inuteis todos os esforços desenvolvidos para obter um cessar–fogo permamente no conflito nicaraguense, enquanto os Estados Unidos continuarem a ajudar os rebeldes.

«Tenho a impressão de que os «contras» não têm interesse nenhum em negociar e isso deve–se ao facto de, uma vez terminadas as tréguas, não poderem contra com mais dinheiro proveniente dos Estados Unidos», disse.

## Estados Unidos sanções comer contra o Chile

O governo norte–americano de privilégios comerciais que benef lenas para os Estados Unidos. em vigor dentro de dois meses, discriminatória» pelo ditador ch Segundo um informador em W merciais contra o Chile foram d supressão dos sindicatos indepen lações do direito ao trabalho. Nu pela casa Branca, Ronald Reagan cisão «depois de se considerare tor privado para que fossem revi lhadores no Chile». A decisão de ta dos países em vias de desenvo portar livremente para os Estado por Reagan, em 1986, à Nicará Nesse ano, o presidente norte–a sanções contra o Chile, conform central sindical norte–americana



*ro de Tamil Nadu, M.G. pessoas. Na sequêmcia do provocaram 60 feridos*

dos da cristandadde. Centenas de peregrinos cristãos tiveram de enfrentar as revistas dos militares israelitas para poderem ter oportunidade de se aproximar, em Belém, da praça da Mangedoura e da Igreja da Natividade, construída no local onde se julga que Jesus nasceu.

Também não se realizaram as habituais recepções de Natal, uma vez que o presidente da Câmara da cidade de Belém as cancelou em protesto pela violência das forças israelitas contra os palestinianos dos territórios árabes ocupados.

Na sua tradiconal mensagem de Natal, a rainha Isabel II de Inglaterra quebrou o rigido protocolo real para introduzir uma tónica política com um aatque desferido contra o Exército Republicano Irlandês (IRA).

## dos adoptam nerciais ile

decidiu ontem suspender os beneficiam as exportações chidos. A medida, que só entrará eses, foi considerada «injusta e dor chileno, Augusto Pinochet. m Washington, as sanções coram decididas na sequência da dependentes no país e das violho. Num comunicado divulgado Reagan afirmou que tomou a dederarem várias petições do secn revistos os direitos dos trabasão de retirar uma nação da lisenvolvimento que poidem exEstados Unidos fora já aplicada Nicarágua, Paraguai e Roménia. orte-americano recusou aprovar nforme lhe fora solicitada pela icana AFL-CIO.

*Embargo de venda de armas poderá ser aprovado em breve*

# Conselho de Segurança da ONU exige cessar-fogo no Golfo Pérsico

**O Conselho de Segurança das Nações Unidas expressou quinta-feira «profunda preocupação» pela ausência de progressos na solução do conflito no golfo Pérsico, e afirma-se na disposição de determinar outras medidas para assegurar o cumprimento de um cessar-fogo. Entre esta medidas não está excluída a de um embargo de venda de armas ao Irão, agora que a União Soviética parece ter abandonado a sua oposição a esta decisão.**

Num comunicado divulgado em Nova Iorque, o Cosnelho de Segurança da ONU manifesta-se disposto a considerar outras medidas que forçem o Irão e o Iraque a acatar a resolução 598 de 20 de Julho, exigindo um cessar-fogo na região para que seja posível encetar uma soluição negociada para a guerra de sete anos entre Teerão e Bagadade.

O documento foi divulgado no final de uma uma curta reunião convocada para analisar as infromações apresentadas pelo secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, que se declarou decidido a «pôr fim ao conflito o mais depressa possível».

O principal obstáculo à concretização da resolução 598 é o facto do Irão insistir em não aceitar as tréguas antes do Iraque ser identificado como agressor.

Uma nota do Departamento de Estado norte-americano refere que o Conselho de Segurança demonstrou «estar pronto a ordenar, rapidamente, um embargo de armas contra qualquer país que vio-le a resolução de 20 de Julho».

### Força da ONU

O xeque Zayed Bin Sultan, líder dos Emirados Árabes Unidos, pediu ontem o envio de uma força das Nações Unidas para proteger a navegação nas águas do golfo Pérsico.

Zayed, numa entrevista ao jornal «Al Ahram», afirmou que «se a guerra continuar, as Nacões Unidas deveriam enviar uma força internacional para enfrentar o perigo que ameaça o golfo». A criação desta força tem vindo a ser defendida pela União Soviética.

### Ataques no golfo

No golfo Pérsico prosseguem, entretanto, os ataques contra ermbarcações. Ontem foi a vez de uma navio sul-coreano que se incendiou apoós ter sido atingido por iranianos.

Helicópteros das marinhas britânica e norte-americana recolheram a tripulação do cargueiro, que transportava madeira.

Sucessivas vagas de aviões iraquianos atacaram ontem posições da infantaria iraniana na frente de batalha do sudoeste do golfo, refere um comunicado militar divulgado em Bagdade.

O comunicado anuncia que os caças obrigaram os iranianos a retroceder perto da localidade de Dezful e Shuster, causando grandes perdas humanas e destruindo um bateria iraniana de mís seis terra-ar.

Os dois países têm vindo a concentrar centenas de milhar de tropas na frente de batalha do sudoeste do golfo, em preparação para uma previsivel ofensiva de Inverno do Irão contra o porto de Bassorá, a segunda maior cidade do Iraque.

# Líder pró-iraniano apela à libertação de reféns detidos no Líbano

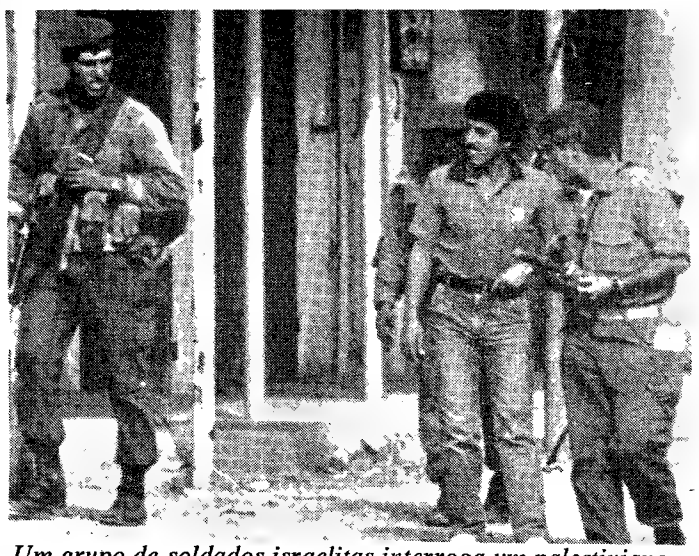
O líder espiritual do «Hezbollah», ou Partido de Deus, apoiado pelo Irão, apelou à liertação de 19 reféns estranegrios no Líbano, incluindo o reverendo Terry Waite, enviado da Igreja anglicana.

O xeque Mohamad Hussein Fadlallah apelou também à libertação de «milhares de prisioneiros libaneses e palestinianos em Israel e no sul do Líbano».

«Pedimos a todos que retêm reféns que libertem as pessoas em seu poder, pois tais actos não são justificáveis», disse Fadlallah ao falar a fiéis na mesquita de Bir El Abed, nos suburbios sul de Beirute, de predominância xiita.

Por outro lado, dois jornais de Beirute noticiaram que dois reféns franceses e um alemão-federal vão ser libertados durante o período entre o Natal e o Ano Novo.

Terry Anderson, o refém norte-americano há mais temdo retido no Líbano, enviou na quinta-feira uma mensagem de Natal à sua família, amigos e ao presidente Reagan, através de uma video-cassette entregue pela organização pró-iramiana Jihad islâmica. «Ao meu governo não sei o que dizer. Sei que estão a tentar tirar-me daqui, mas não sei exactamentete o que é que podem fazer. Apenas sei que não se fez o suficiente nem o que deveria ser feito», afirmou o jornalista Terry Anderson, de 40 anos, que passou agora o seu terceiro Natal como refém.



*Um grupo de soldados israelitas interroga um palestiniano no campo de refugiados de Jabalya*

Dirigindo-se ao presidente dos esatdos Unidos, Anderson acrescenta que os norte-americanos não estão «absolutamente inocentes» relativamnete ao que se passa no Líbano. «O dinheiro e a armas norte-americanas andam por aqui», refere.

Comentanfdo a video-cassette contendo a mensagem do Terry Anderson, a Casa Branca afirmou que esta manifestava o «cinismo» dos sequetradores, tendo arecsentado que as críticas feitas pro Anderson «não têm fundamento».

### Confrontos nos territórios ocupados

Onze membros do «Comité Jerusalém», da Organização da Conferência Islâmica, concordaram na realização de uma reunião ministerial urgente em Marrocos, durante a próxima semana, para examinar os violentos confrontos nos territórios árabes ocupados por Israel. O rei Hassan II, como presidente do Comité, enviou segunda-feira uma mensagem a chefes de Estado islâmicos, sugerindo que os seus ministros dos Negócios Estrangeiros assistam à reunião no dia 27, em Marrocos.

Vinte e dois palestinianos foram mortos desde 9 de Dezembro nos confrotos com as forças israelitas na faixa de Gaza e margem ocidental do Jordão, e mil foram presos.

# 24 HORAS

## Gorbachev eleito "homem do ano 1987"

A emissora Rádio France Internationale e o semanário francês «Le Point» designaram o líder soviético Mikhail Gorbachev como Homem do ano 1987.

Num comunicado difundido em Paris, a Rádio France Internationale específica que esta nomeação foi eleita com base em 30 000 respostas de ouvintes da emissora, em França e no mundo.

Gorbachev obteve 41,6 por cento dos «sufrágios», vencendo Ronald Reagan que ficou em segundo lugar com 22,5 por cento.

Seguem-se na lista o jovem piloto que aterrou o seu avião na Praça Vermelha, Mathias Rust, o presidente da Costa Rica, Oscar Arias, e o Papa João Paulo II.

## Manifestações convocadas para amanhã na Roménia

Uma organização clandestina romena convocou, para domingo, manifestações de protesto contra a política do líder romeno, Nicolae Ceausescu. Segundo o diário vienense «Die Presse», o apelo foi lançado pela Acção Democrática da Roménia (ADR), que indicou quase uma centena de cidades romenas como cenários do protesto. A ADR saudou ainda o eco alcançado pela «histórica manifestação» de Brasov, a segunda cidade da Roménia.

## Holanda: morre ex-primeiro-ministro socialista

O ex-primeiro-ministro socialista holandês, Johannes Marten Den Uyl, faleceu quinta-feira, aos 68 anos, em Amsterdão, vítima de um tumor cerebral maligno. Marten, grande figura do socialismo internacional, foi primeiro-ministro da Holanda de 1973 a 1977. Nascido na localidade holandesa de Hilversum, em 19 de Agosto de 1919, no seio de uma família protestante, Marten Den Uyl, juntou-se muito novo ao Partido Socialista do seu país. Após ter estudado economia, trabalhou como jornalista após a Segunda Guerra Mundial e, em 1949, foi nomeado director da Fundação Beckman, instituto de investigação científica pertencente ao Partido Socialista Holandês. De 1965 a 1966 foi ministro da Economia do governo de coligação de centro-esquerda e, nos seis anos seguintes, foi líder da oposição socialista no Parlamento. Em 1973, quando os socialistas chegaram ao poder, Marten foi eleito primeiro-ministro num governo de coligação de centro-esquerda.

## Guerrilheiros peruanos matam três agentes policiais

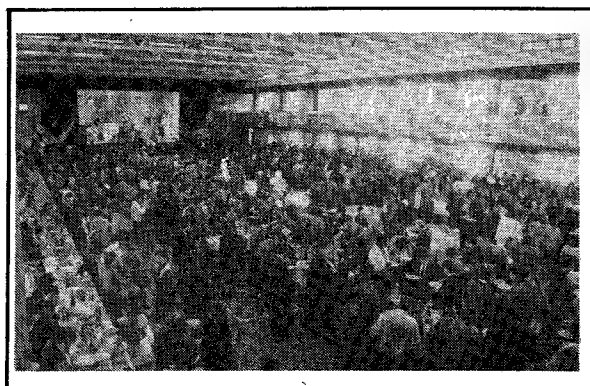
Guerrilheiros esquerdistas peruanos emboscaram uma patrulha da Guarda Republicana na zona da floresta amazónica, tendo morto três agentes e ferido um outro, anunciaram ontem as autoridades. A Guarda Republicana referiu que os guerrilheiros atacaram a patrulha na quinta-feira, na ponte de Punta Arenas, província de San Martin, a 600 quilómetros de Lima. As forças de segurança têm estado desde então a efectuar buscas na área, à procura dos rebeldes, não se sabendo ainda se pertencem ao grupo maoísta Sendero Luminoso ou ao Movimento Revolucionário Tupac Amaru.

## Chade impede entrada de mercenários

Forças do Exército chadiano abateram 24 mercenários e aprisionaram mais dois de um grupo que tentava infiltrar-se no país, desde o vizinho Sudão, anunciou ontem a Rádio N'Djamena, captada pela BBC em Londres. O Exército do Chade detectou as actividades do grupo quinta-feira, interceptando-o na reigão de Goz Beida.

## Frans Josef Strauss em Moscovo

O chefe do Governo bávaro, Franz Josef Strauss, presidente da União Cristão Social (CSU) alemã-federal, visitará Moscovo na próxima semana, anunciou ontem a agência noticiosa soviética TASS. Segundo a TASS, a visita, durante dois ou três dias a partir de segunda-feira, decorre a convite da Comissão Estatal soviética para os Assuntos Económicos Externos. Em Moscovo, Strauss terá vários encontros a vários níveis, a respeito de alguns aspectos das relações sovietico-alemãs-federais e a situação na Europa, adiantou a TASS. A agência não referiu se Strauss se encontrará com o líder sovético, Mikhail Gorbachev. O própio Strauss disse anteriormente que a sua visita estava condicionada por um tal encontro.



## Auto Pneus da Póvoa festeja Natal

Reuniu centenas de trabalhadores e familiares a Festa de Natal da **Auto Pneus Central da Póvoa** e associadas, que no passado domingo teve lugar no Salão dos Bombeiros de Loures. Sensação provocou o Pai Natal, não apenas porque se fazia conduzir por um trenó puxado deste vez por um pónei, mas sobretudo porque consigo trazia as centenas de prendas que sempre magnetizam os mais pequenos e por que não dizê-lo? também os próprios pais.

**O Carlos Alberto Moniz** foi, também, um dos grandes animadores deste tradicional convívio natalício dos trabalhadores e colaboradores da **Auto Pneus Central da Póvoa e das suas associadas, Lisopneus, Obriverca, Creinrol e Centese.** Recorde-se, a propósito, que a **Auto Pneus** vai inaugurar, brevemente, na **Póvoa de St.º Adrião**, às portas de Lisboa, um **dos maiores e mais modernos entrepostos de pneus da Europa.**

## "Iate Ben" inaugurado em Carcavelos

Almoçar ou jantar fora de portas e dar um pezinho de dança pela noite dentro, num ambiente náutico, sem necessidade de percorrer muitos quilómetros: é a proposta do **«Iate Ben»** — uma espécie de clube (não privado) recentemente inaugurado em Carcavelos, nas proximidades do Hotel Praia Mar, mesmo junto à marginal.

Dando a sensação de se viajar num paquete, o **«Iate Ben»** constitui a materialização de um sonho acalentado durante muitos anos por um homem conhecido no **mundo do comércio automóvel: Benjamim Barral,** um galego que emigrou para Portugal aos dois anos de idade.

«Andei a pensar em montar um restaurante desde que me conheço», afirmou o proprietário do **«Iate Ben», durante o «cruzeiro» inaugural do seu «barco», acontecimento que reuniu, em Carcavelos, algumas dezenas de jornalistas muitos dos quais ligados à gastronomia e aos automóveis.**

**«Quero que toda a gente se sinta bem a 'bordo' do 'Iate Ben'**, disse **Benjamim Barral** aos convidados, depois de contar a sua história de emigrante bem sucedido. «Foi duro, porque a vida não está para graças, mas consegui vencer», afirmou.

Refira-se, como nota curiosa, que o **«Iate Ben»** foi inaugurado no dia em que o **avô de Benjamim Barral** (o **«Barral das Iscas»**, do Bairro Alto de algumas décadas atrás e um dos homens que fez nascer a **Benjamim Barral,** a ideia de fundar um restaurante) completaria 120 anos de idade, se fosse vivo. «Como ele se sentiria feliz se estivesse hoje entre nós», comentou a propósito.

## Ramiro Leão recupera antigo prestígio

Selfridges, Harolds, Sears, Printemps, El Corte Inglês, etc., quando mencionados, são nomes que **simbolizam qualidade** e conceito de comércio moderno e organizado a satisfazer o cliente nas suas múltiplas exigências. No princípio do século e até aos anos cinquenta o **Ramiro Leão** gozava em Lisboa da mesma reputação e era o símbolo do orgulho da capital portuguesa, recebendo da Imprensa da época grandes elogios. Construído em 1891, o **Ramiro Leão** era ponto de encontro da mais conceituada elite social e assim se manteve até à sua destruição como tal. Sofrendo de uma gestão ruínosa a pouco e pouco foi perdendo a sua traça, o seu mercado e a sua personalidade própria, a mais uma vulgar loja na Baixa lisboeta.

**Sotrocas, Ld.ª** nasceu em 1986 e cedo se desenvolveu na comercialização de produtos importados, vindo a ser agora chamada pela **Ramiro Leão C.ª Ld.ª** à gestão do seu armazém e cedo compreendeu a necessidade de recuperar o prestígio de uma casa quase centenária. Era, pois, necessário recuperar a sua traça, e só pelas limitações de materiais não foi possível ir mais longe. Foi criado um novo espaço realçando a beleza do património histórico e ao mesmo tempo servindo o cliente, tendo a administração aproveitado para a necessária inauguração no passado dia 4 de Dezembro e a passagem dos seus modelos da colecçãao Inverno/87.

## Carga na Iberia

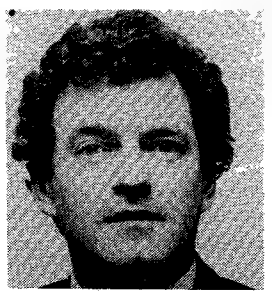
A **Ibéria** inaugurou um novo serviço de carga entre as cidades de Madrid e Basileia com um avião Douglas DC-8F. Os voos têm lugar aos sábados às 16.00, com chegada a Basileia às 18.00 e regresso de Basileia às 19.30 com chegada a Madrid às 21.30. O **Douglas DC-8** F tem uma capacidade de 170 metros cúbicos. Está equipado com 13 «pallets» idênticos aos que normalmente se utilizam nos aviões 747, **Douglas DC-10** e **Airbus A 300** e na rede complementar do transporte de superfície que regularmente opera tanto na península Ibérica como na Europa.

O Aeroporto de Basileia encontra-se numa situação geográfica fronteiriça com a França, dispondo de uma rede de ligações fluviais, caminho-de-ferro e estradas, que permitem atingir as cidades vizinhas como Luxemburgo, Suttgart ou Milão. Londres, Hamburgo, Viena e Praga num raio de 750 km e uma franja intermédia que inclui Nice, Leão, Bruxelas ou Dusseldorf, constituem destinos que podem ser servidos com este novo serviço.

Entre outras facilidades, o aeroporto conta com serviços de Alfândega, compartilhados pela França e Suíça. Dispõe também de um parque para aviões de carga, uma área coberta para mercadorias paletizadas e serviços de segurança para carga valiosa.

## Tapetes Tricana

Êxito enorme teve a exposição de **Carpetes Orientais, 1provenientes do Irão (Pérsia), Turquia, Índia, China, Paquistão e Afeganistão, que a Tapeçaria Regional de Coimbra, Lda., — Depósito da Fábrica doios Tapetes Tricana** — efectuou entre 13 e 20 do corrente, na sala de exposições do Hotel Ritz. Habitualmente a tapeçaria oriental desta empresa está em mostra permanente numa loja na Av. Casal Ribeiro, 15-B, em Lisboa.



## Patrick Copeland/Ritz

**Patrick Copeland** foi nomeado presidente e director de operações da **cadeia hoteleira Inter-Continental,** com sede em Nova Iorque, subsidiária da Grand-Metropolitan e ao qual pertence o **Hotel Ritz Inter-Continental em Lisboa.** A nomeação foi tornada pública a 1 de Outubro de 1987, por **Ian Martin,** presidente do Conselho de Administração e director executivo da **Inter-Continental,** que também ocupa o mesmo cargo na Grand Metropolitan nos Estados Unidos. **Copeland** sucede a **Hans G. Sternick,** que recentemente deixou o seu cargo na companhia. Anteriormente director executivo da **Cinzano Internacional,** Genebra. **Copeland** será responsável para a **Inter-Continental** de 100 hotéis em 46 países. Reportará directamente a **Ian Martin** e fará parte do gabinete do presidente do conselho de administração e membro da direcção executiva.

## Carlos Pina/InfoPlus

**Info Plus** é uma agência de informação especializada que **Carlos Pina,** antigo director da **Infoplan (Grupo McCann),** acaba de criar. Antigo jornalista, **Carlos Pina** afirma-se de há uns anos a esta parte, numa área da Comunicação e informação das empresas ou instituições, numa função «doublée» de jornalista e de relações públicas. Agora continua na sua área de actuação, mas sozinho, sem o apoio de uma grande agência, como era o caso, até agora, da **McCann-Erickson/Hora,** que convidou para o seu lugar o jornalista do **Semanário Carlos Plantier,** que já entrou em funções na **Infoplan.**

## Regisconta

A forma positiva como a **Regisconta** tem vindo a desenvolver a sua actividade, tanto no campo da Informática e das máquinas de escritório e registadoras como no fabrico e comercialização de móveis de escritório, justifica um **novo aumento do seu capital social.** Esse aumento acontece, não só na **Regisconta** (que aumenta de 240 mil para 400 mil contos), como nas outras empresas do **Grupo,** as' quais, para além das reservas, passam, no total, de **355 750 contos para 613 000 de capital social. O Grupo de Empresas Regisconta** atravessa, na verdade, um bom momento, de que são indicativos seguros a expansão para Espanha (com a abertura de uma filial em Barcelona) e a ampliação do sector de «design» e fabrico de móveis de escritório, na firma associada Prive.

*O Conjunto Halley Band na «Noite de Natal» do Hotel Sol e Mar, de Albufeira, preparado para assinar a Passagem de Ano, no mesmo local*

## Organizações Fernando Barata organizam "réveillons"

Com a sua fachada já profusamente iluminada desde o dia 17, o **Hotel Sol e Mar de Albufeira** brilhou no Natal e o mesmo promete na Passagem de Ano, não só para quem o veja de fora mas também, e principalmente, para quem o viva... por dentro.

O primeiro acontecimento da «saison» foi na noite de 23 de Dezembro com a abertura duma sugestiva Exposição de Pintura das professoras **Elisa Afonso, Gabriela Pelágio** e **Pilar Sobral**. Seguindo-se-lhe, a 24, um lance oferecido aos filhos dos clientes no Cocktail-Bar (e claro que sem «cocktails»...) e a 25 a inauguração dum portuguessísimo presépio (com figuras vivas) e um jantar de Natal no **Restaurante Sunset** que «meteu» salmão, linguado, peru e sonhos — além dum «show» mágico e de música de dança pelo **Conjunto Halley Band**.

Quanto ao «Réveillon», o dinâmico Director, **Carlos Martins** diz que «está certo» (e «não está errado»...) de que constituirá um notável êxito, pelo requinte do jantar que serve (ostras, lagosta e tornedó), mais-caldo verde de madrugada), pelo valor dos Conjuntos que tocam **(Stop e Halley Band)** e pelo interesse dos artistas que lhe foi possível reunir: o romântico **Carlos Lara**, os «reis da ilusão» **Serge & Faty, Olimac** e as suas sombras chinesas e o trepidante **Duo Som Vivo (Vitória e Francisco)**.

Também o responsável pela anexa **Sol e Mar Disco** — Manuel Costa, profissional de hotelaria há 12 anos, 5 na Suíça e 7 no Algarve — prepara a «malta da pesada» um Fim-de-Ano convenientemente «na maior», com **Olimac, Serge & Faty** e os ritmos «à maneira» seleccionados pelo «disc-jockey» **Fernando**.

No **Aparthotel Auramar**, entre a Oura e Albufeira, **Jans Muller**, animador holandês desta conhecida unidade hoteleira das **Organizações Fernando Barata**, tem tido programa de arromba, iniciado a 21 de Dezembro e que só descansará no 1.º de Janeiro, passado que será o «réveillon» e o corajoso «Banho de Ano Novo», previsto para as 10 horas desse dia.

No **Hotel São João do Funchal**, 4 estrelas do Grupo da Madeira, tudo se prepara para continuar as Grandes Tradições dos festejos de Fim de Ano, enquanto que em **Castelo de Vide**, a noite de S. Silvestre baterá o «pé», em animação, às restantes unidades deste Grupo Hoteleiro.

## Povoacar foi inaugurado na Póvoa de St.º Adrião

Como já noticiámos, foi inaugurado na **Póvoa de St.º Adrião**, mais uma unidade industrial, ligada aos automóveis: foi a **Povoacar,** agente oficial da **Peugeot-Talbot** e **UMM.**

Presentes ao acto, inúmeros convidados e representantes da Comunicação Social, tendo presidido à cerimónia da inauguração os represetentes da Câmara Municipal de **Loures** e da junta de freguesia da **Póvoa de St.º Adrião.** Também representadas a **Shell** e a **Mocar** que fizeram questão de marcar presença em reconhecimento de quanto representará no futuro, em termos de interesse comercial e de apoio aos seus milhares de clientes, a sua existência.

A **POVOACAR** encontra-se instalada na zona industrial da vila, e dispõe de uma área de 2000 m² onde os seus clientes poderão contar com o apoio pós-venda destacando-se oficinas mecânicas, pintura, diagnósticos rápidos e assistência técnica.

A título de mera curiosidade diga-se que no dia da inauguração aquela unidade comercial e industrial vendeu 30 viaturas dos diferentes modelos das marcas representadas e acima referidas.

**Santos Lima**, em representação da MOCAR salientou quantos benefícios serão provocados aos utentes pela eficiência da empresa que acabava de abrir as suas portas ao serviço público, e, os representantes da **CM Loures e da JF de Santo Adrião, para materializar a sua satisfação, fizeram entrega das medalhas comomemorativas da cidade e da vila.**

## TAP inaugura ligação aérea com Áustria

Assinalando a introdução no seu programa de exploração, dos **voos regulares entre Lisboa e Viena,** via Munique, a **TAP Air Portugal** realizou entre 12 e 15 de Dezembro, um **voo inaugural,** com a participação de cerca de três dezenas de convidados, contando-se entre estes, o embaixador da Áustria em Portugal, **sr. Alexander Otto, e várias entidades ligadas às actividades económicas, turismo, viagens e hotelaria, e ainda representantes da comunicação Social portuguesa.**

**A TAP Air Portugal** esteve representada pelo seu presidente, **dr. João Coutinho de Lencastre,** pelo administrador, **dr. Monteiro de Lemos** e pelos director-geral comercial, **sr. Manuel Bastos,** director regional para a Europa, **dr. J. Andrade de Campos,** director para Portugal, **sr. António Morgadinho** e o director de relações públicas, **dr. Carlos Botto e Carmo.** Do programa deste voo inaugural constaaram visitas a vários locais de carácter histórico e cultural da cidade de Viena, além de uma recepção oferecida na Embaixada de Portugal na Áustria, no dia 14 de Dezembro.

Com a introdução desta nova linha, a **TAP Air Portugal** alarga e consolida a sua acção no mercado da Europa Central. Os voos entre Lisboa/Munique/Viena tiveram início no passado dia 27 de Outubro e efectuam-se duas vezes, semanalmente, às terças-feiras e sábados.

# PONTA ESQUERDA

## Guarda: "Acção-Natal 87"

Cerca de 200 jovens dos 14 aos 25 anos participam até final do mês, na Guarda, no programa "Acção Natal 87", inserido nas férias desportivas.

A comissão distrital do programa apoiou cinco projectos a realizar em locais descentralizados, nomeadamente fora do distrito.

A organização do programa está a cargo do Clube de Montanhismo da Guarda, Atlético Clube da Guarda, Clube de Jovens Pinhelenses, Escola Secundária de Gouveia e do Grupo de Xadrez da Guarda.

As acções desenvolvem-se na serra da Estrela, Lamego, Pinhel, Aveiro, Gouveia e Guarda e têm o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura e da Secretaria de Estado da Juventude.

## Brasil: o melhor da "Placar"

O basquetebolista Oscar Schmidt Becerra, a jogar na equipa italiana do Snaidero Caserta, foi eleito o melhor desportista brasileiro de 1987, com um ponto de vantagem do campeão mundial de Fórmula 1, Nelson Piquet.

A eleição foi organizada pela revista "Placar", tendo Schmidt Becerra obtido 147 votos contra 146 atribuídos a Nelson Piquet.

No sector feminino, foi eleita Hortência Marcari, também basquetebolista, como a melhor desportista do Brasil em 1987.

## Montanhismo: asiáticos trepam o Everest

Dois montanhistas asiáticos atingiram o monte Everest e tornaram-se os primeiros a atingir o topo mais elevado do mundo durante o Inverno sem a ajuda de oxigénio, revelou o ministro do Turismo do Nepal.

O ministro revelou contudo não ter a certeza se o coreano Young Ho e Ang Rita Sherpa, do Nepal, usaram ou não oxigénio artificial para escalarem os 8848 metros do Everest.

Ang Rita, 40 anos, é um montanhista com carreira reconhecida que inclui três escaladas ao Everest, todas sem a ajuda de oxigénio.

Heo, 33 anos, da Coreia do Sul, escalou com êxito o Manaslu, a 8.ª maior montanha do mundo, em Outubro de 1983, também sem a ajuda de oxigénio.

## Pugilista: "KO" e morte

O pugilista profissional tanzaniano Antony Ndaki, de 21 anos, faleceu após ter sofrido um KO frente ao zambiano Charles Libondo, anunciou a Federação de Boxe da Tanzânia.

Antony Ndaki foi posto KO ao 5.º assalto e ficou inconsciente, pelo que teve de ser transportado para o Hospital da capital tanzaniana, onde acabaria por falecer.

A Federação de Boxe do país ordenou a realização de uma autópsia ao corpo de Ndaki, cuja morte é a primeira na história da modalidade na Tanzânia.

## Bélgica: selecção prepara-se

O antigo defesa internacional Walter Meeuws irá suceder a Guy Thijs como treinador da selecção de futebol da Bélgica em Julho de 1989.

Meeuws, de 36 anos, será o adjunto de Thijs a partir de Julho de 1988 e durante um ano, passando a assumir a responsabilidade total da selecção a partir de Julho de 1989, disse Alain Courtois, secretário-geral da federação belga.

O dirigente federativo salientou que Meeuws poderá continuar como técnico da selecção depois do Mundial de 1990, enquanto Thijs assume o cargo de director técnico nacional.

Meeuws, que teve 46 internacionalizações, jogou no Beerschot, clube de Bruges, Standard de Liège, Mechelen e no Ajax de Amsterdão. Recorde-se que a Bélgica é um dos adversários de Portugal no Grupo 7 das eliminatórias para o Campeonato Mundial de Futebol de 1990, juntamente com a Checoslováquia, Suíça e Luxemburgo.

### *Violência no desporto*

## Governo espanhol "aperta o cerco"

O Governo espanhol decidiu reforçar a segurança policial nos recintos desportivos e a protecção das equipas em zonas onde tradicionalmente os conflitos são mais frequentes, medida que já vigora no próximo fim-de-semana.

A decisão surgiu após os violentos incidentes ocorridos nas últimas semanas em campos de futebol e basquetebol de Espanha.

Representantes dos Ministérios do Interior, Justiça e Educação, federações de futebol e basquetebol, a pedido do secretário de Estado dos Desportos, Javier Gomez Navarro, reuniram-se para estudar as medidas destinadas a evitar focos de violências nos recintos desportivos e, numa primeira fase, será colocada Polícia dentro e fora dos estádios.

*Apronto benfiquista para a recepção a bracarenses, às 15 horas do último domingo do ano.*

*Louletano: recebe amanhã o Atletico, num duelo que tera arbitragem do setubalense Ezequiel Feijão*

### *Nacional de futebol*

# APARENTE CALMARIA PARA OS "MAIORAIS"

Depois de realizados os encontros Belenenses - Académica e Marítimo - Sporting, que terminaram com triunfos averbados pelas equipas lisboetas, o campeonato dos maiorais prossegue a partir das 15 horas de amanhã com a realização dos seguintes oito confrontos e que terão como coordenadores os árbitros indicados:

Benfica - Braga (Joaquim Gonçalves, do Porto); V. Guimarães - Farense (José Pratas, de Evora), Boavista - Espinho (João Rosa, de Evora); Varzim - Rio Ave (Pinto Correia, de Lisboa); FC Porto - Penafiel (Miranda Dias, de Coimbra); Covilhã - Salgueiros (Vítor Correia, de Lisboa); V. Setúbal - Chaves (Alder Dante, de Santarém); Portimonense - O Elvas (Veiga Trigo, de Beja).

A avaliar pelos opositores e local da realização dos jogos, tudo indica que os mais cotados não terão uma tarde com grande aperto - só que, exemplos recentes não nos permitem arriscar vaticínio firme.

Curioso será o jogo de Setúbal com a visita do Chaves já que um e outro clube está, obviamente, virado para um lugar na Europa e pelo comportamento tido nas anteriores 13 jornadas teremos de conceder lugar de honra para aquele encontro.

Na Covilhã e em Portimão estará o fantasma da despromoção e se os visitados não pontuarem bem poderão começar a pensar em coisas feias. Faltam ainda 25 jornadas só que os pontos perdidos não são recuperáveis.

*O dr. João Rodrigues foi indicado pelo Benfica para substituir o dr. António Malaquias de Lemos na presidência da Associação de Futebol de Lisboa.*

**Árbitros:**
**Curso «Aníbal de Oliveira»**

Por iniciativa do Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Lisboa vai realizar-se mais um concurso para árbitros de futebol a que foi dado o nome do antigo juiz internacional Aníbal de Oliveira e que decorá durante os mess de Janeiro e Fevereiro com núcleos de Lisboa, TorresVedras, Cacém, Odivelas, Algés e Póvoa de Santa Iria.

As inscrições poderão ser efectuadas na AFL (Rua Nova da Trindade, 2-4.º) e na APA — Associação Portuguesa de Arbitros (Avenida Almirante Reis, 40-A).

**Portimonense: ponto da situação**

O internacional dinamarquês Jan Sorensen, que se encontrava no Ajax, vai estrear-se ao serviço do Portimonense na jornada de amanhã, frente ao Elvas, afirmou o técnico algarvio, Manuel Cajuda.

Com 31 anos e apresentando boa compleição física, Sorensen é considerado pelo responsável do Portimonense como o elemento que fazia falta à equipa, em virtude da sua acção na manobra atacante sobre o flanco esquerdo, além do facto de ser especialista em lances de bola parada.

Quanto aos dois brasileiros que estavam à experiência no clube algarvio, Ricardo Silva e Emo, o presidente do Portimonense, Manuel João, disse que a sua situação ainda não foi devidamente regularizada, embora ambos tenham assinado contrato pelo período de duas épocas.

Entretanto, o guardião Sérgio deverá estar operacional em fins do mês de janeiro, conforme admitiu o médico do clube, dr. Malha Gregório. O atleta foi submetido há duas semanas em Lisboa a uma intervenção cirúrgica às arcadas zigomáticas (face), na sequência de uma fractura tripla registada durante um treino, em choque com um seu companheiro.

Por outro lado, Alhinho foi também operado, em Lisboa, a uma lesão contraída no nariz resultante do choque com um adversário no jogo em Braga, há cerca de mês e meio. Trata-se de um desvio no septo nasal que vinha impossibilitando o defesa algarvio de dar o seu concurso à equipa, esperando os responsáveis pelo departamento clínico do Portimonense que o atleta se encontre em condições dentro de uma semana.

Por seu turno, Rui Manuel já está integrado no grupo de trabalho desde há algum tempo, após um período de recuperação muscular, faltando-lhe agora readquirir condição física para poder entrar em competição sem limitações.

**Sevilha contrata «keeper» do Santos**

O Sevilha, da primeira divisão de Espanha, ofereceu um milhão de dólares (135 000 contos) pelo guarda-redes do Santos, o uruguaio Rodolfo Rodriguez.

Rodriguez, de 32 anos, que nos últimos três anos se destacou ao serviço do Santos, deve mudar-se na próxima época para Espanha, tendo o empresário Juan Figger confirmado já a sua transferência, pela qual o jogador receberá 500 000 dólares (67 500 contos).

**Taça Interamérica**

O Peñarol, recente finalista vencido na Taça Intercontinental frente ao FC Porto, e o América do México, campeão centro-americano, defrontam-se nos próximos meses de 1988 na final da Taça Interamérica.

A final será disputada entre Janeiro e Abril nas cidades norte-americanas de Los Angeles ou Miami.

O Peñarol é o actual campeão da Taça Libertadores da América, enquanto o América venceu o torneio de clubes da Confederação Centro-Americana.

# Desporto em fim-de-semana

**BASQUETEBOL**: A Câmara Municipal do Montijo tem vindo a desenvolver um projecto de desenvolvimento desportivo do concelho, visando o alargamento do seu quadro competitivo e, simultaneamente, a criação de hábitos da prática desportiva a partir das camadas mais jovens.

Dentro deste princípio, a Câmara Municipal do Montijo vai organizar um torneio quadrangular a duas modalidades (andebol e basquetebol), a disputar em duas jornadas, e em alternância de partidas, denominado Andobasket Jovem/87, hoje e amanhã, para iniciados masculinos e 2 e 3 de Janeiro de 88, para juvenis masculinos.

ANDEBOL: prossegue (com a 19.ª ronda) o campeonato nacional, com três jogos no «placard», dois a terem lugar pelas 16 horas de hoje (FC Porto-Francisco Holanda, no Pavilhão das Antas; Salgueiros-Vitória de Setúbal, no Pavilhão do S. Mamede) e outro embate uma hora depois (Sporting-Bora Hora, na nave de Alvalade).

FUTEBOL: pelas 15 horas de hoje processa-se o jogo Torralta-Alvorense (no Estádio Dois Irmãos) a contar para o campeonato nacional da 3.ª divisão. Tal como detalhadamente informámos nas nossas edições da passada 5.ª feira, os restantes encontros dos torneio oficiais realizam-se amanhã, a partir das 15 horas.

HÓQUEI EM PATINS: hoje, às 18 horas, efectua-se o jogo Paço de Arcos-Oliveirense, que estava em atraso e diz respeito à 7.ª jornada do campeonato nacional.

ATLETISMO: começam já a disputar-se as tradicionais Corridas de S. Silvestre. Amanhã efectuam-se provas em Avis (organização da edilidade local, em conjunto com o Centro Cultural de Figueira e Barros). No Funchal tem lugar a já habitual Volta à Cidade, enquanto os benfiquistas Luís Costa e João Junqueira, mais Fernando Fernandes (CDPO) são atracções numa prova que se realiza na ilha do Pico (Açores). Por seu turno, Ezequiel Canário corre na Bélgica e Fernando Mamede em Houiles (França).

*A turma hoquista do Sporting continua a comandar o campeonato nacional e erguendo à altura habitual o emblema do «leão»*

# Bibliografia desportiva

**«Desporto e Sociedade»**

Na antologia de textos que a Direcção-Geral dos Desportos edita sob o genérico Desporto e Sociedade acaba de surgir Instalações para golfe , da autoria de Carlos Abreu, obra aprimorada onde a historia da modalidade em crescente expansão merece espaço e toda a atenção. Uma achega para os adeptos do desporto que mais divisas tem trazido para o nosso país.

**«Companheiros»**

Boletim do Clube de Campismo de Lisboa, o Companheiros atingiu o n.º 121 e, sob direcção de J. Carvalho Nazare (que esta acompanhado por Mario Ferreira e Maria Eduarda) entre no 40.º ano de publicação dando amplo noticiário da actividade campista.

**«Portugal, Turismo Actualidade»**

O Tejo está vivo é o tema central da revista Portugal. Turismo. Actualidade , dirigida por Albérico Cardoso (com redacção entregue a Vítor Catanho, Rui Freitas, Nuno Paisana e Imtiaz Juma), publicação que também salienta a movimentação do golfe e do ténis no Algarve, recorda a Nixdorf Gold Cup (disputada no oporto Golf Club) e apoia a criação de uma Confederação de Turismo , ideia lançada pelo dr. Vítor Gonçalves (vereador responsável pelo Pelouro de Turismo da CML).

# PRÉMIO "CNID-PEPSI" PARA A MELHOR FOTOGRAFIA DESPORTIVA

Tendo em vista o preenchimento de uma lacuna existente entre os vários prémios já distribuídos anualmente em Portugal na área da Imprensa Desportiva, em que aos fotógrafos é reconhecido importante e relevante papel, foi entre o CNID e a PEPSI acordada a instituição de um prémio destinado a galardoar a melhor fotografia desportiva obtida em cada ano civil.

Nestes termos, é criado, já com referência a 1987, o PREMIO CNID/PEPSI, que se regerá pelo seguinte **REGULAMENTO:**

1 — O concurso da melhor fotografia desportiva, para a atribuição dos Prémios CNID-/PEPSI, estará aberto a todos os fotógrafos, sem quaisquer restrições, que trabalham para revistas e jornais desportivos ou para as secções desportivas de outras revistas e jornais, bem como agências noticiosas.

2 — Os fotógrafos podem habilitar-se ao concurso com trabalhos sobre qualquer modalidade desportiva.

3 — As fotografias serão enviadas ao CNID acompanhadas da identificação e morada dos concorrentes, bem como do jornal, revista ou agência para que trabalham.

3.1 — Estas referências deverão constar do formulário a preencher pelo fotógrafo concorrente e a fornecer pelo CNID, ficando automaticamente excluído do concurso todo o candidato que omita qualquer dado, não fornecendo a totalidade das informações solicitadas.

3.2 — A cada fotografia corresponderá um formulário, que será apenso ao verso (não colado), por forma a permitir que seja retirado antes da apreciação do júri, ao qual os trabalhos concorrentes serão submetidos apenas sob identificação numérica.

3.3 — Os autores das fotografias premiadas terão que enviar ao CNID os respectivos negativos, desde que solicitados nesse sentido pelo júri ou pela organização.

4 — Podem ser presentes a concurso um máximo de 5 (cinco) fotografias a preto e branco e 5 (cinco) a cores, unicamente em papel (não se aceitam diapositivos), devendo cada fotografia ter um tamanho máximo de 50X60 cm. As que excederem este tamanho serão automaticamente excluídas.

5 — Todas as fotografias devem reportar-se a factos e acontecimentos desportivos ocorridos no ano a que respeita o concurso.

6 — À melhor fotografia em cada uma das categorias — preto e branco e cor — será abribuído um prémio pecuniário de esc. 150 000$00 (cento e cinquenta mil escudos).

6.1 — Para perpetuar o acontecimento será ainda entregue a cada um dos premiados um troféu artístico.

7 — A análise dos trabalhos propostos competirá a um júri composto por 3 (três) membros, cuja escolha pertencerá à organização, não sendo necessariamente constituído por elementos a ela ligados.

7.1 — Um dos membros do júri terá as funções de presidente, cabendo a sua nomeação à direcção do CNID.

7.2 — Ao júri assistirá o direito da não atribuição de qualquer dos prémios, desde que reconheça que as fotografias propostas não apresentam um nível mínimo de qualidade que a justifique.

7.3. — Os membros do júri não podem apresentar trabalhos a concurso.

7.4 — O júri será soberano nas suas decisões, das mesmas não cabendo recurso.

8 — As fotografias enviadas a concurso poderão ser publicadas, sem direitos de autor e com a menção obrigatória do nome do concorrente e da referência «Fotografia enviada ao concurso da melhor fotografia desportiva CNID/PEPSI» ou «Fotografia premiada no concurso da melhor fotografia desportiva CNID-/PEPSI».

81 — Quer o CNID, quer a PEPSI, reservam-se o direito de realizar, com uma selecção dos trabalhos concorrentes, livros ou calendários.

9 — As fotografias propostas a concurso deverão dar entrada na Secretaria do CNID — Clube Nacional da Imprensa Desportiva, na Rua Ferreira Lapa, n.º 4 — 1.º — Letra E — 1100 Lisboa, até 31 de Janeiro de cada ano.

9.1 — O júri reunirá no decurso do mês de Fevereiro seguinte, sob convocação do respectivo presidente, divulgando a organização os resultados logo que dos mesmos tome conhecimento.

10 — A apresentação de candidaturas para o Concurso CNID/PEPSI significa a aceitação pelos concorrentes, sem quaisquer reservas ou restrições, das condições expressas no presente Regulamento.

*Futebol na União Soviética*

# Dassaev escreve sobre violência

O ambiente que por vezes impera nos estádios de futebol, das manifestações de falta de respeito pelos jogadores, e pelos árbitros às rixas nas bancadas, que nada tem de desportivo, afecta profundamente não só a grande massa dos espectadores, como, é óbvio, os próprios futebolistas, provocando com frequência situações indignas de um espectáculo desportivo.

Recordo, amiúde, a minha estreia no Campeonato do Mundo de 1982 em Espanha, Foi em Málaga, perante a selecção da Escócia, cujos adeptos, como se sabe, são internacionalmente conhecidos pelas desordens que criam durante e no final dos jogos. Aí, a meio da primeira parte, um desses escoceses, que se encontrava atrás da minha baliza, atirou-me com uma garrafa de cerveja. Fiquei nervoso, claro. E, apercebendo-se disso, Alexandre Tchivadze correu para mim e gritou-me» : «Calma, Rinat. O que é preciso é jogar. Não ligues a mais nada». Mais experiente do que eu, Sacha compreendera, de imediato, que se não tratava de uma qualquer brincadeira, mas sim de uma tentativa deliberada para me fazer perder a cabeça.

Recordo, amiúde, também, que, em Agosto, eu , Igor Belanov e Alexandre Zavarov tivemos oportunidade de participar num encontro entre uma selecção mundial e uma equipa da Liga de Futebol da Grã-Bretanha no Estádio de Wembley. Entre as várias estreias convidadas para a selecção mundial, o argentino Diego Armando Maradona. E a verdade é, que, sempre que Maradona se apossava do esférico, logo um coro, estridente, o apupava, assim exprimindo o seu desagrado pelo facto, de, no Campeonato do Mundo de 1986 no México, ele haver marcado um golo com a mão à selecção inglesa. Não tenho nada que justificar Maradona, mas penso que esse golo lhe pesará sempre na consciência. Para quê, então, um ano depois, atacar desse modo um futebolista que até esteve ali, em Wembley, como convidado?

Recordo, amiúde, ainda, o tempo em que, acabado de chegar a Moscovo, a convite do técnico Konstantin Beskov, participei, pela primeira vez, num jogo do Spartak, precisamente numa altura em que o clube dava tudo por tudo para regressar à Divisão Superior.

Chegáramos para o jogo. o nosso autocarro, percorrido o trajecto entre Tarasovka e Lujniki, pára perto do estádio, junto á entrada de serviço. E logo é cercado por um apertado anel de adeptos, que já nos aguardavam. A maioria deles, rapazes muito jovens, que nunca se separam dos seus barretes e dos seus cachecóis vermelhos e brancos, mesmo na canícula de Julho. Depois, seguindo pelo estreito corredor formado pela Milícia, ouvimos os seus gritos: «Spartak campeão!»

## Uma ilhota a crescer

É-me um tanto difícil, porém, transmitir a impressão que em mim ficou naquela noite. Pelo jogo e por tudo quanto o envolvia. Parecia que na cidade, nessa noite, nada mais existia para além do futebol.

O jogo, entretanto, reuniu, em seu redor muitos milhares de pessoas. Pessoas diferentes, sim, mas com uma paixão comum: o futebol. Não vi zaragatas. Não ouvi apupos. Não me dei conta de qualquer tipo de animosidade. Nem dentro nem fora do rectângulo. Não pude, contudo, deixar de reparar num grupinho, qual ilhota, dos tais rapazes de vermelho e branco, que, sem cessar, agitavam inúmeras bandeiras.

Tempos volvidos, esssa ilhota começou a crescer. A agitação, no seu seio, tornou-se mais notada. Não era, apenas, o colorido dos bonés e dos cachecóis, a ostentação das bandeiras, a cantata de pequenas quadras. Era já, também a sua «assinatura», os seus «autógrafos», desenhando o emblema do seu clube em tudo quanto é sítio, das paredes aos combóios, e escavacando, por exemplo, cabinas telefónicas.

Movidos pela alienação gerada pela alegria ou pela mágoa, os «fanáticos», como lhes chamam, têm vindo a aumentar. Depois dos vermelhos e brancos, os brancos e azuis, e os negros e brancos. E a aumentar tem vindo, igualmente, a violência que exercem.

A princípio, as pessoas riam-se deles. Não os tomavam a sério. Deles diziam que, e tal, não passavam de um bando de miúdos a armarem-se em valentaços. Coisas de jovens, enfim. Mas não, claro. Afinal, foi um erro.

Se as pessoas, principalmente as mais responsáveis, os tivessem levado a sério, talvez o que se passou recentemente em Kiev pudesse ter sido evitado.

# Modalidades

**Ténis em Silves**

Tiveram já início as aulas da Escola de Ténis da Câmara de Silves, estando inscritos cerca de 50 jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos.

No presente ano lectivo, o monitor é o prof. Jorge Varela e as aulas decorrem de terça a sábado, entre as 14 e as 17 horas.

A Escola de Ténis da C.M. de Silves, funciona com dois campos, situados junto à escola preparatória e está inscrita na federação portuguesa da modalidade desde a época passada.

**S. Silvestre de Santarém**

Organizado pelo Atlético Clube da Avenida (sediado na Rua Almeida Garrett, 54, Santarém) vai realizar-se o III grande Prémio de Atletismo, que terá lugar pelas 21 horas do próximo dia 31 com largada na Avenida dos Combatentes. A prova é aberta a atletas populares e federados de todos os escalões e quanto a prémios diremos que o 1.º classificado na categoria sénior (feminino e masculino) é de 100 mil escudos.

S. R.

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA**

**SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA**

**Direcção-Geral de Energia**

**ÉDITOS**

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Alcochete, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1104, arquivo 7124, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcochete de uma nova linha aérea a 6 KV [ST 06-12-7-2-4 Explosivos da Trafaria (Cara de Anjo) II (ACH-52)] com 948 metros, do poste n.º 14, da linha [ST 06-12-7-2 Variante Passil — Rio Frio, ao PT II n.º ACH-52] Explosivos da Trafaria (Cara de Anjo).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 14 de Outubro de 1987

**Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS,**

**(Assinatura ilegível)**

**MARIA ADELAIDE CRUZ DE OLIVEIRA PINHO ZAGALO E MELO**

Vítima de doença súbita, faleceu ontem de manhã, no Hospital de Santa Maria.

O funeral realiza-se hoje, saíndo o féretro da igreja de Almada para o cemitério desta cidade, às 16 horas.

O seu companheiro e seus filhos agradecem a todas as pessoas que os acompanham neste momento de luto.

*Proeza para o "Guiness"*

# Volta a Portugal com bandeja na mão

Carlos Ferreira, o homem que tem feito longos percursos no País com uma bandeja de empregado de bar na mão, anunciou que vai lançar-se numa volta a Portugal a partir de seis de Março próximo. Em 1985 fez o percurso Braga/Lisboa em seis dias. depois, em 86, pensou em fazer a volta a Portugal, mas os apoios não foram suficientes e acabou por ir de Melgaço a Lisboa, apenas.

Desta vez, não, garante, e, segurando na mão uma bandeja com uma garrafa (de sumo ou água) e um copo, propõe-se dar a volta ao País durante 27 dias, em etapas diárias de 60 a 70 quilómetros.

Para isso reservou já as suas férias no hotel de Lisboa onde trabalha.

Trata-se de «uma volta a Portugal a pé, pela paz, amor, amizade e fraternidade».

Afirma mesmo, em comunicados ilustrados com os símbolos das diversas organizações que, segundo afirma patrocinam a proeza, que no dia seis de Março, às 10 horas da manhã — hora a que deverá partir, junto à Câmara de Melgaço — Portugal «vai ser País palco, capital e catedral da paz, amor, amizade e fraternidade».

«Quero dar e vou dar um grande grito pela paz, amor, amizade, por Portugal inteiro, para que assim o mundo inteiro me (nos) ouça» — proclama.

Entretanto, espera reunir as ajudas suficientes que lhe permitam ter um carro de apoio que o acompanhe e um abrigo para descansar no fim de cada etapa.

«Durante o percurso, conto com o apoio das câmaras e juntas e com todo o carinho do público, para que a minha aventura não seja tão árdua» — diz ainda nos comunicados policopiados que distribuiu.

«O início da volta será feito em frente da Câmara Municipal de Melgaço da parte da manhã, por volta das 10 horas, em direcção a VALENÇA» — explica.

A volta é feita por etapas, com passagem em Melgaço, Valença, Paredes de Coura, Coura, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria, Rio Maior, Lisboa, Setúbal, Grândola, Évora, Lagos, Vila Real de Santo António, Castelo Branco, Vila Real de Trás-os-Montes e Melgaço.

«Necessito de um grande ap;oio, e desde já agradeço a todos e todas as entidades que me vão ajudar e, caso alguém possa reforçar esta iniciativa (porque todos os apoios são poucos) por favor comunique para Carlos Ferreira, telefone, de Lisboa, 521101 ext. 586 das 7 horas às 15 horas» — implora ainda nos seus comunicados.

# BREVE OLHAR SOBRE A DÚVIDA

Neves de Sousa

Pois é: cruzes na boca, que o Madjer lá vai embora, o nosso Carlos Lopes (mais gordinho oito quilos que no princípio do ano) não cortará nenhuma fita branca ao fechar do ano e, enquanto os candidatos à discussão com Amado de Freitas pela futura chefia do Sporting aparecem como co9gumelos, nas Antas vive-se existência faustuosa (com negócios e louros em crescente montanha) e, pelo Benfica, a estabilidade futebolística é tudo o que falta para a águia poder garantir que voa serenamente mas com a máxima ambição.

Aqui perto, a crise do estoril Praia está quase a ser debelada: para render o presidente Júlio Graça está pronto o dr. Carlos Rosa, que foi chefe da edilidade de Cascais, presidente da Bolsa de Valores de Lisboa e, agora, presidente da direcção dos Serviços Sociais do Ministério das Finanças. Finanças, disse eu: e é aí que o Estoril Praia anda com a borda debaixo de água, com muita pena dos bons adeptos do quilate do Alfredo Farinha, que até chora quando os «canarinhos» não estão bem.

Falando de gente abastada: o nosso Paulinho Futre veio passar o Natal ao Montijo e o amigo Manuel Simões (que, em Newhark é conhecido pelo «Fininho» e em Cantanhede comanda o «Marialves») pegou na bolsa e foi ao Brasil buscar mais dois profetas para o «team» do seu coração. Com o Neto e o Dario passam a 198 os brasileiros que acamparam nas duas primeiras divisões do nosso futerbol, onde já existem (também) treinadores, adjuntos, preparadores físicos, massagistas eaté mentalistas com azltos poderes hipnóticos vindos da banda **di lá.** A tal **ponte** de que se falou: claro que apenas funcionando para um lado.

Bem: adiante. Gostava de saber qual é o funcionário da Federação de Futebol que leva o horário passando a pente fino tudo o que é jornal para depois, como um menino queixinhas, apresentar o relatório caça-multas. Dois treinadores, conheço eu que mal podem abrir a boca, logo levam bordoada da grossa: semana sim, semana não, o Raul Águas e o Mário Wilson vão sentindo mão

*Mário Wilson: um quase constante contribuinte para os cofres da Federação de Futebol*

no bolso. Às suspensões juntam-se as multas de muitos milhares de escudos: e agente fica (assim) a compreender como é a Federação vive prosperamente e quase a mudar-se para um palácio, ali para as bandas da Cruz Quebrada.

Enfim: um estudo rubricado pelo nosso companheiro David Borges (e publicado no «Record») dá que pensar. Temos uma fartura de «astros» do pontapé ba bola, aavaliar pelos 44 jogadores que estiveram envolvidos na fase de qualificação para o campeonato europ-eu que, como se sabe, foi um fracasso de todo o tamanho. Será que a gente importa, em doses industriais, brasileiras às toneladas (em lotes de fim de estação) os rapazes que ultimamente têm vestido a camisola das cinco quinas não prestam para nada? É uma dúvida que não chega a atormentar-me: já tirei as minhas conclusões.

# Recordes vão tombando

**Halterofilismo**

O chinês He Zhuoqiang bateu dois recordes mundiais de halterofilismo, na categoria de 52 quilos, ao levantar 117,5 quilos no arremesso, melhorando em um quilo o máximo mundial que já lhe pertencia e com 147,5 quilos no arranco, o levantador chinês totalizou 265 quilos, o que também melhora em meio quilo o recorde mundial que desde há três anos pertencia ao búlgaro Neno Terziski.

Zhuoqiang bateu os recordes mundiais durante os jogos nacionais da China, que decorrem em Cantão.

●

Os búlgaros Mikhail Petrov e Alexander Varbanov estabeleceram dois novos recordes mundiais de halterofilismo, durante a Taça do Mundo a decorer em Seul.

Na categoria de 67,5 kg, Mikhail Petrov, de 22anos, oficial do exército, estabeleceu 158 kg no arranco, mais meio quilo do que o anterior recorde mundial, que já lhe pertencia desde Maio. No arremesso levantou 197,5 kg, mais três quilos do que o anterior recorde, desde 1984 pertença de Andreas Behm, da RDA.

Na categoria de 75 kg, Varnabov de 23 anos, levantou 215,5 kg no arremesso, mais meio quilo em relação ao seu anterior recorde. No total levantou 380,5 kg, batendo a anterior marca mundial de 377,5 kg, que repartia com o seu compatriota Zdravko Velichkov desde 1986.

●

O turco Naim Suleymanoglu bateu três recordes mundiais de halterofilismo na categoria de 60 quilos.

Suleymanoglu levantou 150 quilos no arranco, batendo por dois quilos o anterior máximo mundial, depois elevou de 188 para 188,5 quilos o recorde mundial do arremesso e também ficou com o máximo do combinado, com 338,5 quilos no total.

**Natação**

A norte-americana Janet Evans estabeleceu novo recorde mundial dos 400 metros livres, durante os campeonatos abertos de natação dos Estados Unidos, disputados em Orlando, na Florida.

Janet (de 16 anos) fez 4 minutos e 5.45 segundos, batendo o anterior recorde, que tinha mais de nove anos, e pertencia desde 24 de Agosto de 1978 á australiana Tracey Wickham com 4.06.28 minutos.

A jovem nadadora dos Estados Unidos arrebatara já a Mickhan o recorde mundial dos 800 metros livres em Agosto, marca que a australiana fixara também há 9 anos em 8.24.62 minutos, fazendo 8.22.44 minutos.

No entanto, Evans perdeu o recorde para Anke Woharing, da RDA que fez 8.19.53 minutos nos recentes campeonatos da Europa.

**Salto de Evangelist foi sancionado**

A Federação Internacional de Altetismo anunciou ser válida a marca obtida pelo saltador italiano em comprimento Giovanni Evangelisti, no último Campeonato do Mundo da modalidade, que lhe garantiu a medalha de bronze.

Na declaração oficial de uma comissão técnica da IAAF, constituída por três membros e encarregue de investigar a validade do salto efectuado por Evangelisti, afirma-se que «a competição foi conduzida conforme o respectivo regulamento e os seus resultados finais devem manter-se», nada justificando a sua alteração.

Recorde-se que o treinador italiano Alessandro Donati prestou voluntariamente declarações à Polícia sobre o assunto, afirmando que os resultados de Evangelisti tinham sido intencionalmente falseados, para lhe garantir a conquista da medalha de bronze.

*Quem é quem*

# Nelson Piquet: o rei da Fórmula Um

Nasceu a 17 de Agosto de 1952, no Rio de Janeiro (Brasil) e chama-se Nélson Piquet Souto Maior. Viveu no Rio até que a sua família se mudou para Brasília em 1960, e, presentemente, reside oficialmente em Monte Carlo.

O primeiro desporto que mereceu o interesse de Piquet foi o ténis, e apesar de neste ter alcançado um bom nível, a paixão pela mecânica e pelos automóveis acabou por prevalecer. Assim, ao mesmo tempo que trabalhava na garagem do seu amigo Alex Dias Ribeiro (piloto que não conseguiu fazer carreira na Fórmula 1), dedicou-se ao «karting». Isso aconteceu em 1970, e no ano seguinte sagrou-se campeão do estado de Brasília em 155 $cm^3$. Foi em 1972 que Nélson Piquet participou na sua primeira corrida de automóveis, e nesse mesmo ano ganhou o campeonato de Brasília de Sport 2000.

Em 1974 houve uma corrida de Fórmula 1 em Brasília e Nélson Piquet não podia deixar de viver um tal acontecimento por dentro, por isso arranjou forma de ser contratado como ajudante pela equipa Brabham, não imaginando ainda que quatro anos depois seria piloto oficial desta mesma equipa...

Entretanto, ainda em 1974 participou apenas em duas corridas de Fórmula Super Vê, mas foi quarto no respectivo campeonato nacional, revelando um potencial que viria a estar na base dos bons resultados alcançados nos dois anos seguintes, pois em 1975 obteve o maior número de «pole positions» e de melhores voltas naquela fórmula, e em 1976 sagrou-se campeão de São Paulo e do Brasil de Fórmula Super Vê.

Seguindo os conselhos de Emerson Fittipaldi, Piquet emigrou então para o Velho Continente e terminou em 3.º lugar no Campenato da Europa de Fórmula 3 de 1977, após duas vitórias, dois segundos e quatro terceiros, acompanhados por quatro «pole positions» e outras tantas melhores voltas, tendo sido o piloto que obteve melhor conjunto de pontuações na segunda metade da época.

Em 1978, Piquet concentrou-se no Campeonato de Inglaterra de Fórmula 3, que dominou totalmente. Entretanto, as suas treze vitórias ao longo da época chamaram a atenção dos directores das equipas de Fórmula 1, o que levou Morris Nunn a convidá-lo para pilotar um modesto Ensign-Ford no Grande Prémio da Alemanha, disputado a 30 de Junho de 1978 em Hockenheim. Esta estreia terminou com um abandono, mas o brasileiro viria a fazer ainda mais três Grandes Prémios com um McLaren-Ford privado, estreando-se ao volante de um terceiro. Brabham-Alfa Romeo no Canadá. Nélson Piquet iniciou então uma longa colaboração, que durou sete anos, com a equipa Brabham.

Tendo Niki Lauda como companheiro de equipa, o jovem Nélson Piquet iniciou mal a época, partindo os dois calcanhares na Argentina e não podendo assim participar no Grande Prémio do Brasil. Mas se os resultados não foram brilhantes na sua primeira época de Fórmula 1, como Lauda decidiu retirar-se no final de 79, Piquet viu-se promovido a líder da equipa Brabham para em 1980, conseguindo a sua primeira vitória em Long Beach e ganhando ainda em Zandvoort e Imola, o que lhe valeu o segundo lugar no campeonato.

O talento de Nélson Piquet era já reconhecido por todos, e o título de campeão do Mundo foi para o brasileiro em 1981, após quatro vitórias (Argentina, San Marino, Alemanha e Canadá), acompanhadas por cinco «pole positions», sempre ao volante dos Brabham-Ford, que no ano seguinte foram substituídos pelos Brabham-BMW. A época foi difícil e Piquet apenas ganhou no Canadá, depois de ter feito a «pole» na Áustria, uma vez que a resistência mecânica dos motores alemães era ainda insuficiente, mas em 1983 a sorte mudou e Nélson Piquet voltou a sagrar-se campeão do Mundo, após três vitórias (Brasil, Itália e Europa, em Brands Hatch), tornando-se assim o primeiro piloto a conseguir o título mundial ao volante de uma F1 equipa com motor turbo.

A época seguinte ficou marcada essencialmente pela rapidez de Piquet, que obteve nove «pole positions», igualando assim o recorde já existente, mas o brasileiro apenas ganhou no Canadá e em Detroit. Em 1985, porém, não viria a obter qualquer vitória, anunciando em Itália a sua passagem para a Williams no ano seguinte, onde passaria a dispor, pela primeira vez, dos motores Honda V6 Turbo.

A estreia nesta equipa ficou marcada por uma vitória no Brasil, à qual Nélson Piquet veio a juntar outras na Alemanha, Hungria e Itália, depois de alguns abandonos provocados por pequenos problemas, e o brasileiro esteve até ao final da época em luta pelo título mundial com o seu próprio companheiro de equipa, Nigel Mansell, e com Alain Prost, que veio a surpreender os dois pilotos da Williams na última corrida do ano.

Em 1987, porém, Nélson não deixou fugir o seu terceiro título mundial, tendo-o garantido no Japão, quando já era conhecida a sua transferência para o Camel Team Lotus Honda. O brasileiro sagrou-se campeão do Mundo automaticamente quando Mansell se viu impossibilitado de participar nas duas últimas corridas da época devido a um acidente nos treinos do Japão, mas Nélson Piquet justificou o título com um impressionante conjunto de três vitórias (Alemanha, Hungria e Itália), sete segundos, um terceiro e um quarto lugares.

# HÁ 20 ANOS

## *Apelo de Ho Chi Min*

O presidente Ho Chi Min pediu a todos os vietnamianos, do Norte e do Sul, que reforçassem a luta contra os americanos. O diário Nhan Dan rejeitou as pretensas soluções de paz que o presidente Johnson apresentou antes e depois da reunião de Canberra.

Ho Chi Min fez a sua primeira aparição em público desde há quatro meses para cá. Na opinião dos presentes, o chefe do Estado norte-vietnamiano parece em boa forma.

Segundo uma tradução fornecida por Hanói, Ho Chi Min salientou que a derrota dos imperialista americanos é evidente, mas eles persistem na sua agressão. Por este motivo, os 31 milhões de vietnamianos (17 milhões do Norte e 14 milhões do Sul), novos e velhos, homens e mulheres, deveriam ser 31 milhões de combatentes resolutos.

Foi aprovada uma resolução que exprime a determinação de esmagar qualquer acto de escalada americano. A resolução termina da seguinte forma: Mesmo que a guerra dure 5, 10, 20 anos ou mais, e que Hanói e Haiphong sejam destruídas os vietnamianos estão decididos a conduzir a sua luta contra a agressão até à vitória final.

## *Superlotação do «Metro» nas horas de ponta*

O condutor do comboio deita a cabeça de fora, curioso de saber quando poderá arrancar de novo. E assiste à luta do homem de fato-de-macaco cinzento, de boné na cabeça, que se esforça por fechar completamente uma das portas automáticas, onde se debatem dois braços aflitos.

(De pé, no alto das escadas palacianas da sede do Metropolitano de Lisboa, um administrador da empresa concessionária, dr. Melo Portugal não tem comentários a fazer. Referimos a intervenção do deputado comandate Gabriel Teixeira, nas Assembleia Nacional, em 14 do corrente. O dedo na ferida, a insuficiência evidente em horas de ponta. Responde:

— Mas o homem não diz nada! De resto, que pode ele, um homem da Marinha, saber sobre metropolitanos?)

Insistimos, procuramos saber os projectos da empresa do Metropolitano para, num futuro mais ou menos próximo, alargar a sua rede e resolver os inconvenientes apontados. Ríspido, o sr. dr. Melo Portugal exibe um recorte do nosso jornal de 14 de Dezembro.

— Agora? Agora, que os senhores já publicaram isto? Agora, o Conselho de Administração não tem nada a dizer! — e indica-nos, sublinhado a azul, o título a duas colunas, apenas em duas linhas: É insuficiente a capaciddade do Metropolitano de Lisboa.

## *A mulher do dr. Jivago*

Entrevistado o actor egípcio Omar Shariff para a revista Tempo, de Milão, perguntaram-lhe a sua opinião sobre as mulheres e a preferência na escolha da companheira.

— Quero casar-me — afirmou o protagonsita do Dr. Jivago — com uma mulher à antiga, que cozinhe bem, que me cosa a meias, que me arranje os punhos das camisas!

Uma criada não lhe ficaria mais barata?

# EMPORTUGAL

| | T. 6 h | Min. | Prec. | As 13 h. |
|---|---|---|---|---|
| Bragança | 7 | 7 | 0,0 | Nevoeiro |
| V. Castelo | 14 | 13 | 0,0 | Chuva |
| Vila Real | 9 | 9 | 0,0 | Nevoeiro |
| Porto | 13 | 13 | 0,0 | Neblina |
| Coimbra | 12 | 12 | 0,0 | Chuvis. |
| C. Carvoeiro | 14 | 14 | 0,0 | Encób. |
| C. Branco | 8 | 8 | 0,0 | Neblina |
| Portalegre | 10 | 9 | 0,0 | Neblina |
| Lisboa | 10 | 9 | 0,0 | Neblina |
| Évora | 8 | 8 | 0,0 | Nevoeiro |
| Beja | 7 | 7 | 0,0 | Neblina |
| Faro | 8 | 8 | 0,0 | Limpo |
| Sagres | 9 | 9 | 0,0 | Limpo |
| P. Delgada | 14 | 14 | 0,0 | Chuva |
| Funchal | 14 | 13 | 0,0 | Limpo |

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 16, Porto 15, Faro 16, Ponta Delgada 18, Funchal, 20.

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

# NA EUROPA

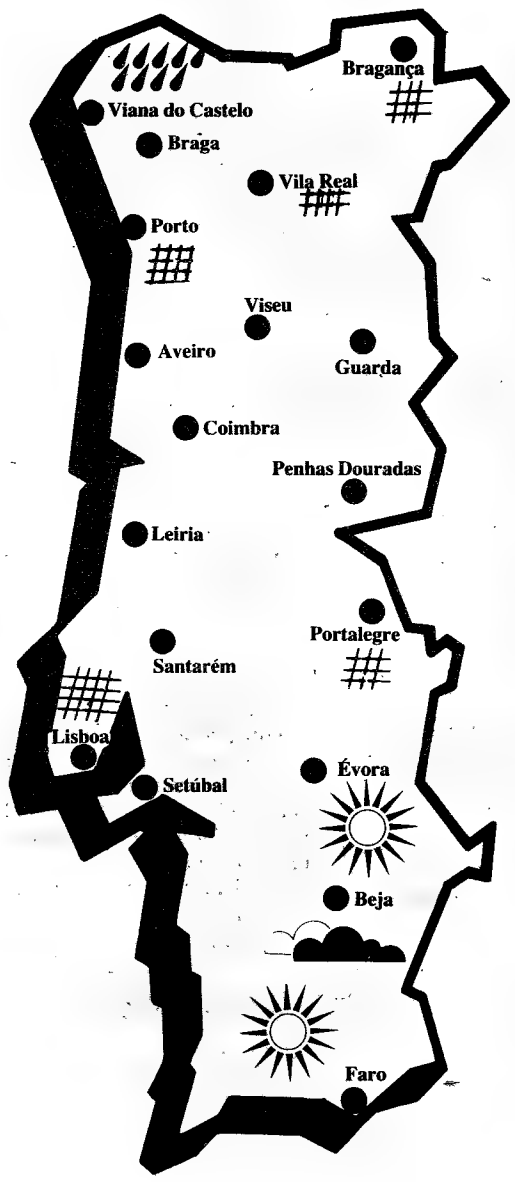
| | Min. | Max | As 18 h. |
|---|---|---|---|
| Madrid | 3 | 3 | Neblina |
| Londres | 8 | 5 | Encoberto |
| Paris | 5 | 3 | Nevoeiro |
| Bruxelas | 6 | 6 | Encoberto |
| Amesterdão | 6 | 6 | Neblina |
| Genebra | 5 | 5 | Neblina |
| Roma | 9 | 9 | Neblina |
| Oslo | 3 | -1 | Muito nub. |
| Copenhaga | 5 | 3 | Muito nub. |
| Estocolmo | 4 | 1 | Encoberto |
| Berlim | 4 | 2 | Neblina |
| Viena | 0 | -1 | Neblina |
| Varsovia | -2 | -2 | Neblina |
| Atenas | 4 | 2 | Muito nub. |
| Moscovo | -1 | -6 | Neblina |

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*

# NO MUNDO

| | Min. | Max | As 13 h. |
|---|---|---|---|
| Caracas | 17 | 26 | Limpo |
| Joanesburgo | 14 | 27 | Chuva |
| Los Angeles | – | – | — |
| Montreal | -1 | 2 | Neve |
| Nova Deli | 8 | 23 | Limpo |
| Nova Iorque | – | – | — |
| R. de Janeiro | 16 | 29 | Nublado |
| S. Francisco | – | – | — |
| Sao Paulo | 17 | 26 | Nublado |
| Toquio | 6 | 14 | Limpo |

*Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm*




# TEMPO

**HOJE**

***No Continente:***

***Regiões do Norte*** – Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de sul e possibilidades de chuvisco no litoral. Neblina ou nevoeiro.

***Estado do Mar*** – Mar de pequena vaga a cavado e ondulação noroeste com cerca de três metros.

***Regiões do Centro*** – Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a manhã no litoral. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro durante a manhã.

***Estado do Mar*** – Mar de pequena vaga e ondulação de noroeste com dois a três metros.

***Regiões do Sul*** – Céu pouco nublado. Vento geralmente fraco. Neblina ou nevoeiro durante a manhã no Alentejo.

***Estado do Mar*** — Na Costa Ocidental: Mar encrespado a de pequena vaga e ondulação oeste de dois a três metros.

***Costa Sul:*** Mar de pequena vaga com ondulação inferior a um metro.

**AMANHÃ**

***Nas regiões do Norte céu muito nublado. Vento fraco a moderado de sudoeste e períodos de chuva fraca. Nas regiões do Centro e Sul céu geralmente pouco nublado e vento fraco. Neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.***

**DEPOIS**

***Céu geralmente pouco nublado nas regiões do Centro e Sul e muito nublado nas regiões do Norte. Vento geralmente fraco do quadrante Leste e neblina ou nevoeiro nas regiões do Norte e Centro.***

***Nos Açores:***

***Grupo Ocidental e Central:*** Céu geralmente muito nublado. Vento muito fresco a forte de oeste. Períodos de chuva.

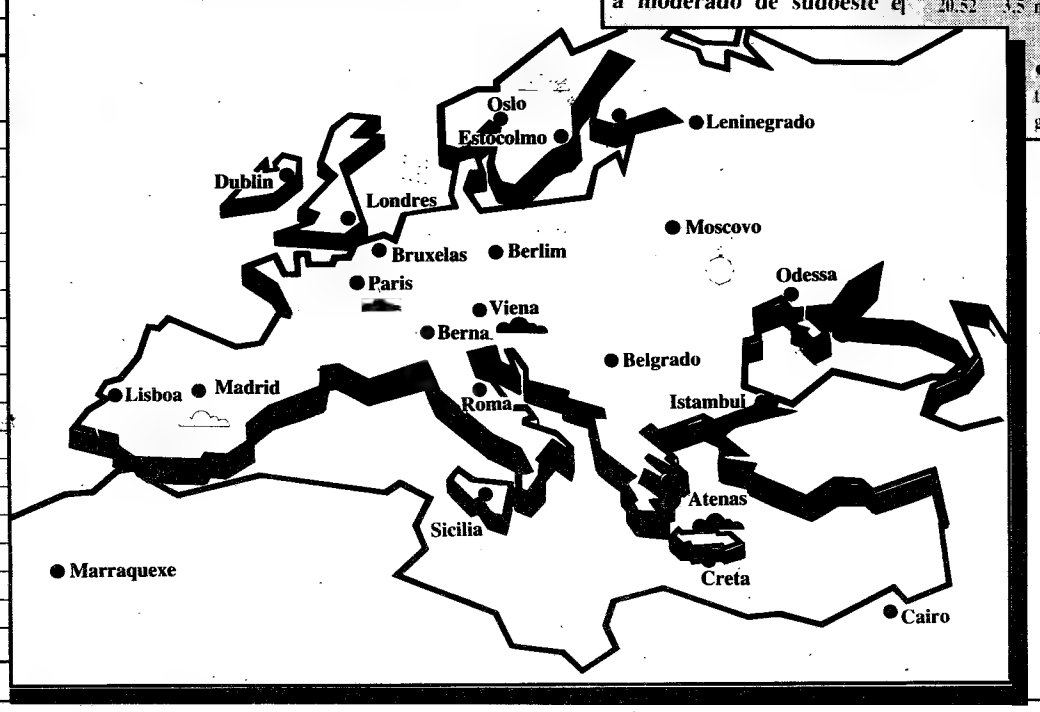
***Estado do Mar:*** Mar cavado a grosso. Vaga de quatro a cinco metros. Ondulação de noroeste.

***Grupo Oriental:*** Céu geralmente muito nublado. Vento muito fresco a forte, de sudoeste, rodando para oeste, e moderado durante a madrugada. Períodos de chuva.

**MARES**

| | Praia-Mar | | Baixa-Mar | |
|---|---|---|---|---|
| Hoje | | | | |
| 7.12 | 4.0 m | | 0.30 | 1.4 m |
| 19.50 | 3.6 m | | 13.16 | 1.3 m |
| Amanhã | | | | |
| 8.11 | 3.9 m | | 1.32 | 1.6 m |
| 20.52 | 3.5 m | | 14.23 | 1.5 m |

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.




• Informação da agência Lusa

# EFEMÉRIDES

**1776** As tropas de George Washington capturam 1:000 elementos inimigos na batalha de Trenton, Nova Jersia, no decurso da guerra de independência dos Estados Unidos.

**1805** Assinatura do tratado de paz de Pressburgo entre a França e a Austria.

**1825** É esmagada uma revolta do exército Russo.

**1827** O Sultão da Turquia, Mohamed II, rejeita o direito dos aliados actuarem como medianeiros na guerra da crimeia.

**1846** É criado, oficialmente, o Banco de Portugal.

**1893** Nasce o dirigente chinês Mao Tse-Tung.

**1898** Pierre e Marie Curie anunciam a Academia das Ciências de Paris a descoberta do elemento rádio.

**1901** Termina a construção do Caminho de Ferro do Uganda, que liga Mombaca ao lago Vitória.

**1938** A declaração do Perú contra qualquer espécie de intervenção estrangeira é aprovada pela conferência Pan-Americana.

**1941** Os Estados Unidos declaram Manila como cidade livre nas Filipinas, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

**1961** As Nações Unidas acusam oficialmente a Rodesia do Norte de ajudar os separatistas do Congo (Catanga) na sua luta contra as forças da ONU.

**1962** Oito refugiados de Berlim Oriental escapam para a zona Ocidental da cidade atirando o autocarro em que seguiam contra as barreiras na zona da fronteira.

**1968** Um jacto das linhas aéreas israelitas é metralhado por guerrilheiros árabes no aeroporto de Atenas.

**1971** 16 veteranos da guerra do vietname apoderam-se, simbolicamente, da estatua da liberdade, em Nova Iorque, para manifestarem a sua posição contra o envolvimento dos Estados Unidos no conflito.

**1972** Morre o antigo presidente norte-americano Harry Truman.

**1974** A URSS coloca em orbitra terrestre a Estação Espacial «Salyut-4», não tripulada.

**1977** O primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, e o presidente egipcio, Anwar Sadat, terminam o seu encontro em Ismailia, no Egipto, sem chegarem a acordo sobre a questão da paz no Médio-Oriente.

**1979** Pela primeira vez na história, o preço do ouro por onça ultrapassa os 500 dólares.

**1984** Os Estados Unidos denunciam ataques vietnamitas a campos de refugiados cambojanos situados ao longo da fronteira cambojana.

**1985** Devido a uma disputa fronteiriça, travam-se violentos combates entre o Mali e Burkina Faso.

CRÍTICA

# "O ÚLTIMO IMPERADOR" de Bernardo Bertolucci

Jorge Leitão Ramos

*John Lone/Pu Yi franqueia pela primeira vez os portões da Cidade Proibida em «O Ultimo Imperador», de Bernardo Bertolluci.*

**O fenómeno que se está a passar com «O Último Imperador», com uma parte da crítica a apoucar o filme, não é novidade na carreira de Bertolucci. Acontecerá-lhe reacção similar com «1900». É o destino de filmes que visam abarcar o infinitamente pequeno e o infinitamente grande?**

As coisas não são tão simples assim, é o que parecem querer dizer todas as opiniões menos favoráveis sobre este filme. Ao tentar tornar claro, ao visar o grande público, ao fazer super-produção, ao conseguir a anuência da República Popular da China para filmar no seu território (em particular no interior da Cidade Proibida), ao falar o seu filme em inglês, Bertolucci escolheu um caminho onde está interdito o enigmático secretismo (que fazia, por exemplo, de «**A Estratégia da Aranha**» um filme turbado e interpelante até ao âmago de cada espectador). «**O Ultimo Imperador**» é o cinema entendido como grande espectáculo, resta é saber se no interior da máquina e dos compromissos a ela inerentes. Bertolucci conseguiu fazer passar o essencial do seu discurso.

Creio bem que sim. Se houvesse que resumir as ideias fortes deste projecto poder-se-ia dizer que o que mais interessa a Bertolucci é a **decadência** e o espectáculo que a ela se associa. Este é um filme sobre o **fim**, não sobre o princípio nem sobre princípios: é muito óbvio que «**O Último Imperador**» não acredita na reeducação, quaisquer que sejam as declarações públicas do realizador a este respeito. As cenas da cadeia só têm o valor de um contraponto, desde o princípio do filme que sabemos a vanidade de todos os espectáculos de poder que nele encontremos. E é essa vanidade que dá todo o peso ao discurso biográfico. A magnificência da Cidade Proibida (a sequência da morte da imperatriz como a da coroação de Pu Yi, ainda criança, são inesquecíveis), a beleza que a envolve, são coisas defuntas, como defuntas são as bandeiras vermelhas da sequência da Revolução Cultural (sente-se que Bertolucci se está a despedir delas — e há um arrepio de tristeza patética em toda a encenação, como se uma verdade terrível surgisse sob a memória romântica dos amanhãs que cantam). O teatro do Poder de Pu Yi é uma prisão, os muros são mais dourados que os do campo de reeducação, mas não menos fechados. E por isso que todos os momentos de Pu Yi jardineiro são banhados por uma tão doce paz. A mesma paz que emana do reencontrado grilo, que se destila da fabulosa elipse que é a morte do imperador, devolvido ao trono, agora apenas cenário para espectadores-turistas.

Se a fotografia de Vittorio Storaro é esplendorosa, nas tonalidades quentes como nos gélidos cinzentos de Manchukwo, se o trabalho de John Lone o coloca ao lado dos maiores actores americanos, se Bertolucci continua detentor de um sentido do movimento dos planos de uma elegância de nos cortar o fôlego, onde encontra este filme os seus calcanhares? Nos vários deslizes para o estereótipo que aqui e ali surgem. A começar na figura de Peter O'Toole (que foge pelos dedos do realizador e fica quase só um emblema), a continuar na da espia ao serviço dos japoneses, na figura de Sakamoto, nos interrogadores de Pu Yi na prisão, por todo o filme há personagens de pouca carne e osso, mais função que gente. Pecado venial, concedamos, mas que retira algum do brilho que este filme arrojadíssimo tem. Pecado que não chega para torcer o nariz a «**O Ultimo Imperador**». E que, afinal de contas, a linhagem de que Bertolucci é herdeiro legítimo já não tem muitos representantes. Houve já quem aventasse que ele é mesmo o derradeiro, o último imperador do cinema. Num momento em que, de tantos lados, tantas nuvens se adensam sobre o cinema, é bom não negar a este filme o lugar singular que plenamente lhe pertence.

FICHA:

**Título original:** The Last Emperor.

**Realização:** Bernardo Bertolucci (GB-1987)

**Argumento:** Mark Peploe e Bernardo Bertolucci (colaboração inicial de Enzo Ungari).

**Fotografia:** Vittorio Storaro.

**Cenários:** Ferdinando Scarfiotti **(production designer)**. Gianni Giovagnoni, Gianni Silvestri, Maria Teresa Barbasso **(art directors)**.

**Música:** Ryuichi Sakamoto, David Byrne e Cong Su.

**Montagem:** Gabriella Cristiani.

**Produção:** Jeremy Thomas.

**Interpretação:** John Lone **(Pu Yi adulto)**, Joan Chen **(Wan Jung)**, Peter O'Toole **(Reginald Johnston)**, Ying Ruocheng **(o director da prisão)**, Victor Wong **(Chen Pao Shen)**, Ryuichi Sakamoto **(Amakasu)**, etc.

**Distribuição em Portugal:** Filmes Castello Lopes.

**Cinemas:** Condes, Londres e S. Jorge 3

**Classificação:** Para maiores de 12 anos.

**Duração:** 160 minutos.

# Ourivesaria em exposição no Porto

Centenas de peças feitas em ouro, prata e filigrana, na sua maioria confeccionadas no concelho de Gondomar, estão em exposição no Palácio da Bolsa, no Porto, testemunhando a arte actual dos ourives da região.

«Mostrar a arte actual dos ourives da região do Norte, embora a mostra inclua algumas peças fabricadas há vinte e há trinta anos» constitui o principal objectivo da iniciativa, organizada pela Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte (AIORN).

A exposição, que estará patente por tempo ilimitado, «é também o corolário do trabalho de muitos anos de ourivesaria, património que é completamente desconhecido do grande público».

A organização propõe-se renovar periodicamente as peças em exposição, garantindo a esta, a apresentação de novidades e um «interesse sempre renovado».

A ideia de mostrar publicamente o património de ourivesaria do Norte de Portugal é fruto de um acordo celebrado entre a AIORN, Câmara Comercial do Porto, Câmara de Comércio e Indústria do Porto e Associação Regional de Protecção do Património Cultural e Natural.

## O Algarve em fotos

Os aspectos mais típicos e originais do Algarve são o tema de uma exposição fotográfica alemã a inaugurar dia 2 de Janeiro na Biblioteca Municipal de Lagoa.

A exposição, constituída por cerca de duas dezenas de trabalhos da autoria dos fotógrafos alemães Wolfgang Muller e Gustav Wittich, mostra um pouco das gentes, da pesca, barcos, mar, terra e casas da região algarvia.

Os dois jovens fotógrafos alemães, membros do grupo «O Projecto Ocidental», apresentaram já esta mostra na cidade alemã-federal de Dusseldorf, sob o patrocínio do Consulado Geral de Portugal.

A exposição esteve também patente na galeria do Armazém Regimental de Lagos, em Agosto passado.

# MUSEU DO BRINQUEDO INAUGURADO EM ÉVORA

Um museu do brinquedo foi inaugurado em Evora numa iniciativa da Associação de Amigos da Ludoteca com o apoio da câmara municipal local.

O novo museu, situado no parque infantil do jardim público, possui um espólio resultante da oferta de particulares e tenta retratar as iversas formas de brincar ao longo do tempo.

Para os responsáveis pela iniciativa, ao contrário do que sucede noutros museus, o Museu do Brinquedo tem a vantagem de não carecer de muito espaço para caminhar no tempo.

Os amigos da ludoteca contestam o facto de muitos considerarem o brinquedo como um objecto pueril por estar ligado à actividade da criança.

«Com efeito, o brinquedo está ligado à actividade da criança mas de uma maneira muito séria, pois brincar para as crianças é como trabalhar para o adulto», sublinha a associação.

Considerando o brinquedo «o companheiro dilecto do período mais importante da vida: a infância», a associação eborense entende que além da sua função lúdica, os brinquedos são também valiosos elementos para o estudo da etnografia, pois representam, em dimensões reduzidas, os objectos da vida real e através deles se pode estudar a identidade de um povo.

«Ainda hoje existem brinquedos de pedra e de bronze, que nos elucidam como brincavam as crianças há mais de 3000 anos», afirma a associação, que considera que o novo museu «poderá vir a ser motivo de orgulho para a cidade de Evora».

No novo espaço podem ser vistos vários brinquedos fabricados em diversas matérias que tentam ilustrar a sua evolução ao longo dos tempos.

# Cinema: os mortos em 1987

O ano de 1987 levou famosas estrelas do cinema e do espectáculo, como Fred Astaire e Rita Hayworth.

O famoso bailarino tinha 88 anos quando morreu e a não menos famosa vampira das décadas de 40/50, tinha 68 anos.

Também faleceram os actores Lee Marvin, Randolph Scott, Robert Preston, Jackie Gleason, James Coco, Richard Egan, Lorne Green, Dean Paul Martin e as actrizes Geraldine Page, Hermione Gingold, Elizabeth Harman e Mary Astor.

Na lista dos falecidos em 1987 há que acrescentar os nomes dos realizadores John Huston, Clarence Brown, Bob Foster e os produtores Quin Martin, Joseph Levine e Mervyn Leroy e o popular pianista Liberace.

CRÍTICA

# "O MICRO-HERÓI" de Joe Dante

Jorge Leitão Ramos

**COMEÇA a ser lugar-comum falar no infantilismo do «Spielberg touch»? Começa. Mas a verdade é que ele continua a dar razão aos seus detractores.** «O Micro-herói» **é apenas o mais recente exemplo.**

Há um antecedente respeitável na área das aventuras de humanos miniaturizados, em trânsito pelo interior do corpo humano: é a «**Viagem Fantástica**», de Richard Fleischer, já com mais de vinte anos nas costas (o filme é de 1966), mas que continua a poder medir-se e a vencer o confronto com este recentíssimo filme de Joe Dante, produzido por Steven Spielberg, mesmo em domínios — como o dos efeitos especiais — em que operar em 1987 está não a vinte e um, mas a anos-luz de 1966.

Dir-se-á que a comparação não faz inteiro sentido porque a postura e os objectos dos dois filmes são incomparáveis: Fleischer trabalhava num registo de ficção científica, Dante está na mescla entre a comédia e a aventura. É verdade. Mas porque é que a comédia-aventura de Dante/Spielberg há-de, desde o princípio, ser tão declaradamente para adolescentes acéfalos, porque há-de alinhar, de modo tão rasteiro, numa de inverosimilhança, o que interessa é movimento e divertimento para passar o tempo? Porque é que o cinema não pode ser uma coisa inteligente, em vez de usar a descontracção e a habilidade para que nenhum dos neurónios do cérebro seja solicitado? Porque é que há-de ser tudo com sabor a «fast food»?

Não se trata de negar engenho na fabricação destes produtos, trata-se já de uma espécie de virose que está a fazer pensar muita gente que o cinema é isto, esta ausência de ética, este mundo onde vale tudo menos pensar um bocadinho que seja. Trata-se de dizer não à acefalia. Ou, melhor, trata-se de não confundir **isto** com cinema, se quisermos que Lang, Hitchcock, Vidor, Welles, Truffaut ou Tarkovski não estremeçam nos seus túmulos de eterno descanso. Trata-se de dizer que **isto**, como os hamburgers, pode ser consumido , mas não é propriamente manjar que se recomende.

**FICHA:**

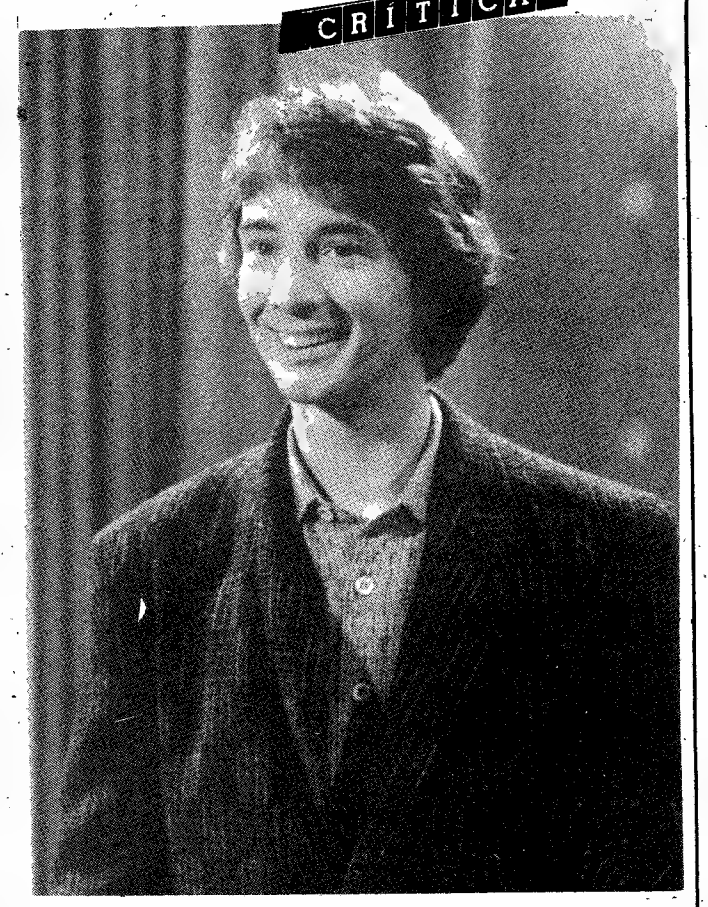
**Título original:** Innerspace.
**Realização:** Joe Dante (EUA — 1987).

**Argumento:** Jeffrey Boam e Chip Proser.
**Fotografia:** Andrew Laszlo.
**Cenários:** James H. Spencer **(production designer).**
**Música:** Jerry Goldsmith.
**Montagem:** Kent Beyda.

**Interpretação:** Martin Short **(Jack Putter),** Dennis Quaid **(Pendelton),** Meg Ryan **(Lydia),** Vernon Wells **(Igoe),** Fiona Lewis **(Margaret),** Kevin McCarthy **(Scrimshaw),** etc.

**Distribuição em Portugal.** Columbia-Warner.

**Cinemas:** Avila, Castil, Império e Terminal.
**Classificação:** Para maiores de 12 anos.



*Martin Short é o protagonista desta comédia-aventura feita para a idade mental de seis anos...*


# Réveillon 87/88

obviamente...

no Casino Estoril

FAFÁ DE BELÉM
FERNANDO PEREIRA
AMÁLIA RODRIGUES

DUAS ORQUESTRAS
60 ARTISTAS EM PALCO
ESPECTÁCULO TOTAL

Reservas:
Telf: 2684521
Telex 12660

Patrocínio:
TAP AIR PORTUGAL

Casino Estoril

Os bilhetes deverão ser levantados até 28 de Dezembro



# FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

**SERVIÇO DE MÚSICA**
**Temporada de Música e Bailado**
**Janeiro/Fevereiro**
**AGRUPAMENTOS**

Orquestra Gulbenkian, The Israel Chamber Orchestra, Alba Musica Kyo, Capela Lusitana, Lindsay String Quartet, Melos Quartet, Coro Gulbenkian, Ballet Gulbenkian

**MAESTROS**

Fernando Eldoro, Ivan Fischer, Stephen Bishop-Kovacevich, Jerzy Maksymiuk, Jorge Matta, Shlomo Mintz, Viatcheslav Ovtchinnikov, Álvaro Salazar, Claudio Scimone

**SOLISTAS**

piano: Daniel Barenboim, Stanislav Bunin, François-René Duchable, Miguel Henriques, Adriano Jordão, Emile Naoumoff
órgão: Dorthy de Rooij
violino e piano: Igor Oistrakh/Eugene Epstein, Dmitry Sitkovetsky/Bella Davidovich
violino barroco, cravo e violoncelo: Marie Leonhardt/Ana Castro/Luísa Vasconcelos
violoncelo e piano: Yo-Yo Ma/Kathryn Stott
contrabaixo: Fernando Grillo, Stefano Scodanibbio
clarinete e piano: António Saiote/Jorge Peixinho
trombone e piano: Emídio Coutinho/Mário Laginha
canto: Michel Brodard, António Wagner Diniz, Jacqueline Mayeur, Jennifer Smith, Mark Tucker

**CALENDÁRIO DA BILHETEIRA: 28 de Dezembro – Início da venda avulso**

**Programas pormenorizados, com preçário, em distribuição nas bilheteiras e recepção da Fundação Gulbenkian**

*Acerca da Exposição de Arte da RDA*

# UM DIÁLOGO PRODUTIVO COM O PÚBLICO

**Prof. Willi Sitte (*)**

Panorama DDR

**EM Outubro passado, em Dresden, a X Exposição de Arte da RDA abriu as suas portas. Se por sta ocasião pego na caneta e escrevo estas linhas não é com a intenção de avaliar a exposição, mas sim, e antes de mais, para expressar porque é que este evento é tão importante para nós, os artistas, porque é que os pintores, gráficos, escultores, desenhadores, fotógrafos, caricaturistas, cenógrafos, «designers» e artesãos mostram as suas obras em Dresden.**

Para nós, é importante ver qual o uso que o público desta exposição faz das nossas obras. Não me refiro somente aos números de visitantes que são impressionantes e muitas vezes mencionados. Em 1946, quando se realizou a nossa primeira exposição de Dresden, contámos com 74 000 e, na IX Exposição de Arte em 1982/83 com mais de um 1 milhão. Refiro-me sobretudo ao espírito aberto com o qual os homens encaram o nosso trabalho. Para nós é emocionante observar a curiosidade e concentração, a atenção e persistência com que a maioria dos visitantes contempla as obras. Sentimos que muitos visitantes vieram com grandes expectativas. Esperam obter respostas às questões da vida através das pinturas, gravuras e esculturas expostas no «Albertinum», ver algo que os afecta eles próprios, que corresponde aos seus pensamentos, sentimentos aos seus conflitos e anseios.

As obras de arte aplicada expostas nos pavilhões na Fucikplatz são avaliadas como critério, se servem ou não para enriquecer a vida quotidiana, o nosso meio ambiente. A arte socialista como um meio para o entendimento daquilo que sensibiliza o artista e o público; é esta a função que de cinco em cinco anos esta exposição tradicional cumpre.

### Reflexão sobre ideais e valores

Também nesta X Exposição de Arte o visitante encontra obras das artes plásticas e aplicadas que, pela diferença das suas formas de expressão põem em relevo a riqueza humana de uma arte quando é dedicada à realidade. No «Albertinum» encontram-se quadros e esculturas que formulam as questões existenciais urgentes da nossa época e expressam a necessidade que os homens têm de harmonia e auto-realização, obras que tomam posição com empenhamento na luta actual pela preservação da paz. O público irá dizer em que medida se conseguiu atingir de facto o observador.

Mas, já se pode afirmar: nas suas obras os artistas levantam a questão sobre o sentido da vida, a qualidade das interelações humanas. Eles querem transmitir ideias e valores, perguntam o que é que liga o Presente ao Futuro e à História, como é que nós tratamos as nossas utopias, recordações e experiências. Se se observarem os quadros existentes nesta exposição, e cujo tema são os operários, reconhece-se que os artistas colocaram a eles próprios o objectivo de tornar visível a significância da cada homem em toda a normalidade do quatidiano, de mostrar a sua individualidade.

Mas também as obras de arte em relacionamento com a arquitectura, com o «design» industral como artesanato, a arte aplicada, a fotografia, caricatura e cenografia, cada um à sua maneira, pretendem que se reflita sobre os valores humanos. O alcançar somente efeitos ópticos interessantes com os seus objectos ou as suas imagens é o que pretendem cada vez menos os artistas que trabalham nos domínios da arte aplicada. Antes pelo contrário, aspira-se a um mundo pleno de objectos e quadros que permitam que os homens se experimentem e gozem com o seu uso e utilização quotidianos, pondo à prova os seus sentidos como indivíduos.

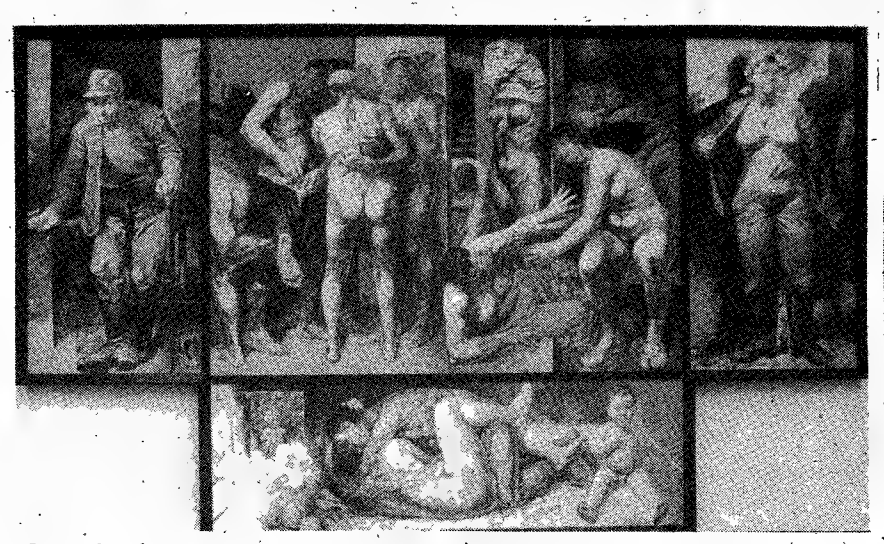
E óbvio que nem todas as obras desta exposição irão ter somente admiradores. Quem ficar admirado por isso, deve recordar-se que o efeito social da Exposição de Dresden assenta no resultado de discussões intelectuais, de atritos entre os observadores e as obras. A maior parte das vezes o público assimila as «suas» obras através da contradição — e é precisamente esta estimulante formação de opiniões que aproxima artistas e público.

### Pela prosperidade das artes

O facto de hoje, no nosso país, a arte progressista se cruzar com um público espiritualmente tão aberto é uma manifestação da ligação com o povo.

Nós sabemos que este clima de abertura às artes, em que o nosso trabalho pode prosperar, é o resultado do trabalho dedicado de várias gerações de artistas e de uma generosa política cultural na RDA.

Se aproximadamente vinte por cento das obras de pintura, gravura e escultura, integradas nesta X Exposição, foram concebidas por encomendas públicas, então isso é uma prova que as condições sociais e a atmosfera espiritual são propícias para a prosperidade das artes. E digno de assinalar que no âmbito das artes aplicadas também cresce o número das obras feitas por encomenda.



*O quadro de quatro tábuas, de Willi Sitte «Sauna numa zona rural», uma das obras expostas da X Exposição de Arte da RDA, até 3 de Abril de 88*

*Uma das salas da exposição, no «Albertinum», em Dresden. Em primeiro plano, uma escultura em bronze de Heinrich Apel, «Trabalho na Pedra»*

O interesse universal pelas artes, que mais uma vez vivemos e experimentamos em Dresden, é também um resultado do trabalho dos nosso museus e gggalerias, das iniciativas das Pequenas Galerias da Liga da Cultura, surgidas nos últimos anos, das empresas, do comércio de objectos de arte e das casa de cultura.

Indispensável para este desenvolvimento é também a diligências e a participação dos jornais, revistas e da televisão. Não me refiro somente às informações e à crítica, nem apenas ao facto do artista e da arte se puderem apresentar, refiro-me, sobretudo à possibilidade de poder comunicar com o público, de saber como este acolhe a exposição. Poque nos diálogos que os visitantes travam perante as obras — às vezes até só vivas discussões em meio de grupos — exprimem-se tantos pensamentos importantes que merecem ser introduzidos na discussão pública sobre arte.

Descobrir e reflectir as grandes transformações que houver na vida do nosso povo e do indivíduo, aquilo que foi alcançado e que ainda fica por fazer, eis um vasto campo de ensaio para todos os que trabalham no sector da cultura e que entendem a arte como sendo uma arma na luta pelo progresso social, disse Erich Honecker, secretário-geral do Comité Central do PSUA no seu relatório ao XI Congresso do PSUA. Estas palavras são por nós consideradas como um encorajamento para o nosso trabalho.

**(*) Presidente da União dos Artistas Plásticos da República Democrática Alemã.**

# Obra de arte para os 150 anos da AIP

Uma obra de arte, a colocar na Praça das Indústrias, em Lisboa, vai assinalar os 150 anos da Associação Industrial Portuguesa.

O projecto da obra, escolhido através de concurso, é da autoria de Paulo Manuel da Silva Vae, residente no Porto. Recebeu um prémio de mil contos.

O segundo prémio foi conquistado por Armindo Alípio Pinto (escultor), José Manuel Dias de Almeida (arquitecto) e Jorge Maria Silvério (engenheiro civil). O terceiro prémio coube a Rui Miguel Rocha de Macedo Palma.

O júri, presidido por Joaquim da Silva Pinto, vice-presidente da AIP, foi constituído pelos escultores Gustavo Bastos e Hélder Baptista e pelos arquitectos Margarida Cardoso, Sena da Silva e Luís Filipe Alves.

# Canção de Natal mais conhecida no mundo já tem cento e sessenta e nove anos

Uma avaria no órgão da igreja de São Nicolau, numa aldeia austríaca, há 169 naos, deu origem a «Noite de Paz, Noite de Amor», hoje a canção de Natal mais conhecida no mundo.

Assim, quer se esteja na celebração de «La Navidad» em Espanha, «Karaesony» na Hungria, «Kaledos» na Lituânia, «Christams» em Inglaterra, «Roshdestvo Khrista» na União Soviética, ou «Noel» em França, aquela canção é a mais ouvida no mundo nesta época festiva.

Foi composta pelo professor primário austríaco Franz Xaver Gruber, com letra de um amigo — o padre Franz Mohr.

Cantada pela primeira vez em 25 de Dezembro de 1818, na missa da meia-noite na pequena igreja rural de Oberndorf, perto de Salzburgo, resultou de um pequeno incidente.

Uma avaria do órgão da igreja de São Nicolau, dois dias antes do Natal, fez com que, perante a aflição de não haver acompanhamento musical nessa festividade, o padre Mohr redigisse numa noite um simples texto, para que o seu amigo, o professor primário Franz Gruber, compusesse uma melodia para ser acompanhada à guitarra.

O som encantou os fiéis e ninguém lamentou que o órgão estivesse avariado.

No mundo de então, a canção original «Stille Nacht, Heilige Nacht» (Doce Noite, Santa Noite) tornou-se rapidamente conhecida, mas os seus autores apenas sairam do anonimato 36 anos depois.

Um grupo de cantores tiroleses começou por tornar o cântico célebre na Prússia — o rei Frederico Guilherme III, apaixonado pela canção, mandava-a cantar pelo coro da catedral de Berlim no Natal — e depois em Nova Iorque, ondeno Natal de 1839 a canção foi pela primeira vez cantada, frente ao monumento de Hamilton.

Foi apenas em 1854 que um manuscrito enviado de Salzburgo à corte real da Prússia indicou o nome da canção e do seu autor, mas longas disputas sobre a sua autenticidade fizeram com que Franz Xaver Gruber, que morreu em 1863, nunca tivesse sido reconhecido oficialmente como o autor da «Stile Nacht, Heilige Nacht».

O seu amigo, Joseph Mohr, tinha morrido muito antes, em 1848.

Actualmente, milhares de turistas visitam anualmente Oberndorf, onde placas comemorativas e museus reproduzem a história da canção e a vida dos seus autores.

teatro da Cornucópia

**Edward Bond**

**GRANDE PAZ**

**TRILOGIA DA GUERRA**

SEGUNDA PARTE

Texto admirável/ um trabalho a que apetece chamar perfeito/ Alda Rodrigues – uma das grandes criações do teatro português dos últimos anos/ o colectivo funciona admiravelmente – **Carlos Porto – «DL».**

Desempenho notável de Alda Rodrigues/ profundo saber teatral/ um espe ;táculo de profunda reflexão e de chamada de atenção – **E. Vasques – «Expresso».**

Imperdoável perder/ um trabalho excepcionalmente interessante/ um excelente naipe de actores/ impressionante a interpretação de Alda Rodrigues.

**J.V. Lemos – «D.N.»**

"Alda Rodrigues tem uma interpretação de assombro."

**TITO LÍVIO — «Capital»**

"um espectáculo que dignifica o teatro em Portugal e o teatro em geral / um triunfo."

**RIO DE CARVALHO — "Jornal de Letras"**

"um momento de elevadíssima qualidade artística / espectáculo de grande fôlego / genial interpretação de Alda Rodrigues / perfeição do conjunto / magnífica orquestração do desespero e do amor."

**M. HELENA SERÔDIO — "O Diário"**

**DESCONTOS A JOVENS E A GRUPOS**

3.ª, 4.ª e 5.ª-feira às 20.30 h

6.ª e sábado às 21 h

domingo às 16 h

**TEATRO DO BAIRRO ALTO**

R. Tenente Raul Cascais, 1-A

1200 Lisboa — Tels. 66 15 15/66 92 05

Sub. SEC

## Alfas Triplex
— T. 806496

### Alfa 1
**O SICILIANO**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

### Alfa 2
**TRINITÁ COWBOY INSOLENTE**
**(maiores 6 anos)**
13.45, 16.15 e 18.45 h

### Alfa 3
**O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

### Alfa 4
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
**(para todos)**
13.30, 15.30, 17.30 e 19.30 h

### Alfa Club
**A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO**
**(maiores 12 anos)**
13.30, 15.30, 17.30 e 19.30 h

### Amoreiras 1
**O SICILIANO**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

### Amoreiras 2
**O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

### Amoreiras 3
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
**(para todos)**
13.30, 15.30, 17.30 e 19.30 h

### Amoreiras 4
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
**(maiores 6 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

### Amoreiras 5
**OS INTOCÁVEIS**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

### Amoreiras 6
**CRIMES DO CORAÇÃO**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.45 e 19.45 h

## Apolo 70
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
**(maiores 6 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

## Ávila
— T. 539930
**MICRO-HERÓI**
**(maiores 12 anos)**
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Berna
— T. 776098
**O SICILIANO**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

## Capitólio
— T. 372358
**SEXO DE OURO**
**(maiores 18 anos)**
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil
T. 530194
**MICRO-HERÓI**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45 e 19.00 h

## Cinebolso
**LOUCAS POR SEXO**
**(maiores 13 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
(maiores 18 anos)

## Cine Camões
T. 324194
**A PANTERA ATACA**
**(maiores 13 anos)**
14.15, 16.30 e 21.30 h

## Cine 222
— T. 533253
**CROCODILO DUNDEE**
**(n/acons. m. 18 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**O JOGO DO FALCÃO**
**(maiores 6 anos)**
24.00 h

## Cine Portela
— T. 9434773

### Estúdio Amadeu
**ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO**
**(maiores 18 anos)**
16.00 h

### Estúdio Sheza
**QUEM É AQUELA GAROTA**
15.30 h

## City Cine
— T. 549999
**O PODER DO SILÊNCIO**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45 e 19.00 h

## Condes
— T. 322523
**O ÚLTIMO IMPERADOR**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

## Eden
— T. 320768
**TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

## Estúdio
— T. 555134
**NOVE SEMANAS E MEIA**
**(maiores 18 anos)**
14.30, 16.45 e 19.15 h

## Estúdio ACS
— T. 887255
**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
**(maiores 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444
— T. 768078
**O QUERIDO LILÁS**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

## Fonte Nova
— T. 7145109

### Sala 1
**SARILHOS À DESFILADA**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Sala 2
**TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
**(maiores 12 anos)**
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

### Sala 3
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
**(maiores 6 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Fórum Picoas
**NÃO HÁ CINEMA**

## Gemini
— T. 734009
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
**(para todos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

## Hollywood
— T. 806847

### Sala 1
**OS MARADOS NO PARAÍSO**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### Sala 2
**SARILHOS À DESFILADA**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

## Império
— T. 555134
**MICRO-HERÓI**
**(maiores 12 anos)**
14.15, 16.30 e 19.00 h

## Las Vegas
— T. 631162

### Sala 1
**OS MARADOS NO PARAÍSO**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

### Sala 2
**SARILHOS À DESFILADA**
**(maiores 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

## Londres
— T. 801313
**O ÚLTIMO IMPERADOR**
**(maiores 12 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Mundial
— T. 538743

### Sala 1
**O SICILIANO**
**(maiores 16 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

### Sala 2
**O CAÇA POLÍCIA – PARTE II**
**(maiores 12 anos)**
13.30, 15.30, 17.30 e 19.00 h

### Sala 3
**O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

## Nimas
— T. 574362
**NADINE, UM AMOR À PROVA DE BALA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Odeon
T. 326283
**LOUCA ACADEMIA DE RECRUTAS**
**(maiores 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Olímpia
T. 325309
**SEXY, SEXY**
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
**(Int. men. 18 anos)**

## Pathé
— T. 821933
**A LENDA DA FLORESTA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30 e 21.00 h

## Politeama
T. 326305
**TRINITÁ-COWBOY INSOLENTE**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.30 e 19.00 h

## Quarteto
T. 771378

### Sala 1
**ISHTAR**
**(maiores 6 anos)**
14.30 e 16.45 h

### Sala 2
**PRENDAS DE NATAL**
**(maiores 12 anos)**
14.30 e 16.45 h

### Sala 3
**MELO**
**(maiores 16 anos)**
14.30 e 16.45 h

### Sala 4
**O SACRÍFICIO**
**(maiores 12 anos)**
15.00 h

## Roma
T. 889192
**TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
**(maiores 12 anos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

## Roxy
T. 548560
**ROCKY – IV**
**(maiores 12 anos)**
15.30,, 18.30 e 21.15 h

## S. Jorge
T. 579144

### Sala 1
**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
**(maiores 12 anos)**
*Por ser véspera de Natal não se efectuam as sessões da noite*
15.30 e 18.30 h

### Sala 2
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
**(maiores 6 anos)**
*Por ser véspera de Natal não se efectuam as sessões da noite*
14.00, 15.45, 17.30 e 19.15 h

### Sala 3
**O ÚLTIMO IMPERADOR**
**(maiores 12 anos)**
*Por ser véspera de Natal não se efectuam as sessões da noite*
14.15 e 17.45 h

## 7.ª Arte
— T. 730715
**ISHTAR**
**(maiores 6 anos)**
15.00, 17.00, 19.10 e 21.45 h

## Star
— T. 804210
**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
**(maiores 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45 e 19.45 h

## Terminal
— T. 371573
**MICRO-HERÓI**
**(maiores 12 anos)**
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

## Tivoli
— T. 570595
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E A BIANCA**
**(Para todos)**
14.00, 16.30 e 19.00 h

## Turim
T. 706666
**A CARAVANA DA CORAGEM**
**(maiores 6 anos)**
15.00, 17.30 e 21.30 h

## Xenon
T. 368480
**OS MARADOS NO PARAÍSO**
**(maiores 6 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Linha de Sintra
**AMADORA — Cineteatro** — «Força Delta», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
**AMADORA — Cinestúdio** — «Os Intocáveis», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
**AMADORA — Babilónia** — «Ishtar», às 14.00, 16.30 e 19.00 h (maiores 12 anos).
**ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby** — «Caça-Polícias – parte II», às 15.30 h (maiores 12 anos).
**CACÉM — Cinestúdio Flores** — «Crocodilo Dundee», às 15.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).
**MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme** — «Caça-Polícias – parte II», às 15.30 h (maiores 12 anos).

## Linha de Cascais
**ESTORIL — Casino Estoril** — ENCERRADO
**ALGÉS — Cinema 2000** — «Os Intocáveis», às 15.30 h (maiores 16 anos).
**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «O Segredo do Meu Sucesso».
**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Arizona Júnior», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).
**Sala 2** — «A Força Delta», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Jardins de Pedra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
**CASCAIS — Miramar — Sala 1** — «Caça-Polícias – parte II», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
**Sala 2** — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h (maiores 12 anos).

## Outra Banda
**ALMADA — Academia** — «Micro-Herói», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
**ALMADA — Cinestúdio Almada** — «Nadine, um Amor à Prova de Bala», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
**ALMADA — Incrível Almadense** — «Os Três Mundos de Momo», às 15.30 e 21.30 h.
**COVA DA PIEDADE — Clube Piedense** — «A Mais Louca Odisseia no Espaço», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «O Segredo do Deserto», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
**Sala 2** — «Encontro Inesquecível», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).
**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Piratas», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

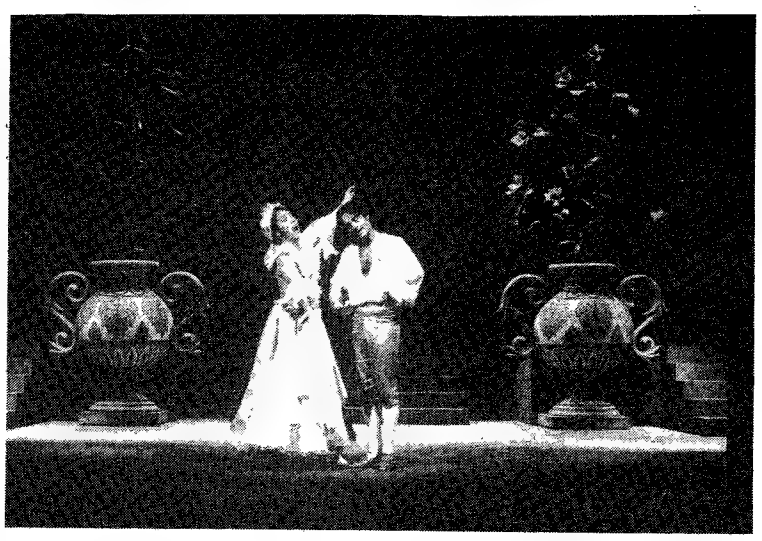
# GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

O Teatro Nacional D. Maria II mantém em cena, até ao fim do ano, a ópera-bufa de António José da Silva, instituladа «Guerras do Alecrim e Manjerona».

António José da Silva, notável comediógrafo, poeta e advogado, mais conhecido por **O Judeu**, nasceu no Rio de Janeiro em 1705. Regenerou o teatro nacional com as suas comédias, cheias de graça e de espírito inventivo. Inculpado de judaísmo, embora fosse católico, por sentença da Inquisição, foi condenado à morte e queimado vivo, em Lisboa, no ano de 1739.

Com encenação de Carlos Avilez, cenários e figurinos de Helena Reis, e música do maestro Jorge Machado, este espectáculo é interpretado por Carlos Pimenta, João de Carvalho, Manuel Coelho, Paula Mora, Catarina Avelar, São José Lapa, Fernanda Borsatti, António Anjos, Vítor Ribeiro, Vítor Telles e Afonso de Melo.

De terça a sábado, às 21:30, com tardes aos sábados e domingos às 16 horas, se ainda não viu, pode ver até ao fim do ano esta divertida comédia, em cena na Sala Garrett do Teatro Nacional.



## EXPOSIÇÕES

**GULBENKIAN**: a exposição itinerante subordinada ao tema «Portugal Pioneiro dos Descobrimentos».
**AZAMBUJA** (Casa da Cultura da Câmara Municipal): até 3 de Janeiro, exposição de trabalhos em pétalas de rosas e óleos da autoria de Maria José Mano «Ti Bé».
**CASA DA IMPRENSA** (R. da Horta Seca, 20): Exposição de Pintura «Colectiva de Natal» até 31 de Dezembro com trabalhos de Costa Martins (4 óleos), Hilário (3-óleos e acrílico), Joaquim Lourenço (4 óleos), Miguel Barbosa (4 acrílicos) e Roberto Chichorro (4-acrílico e aguarelas). Patente de segunda a sexta das 10 às 20.
**GALERIA FONTE NOVA** (Est. de Benfica, 503): «A Fonte Nova Marca/87», uma colectiva com trabalhos de Augusto Cabrita, Carlos Lança, Danilo Gouveia, F. Gaia, Figueiredo Sobral, F. Oliveira, Germano Santo, H. Morato, José Belém, Kira, Sam e Zita. Patente até 6 de Janeiro, todos os dias das 10 às 24.
**GALERIA DA VINCI** (R. de Belém, 75): colectiva de artistas gráficos checoslovacos, organizada pelo «Art Centrum» com o apoio da Embaixada da Checoslováquia em Lisboa. Até 5 de Janeiro, nos dias úteis das 13,30 às 19, sábados e domingos das 15 às 19.
**MERIDIEN PORTO** (salão Sagres): exposição colectiva de Artes Plásticas «74-87 Reviver a Amizade com Júlio Resende»
**MERIDIEN LISBOA**: até 29 de Dezembro, exposição de Estanho e Tapetes de Arraiolos, de Alfredo Osório Mora e Rosinda dos Santos. Todos os dias, das 9 às 23 horas.
**SEC** (Delegação Regional do Norte-R. António Cardoso, 175, Porto): até 26 de Dezembro, uma exposição de arte postal, incluindo trabalhos de doze artistas homenageantes de Amadeo de Souza Cardoso. Em simultâneo foi lançada uma serigrafia realizada em colectivo pelos mesmos doze - 50 exemplares assinados pelos 12 autores: Angelo de Sousa, Augusto Canedo, Carlos dos Reis, Emerenciano, Emília Alírio, Fernando Osório, Isabel Cabral, José Paiva, Luisa Gonçalves, Rodrigo Cabral, Rui Pimentel e Zulmiro de Carvalho.
**GALERIA DA A A COIMBRA** (R. Padre António Vieira-Coimbra): Colecção de Fotografia Contemporânea do Centro de Estudos de Fotografia, até 31 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20.
**GALERIA ALMADA NEGREIROS** (Av. da República, 16): a exposição «O Natal», numa iniciativa da secretaria de Estado da Cultura e do Museu de Grão Vasco, de Viseu.
**GALERIA ARTEMIXTA** (R. de S. Domingos à Lapa, 6): exposição «Trabalho Marginal do Artista».
**RESTAURANTE ESCORIAL** (Sala de Arte-R. das Portas de Santo Antão, 47): exposição de Pintura de António Colaço até 7 de Janeiro.
**GALERIA DO CASINO ESTORIL**: pintura dos espanhois Ana Zarrabe, António Joaquim e Ortiz Alfau. Até 10 de Janeiro, diariamente das 15 às 24.
**PALÁCIO DOS CORUCHEUS**: até 30 de Dezembro, pintura de Fernanda Igrejas, Elizabete Figueira, António Ferreira e Lobélia Pinto. Patente segundas e terças das 14 às 18, restantes dias úteis (excepto 24 e 25) das 14 às 17,30.
**AUDITÓRIO DO CESL** (R. Almirante Barroso, 3): até 30 de Dezembro, subordinada ao tema «20 Anos de Fotografia», uma exposição de trabalhos de Armindo Cardoso. Paralelamente, decorre no mesmo espaço a 5ª Feira do Livro organizada pelo Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Distrito de Lisboa.
**GALERIA DE ARTE ROCA** (Marinha Grande): até 28 de Dezembro, pintura de Zé Penicheiro. Dias de semana das 10 às 13 e das 15 às 19,30, domingos das 17 às 19,30.
**GALERIA DOS MILAGRES** (Edifício Coimbra, Lote 3-7º, Coimbra): pintura de Manuel Taraio até 30 de Dezembro.
**GRAVURA** (Cooperativa de Gravadores Portugueses - Tv. do Sequeiro, 4-r/c): exposição «Gravura e Serigrafia 1960-1987» de Espiga Pinto. No dia 14 de Janeiro próximo, diálogo com o artista às 18 horas.
**GALERIA TEMPO** (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 10 de Janeiro, pintura de Carlos Lança, de segunda a sábado das 16 às 20.
**CAMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE**: exposição de pintura «Janelas e Situações», de Paulo Afonso, até 31 de Dezembro de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 11 às 13 e das 14 às 18.
**MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: até 15 de Abril, patente a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata. Colaboração do Ministério da Cultura de Cabo Verde e da Secretaria de Estado da Cultura do nosso país. Hoje, durante a inauguração (18 horas) Mornas de Cabo Verde por Titina e o Conjunto de Paulino Vieira.
**CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS** (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): até 31 de Janeiro, «Gravuras e Signos» de Laura Cesana, patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 11 às 13.
**ATLANTIS** (Restaurante-Bar-Concerto, em Paivas, Fogueteiro): Exposição de Arte-87 com os artistas convidados Albino Moura, António Apóstolo, António Sem, Artur Bual, Ernesto Neves, Gordillo, H. Mourato, Helena Justino, Louro Artur, Manuel Cargaleiro, Kira e Victor Ferreira.
**GALERIA DE ARTE DA CERVEJARIA TRINDADE**: até 31 de Dezembro, pintura de Angela Vimonte, patente ao público das 15 às 23 juntamente com a exposição anterior, «Motivos do Alentejo» de José Manuel Soares.
**GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA**: até 30 de Dezembro, a 6ª Exposição do ARTEVER- Associação de Artes Plásticas da Amadora. Diariamente das 15 às 23 horas, trabalhos de Abílio Febra, António Galvão, Conceição Ramos, Eduardo Abrantes, Eduardo Nascimento, Helena Matta, Isabel Pena, Joaquim Lourenço, José Mourão, Luís Vasconcelos, Maria Garnel, Maria Soares, Marina e Vítor Π.
**MÓDULO** (Av. da Boavista-Porto): até 12 de Janeiro, pinturas e esculturas de José de Guimarães e objectos de Xana. Todos os dias (excepto domingos e feriados) das 16 às 20.
**MÓDULO** (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º): até 15 de Janeiro, Pintura de José Luís Perez Navarro, patente todos os dias (excepto domingos e feriados) das 16 às 20.
**GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO** (R. da Cruz dos Poiais, 111): no 3º aniversário desta galeria, «Biombos Pintados» por Helena Almeida, Ana Marchand, Teresa Lacerda e Pedro Calapez. Patente de terça a domingo, das 15 às 19.
**GALERIA DIFERENÇA** (R. S. Filipe Nery, 42): até 10 de Janeiro, Pinturas de Irene Buarque «Um Jardim bem Fechado»; na sala branca (1º andar) uma colectiva de Gravuras «Khalkós - um suporte para gravar» com trabalhos de Albertina Sousa, Maria Irene Ribeiro, Maria José Tomás e Marília Viegas. De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.
**GALERIA NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23-A): «Fora de Formato», uma colectiva de pintura e escultura até 31 de Dezembro, de terça a sábado das 14 às 20. Trabalhos de Carlos Barroco, Caseirão, Colin Figue, Gwen Sepetoski, Luís Cruz, Manuel Gantes, Romualdo, Rocha Pinto, Vítor dos Reis e Francisco Feio.
**GALERIA TRIANGULO 48** (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 5 de Janeiro, colectiva de Gravura Portuguesa com obras de Ilda Reis, Hogan, Espiga Pinto, Maria Gabriel, Emília Nadal, Lourdes Leite, Bartolomeu dos Santos, David de Almeida, Guilherme Parente, José Faria e Victor Fortes.
**MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA** (R. das Janelas Verdes): até 15 de Janeiro, uma exposição temporária que pretende lembrar Teresa de Sousa (1928-1962) e José Escada (1934-1980) e apresenta ainda trabalhos sobre o Natal, da autoria de Lourdes Castro e Cruz de Carvalho.
**ATELIER 15** (R. Freitas Gazul, 24-Dt.): exposição colectiva de Fim-de-Ano com trabalhos em serigrafia sob o tema «O Rio» da autoria de Américo Silva, Luís Cruz, Maria Irene Ribeiro, Maria Soares, Teresa Folha e Vasco Folha.
**GALERIA CÓMICOS** (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): até 9 de Janeiro, a exposição de Juan Munoz «Estudos para a Descrição de um lugar» Diariamente das 15 às 20, excepto domingos e feriados.
**PALÁCIO ANJOS** (Algés): I Exposição Nacional de Arquitectura, organizada pela Câmara Municipal de Oeiras.
**GALERIA DA LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 1-A): atè 9 de Janeiro, Escultura de Salvador Dali. De segunda a sábado das 12 às 23.
**GALERIA FORUM** (Viseu): até 3 de Janeiro, a exposição de pintura «Tábuas Pintadas» de Alberto Péssimo.
**GALERIA HOTEL ALBATROZ** (Cascais): III Colectiva de Dezembro com trabalhos de Arãd Szenes, Artur Bual, Carlos Lança, Cecília de Sousa, Figueiredo Sobral, Francisco José Simões, Helena Justino, Helena Mata, José Noel, Kira, Maria Velez, Melopo, Micael Barrett, Pedro C. Moura e Vieira da Silva.Patente ao público das 15 às 23 horas.
**GALERIA 111** (Campo Grande, 113): Pintura de Menez.
**CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE** (Setúbal): até 8 de Janeiro, exposições de Fernando Matos (fotografia), Mariete Miguel (tapeçaria), Américo Silva e M. Irene Ribeiro (gravura), Vítor Ferreira (pintura) e A. Roque Gameiro (cerâmica), diariamente das 10 às 22.

## ESPECTACULAR

*Estou a escrever esta nota ainda sob a influência da emoção causada por aquela reportagem sobre Maria Callas: tragedia grega do conflito de uma identidade dividida — e inseparavel. A pessoa humana e a sua arte: a mulher que possua uma voz, a voz que não possua uma mulher. Fala-se de alguns casos em que a cantora cancelou os espectaculos. E dai a acusaçao de vaidosa, excêntrica, etc. Nao se tratava disso. Apenas, nesses momentos, a convivência entre Maria e Callas rompia-se, sobrevinha o desequilibrio. «A felicidade para mim consiste em cantar o melhor nas melhores condiçoes... Era o respeito pelo publico que a levava a cancelar os espectaculos — sem olhar a personalidades ou realezas presentes na plateia. O publico, devorador, nao entendia assim... Temos assistido a representaçoes teatra em que artistas aparecem quase afonicos, a tossir, febre, a curtir uma danada gripe. Poa morrer? Podia, ej estava em jogo: o interesse do publi o interesse da bilheteira, do nego Ja tem havido caso locutoras e locutor que aparecem na televisão roufenhos, pessimas condições... Admito que Callas fosse insubstituivel. Mas ha quem não se possa dar a esse luxo. Não sera isto falta de respeito... pelo profissional?*

**José Mirandum**

## MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

### Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada**, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPUBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS - LICEU D. DINIZ: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, lote 65-A, loja B (T. 886565); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 31216); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

**PERMANENTE (Amanhã) — BAIRRO AMÉRICA: Costa Ferreira**, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA: Durão**, R. Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO DE OURIQUE: Condestável**, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitális**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779)2; **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA: Martins**, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI: Onilda**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **SANTO AMARO: Correia Azevedo** R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

**Outra Banda — ALMADA: Magalhães**, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinhos (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 22 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250).Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 4104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Permanente; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pinto Leal**, R. Ferreira de Castro, 61, Massamá (T. 4378402). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

**Outras Farmácias — SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **AVEIRO: Aveirense**, R. de Coimbra, 13 (T 24833). Permanente.

**Porto — DE DIA E TODA A NOITE — ESTÁCIO**, R. Sá da Bandeira, 120; **ALVES MOREIRA**, Av. Rodrigues de Freitas, 167; **DA GIESTA**, R. D. Afonso Henriques, 206, Areosa; **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136, à Campanhã; **PINHEIRO MANSO**, R. de São João de Brito, 25-29.

**Coimbra — OLIVEIRA RAMOS**, R. Cidade de Santos, 67, Monte Formoso (T. 20758); **NAZARETH**, R. Ferreira Borges, 135-139 (T. 22605).

# "O CAPITAL" PUBLICADO HÁ 120 ANOS

O primeiro tomo de «O Capital», com a tiragem inicial de 1000 exemplares, saiu do prelo há 120 anos, em Setembro de 1867, em Hamburgo.

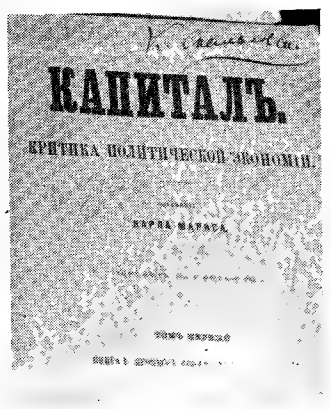
A primeira tradução da obra foi para a língua russa. Karl Marx foi informado da venda de «O Capital» na Rússia por O. Meisner, editor de Hamburgo, que se encarregou da edição e distribuição. Meisner sublinhava nos relatórios: «os leitores da Rússia são os mais activos.»

A ideia de traduzir «O Capital» para russo surgiu nos finais de 1867, princípios de 1868, entre os jovens revolucionários de Petersburgo agrupados em torno de Guerman Lopatine.

O primeiro a tentar tal empresa foi Mikhail Bakunine, que chegou a começar a tradução mas desistiu logo a seguir. Ao tradutor da obra era necessário não só saber alemão como economia e outras ciências sociopolíticas e possuir suficiente experiência de participação no movimento social e revolucionário.

G. Lopatine reunia todas essas qualidades e decidira dedicar-se ao empreendimento. Antes, porém, compreendendo as dificuldades da tarefa, resolvera avistar-se com o autor. O seu projecto não chegou a concretizar-se. Foi preso em Fevereiro de 1868. À detenção seguiu-se o encarceramento na fortaleza de Pedro e Paulo, em Petersburgo, e o degredo.

Lopatine acabou, no entanto,




por fugir do exílio e deixar a Rússia. A 2 de Julho de 1870 bateu à porta da casa onde Karl Marx residia, em Londres.

Foi o primeiro encontro entre os dois homens. Os profundos conhecimentos de Lopatine surpreenderam Karl Marx que o considerava «uma cabeça clara e crítica, alegre, paciente e persistente como um campeonês russo»...

Lopatine e Marx tornaram-se amigos. As ideias do jovem revolucionário russo foram partilhadas por Marx que, dando grande apreço à inteligência, educação e convicções de Lopatine, o convidou a trabalhar no Conselho Geral da I Internacional (Associação Internacional dos Operários) acolhendo muito bem o seu desejo de traduzir «O Capital».

### Lopatine e Danielson

Lopatine traduziu para o russo, com a ajuda de Marx, muitos termos científicos utilizados em «O Capital». Elaborou a terminologia económico-científica russa. Introduziu o termo «mais-valia», definindo mais nitidamente a essência desse conceito. Comentou os extractos mais difíceis da obra, introduziu na linguagem científica as noções fundamentais do modo capitalista de produção, valor de troca, forma de valor e de salário, e outras. Deve-se a Lopatine as bases da terminologia marxista russa.

Segundo Friedrich Engels, já no fim do Outono de 1870, Lopatine conseguira traduzir mais de metade do primeiro tomo. Viu-se, porém, forçado a interromper o trabalho quando deixou Londres, nos finais desse ano, para entrar ilegalmente na Rússia a fim de organizar a fuga de Tchernichevski dos trabalhos forçados na Sibéria. É provável que Lopatine tenha tomado tal decisão influenciado por Marx, que dava grande valor ao grande revolucionário russo, tendo sublinhado inúmeras vezes que a morte política de Tchernichevski seria uma perda para o mundo científico da Rússia e de toda a Europa. Na Sibéria, Lopatine foi novamente detido mas conseguiu evadir-se em 1873.

A detenção de Lopatine não afectou a tradução. Os materiais traduzidos do primeiro tomo foram entregues ao economisa N. Danielson que terminou a tradução em Outubro de 1871. A primeira tiragem de «O Capital» em russo foi de 3 mil exemplares. O volume tinha um prefácio assinado por Danielson, com uma breve resenha da vida de Marx e das suas principais obras.

A censura czarista não viu razão para não autorizar a publicação do livro de Karl Marx. Como assinalou o funcionário de quem dependeu a autorização, «poucas pessoas na Rússia conseguirão lerr esta obra e um número ainda menor a compreenderá».

No Outono de 1873, German Lopatine estava novamente na Europa, a colaborar com Marx e Engels. Escreveu artigos para os jornais revolucionários russos publicados no estrangeiro. Fez traduções e manteve estreitos contactos com as organizações revolucionárias russas. Depois regressou à Rússia, clandestinamente, e foi de novo capturado pela polícia. Enviado para a fortaleza de Pedro e Paulo, um ano mais tarde foi deportado para Tachkent e seguidamente para Vologa.

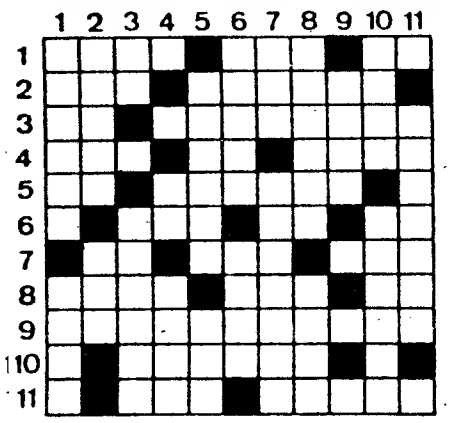
Evadiu-se em 1883 e encontrou-se no estrangeiro com Engels. Em Outubro de 1884 sofreu a última detenção. Condenado à pena capital, comutada para prisão perpétua, passou mais de 20 anos nas solitárias da fortaleza de Pedro e Paulo e de Schlisselburg. Faleceu no dia 26 de Dezembro de 1918, em Petrogrado.

## PALAVRAS CRUZADAS

### COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17217

**HORIZONTAIS:**

1 Aquele que. Gosta muito de. Alternativa.
2 Reúno. República federativa e maior Estado da América Meridional.
3 Segundo. Peça de pano suspensa para adornar ou resguardar qualquer coisa (pl).
4 Fútil. Sódio (s.q). Moleste.
5 Porco. Fechas um pouco (os olhos).
6 Artigo. Reis. Deus dos pastores.
7 Mililitro. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Cidade da Ucrânia.
8 Valente guerreiro, companheiro de luta de D. Afonso Henriques. Cinquenta e seis em romano. Batráquio.
9 Publicasses.
10 Averiguara.
11 Dê mios. Equipes.



**VERTICAIS:**

1 Cidade do Japão. Mal parecido.
2 Exclusivo. Mulos.
3 Acrescentando uma consoante é deusa da Aurora, esposa de Titono. Ocultam.
4 Prasiodímio (s.q). Ente fantástico representado por um negrinho, que usa barrete vermelho e frequenta à noite os brejos.
5 Formoso. Pronome pessoal.
6 Cidade de França. Grupo de casas pobres.
7 Matemática. Pregara.
8 Albergas por esmola. Rio da Alemanha.
9 Aquela que depois de morta foi rainha.
10 Folhas de certas palmeiras que serviam para nelas se escrever. É semelhante.
11 Afastas.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17216

**HORIZONTAIS:**

1 QUANDO. A.
2 Ria. Tramo.
3 Mancha. Elar.
4 Ul. Aas. Vago.
5 Ari. Bo. Ás.
6 Ardia. El.
7 Ien. Havana.
8 Falo. Otelo.
9 Ana. Amarara.
10 Lá. Acesa. Te.
11 Siam. Soer.

**VERTICAIS:**

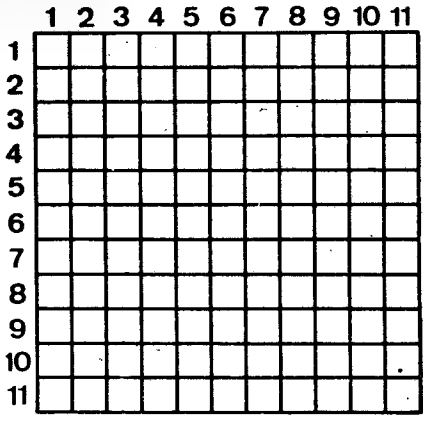
1 MULA. FALA.
2 Ural. Riana.
3 Ain. Adela.
4 Nacarino. Aí.
5 Haia. Aca.
6 Ás. HOMEM.
7 Beatas.
8 Revolveras.
9 CALA. Ala.
10 Maga. Norte.
11 Aoros. Aer.

**PROVÉRBIO: Quando a mula fala o homem cala.**

### NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 042

**HORIZONTAIS:**

1 Lã cardada. Freguesia do concelho de Monção.
2 Faz entrar e sair o ar (nos pulmões).
3 Prefixo de negação. Sarraceno. Cobalto (s.q).
4 Arroz em casca. Hábitos.
5 Estime. Medida de líquidos da Holanda, Alemanha e Suíça. Freguesia do concelho de Vimioso.
6 Acolá. Nome de diversas ilhas dos Estados do Amazonas e Mato Grosso.
7 Sofre. Nota musical.
8 Entre os sírios, o último mês de Verão. Transferir para outro dia.
9 Danço. Venha ao Mundo.
10 Mordiscaria. Donzela de Orleães.
11 Prenderam com elos. Junta.



**VERTICAIS:**

1 Cana-de-açúcar ou cana doce. Espada curta de um só fio.
2 Suga o leite materno. Deus supremo da religião fenícia.
3 Espera resposta. Tecido de linho, lã ou seda. Sufixo que designa pequenez.
4 Governo. Meter em mala.
5 Sufixo que designa abundância. Antiga Porcalhota.
6 Vasilha bojuda de tonaria. Zomba. Prefixo de negação.
7 Senhor em inglês. Namoradeira.
8 Lavrou. Rosto.
9 Gálio (s.q). Transpira. Chiste.
10 Toca. Acreditei.
11 Nome de mulher. O mesmo que atacador.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 041

**VERTICAIS:**

1 Cabaços.
2 Ás. Sarar. Pá.
3 Ror. Rela. ER.
4 Ilo. Cão. Aso.
5 Aas. Ársis.
6 Ra. São. SS.
7 Dá. Mu.
8 Opa. Rampa.
9 Cosiam. Tiro.
10 Ir. Tremeres.
11 Aa. Aos. Sa.

1 Caria. Macia.
2 Solar. Ora.
3 Rosados.
4 Ás. Apita.
5 Barcas. Aaro.
6 Arearas. Mês.
7 Caloso.
8 Ora. Mates.
9 Assumira.
10 Pês. Pré.
11 Garoa. Sãos.

## Rádio

**Antena Um**

**16.00**: Vivósábado; **19.00**: Actual; **20.00**: Sábado suave; **23.00**: Música portuguesa; **23.30**: Tempo de teatro. Noticiários de hora a hora.

**Rede Nacional-FM2 Estéreo**

**16.30**: Álbum musical; **17.00**: Uma hora, com Maurice Ravel; **18.00**: Momento de sonata; **18.40**: A flauta de bisel; **19.30**: Música sinfónica, de Delius e Peter Tchaikovsky; **20.40**: Duetos de piano, de Georges Auric e Gabriel Fauré; **21.00**: Ângulos e reflexos; **22.00**: Música e músicos brasileiros; **22.30**: Música de câmara, de Guiseppe Torelli e Boccherini; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Concerto nocturno; **01.50**: Último andamento; **02.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**15.00**: Fim-de-semana; **19.00**: Quando o telefone toca; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)**

**16.00**: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Música da América; **20.00**: Luso-clube; **22.00**: Regresso ao futuro; **00.00**: Um toque de classe; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**
**Canal 1-Rede Nacional de OM e FM**

**14.00**: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A hora dos clássicos; **20.00**: Espaço aberto; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Vozes na música; **22.00**: Encontros; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Amanhã é domingo.

**RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo**

**14.00**: Fábrica de música; **17.00**: Figuras de estilo; **19.00**: Colar de pérolas; **21.00**: Ideias luminosas; **22.00**: Os amigos de Alex.

**Voz do Alentejo**

**15.00**: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Terra a terra; **19.30**: Especial.

**Voz do Alto Tâmega**

**12.00**: Varandas transmontanas; **19.00**: Fontes termais.

**Voz do Minho**

**15.00**: Tarde desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Igreja diocesana.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: Clube fim-de-semana; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sombra/sol; **19.00**: Bric-à-brac; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Eurocanções; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Jazz.

**Voz do Porto**

**14.00**: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Discos pedidos; **20.00**: Porto franco; **21.00**: Mercado da Ribeira; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

# TELEVISÃO

*No 2º canal às 21.05, «Alexandre, o Grande»*

RTP 1

## 14.35 - Sobe e Desce
## 15.35 - Sessão da Tarde

«Amor Proibido»

## 17.20 - Toque de Classe
## 18.00 - Saber Saúde
## 18.15 - Vivamúsica
## 19.10 - Sete Folhas
## 19.45 - Totoloto
## 20.00 - Jornal de Sábado
## 21.00 - Boletim Meteorológico
## 21.10 - Uma Canção Para Si
## 21.15 - Duarte & Cª

«O Ritual Ecologico»: As dificuldades económicas para Duarte, Tó e Joaninha, agudizam-se de forma dramática mas, o protector da Nélita alivia um pouco a situação financeira.

Sabendo que está condenado, Giancarlo tenta suicidar-se no escritório de Duarte & Cº., mas antes, esconde entre os dossiers uma lista com os nomes de todos os chefes da máfia americana.

## 22.15 - Espectáculo

«Lio No Olympia»: Lio é o nome de personagem da banda desenhada «Barbarella». É também o «nome de guerra» escolhido pela belga de origem portuguesa, Wanda Vasconcelos, que começou a agitar as ondas do mundo «pop» em 1979, com o «hit» «Banana Split». Tinha então, apenas 17 anos.

## 23.15 - Cinema da Meia-Noite

«O Inquilino»: Trelkosky procura um apartamento em Paris. Mr. Zy é a pessoa indicada para o ajudar. Na verdade, ele tem um apartamento disponível, mas não lho pode ceder enquanto a anterior inquilina — Simone, que ficou horrivelmente desfigurada depois de se ter lançado pela janela — ainda estiver viva. Trelkovski visita Simone no hospital e é surprendido pela reacção da sua amiga Stella que, parecendo reconhecer a moribunda, solta um grito de terror. Mas Simone morre e Trelkovski intala-se no apartamento.

Interpretes: Roman Polanski, Isabelle Adjani, Shelley Winters, Melvyn Douglas, Jo Van Fleet, Bernard Fresson, Lila Kedrova.

Realização: Roman Polanski

RTP 2

## 16.00 - Troféu
## 20.05 - Som na América
## 21.05 - Alexandre o Grande
## 22.00 - Concordo... Ou Talvez Não

Desta vez o tema «Consumo», especialmente escolhido para a época do ano que se atravessa, que é justamente uma altura de grandes gastos. Lénia Real é moderadora, e em estúdio estão os convidados da semana em debate directo com os telespectadores. Destaque aindas para um pequeno apontamento teatral com Carlos Melo e Teresa Mónica.

*Amanhã Paco Bandeira em «Piano Bar»*

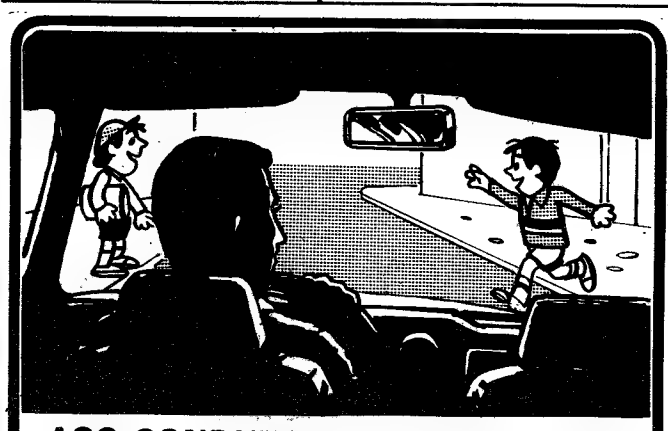
## AMANHÃ

### RTP-1

09.01 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.35 - TV Rural
13.00 - Jornal de Domingo
13.10 - Ritmos da Cidade
13.40 - Casa de Irene
14.00 - O Planeta Terra
15.20 - Primeira Matinée
«Sissi e o Destino»
16.50 - Clube Amigos Disney
19.05 - Um Anjo na Terra
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorologico
20.40 - Eu Show Nico
21.40 - Uma Canção para Si
21.50- Um Sonho Para Durar
22.45 - Domingo Desportivo

### RTP-2

09.01 - Music Box
10.00 - Troféu
12.30 - Juventude e Família
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
13.50 - TV Mulher
14.20 - Music Box
15.20 - Troféu
17.10 - A Evolução do Homem
18.00 - 5ª Dimensão
19.00 - Piano Bar
20.05 - Quem Sai aos Seus...
20.40 - Artes e Letras
21.30 - Cine-Clube
«Aves de Rapina»

**AOS CONDUTORES**

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — *O Inquilino*

RTP 2 — *Concordo ou talvez não*

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

*«De Um Natal ao Outro»*

PORTE PAGO

DL

"Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES, 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 56$00
DEPÓSITO LEGAL: 1428/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

## ÚLTIMA HORA

Os dirigentes demissionários do União de Lamas foram convocados para uma reunião da Associação de Futebol de Aveiro a realizar segunda-feira. Osvaldo Sá, secretário da direcção demissionária, afirmou que «nenhum membro da direcção acompanhará a equipa do União de Lamas que amanhã defronta, em Bragança, o Desportivo local, em jogo do Campeonato Nacional da II Divisão. A direcção do União de Lamas demitiu-se em bloco como protesto contra a arbitragem de Carlos Valente no encontro do passado domingo em que o Leixões venceu por 1-0, em Santa Maria de Lamas.

# NO SEIO DA MODERNIDADE

# PEDRO BURMESTER,

## PIANISTA

COM irreverência e algum snobismo diz coisas deste género: «Um dia vou para camionista TIR ou abro uma mercearia, serei apelidado de tolo, mas se isso me fizer feliz... Por que não?» E assim, na rábula, manifesto desdém pelo estatuto de artista, agora muito sobrevalorizado. Pedro Burmester, oriundo de uma família rica, nasceu no Porto, «com o cordão umbilical à volta do pescoço». Nada de grave porque ele está aí, desempenado e saudável. Um manto de brumas cobre os primeiros anos da sua vida, lembra-se, apenas, da curiosidade que lhe despertavam os pianos de cauda. Com queda para a música, desenvolveu, a partir dos oito anos, esse dom, mercê de intenso estudo e treino.

Progrediu, sob a orientação de Helena Costa de quem recebeu ensino, em aulas privadas, e incitamento, nunca se iludindo com o qualificativo de «menino talentoso» que poderia tê-lo conduzido para uma posição cómoda. Aos Estados Unidos, junto de Sequeira Costa, foi buscar especialização, e lá se confrontou com métodos diferentes do praticado pela sua professora que prefere «deixar a personalidade do artista expandir-se por si própria...» Todavia, cada vez mais se vê como músico, no plano global, e menos como especialista de piano, categoria que, no seu entendimento, peca por possuir uma carga demasiado técnica. «Há no pianista uma tendência para o isolamento, o que faz com que não perceba as pessoas...eu, embora seja fechado, gosto de estar atento ao mundo que me rodeia.»

Contrariando a imagem do músico, pálido e neurótico, Pedro Burmester não se coibiu de jogar futebol e até o convidaram para ingressar na equipa juvenil do Futebol Clube do Porto, «se calhar era um Futre com montes de dinheiro». Depois, o tabaco e a falta de convicção desportiva arrumaram, de vez, com tal hipótese. Descendente de alemães, pelo lado do pai, não herdou, contudo, da raça aquela disciplina que normalmente se lhe atribui. «Trabalho sem reularidade, depende bastante dos estímulos...», dias há em que não larga o piano e outros em que nem sequer lhe toca. De manhã dorme, as tardes passa-as em casa, «para evitar a confusão da gente e do trânsito», e à noite deambula pelos bares e discotecas. Não se declara fanático da dança, mas também não a repudia, pois através dela, ao que afirma, o corpo liberta-se das tensões acumuladas, «é como dar berros».

Sem preconceitos em relação à música não, estabelece hierarquias entre os géneros, «acho que o Bob Dylan não tem que saber tocar piano e tanto me deleito a ouvir a Amália como com uma sinfonia de Beethoven». Reconhece o pirosismo de Júlio Iglésias, o que não impede de se render perante o profissionalismo com que o cantor espanhol se comporta. Música minimal? Sinceramente parece-lhe uma grande chatice, abrindo, porém, uma excepção para Steve Reich, cuja «paranóia tem o seu quê de fascinante». Rock? «Morreu, já não se consegue inventar mais nada.» Da música clássica desagrada-lhe o esquema eternamente invariável dos concertos. «O músico entra no palco, vestido de fraque, e toca...qual é a piada? Seria bem melhor escutar o disco, sentado num sofá, em casa. Ondas magnéticas? Não acredito. A maioria dos músicos eruditos são tradicionalistas e fascizantes, o que não me espanta visto que o público também é conservador.»

Nem pensar ir contra regras e convenções, os monstros sagrados impõem respeito, «não podemos fazer ondas, na medida em que lidamos com peças compostas há mais de um século e que já foram tocadas por inúmeros artistas. A um músico, com 70 anos, e um nome consagrado, talvez se conceda a liberdade de introduzir alterações revolucionárias, mas de um jovem da minha idade não se aceitam ousadias...os críticos esfrangalhavam-no. Seria ofensivo pegar numa obra de Bach, espécie de bíblia da música clássica e meter nela saxofones. Alguns professores de piano ficaram escandalizados com o filme «Amadeus» quando viram o seu ídolo a apalpar meninas no chão. Qual é o problema? De facto, Mozart pendia-lhe o pé para a ordinarice, repare só nas cartas brejeiras que ele escrevia à prima.»

Brevemente vai surgir, no mercado, o primeiro disco de Pedro Burmester que consta da interpretação de duas peças do romantismo alemão. «Considero o disco uma experiência divertida, um concerto é aquilo que é no momento, mas a gravação proporciona-nos a possibilidade de fazer cortes, como se estivéssemos a montar um filme. Claro que depois de ouvir aquilo três ou quatro vezes já me apetece mudar tudo. Tenho, por outro lado, de admitir a importância do disco, em termos de publicidade. Também se me afigura simpático, a editora EMI correr o risco da aposta num jovem da minha idade».

Facultar oportunidades aos novos é gratificante, mas ainda persistem insuficiências, sobretudo no que toca à compensação material do artista clássico. «Houve quem me avisasse que eu não deveria pedir «cachet» porque era uma honra tocar em determinada sala. Infelizmente não existe, aqui, uma tradição musical, ao inves do que sucede na Alemanha onde os músicos são tão necessários como a comida. Andamos por aí à deriva, neste País, com a agravante do meio estar superlotado e funcionar como um antro de intrigas e mesquinhices. Isto, provavelmente, tem a ver com a pequenina dimensão deste espaço geográfico onde nos movemos. Em Portugal, para além do centralismo, esquecem-se frequentemente os artistas do Porto, ficamos fora da órbita dos favores e das atenções da imprensa lisboeta.»

Que tal os Estados Unidos? «Sendo um poderio económico, investem muito na arte, até por uma questão de conquista de prestígio internacional. Há lá coisas que me seduzem, mas ao fim de três meses começa a emergir o meu lado profundamente europeu. O que me agrada nos americanos é a ausência de retórica, são directos e pragmáticos, o que, sem dúvida, se reflecte na arte. A música europeia, ao trilhar caminhos mais intelectuais, tem afugentado o público, enquanto que os Estados Unidos os compositores são, efectivamente, populares.»

Os 24 anos de Pedro Burmester colocam-no na geração de oitenta, não obstante ele não se ajustar ao quadro que a define. «Os jovens de hoje julgam-se com direito de pedir tudo...e não acreditam na utopia, porque dela não escorre dinheiro. Casam-se cedo, reproduzem os modelos dos pais...aos vinte anos lutar-se por uma aparelhagem de vídeo ou por um automóvel, e atropelar-se o parceiro, sem elegância, não tem graça nenhuma...pois não?»

**Lourdes Féria**

## Portadora de vírus da SIDA foi curada

Uma ex-toxicómana de 23 anos, dada há um ano como seropositiva (portadora do vírus da Síndroma de Imunodeficiência Adquirida), não apresenta hoje sinais de anticorpos de SIDA, o que é o primeiro caso do género até hoje registado. O «fenómeno» clínico foi anunciado pelo responsável do sector de anestesia e director do serviço de assistência a toxicómanos do Hospital San Giovanni, de Roma, António Pesce. A sua extraordinária «cura» foi observada num segundo teste, feito em Novembro, «e confirmada nos últimos dias, de modo a não haver qualquer dúvida a este respeito», referiu o médico.

## Existiu mar no Sara?

O investigador norueguês Thor Heyerdal, conhecido pela sua travessia transatlântica no «Kon-Tiki», juntou-se aos defensores da teoria de que houve uma época em que existiram lagos e rios no deserto do Sara. Heyerdal disse que, no âmbito das investigações que está a fazer sobre as origens da navegação, ficou com novas ideias acerca do passado marítimo do Sara, palavra que em árabe significa «deserto». O investigador norueguês visitoui esta semana as escavações de Tassili, nos confins do Sara argelino, para examinar pinturas rupestres de embarcações, descobertas em Tamrit e em Tin-Tazaraift, e que são, neste momento, objecto de estudo dos arqueólogos. Heyerdal considera que estas pinturas confirmam, sem qualquer dúvida, a existência de lagos e de rios na época prés-sariana do neolítico, pelos quais o homem navegava em rudimentares embarcações a remo.

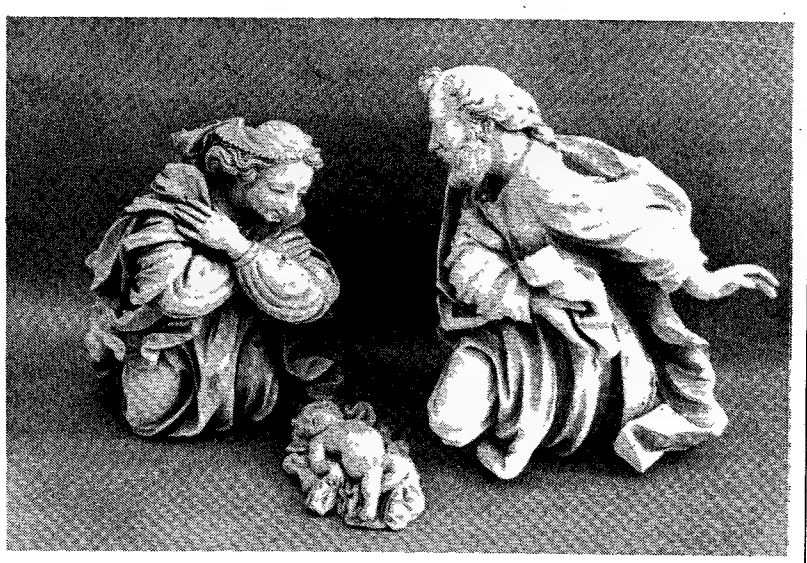
## Suicídio contra o muro de Berlim

Um homem suicidou-se na véspera de Natal conduzindo a sua motocicleta contra o muro de Berlim. O suicida, que aparentava ter 40 anos, conduziu a mota a grande velocidade e frontalmente contra o muro, tendo morrido de imediato. Segundo referiu a Polícia, na mesma secção do muro, no bairro de Wedding, ocorreram já diversos actos suicidas.

# LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 334

## Natividade

Há muitos e muitos séculos
que somos o pai. Já tudo criámos,
fomos criando e criados fomos.
Agora só o filho
outras coisas
nos poderá ofertar.
Sermos outros, sermos mais,
sermos uma revolução
dentro do ser.

Ah, sim! Que não já
nos basta
o número da nossa porta.
Nem da lógica sabermos
o mais profundo
«x» escondido.
Nem ainda
o cômputo exacto
das toneladas da Terra.
E muito menos ainda
as órbitas cruzadas
do Universo todo.

Ah, não! Outro,
outro saber,
uma coisa outra
que não venha
nos Estudos Gerais
do mundo inteiro! Já
as folhas sabemos
dos bosques todos,
o aroma dos ombros
quando o amor
os ombros nos dá,
a fuga da água
por entre os dedos contados!

Que súbito
o filho surja
e uma outra cor
nos mostre
que não as sete
que de cor sabemos!

Sejamos, enfim,
corridos pelo filho
e do filho
nos tornemos filhos
— e ele nos diga
a lei das leis
para no tempo cumprido,
no tempo correcto,
no tempo outro tempo,
recebermos o neto!

**Pedro Alvim**

# F. J. Bingre – da Nova Arcádia ao esquecimento

«F.J. Bingre, Mais de Mil Manuscritos no Espólio de Mira», eis o título de notícias publicadas aqui há dois para três anos, e quase ao mesmo tempo, num jornal local e neste «Diário de Lisboa» (1).

A quase simultaneidade da publicação de tais notícias tem a ver com a responsabilidade delas — do autor destas linhas, a quem, pouco antes se tinha proporcionado o conhecimento da existência de tais manuscritos e a leitura deles, ao menos em parte. Estavam (e estão) na posse de descendentes do poeta, em Mira, e são, de facto, mais de um milhar de manuscritos, arrumados em quatro pastas.

Trata-se de cópias, mas feitas pelo punho do próprio poeta — que as fez ou foi fazendo quando ou à medida que se lhe proporcionou ou foi proporcionando a oportunidade de publicar, ou ia escrevendo e enviando aos amigos, ou se lhe pôs a hipótese da edição em livro, da obra poética toda ou quase toda, para mais tarde, certamente, mas, desde logo, por mão mediadora dum amigo de Aveiro, Calisto Luís de Abreu.

Tal edição foi mesmo preparada e chegou a ser anunciada, mas nunca se concretizou. E os manuscritos que passaram pelas mãos de Calisto Luís de Abreu não se sabe hoje ao certo onde poderão estar.

A existência de cópias torna esta eventual perda um tanto menor. Pelo menos é possível, em qualquer altura, publicar a obra de Bingre quase na íntegra, o que não acontecia na presença apenas dos dispersos por revistas e jornais.

Agora a questão que se põe é a de saber se tal edição se vai fazer ou não. A maior parte das peças parecem coisas perfeitamente datadas e sem assinalável validade estética. Mas isso não basta como argumento de recusa — para não dizermos objecção— à sua publicação, e menos ainda em tratando-se do seu valor documental .

Em nossa opinião dever-se-ia fazer, para já, um levantamento deste caso, a nível local. E publicar, no mínimo, uma antologia das melhores peças do poeta —das que já foram publicadas e das que ainda hoje continuam inéditas. Mas isso é fácil de dizer, e do dizer ao fazer-se vai uma larga distância com inúmeras dificuldades.

Para já, parece importante que este caso não volte a cair no esquecimento, agora que parece ter sido trazido alguma coisa para a actualidade. Mas isto — trazer o caso para a actualidade, por assim dizer — já foi feito algumas vezes, e sem assinaláveis resultados. Apesar disso — ou por isso mesmo — vale a pena falar deste caso mais uma vez.

### Um caso entre outros

A história da literatura portuguesa é abundante em interessantes histórias pessoais envolvendo autores e tratando da sua vida privada ou pública. Os casos dos autores **maiores** — queles cujos nomes, pelas obras a que aparecem ligados, se associam às grandes alterações do processo cultural (que a literatura acompanha, e por vezes lidera) — têm tido regular divulgação, designadamente da biografia, e serão mais do que concebidos. Há no entanto casos menos conhecidos, ou mesmo praticamente desconhecidos, e principalmente entre autores, por assim dizer, **menores,** — que, certamente por isso (por serem menores), não têm interessado muito o biografiamo. E há, a esse nível, um sem-número de casos pelos quais a curiosidade, pelo menos, se poderá interessar. O conhecimento deles nem sempre é irrelevante para uma mais funda compreensão de épocas e períodos da história literária. Um desses casos é o de F.J. Bingre.

Francisco Joaquim Bingre nasceu em 1763 em Canelas (Estarreja) e morreu em Março de 1856 em Mira. Viveu, portanto, cerca de 93 anos, e é dos casos de maior longevidade — e também de produtividade — na mais portuguesa (embora isso não ultrapasse o plano da simples curiosidade, sem quaisquer outras implicações). E ainda um dos casos humanos mais fortes em pretextos para reflexão sociocultural sobre um determinado período, ou dois: os fins de classicismo e os princípios do Romantismo. Haverá também alguma reflexão a fazer sobre a sorte tradicional dos poetas num País que se diz deles, e da qual Bingre é caso tanto paradigmático (nalguns aspectos) como excepcional (noutros). Sorte em vida, e sorte póstuma. Em pleno século XX, mais de dois depois do seu nascimento e mais de um passado sobre a sua morte, a memória do seu nome ainda parece não suscitar grande interesse, ou sequer curiosidade.

### Viver de mais

Dos quase 93 anos que Bingre viveu, mais de metade viveu-os numa espécie de **desterro,** numa distante e relativamente isolada vila de província, Mira. Antes disso tinha vivido em Canelas, onde tinha propriedades da família paterna, e em Lisboa, para onde foi na adolescência. Frequentou a Aula de Comércio, mas a Gramática e o Latim ter-lhe-ão sido de mais utilidade para fazer versos, e, com eles, alcançar alguma notoriedade. Distinguiu-se, como improvisador, ao lado de Bocage, com quem se deu bem, — não se dando mal com José Agostinho de Macedo. Nem sempre consta, mas foi, em 1790, um dos fundadores da Nova Arcádia.

Viveu em Lisboa até princípios de oitocentos. A Nova Arcádia acabou em 1794. Depois disso, e antes de abandonar a capital, participou activa e intensamente na vida literária e boémia dessa época: cafés, tertúlias, récitas, representações, outeiros, estúrdias, festas diversas. Andou por vezes nas órbitras da Corte e das suas figuras, escreveu para o teatro. Esteve nas polémicas — mais mundanas do que outra coisa — do seu tempo, mas, ao que se julga saber, não desempenhou papel muito activo, excepto talvez como esforçado conciliador. A sua presença tornou-se por certo assinalada, mas a memória disso foi-se perdendo.

Filho de pequena ou média burguesia rural (por parte do pai, que a mãe era austríaca e passara pela Corte de Lisboa, aristocrácia ou para-aristocrática, portanto), Bingre terá vivido, durante largo tempo, do que rendiam as propriedades na província e de alguns expedientes de que se encarregaria em Lisboa, sem vir muito à aldeia. Mas em 1793 morreram-lhe pai e mãe, e terão começado a surgir problemas financeiros de alguma gravidade. O rendimento de Canelas passou a revelar-se insuficiente. Havia mulher, filhos, encargos familiares a suportar. Procurou ocupação (emprego ou trabalho, se preferirmos). Não conseguiu. As dificuldades foram-se agravando. Em 1804, possivelmente, ofereceu-se-lhe uma saída, para a província. Em 1805, um amigo, corregedor em Aveiro, investiu-o no «ofício de escrivão do juízo, da câmara e tabelião», em Mira, onde veio a fixar-se (mas, de momento, não dispomos de documentos que nos habilitem a dizer em que ano ele aqui se fixou). Pouco mais sairia desta vila, até morrer, em 1856.

Foi tudo mas quase sempre o contrário de vida fácil o talvez meio século de existência que o árcade aqui viveu. Um sem-número de peças do próprio poeta fala disso. Mira era charneca, alguns charcos, areia, gente rude, muito pouco de burguesia, mesmo rural, minimamente instruída, miséria, desolação. Mas era também lugar onde o poeta tinha fonte de rendimentos: trabalho, ocupação, ofícios, garantia de subsistência.

Ofícios, dois. Teve-os até 1828. Neste ano, os miguelistas destituíram-no. Consta que atrás do caso houve razões políticas. Bingre era liberal, como o atestam algumas composições e diz o seu biógrafo Calisto Luís de Abreu (2). Esteve algum tempo sem ocupação, sem rendimentos. Vendeu o que tinha em Canelas, para sobreviver. O regresso dos liberais à administração do poder político veio a restituir-lhe um dos ofícios perdidos: o de escrivão do juízo. Isto em 1834. Durou apenas dois anos esta situação já de inferioridade em relação aos primeiros vividos em Mira. Em 1836 houve reforma da estrutura judicial e a comarca de Mira foi extinta. Bingre ficou sem qualquer ocupação, e sem qualquer fonte de rendimentos. E começou aqui um drama pessoal que, nem por não ser único, sequer raro, é menos suscitador, ainda hoje, de pelo menos simbólica e comovida solidariedade, — contra a estupidez do Estado; das instituições. Constando que Bingre era liberal e que os miguelistas, por razões políticas ou pessoais, o perseguiram, nem por isso consta que os liberais o tenham protegido, por assim dizer. Pelo menos não lhe prestaram atenção que bastasse para ele não passar os últimos vinte anos de vida atormentado por privações.

### Esmolas

A memória local (em Mira, pelo menos) propõe, de Bingre, a imagem de um homem envelhecido e sobrevivendo com grandes dificuldades, ao mesmo tempo que mantendo uma atitude de grande dignidade perante as sucessivas adversidades que o foram atingindo: morte da mulher, mortes de filhos (alguns dos quais o auxiliavam financeiramente), mortes, pois, que o deixaram a contas com a necessidade de sustentar até netos e bisnetos, e, principalmente,

Continua na pág. 5

## Para crianças e não só

### Literatura infantil e juvenil da Editorial Caminho para o Natal

A Editorial Caminho lançou nesta quadra do Natal o original de **Catarina da Fonseca, «A Herança»**, prémio da Sociedade Portuguesa de Autores deste ano, na colecção «De par em par». Romance cheio de imaginação em que uma tia Angelina herda sete gatos, atravessa o Atlântico de jangada e fica prisioneira de um barco de piratas. Mas a imaginação desta jovem autora de 18 anos não se fica por aí: também há fantasmas na despensa e um menino Jesus com sapatos de ténis... Tudo condimentado com belas ilustrações de Cristina Sampaio.

**Aventuras do Espantalho Voador**, de **Fernando Bento Gomes, com ilustrações de Henrique Cayatte** e **Aventuras de Dulcineia e de Cecília**, de **Gorjão Duarte, com ilustrações de Pedro Cavalheiro,** são outros dois contos da colecção **De par em par,** que tratam da amizade, o primeiro através duma viagem de um espantalho pelo mundo e o segundo através da aproximação de «uma esbelta e ágil aranha» (Dulcineia) e de uma «irrequieta e imaginativa» formiga (Cecília).

**O Mistério do Carburador Salgado, de Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha, com ilustrações de João do Cimo.**

Na colecção 1001 Detectives, estes três autores publicam o seu segundo policial juvenil, propondo aos seus jovens leitores que acompanhem as investigações dos irmãos Maria David e Gabriel e incentivando-os a procurar novas pistas e outras soluções.

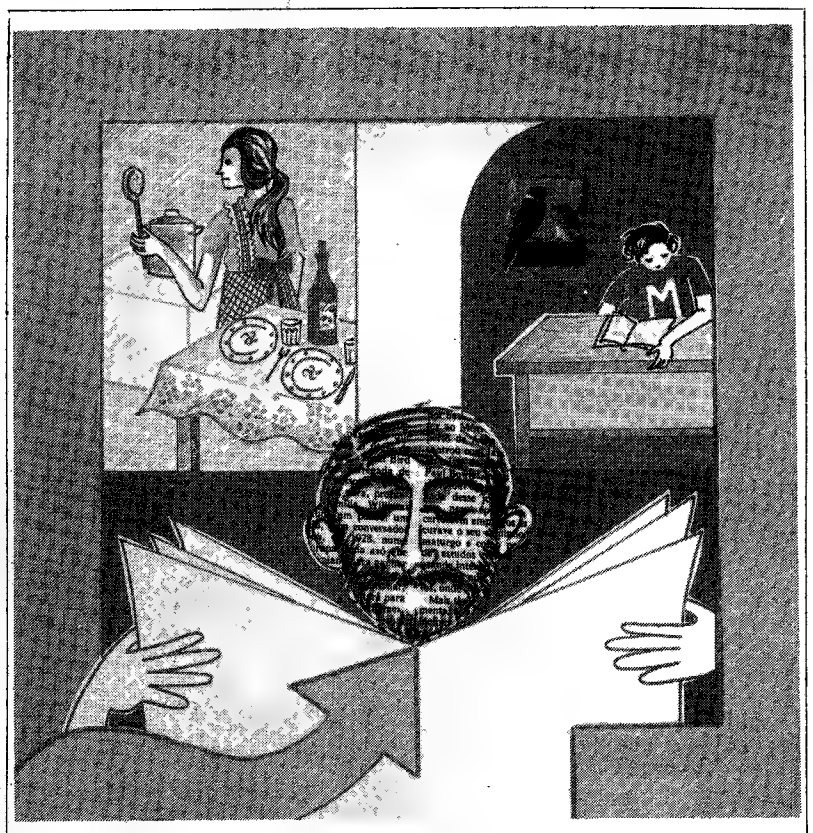
■ No Planetário Gulbenkian foi oficialmente lançado, anteontem ao fim da tarde, o livro *Três Lágrimas Paralelas*, com que Artur Portela se estreia na ficção científica. A cerimónia decorreu na presença do dr. Mário Soares, que, convidado, compareceu. Agustina Bessa-Luís e Eurico da Fonseca, na qualidade de especialista deste género literário, apresentaram o texto. *Três Lágrimas Paralelas* saiu na *Caminho de Bolso,* série FC.

■ *Dentes de Rato* é o título do último livro de Agustina Bessa-Luís, entretanto saído na *Guimarães*. Trata-se de um texto consideravelmente autobiográfico, contendo memórias de lugares e de situações ligadas à vida da escritora.

**Lisboa setecentista vista por estrangeiros, Piedade Braga Santos, Teresa S. Rodrigues e Margarida Sá Nogueira, Livros Horizonte, colecção Cidade de Lisboa.**

Livro curiosíssimo, este **Lisboa setecentista,** que é o primeiro de uma colecção que pode vir a revelar-se de muito interesse. Esta obra teve origem numa investigação efectuada no âmbito da cadeira de História Cultural das Mentalidades (Época Contemporânea) da Licenciatura em História da Universidade Nova de Lisboa. Através do olhar admirado dos estrangeiros que visitavam Portugal e particularmente Lisboa, penetra-se na cidade do século XVIII através de uma outra visão, mais distanciada, um pouco distorcida por preconceitos, por vezes, mas de inegável valor histórico, pelos pormenores que são referidos, pelos temas que são abordados, muitas vezes impossíveis de encontrar em autores ou documentos nacionais.

Este texto permite conhecer algo mais da Lisboa de setecentos: como se organizava o espaço citadino, que gentes a habitava, quais os seus costumes. Contribuindo, certamente, para uma outra perspectiva da vida quotidiana na capital portuguesa nos finais do Ancien Regime...



### Sete Setas

NO seu estilo habitual, Carlos Pinhão escreveu este Sete Setas para a Colecção Sete Estrelas, dos Livros Horizonte. Ilustrado por Melo Frazão, este livro está muito bem «esgalhado» — parece só para crianças, mas isso é um engano. Por exemplo, entre outros, por lá se encontra um poeminha excelente para os papás lerem. Aliás, chama-se «Papá que Lê» e reza assim (ora leiam lá, seus papás...):

Papá lê as notícias
é bom
é importante
mas não é tudo
Por que não uma ajudinha
na cozinha?
E os trabalhos da escola
do miúdo!?
Parece mal?
Essa é boa!
Vai uma seta no jornal
e o jornal até voa.

Esta, portanto, uma das sete setas que o Carlos Pinhão envia, amigavelmente, de resto, à menina vaidosa, ao menino guloso, ao menino cabulão, à mamã galinha, ao vovô e à vovó, ao papá que lê e mais uma que não dizemos a quem, que é para irem ler e ver as magníficas ilustrações (sete também) do Melo Frazão.

Ainda na mesma colecçao da **Horizonte**, acaba igualmente de aparecer uma nova obra de António Torrado, chamada «Como Se Vence Um Gigante», também com ilustrações de Melo Frazão.

Começa assim: «Eram dunas e dunas, a perder de vista. O vento polia-as à sua vontade...»

### «Os Crimes do Sino Dourado» Robert Van Gulik Ed. Difel

Um indivíduo apaixonado pela pesquisa criminológica defronta-se, ao toucar o gorro do juiz Dee, com a visão retrospectiva de três crimes. De salientar a atmosfera fantástica em que estas aparições ocorrem. O que não é de surpreender num chinês que vivia na gloriosa «Dinastia Ming»...

Conta-nos o chinês os três crimes que observou. Isto é: atira-nos para a cidade de Poo-Yang que recebe o novo magistrado, juiz Dee. Este, segundo a tradição chinesa, é uma espécie de detective que personifica a ética nacional. Como tal, deve escutar diariamente os queixosos. Proteger os fracos e ser ímpio com os maldosos. Fá-lo com uma sabedoria que, por vezes, confunde os súbditos. Porém a luz acaba por a todos se estender e o juiz Dee assume a sua atitude compreensiva. Revela a indulgência intrínseca aos natos vencedores.

Recém-colocado em Poo-Yang, o juiz Dee tem de resolver o caso de assassínio, violação e roubo da jovem Flor de Jade. De esclarecer o que há de lúcido nas acusações da idosa Liang contra o poderoso Ling e de verificar até que ponto são verídicos os milagres atribuídos ao «Templo da Misericórdia Infinita». Com uma mestria inegável tudo resolve o juiz Dee.

Quem é o juiz Dee? Um detective-herói que teria vivido de 630 a 700 d.C. Este, como diz o prefaciador de «Os Crimes do Sino Dourado», foi celebrizado por toda a espécie de escritores. Teria uma «visão confuciana do mundo e consequente fé inabalável na superioridade da cultura chinesa, o desdém por todos os estrangeiros, a confiança indestrutível em todas as formas de respeito filial, a aceitação indiscutível da tortura e a implacável animosidade em relação a budistas e taoístas.»

De resto, estas características do juiz Dee aparecem em «Os Crimes do Sino Dourado» de Robert Van Gulik, um holandês, morto em 1957, que tinha uma grande paixão pela cultura oriental. Passo a citar: «Rápidos, os guardas despojaram-no da túnica, desnudando o tronco musculoso. O pesado látego fendeu os ares e fustigou violentamente o criminoso. Em breve o seu torso não era mais que horrível pasta de carne ensanguentada. (...) Implacável, o juiz Dee sentenciou: — Isto é apenas o princípio. Se não confessardes, a tortura será bem pior. temos todo o dia à nossa frente.» Ou: «Pessoalmente — interrompeu o magistrado — não professo a fé budista. A minha alma ilumina-se com os sábios conselhos do incomparável Confúcio e dos seus veneráveis discípulos. Permito-me discordar do nosso Imperador, que, na sua Augusta Sabedoria, deu guarida aos estrangeiros de túnica negra oriundos da India, que dilatam a doutrina de Buda no seio do povo».

«Os Crimes do Sino Dourado» de Robert Van Gulik revela-se uma leitura fascinante onde a China emerge num absorvente realismo. E isto mesmo para os leitores que não apreciem a literatura policial. Porquê? Pelo que vos disse e pelo muito mais que descobrirão ao lê-lo. Tradução de Fernando Amorim.

**Ana Paula Portugal**

### O Cheiro, o Nome das Coisas, Carlos Frias de Carvalho, Ed. do autor.

Quase dez anos depois do «Primeiro Cântico», editado pela Prelo, Frias de Carvalho publica por iniciativa própria o seu oitavo livro de poemas. Autor de outros, pouco falados mas já esgotados, textos poéticos, como «Armas e Sonhos», «Um Lírio para Bobby Sands», ed. Mic-1982(inspirado numa reportagem do nosso camarada de redacção José António Cerejo) e «Oriente Médium», ed. Nova Realidade, Frias de Carvalho recria, nestes seus novos 43 poemas, cheiros, viagens e memórias elementares de antigos quotidianos. Do 25º: «Guardo em ti/a íntima luz/que em menino/bebi de ti/oh novembro/dia pequeno/fogueira acesa/labareda em festa/bom o borralho/brando/até ao orvalho/da manhã/o seixo aospés/envolto em lã».

---

### ■ História de Filosofia em Portugal nas suas conexões políticas e sociais, Manuel Dias Duarte, Livros Horizonte, Colecção Horizonte Universitário

A primeira história da Filosofia em Portugal é de Lopes Praça e data de 1868. Desde então não voltou a escrever-se outra. O autor entendeu ter chegado a altura de proceder «a uma inventariação de todo o trabalho feito; lembrar o que ficou por fazer — quase sempre por omissão deliberada; motivar os novos investigadores; fazer justiça aos homens e às ideias que até hoje têm sido completamente ignorados pela historiografia oficial; proceder a um primeiro tratamento e organização de todo o material disponível; (...) contribuir para a informação e divulgação da vida, obra, pensamento e opiniões dos nossos filósofos mais destacados».

Já agora, duas palavras sobre o autor Manuel Duarte Dias: nasceu em 1943, é licenciado em Filosofia e professor do ensino secundário. Sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Filosofia, desde cedo se interessou pela História da Filosofia e seus problemas. Colaborou no **República** e na **Capital** e ainda na revista **Professor**. Escreveu, em 1982, **Objectivos, Estratégias e Avaliação no Secundário — o Exemplo da Filosofia.**

Henrique Nicolau

# Não se pode ser convincente se não se conhecer aquilo sobre que se escreve

**Por Manuela Alves**

António Henrique Damião, nascido em Pocariça de Alenquer a 28 de Outubro de 1941, dedicou a sua actividade profissional ao cinema até 1984. Foi assistente de realização de, entre outros, Ernesto de Sousa, António Macedo, Pierre Kast e Cunha Teles. Realizou filmes publicitários documentários, e jornais de actualidades. Foi realizador e montador de vários trabalhaos para a RTP, entre eles, nos finais dos anos 60, os programas «Ensaio», «Impacto» e da série «Palavras Herdadas».

Forçado à inactividade por falta de subsídios, virou-se em 1984 para outra forma de contar, bem mais acessível do ponto de vista financeiro: a escrita. Rétirou do seu nome Henrique, juntou-lhe Nicolau de um avô «contador de estórias» e lançou-se no romance policial. Com o primeiro, «O Trabalho é Sagrado», obteve em 1985 o Prémio Caminho de Literatura Policial; em 86 publicou a «A Escola da Verdade»; este ano, de novo na Caminho, publicou «Alcança quem não cansa». A Editorial Caminho anunciou já para o próximo ano o lançamento de «A Arca do Crime».

E muito mais há a esperar de António Henrique Damião, que não rejeitou entretanto a profissão de cineasta e continua à espera de subsdio.

**— O que tens dito através da escrita tê-lo-ias dito em cinema se tivesses tido oportunidade?**

— Tê-lo-ia dito de maneira diferente, já que são duas linguagens bastante diversas. Mas talvez a resposta fique mais completa se acrescentar que do meu segundo livro, **A Escola da Verdade,** fiz uma adaptação cinematográfica conjuntamente com o Manuel Machado da Luz, projecto que vai ser apresentado pela Prole Filmes ao Instituto Português de Cinema, concorrendo aos subsídios deste ano.

**— Em qual das formas de comunicação te sentes mais realizado?**

— Naquela em que for podendo exprimir-me, isto é, naquela em que a minha forma de dizer vá sendo possível. Não faço hierarquias. Tanto prazer obtenho em escrever um livro como em realizar um filme. Acontece que os meios necessários são substancialmente diferentes. Para escrever um livro, basta sentar-me à banca de trabalho com esforço e perseverança. O mesmo não poderei dizer quanto a um filme que, na melhor das hipóteses (neste caso, a mais barata), precisa de um orçamento mínimo de quarenta a cinquenta mil contos.

**— Tradicionalmente o autor de literatura policial adopta, em geral, uma «receita» que «condimenta» de forma diversa em cada livro ou série de livros. Será por isso a literatura policial uma via mais acessível a quem se inicia como autor literário?**

— Não penso que seja mais acessível. No que me diz respeito, foi um acaso de circunstância. Uma tarde em que folheava o «Diário de Lisboa», li o anúncio do Concurso de Literatura Policial e Ficção Científica da Caminho e, como estava disponível, deu-me na veneta escrever um livro e concorrer. O prazer que tive com isso foi tão grande que me decidi a continuar, mesmo antes de saber se o prémio me tinha sido atribuído ou não. Como é sabido, foi, o que me tem facilitado esta minha nova actividade de escritor.

**— Em dois dos três romances que até agora publicaste um jornalista sem nome assume o papel do tradicional «detective» que, de pista em pista, é suposto chegar à «verdade final». Afirmaste já publicamente que a escolha tem a ver com o facto de em Portugal não existir a profissão de detective. É uma simples alternativa ou outras razões te prendem à classe e à profissão?**

— Foi uma escolha de momento. Tanto mais que, quer n'**A Escola da Verdade**, quer n'**A Arca do Crime**, o meu próximo livro, as personagens principais são outras. Isto não significa que não venha a retomar esse jornalista sem nome como protagonista e narrador.

**— Tenderá o Henrique Nicolau a criar uma personagem-chave que desvenda os «complots» dos seus romances?**

— Essa é uma pergunta a que só o futuro pode responder. Como não sou bruxou nem adivinho...

**— O jornalista sem nome de «O Trabalho É Sagrado» e «Alcança Quem Não Cansa» não é o descobridor triunfante da verdade, estilo Perry Mason ou Hercule Poirot. É antes o anti-herói curioso e esforçado que nunca põe a verdade «em pratos limpos», mas que vai deixando um «cheirinho» de verdades várias ao longo da trama. É um novo conceito de romance policial?**

— E, pelo menos, uma maneira indirecta de fazer alguma crítica a esse tipo de romances. Se há coisa que me irrite quando os leio, e precisamente por isso leio-os pouco, é esse mecanismo de relojoaria extremamente oleado que tudo explica, não deixando ao leitor campo para a sua própria reflexão. Ora, todos sabemos que a realidade é bem mais complexa e não cabe numa explicação feita a régua e esquadro, por mais bem feita que seja.

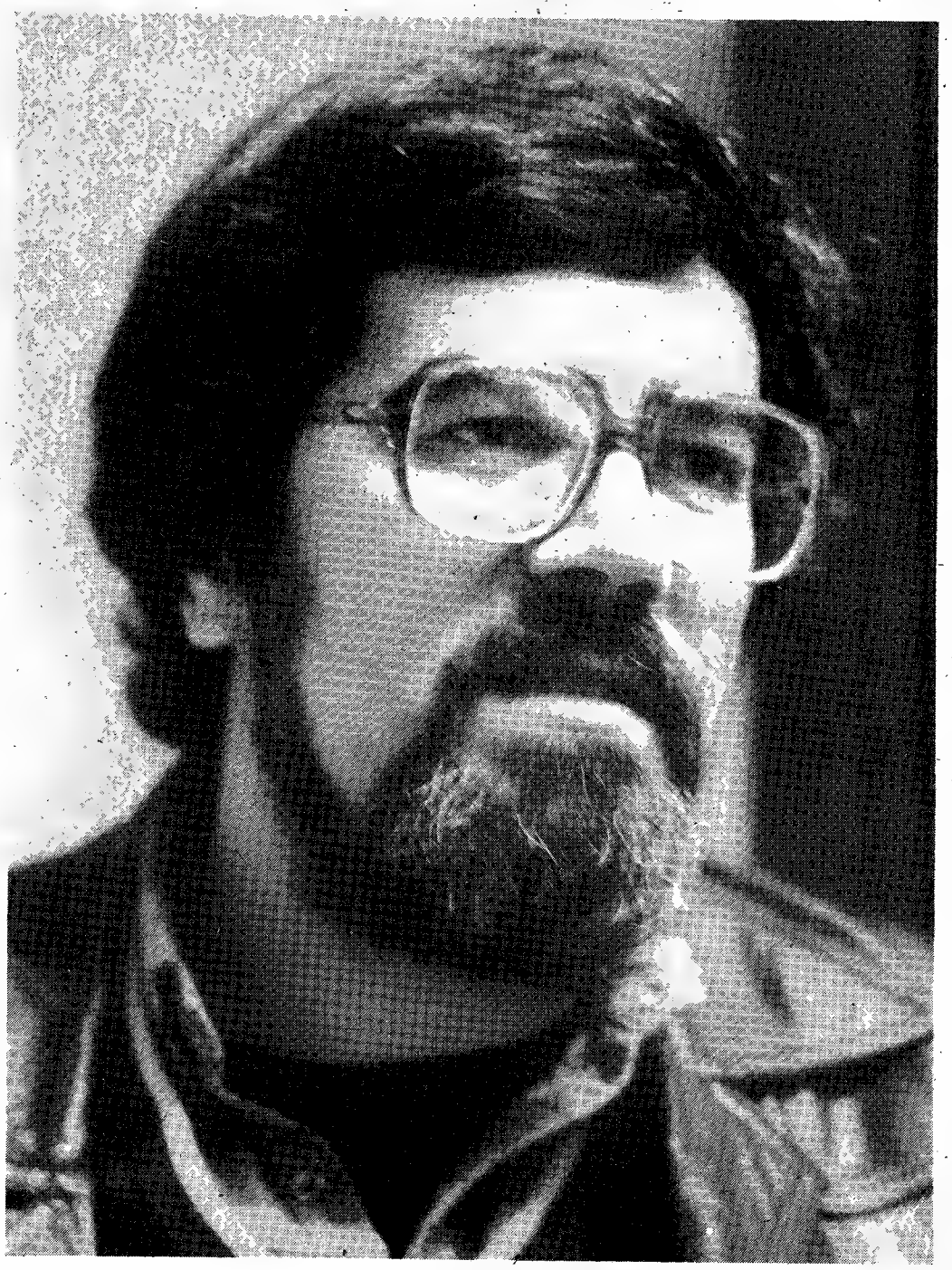
**— Como também já foi dito publicamente, nos teus livros a mulher é vítima, ou joguete inocente de «gangs». É uma mera constatação da realidade desse meio ou não reconheces à mulher «capacidades outras» (como tu escreverias)...?**

— É evidente que é uma mera constatação. Mas isso não acontece só com as mulheres, também acontece com alguns homens. Neste caso, limito-me a observar o que se passa à minha volta, tentando reflectir a realidade que me rodeia. Embora essa leitura seja possível nos livros publicados até agora, ela não é a única possível — parece-me até bastante redutora — e em qualquer dos casos não é o resultado de uma posição preconcebida. E tanto assim é que, no meu próximo livro, **A Arca do Crime,** é uma mulher a fazer o percurso de vítima a principal acusadora, assumindo corajosamente os riscos inerentes.

**— Algumas preocupações tuas repetem-se no que tens escrito: a forte componente política, a procura da verdade como responsabilidade colectiva, a inserção da acção na realidade do dia-a-dia da Grande Lisboa e também do Porto. Os diálogos são convincentes, bem como a descrição do «bas-fond» e das personagens que se movem nele. Conheces bem o meio? Parece-te indispensável que um autor conheça bem a realidade que aborda ou poderá, através de um conhecimento mínimo, inventá-la?**

— O que penso é que não se pode ser convincente se não se conhecer aquilo sobre que se escreve.

**— Os teus longos diálogos, vivos e autênticos, às vezes até castiços, ocupam um espaço tão importante que chegam a sobrepor-se ao desenrolar lógico da trama. É essa uma consequência inevitável de quem se «formou» no cinema ou entendes que o diálogo é um recurso com potencialidades mais convenientes a este subgénero literário?**



«Uma tarde quando folheava o Diário de Lisboa (...)»

— O diálogo é um dos recursos utilizados por quem quer dar vivacidade e autenticidade à narrativa. Observe-se os contadores de estórias orais e veja-se como eles o utilizam com propriedade. A minha aprendizagem começou com eles, que desde muito novo me fascinaram com a sua esmerada arte de prender um auditório. Para sorte minha, tive dois excelentes na minha família. Um avô materno que já morreu e uma tia ainda viva, ambos analfabetos. Sou apenas um mero continuador desse filão inesgotável, que tenta transpor para a escrita uma tradição antiquíssima que tem acompanhado as várias fases da história da Humanidade.

**— E quando nesses diálogos adoptas a transcrição da camada sonora das palavras em vez da sua ortografia correcta — o que em «A Escola da Verdade» levaste às culminâncias — parece que se pode continuar a considerar essa forma de escrita uma forma literária?**

— Limito-me apenas a mergulhar na linguagem oral e a tentar a sua transposição em termos literários. Não nos esqueçamos que qualquer língua, primeiro é falada e só depois é escrita. No que nem sequer sou original, pois antes de mim já outros o fizeram, e lembro com as devidas distâncias um Camilo e um Aquilino, que foram à linguagem popular buscar muitas das faiscantes palavras com que ornamentaram a sua prosa magistral. Por mim, limito-me a tentativas de aprendizagem, talvez mais radicais, sobretudo nalguns casos.

**— O policial português tem tradição?**

— Não acho que tenha uma tradição por aí além. Até há poucos anos, salvo algumas raras excepções, os autores que praticavam o género faziam-no, por imposição dos editores, sob pseudónimos estrangeiros, quase sempre anglo-saxónicos, e sobre acontecimentos passados não importa onde, menos no país em que viviam e onde escreviam. Escrever novelas policiais em português e para portugueses, sobre assuntos portugueses, é facto relativamente recente, portanto, parece-me que não se pode ainda falar de tradição.

**— Reconheces que foste influenciado por algum autor ou autores em especial?**

— Influências, quem as não tem? No meu caso, posso dizer, como já o tenho feito noutras ocasiões, que, quando me decidi a escrever **O Trabalho é Sagrado,** tentei, como qualquer aprendiz que inicia uma nova actividade, ir na senda dos mestres. Do pouco que tinha lido no género, foi um Hammett, um Chandler, um Horace McCoy que me serviram de guia e exemplo. Contudo, a reflexão que tenho vindo a fazer sobre o que tenho escrito certamente que me vai levar noutras direcções. Mas sobre isto, penso que ainda é cedo para falar.

**— Qual o lugar que atribuis ao romance policial na literatura portuguesa?**

— O policial português ainda é olhado com alguma desconfiança e muitos preconceitos; mas a situação está a mudar e a prova disso são os novos autores que estão a surgir.

**— E quanto aos teus livros, como os inseririas na literatura policial portuguesa?**

— Bem, sobre isso não é a mim que me compete falar. Terei o lugar que os leitores acharem ser o meu.

**— Pensa o Henrique Nicolau enveredar por outro género literário?**

— O Henrique Nicolau pensa, se engenho e arte não lhe faltarem, continuar a escrever, pelo menos, os três ou quatro livros que lhe estão a nascer entre as leivas da imaginação.

Na montra de Natal

# A colina de Cristal, de Baptista Bastos

De pouca ou nenhuma apresentação carece Baptista-Bastos, o jornalista-escritor que tem feito a sua carreira no vespertino «Diário Popular» e que se tornou conhecido da opinião pública como cronista e repórter, mesmo antes de «acumular» com a função, pública, de ficcionista de público certo. Aqui fica o arranque do seu último livro, «A Colina de Cristal», lançado pelas edições «O Jornal».

## 1

«Antigamente» — diz ele. Mas não o diz como se convocasse uma provisão de sentidos ou fizesse emergir uma submersa reserva de memórias e de mitos. Diz: «Antigamente» em voz suave, com se do ouvinte apenas solicitasse a recíproca tolerância.

Está ocioso e só: unos sentimentos de segurança e de agasalho aquecem-lhe o coração. É um homem de céu sereno e vida mansa. Já não procura distinguir o justo do injusto: aceita as coisas sem reserva, tal como são; admite-as resignado e calmo; cala a ira e a indignação com disciplinada sabedoria. Sentado num socalco da colina contempla o virar das manhãs e o morrer das tardes, e sabe que ninguém vê duas vezes o mesmo rio.

«Agora, há uma parte de mim mesmo que anda mais devagar. Por isso prefiro ficar só: não quero atrasar os outros.»

## 2

O Narrador, homem grisalho, treinado de ofício, de sobejo experimentado na observação dos outros, pensa: «A postura, o modo de estar sentado, o rosto oblongo, os olhos biselados, os beiços húmidos de luxúria, os pés enormes com calcanhares sobressaídos, as mãos possantes, dedos ásperos e achatados nas pontas, o pescoço arrogante, a expressão estulta, o trejeito desdenhoso...» Vai fixando: «Um Centauro; é isso: faz lembrar um Centauro.»

Discreto, embora, continua a avaliar o outro, o que disse: «Antigamente» e logo demudou o rosto, orientado de súbito para espécie de crueldade professa.

O Narrador desculpa-se:

— Não o queria aborrecer.

O Centauro contempla minuciosamente todos os seus próprios movimentos como se estivesse a ver outra pessoa a fazê-los:

— Não seria capaz — e as pálpebras apertam-se-lhe.

Estende os braços, abre as mãos, mostra as linhas múltiplas e entrecruzadas (estradas ou documentos antiquíssimos); sente-se que olvidou a consicência de ser velho, agora voga para distâncias infinitas; a para breve, celeste, que desliza em uma outra estrada já desaparecida, mas fiel na lembrança; certamente uma evocação fabulosa e gigantesca, uma cadência longínqua. Já fora outra pessoa e, ao pensar nisso, a imagem e a ideia devolvidas imensamente lhe agradam.

Certas mágoas e ofensas, por antigas, haviam perdido a força de o atingir. E embora não manifestasse indiferença, ou as suas atenções surgissem quando a cortesia recomendava, os seus horizontes eram agora outros, as suas necessidades muito menos banais porque escolhidas com minudência e satisfeitas com parcimónia. Pensava: findam-se os dias e encurtam-se os anos. Não vivera o suficiente: a vida, apesar de tudo o que contém de inamistoso, nunca é importuna e ninguém vive o suficiente. Mas sentia uma atracção subtil, temerosa, pelos sedutores mistérios da morte, pelo nada que iria, ou não, finalmente descobrir; vago e indefinível apelo a um prazer derradeiro, só uma vez consentido; precário, o prazer, como a vida precária: um insidioso erotismo.

Conhece o ressoar álgido dos ventos galegos, o sulão elanguescente vindo de terras mouras, o envolvimento cálido de Castela, o ar salgado do Atlântico. Há quem diga que não; que essas percepções e entendimentos são impossíveis de adivinhar ou de pressentir naquela zona da cidade. Ele afirma, porém, lento e pausado, ser exactamente aquela a zona da cidade onde tudo isso se apreende: os renovos a habitar a Terra, majestosos, brandos e plurais.

É alto, solene, seco e nobre; a arca do peito convexa e imponente; está postado tal estátua enigmática, marchetada por uma remotíssima serenidade. Um ser maiúsculo, se assim se pode dizer.

Divisa-se a profusão do mar, à direita; e, no lado oposto, os acidentes geográficos do estuário, as enseadas, as curvas delicadas ou abruptas do rio. O Tejo sempre foi um rio de partida, nunca de chegada: de ali se partiu e parte para a descoberta, para a conquista, para o saque, para a aventura e para o amor: recomeçar, remoçar; novas vidas. Chegar, regressar, poucas vezes estão constelados pela glória. Mais frequentemente revelam-se tocados pela fadiga, pela derrota, pela velhice e pela morte. O Tejo não é um rio de rotina construída; declina a inércia, reitera uma espécie particular de infinito.

«Antigamente» — diz ele.

Vai para continuar, os seus olhos revertem até outras paragens, os pensamentos mergulham no caudal dos anos, os anos também têm comprimento, e ele sabe que à medida que os amigos foram morrendo as trevas iam-se acumulando à sua volta.

Diz:

— Fiz muitas vezes o que era necessário; não o que estava certo.

## 3

A colina é um punho megalítico, vez alguma abalada, ligeiramente que fosse, pelos cíclicos tremores de terra. Alheia à fatalidade comum ao resto da cidade (ser destruído, de duzentos em duzentos anos, quando os terramotos ocorrem), ali os alanos e os visigodos erigiram redutos inexpugnáveis, ali os árabes montaram aduares, ali reis, amos e senhores ergueram fortins, paliçadas, castelos e palácios. O último, que lá está ainda, inútil, melancólico e inacabado, começou por ser de madeira, foi destruído por um incêndio e reconstruído em pedra lioz: janelões sobre pórticos entremeados de colunas dóricas, corpos com pilastras, um vestíbulo repousado com nichos providos de estátuas amáveis, arcadas suplementares por onde o vento se enfia e ruge, e o chamado Pátio das Damas Castelhanas, que não convida à meditação, antes sugere uma volátil negligência.

Ali foi o Paço Velho (também chamado Paço de Madeira ou Real Barraco); ali se abrigou a família real depois do terramoto de 1755; ali morreu D. José, tomado de medo «às casas de pedra»; ali se rezaram as horas canónicas, no entretom dos uivos da ventania infiltrada pelas frinchas das tábuas. Ali, também, D. Miguel jurou a Carta Constitucional; e dela ali abjurou, logo proclamado rei absoluto, e reunindo, à maneira antiga, os Três Estados do Reino.

Uma lenta história de prodigalidades funestas, ponteada de jejuns, pompas litúrgicas e comunhões com hóstias consagradas, os pecados expungidos através de tolerantes bulas papais.

A colina foi amiúde profanada, e depredados os seus tesouros interiores, em todas as ocasiões que se proferiram gritos de batalhas, porventura arbitrárias mas sempre em nome de melhoradas civilizações. Diz-se que um pouco mais a poente, numa gruta da antiga Estrada do Penedo, aquém dos pastios, ferragiais, hortas e marinhas de sal que nessa época remota e turva se estendiam até à boca do rio Jamor — diz-se ter a Virgem aparecido, ajudando os desamparados a suportar aquele e todos os rudes e ingratos caminhos. Artesãos imaginosos figuraram a aparição sentada numa cadeira, com o Menino nos braços, e, a partir de então, os crentes em sobressalto ou em aflições logo a invocavam, obstinada e reverentemente.

Se o fanatismo e a superstição atribuíram, ao palácio inacabado, uma auréola de tragédia, padecimentos e mortes de que foram vítimas príncipes, artífices e artistas, a verdade é que nem sempre a colina viveu mergulhada nesses assombros e espantos. Bailes sumptuosos, festas surpreendentes, fogos-de-artifício deslumbrantes lá se realizaram. E houve um dia, até, inapagável na memória dos séculos, em que se assistiu, entre o pasmo e o regozijo, à lenta ascensão do aeronauta Padre João Faustino, o qual, para melhor cumprir a sua desmedida aventura, escolhera o sítio do Real Barraco, alegando estar mais perto do céu e sob a protecção benevolente da Virgem do arrabalde.

No dobar dos anos, as plataformas naturais foram acrescentadas de socalcos, a vertente rasgada por fieiras de casas, o sopé transformado em lugar e poiso de mareantes, cujas habitações possuíam arcadas com largas superfícies pavimentadas, semelhantes a deques, os andares térreos volumosos como o bojo das fragatas. Toda a parte sul desse imenso cone foi harmoniosamente escalada por gente que procurava uma invencível reserva de afecto, se espalhou em casas sólidas, só raro de dois andares, construídas com o auxílio de uns e de outros. Adornaram os largos implantando no centro memórias de granito, bordejando-os com bancos acenchegantes, lavores escultóricos, empedrado artístico; um chafariz deitando água pela boca de gárgulas, um garoto de pedra, nu e sorridente, flores, arbustos, árvores frondosas e sóbrias. Às vezes, o tédio; ou a reclusão que a vontade impunha a um tempo não desejadamente transposto.

No lado de lá da colina, a norte, chamado Monsanto, o terreno declinava em sombras, ninguém o queria povoar devido à humidade e à tristeza: um ninho de lama e de mau agoiro, domínios privilegiados e refúgio seguro de necromantes, bruxas e endireitas. Estranhas plantas, ao que diziam trazidas por antigos colonos das savanas de África e aqui e além semeadas, emitiam, de noite, luzes pálidas e brumosas. Escutava-se, a par do vento, choros e lamentações de origem desconhecida. E também uivos dilacerantes.

Num largo terreno coberto de saibro e delimitado por cerrada devesa de choupos, casuarinas e loureiros, estava uma granja enorme, de tijolo, e uma residência apalaçada, em cuja frontaria se notava aplicações de losangos cor de terracota. Numa espécie de mirante esguio como um farol e concluído em forma de almenara, um homem antigo, munido de poderosos instrumentos astrológicos, todas as noites perscrutava os céus, seguindo o rumo silencioso dos cometas, o cintilar ténue das estrelas, os enigmas de longínquos planetas. Dizia-se que esse homem antigo fora, em tempos muito recuados, desterrado por crimes inomináveis, e que, finda a proscrição, cumprida a pena, ali se estabelecera, rico, desolado e só. Contava-se que, ao inaugurar a quinta, organizara um festim desordenado, uma bacanal em que tudo fora experimentado e demoradamente saboreado, até à exaltação de se prender mulheres nuas à nora, aparelhadas com selas, estribos e cabrestos, os corpos regados a leite, depois a vinho espesso, e finalmente violadas por homens e cavalos. Contava-se.

De quando em quando, desconhecidos pegavam fogo ao tojo, as labaredas irrompiam de grandes queimadas, propagavam-se às árvores raquíticas e aos arbustos rasteiros, interrompiam-se junto às poças de lama, circundavam os pântanos fétidos onde rebentavam bolhas podres de gás. Depois de tudo apagado, o vento soprava sem convicção, mas arrastava consigo cheiros esquisitos e esporos enormes. Os esporos eram as inflorescências secas e crestadas das alcachofras e dos cardos, bolas com dez, quinze centímetros de circunferência que se tinham formado nos redemoinhos. Voejavam pelo céu, pareciam suspender-se para logo tombarem e rolar pela vertente sul, em tropel pela calçada, às dezenas. As pessoas fugiam, recolhiam-se nas casas ou nos pátios cobertos, cerravam portas e janelas. Os esporos iam

morrer no rio, transformavam um vasto lençol de água numa repugnante massa pastosa. Porém, durante algum tempo, a atmosfera da calçada ficava repleta de minúsculas puas adejantes, que atingiam as faces e as mãos dos incautos, picando-as de sobreleve mas incubando-lhes chagas dolorosas, ou infectando-as com ignoradas doenças de pele.

Sob o pretexto de que toda a imensa área da vertente norte da colina era perigosa por maldita, raros eram os garotos que se atreviam a lá ir. Mesmo os homens, esses, apenas em grupos receosos e só em determinadas épocas, para caçar javalis, veados, ou armar bretes. Todavia, nunca se internaram demasiado nos bosques e, temerosos de se perder no emaranhado universo vegetal, falavam e gritavam constantemente entre si.

A quinta do homem antigo que perscrutava os céus, assim como o cemitério construído na meseta, a oeste, eram lugares votados à morte, abraçados pelo medo, imersos num solene silêncio e impregnados de mistério. O intervalo entre o cemitério e a quinta adensava-se de sanguinhos e abrunheiros, enleados por heras e clematites; o chão foto, coberto de espessas camadas de folhas, ramos e fetos apodrecidos; porções enormes de cógumelos corde-sangue, glaucos ou amarelados; colónias de formigas vermelhas, insectos estranhíssimos. Pesadas aves, répteis extravagantes, tarântulas, animais predadores conviviam com reservada indistinção.

Ao que se murmurava, por vezes ali procuravam refúgio perseguidos políticos, foragidos de leis militares, mulheres que haviam contraído doenças venéreas, alguns loucos; todos eles excluídos em nome da ordem, da organização, da sociedade. O estranho poder dessa mata cerrada jamais devolvia aqueles que nela se acoitavam. As ligações entre loucos, homiziados, e as mulheres blenorrágicas resultavam, ocasionalmente, em monstros macrocéfalos, talvez lâmias, sem outras memórias que não fossem as tácteis e a dos corpos. Amavam-se, brutalizavam-se e exterminavam-se entre si, sem deixar rasto ou história, anotados somente em lendas, elementos de assombro, hipóteses inverosímeis.

Mas o tempo nunca se acomoda e não há verdades irremediáveis. Pouco a pouco, a cidade andou para ocidente e o infatigável interesse das pessoas em desbravar o desconhecido e em enfrentar os terrores fê-las avançar, lentas embora, numa floração comum de expedientes e ardis, por todos os outeiros de Monsanto. O círculo presumivelmente maléfico que abrangia a meseta confinante entre a calçada e a parte norte da serra, granja incluída, foi, a princípio, encarado com dissimulado pavor. Prudentemente, continuaram a marcha, fazendo caminhos a andar, abrindo clareiras onde montaram agregados, derrubando árvores de cujas madeiras extraíam ripas a que adicionavam argamassas, com as quais faziam taipas e adobes e erguiam habitações contingentes, destinadas a uma só geração.

Os répteis, as aves, outros bichos emitiam assobios, silvos aterradores: foram abatidos a tiro, capturados nas redes de passarinheiros, despedaçados nas armadilhas de ferro. Subsistiam o mirante esguio como um farol, a granja e a residência de losangos, sempre aureolados por um perturbador prestígio. Ervas daninhas, líquenes, musgo viscoso invadiam esses domínios privadamente misteriosos; os meses, os anos aplicaram-se em persistente erosão; as fábulas, os episódios inacreditáveis, as lendas começaram a esbater-se nas delidas memórias colectivas, transformaram-se em falsas recordações.

Até que, apesar de intranquilos e inseguros, grupos de homens transpuseram os muretes arruinados, percorreram o que outrora tinham sido salões, câmaras de lazer, quartos de dormir, recantos, esconderijos, salas-de-estar e de jantar, pocilgas, estrebarias, canis. Deparou-selhes um mausoléu sórdido, povoado por aranhas gigantescas, morcegos dependurados no travejamento dos tectos, ratazanas. Mas o que mais surpreendeu os grupos de reconhecimento foi a circunstância de descobrirem o presumível esqueleto do proprietário, espalhado em peças pelas divisões da casa. A dúvida assaltou-os; porém, uma renitente ideia dissipou quaisquer outras conjecturas: o homm antigo que perscrutara os céus fora decerto assassinado, o corpo mutilado, seccionado e disperso (talvez como um esconjuro) por quase todas as dependências. Ouviu-se um sussuro de espanto; mas ninguém praguejou de desespero ou fúria. Mais tarde, o que restava dos edifícios foi utilizado em novas construções, os pântanos soterrados, as terras, pretensamente estéreis, adubadas com minúcia, tratadas e fecundadas; lugarejos, quintarolas, pessoas, movimento removeram por completo a enganosa estrela funesta que pairará, imemorial, sobre a vasta área.

Todavia, o lado de lá da calçada ficou sempre expenso de um destino irreparável, que dificultava ou suprimia quaisquer hipóteses de relações afáveis com as comunidades esparsas pela vertente sul. Essa espécie de dimensão isolada parecia submeter-se às características comuns a quem aceita as regras das fronteiras: gente que vivia sob outros influxos, adoptando hábitos, maneiras, avaliações e procedimentos pouco conciliáveis com a natureza e os códigos dos outros, que deles falavam como se de estrangeiros se tratasse.

Guiavam-se pela inclinação das copas das árvores, pelas flores silvestres, raramente percorriam as ruas da calçada, só quando enterravam os seus mortos subiam à meseta, compravam e vendiam em outros lugares da cidade para atingir os quais faziam fatigantes desvios, servindo-se, habitualmente, do córrego do que outrora fora um denso afluente do Tejo, agora conhecido pelo Rio Seco. Dos charcos lamacentos, dos pântanos soterrados, as sedimentações das terras haviam produzindo uma greda azulada, rara, periodicamente extraída, preparada com urzes e ervas mágicas que preservavam a consistência e a humidade indispensáveis, e vendida em grandes quantidades a empreiteiros de casas, a fábricas de tijolo, de objectos de adorno ou de utensílios domésticos. Essa greda servia, também, para fixar a brita e o cascalho nas primeiras camadas apostas ao longo do leito côncavo das estradas, cujos construtores seguiam inalteravelmente os mesmos métodos e utilizavam rigorosamente os mesmos materiais aplicados pelos romanos do Império.

**Baptista Bastos,**
A Colina de Cristal
Ed. O Jornal

# F.J. Bringre – da Nova Arcádia ao esquecimento

Continuação da pág. 1

as consequências do desemprego. Alguns familiares terão minorado estas consequências.

Na memória local chega a falar-se de **esmolas** por parte da população de Mira, e de amigos, de Aveiro. A palavra esmolas, se não é metáfora, é certamente excessiva, e um tanto desprimorosa para a família descendente do poeta. A falta de documentos não permite que se forme uma imagem mais clara, — e menos ainda uma imagem mais pormenorizada deste último e longo período de vida do autor.

Todavia, excessiva que seja, a sugestão de esmolas não é de todo destituída de fundamento. Há composições de Bingre onde ele maltrata mais ou menos veladamente gente de Mira por esta o presentear com bens alimentares — produtos da terra e do seu trabalho, batatas, por exemplo. E não se pode dizer que amigos (além de familiares, naturalmente) o ajudassem financeiramente. Mas há um episódio da vida do autor muito significativo da miséria que lhe caracterizaria a situação pelos últimos anos de vida. Trata-se agora da homenagem pública que lhe fizeram amigos e admiradores, digamos assim, em 1852 (14 de Dezembro) no Teatro S. João, no Porto.

## Um «benefício» em 1852

A imprensa do tempo regista o evento com algum relevo, o que diz da importância que se atribuiu à homenagem. E da importância da sessão (chamada de «benefício») ter-se-á uma ideia melhor se nos lembrarmos de que nela participou um Camilo Castelo Branco. Camilo leu uma poesia de sua autoria e veio a escrever prosa sobre o «benefício» no jornal **O Portuense.** «São poetas que ali vêm mendigar à caridade pública esmola para o homem de coração, relíquia das caducas glórias da literatura arcádica, herdeiro da indigência de Quita e Bocage, contraste doloroso, e, ao mesmo tempo, irrisório, comparado às cabeças de pedra que por aí se engrinaldam de coroas cívicas, tão caras ao orçamento que nem para o decrépito Bingre sobejam umas sopas» — dirá Camilo, referindo-se aos homenageantes, aos homenageado e a outros.

Pinheiro Caldas também participou na sessão e veio a escrever sobre ela: «O teatro apresentava um aspecto brilhante! Era majestoso e grande ver um povo inteiro rendendo preito à realeza do génio no seu trono de desgraça! Soberbos eram aqueles aplausos espontâneos, aquelas ovações entusiastas com que os espectadores abafaram as últimas notas dum canto arrebatado!»

Pelo menos nos termos em que Camilo fala do «benefício», é de crer que os lucros que ele terá dado reverteram para Bingre. Para Bingre reverteram também os dinheiros porventura ganhos com as vendas de **O Moribundo Cisne do Vouga,** colectânea de peças poéticas do autor, editadas por iniciativa de amigos, e ainda uma colectânea de poesias lidas durante a sessão, — de Camilo, Pinheiro Caldas, Faustino Xavier de Novais, Ferreira Rangel, Augusto Luso.

**O Moribundo Cisne do Vouga** é, há muito, se não preciosidade, pelo menos raridade bibliográfica. Mas um que outro ou alguns folhetos de Bingre que antes tenham sido publicados nem raridades são: desapareceram todos ou quase todos os exemplares, e os que porventura houver estarão inacessíveis.

Mas **OO Moribundo Cisne do Vouga** teve ainda uma utilidade: foi fornecendo, ao longo dos anos (fins de Oitocentos, princípios de Novecentos) poema para divulgação em diversos jornais, Lisboa, Porto, Coimbra e outras terras de província, designadamente Mira.

## Uma trasladação em 1933

Por falar-se de Mira, um jornal local houve que se interessou activamente pela sorte póstuma do poeta, num processo que é interessante referir aqui: a trasladação dos chamados restos mortais, do adro da Igreja para o cemitério da vila.

Quando morreu, em 1856, Bingre foi sepultado na então chamada — em Mira como na generalidade das paróquias portuguesas — Casa dos Ossos. Com a construção do cemitério, os mortos passaram a ser enterrados aqui e a Casa dos Ossos ficou ao abandono. Há então um pormenor do qual o mínimo a dizer-se é que é chocante, e trata-se do seguinte:

A Casa dos Ossos, abandonada — e, talvez mais concretamente, no recanto onde se sabia ou julgava saber que estariam os restos de Bingre (o Poeta Bingre, como o propõe a memória local) — transformou-se em latrina pública. Nada menos. Nos princípios de 30 publicava-se na vila um jornal, **A Razão,** semanário democrático republicano, de oposição ao Estado Novo, feito por gente de cultura e sensibilidade para as letras (Óscar Silva e Maia Alcoforado, entre outros). A situação escandalizaria as melhores consciências e, a dada altura, os responsáveis pelo jornal lançaram uma campanha tendente à trasladação dos ossos de Bingre para o cemitério. A trasladação fez-se em Março de 1933. O jornal de Mira publicou dois números especiais, um sobre as cerimónias, outro com depoimentos diversos, — que, se não constituem valiosa bibliografia, terão sido, pelo menos, um gesto significativo para com a memória do velho neo-árcade.

Mas isto foi há meio século, e até em Mira a memória de Bingre tem vindo a cair no esquecimento, — e tenderá a perder-se, se entretanto tal tendência não for contrariada. Curiosamente, não há na vila nem uma rua com o nome do poeta, apesar de ele ser, até hoje, a única personalidade local que teve o que se pode dizer alguma projecção extralocal minimamente duradoira.

## Notas

1) Jornal local: «Voz de Mira». «Diário de Lisboa»: 24/6/1985 e 5/7/1985.

2) Vd. A.G. Rocha Madail, «Notícias do Estro de Bingre» in **Arquivo do Distrito** de Aveiro, n.º 115, 1963. É informação mais amplas e detalhada que haverá sobre a vida e a obra de Bingre. Saíram aí, na maior parte dos casos em primeira mão, muitos dos da que aqui se divulgam.

**Luís de Miranda Rocha**

NESTA NOVA EDIÇÃO, AGORA EM

5 VOLUMES,

ALÉM DOS ARTISTAS MENCIONADOS NA PRIMEIRA, FIGURAM OS

NOVOS E NOVÍSSIMOS

SURGIDOS DEPOIS DOS ANOS 50

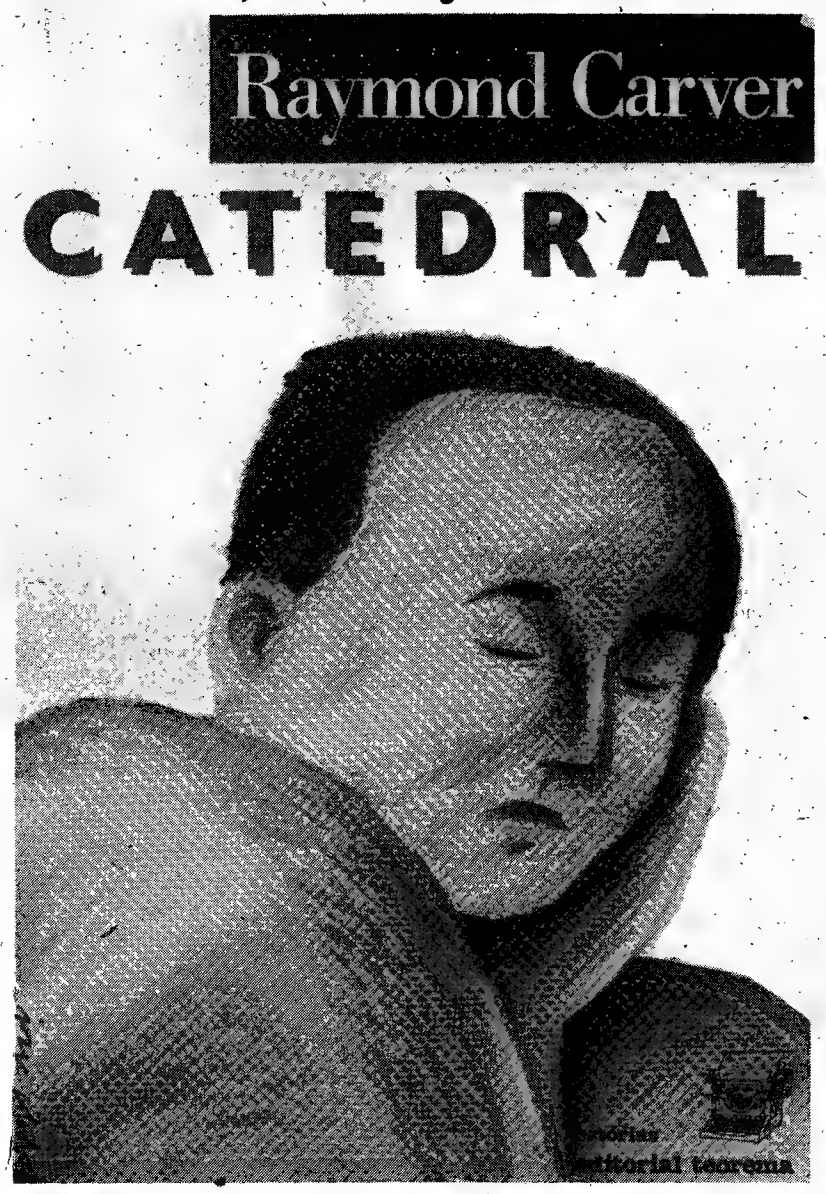
À venda os 2 primeiros volumes nas livrarias ou no editor

AMÉRICO FRAGA LAMARES & C.ª LDA.
R. Alberto Aires de Gouveia, 27 — Telef. 22286 — 4000 PORTO
Av. Almirante Reis, 102 r/c-Dt.º — Telef. 823388 - 1000 LISBOA

**Na montra de Natal**

# Catedral, de Raymond Carver

**Raymond Carver é um dos mais notáveis escritores da «geração intermediária» norte-americana, anterior à dos novíssimos ficcionistas como Leavitt ou Ellis. Nascido em 1939, publicou, além de «Catedral», que Carlos Santos agora traduziu para a Teorema,** *Will You Please Be Quiet* e *What We Talk About When We Talk About Love*, que esperamos ver, em breve, em português. Aqui fica um excerto de «Catedral».




Bud, um amigo meu do emprego, convidou-me e à Fran para jantar. Eu não conhecia a mulher dele e ele não conhecia a Fran. Isso punha-nos em pé de igualdade. Mas Bud e eu éramos amigos. E eu sabia que havia um bebé em casa de Bud. Aquele bebé devia ter oito meses quando Bud nos convidou para jantar. Onde é que já vão esses oito meses? Cum raio, o que é que se passou desde então? Lembro-me do dia em que Bud chegou ao trabalho com uma caixa de charutos. Distribuiu-os no refeitório. Eram charutos do tipo que se vende nos *drugstores*. *Dutch Masters*. Mas cada charuto tinha um invólucro e um rótulo que dizia: É UM RAPAZ! Eu não fumo charutos, mas de qualquer modo, tirei um. «Tira dois», disse Bud, sacudindo a caixa. «Eu também não gosto de charutos. A ideia partiu dela.» Ele estava a falar da mulher. Olla.

Nunca tinha visto a mulher de Bud, mas uma vez ouvira a voz dela ao telefone. Era um sábado à tarde e eu não tinha nada que fazer. Por isso telefonara ao Bud para saber se queria ir fazer alguma coisa. Uma mulher atendeu o telefone e disse: «Está lá?». Tive um ataque de estupidez e não consegui lembrar-me do nome dela. Da mulher de Bud. Bud tinha-me dito o nome dela uma quantidade de vezes, mas entrara-me por um ouvido e saíra pelo outro. «Está lá», disse de novo a mulher. Eu ouvia o som de uma televisão. Depois a mulher disse: «Quem é que fala?» Ouvi um bebé começar a chorar. «Bud!», chamou ela. «O que é que se passa?», ouvi Bud perguntar. E eu continuava sem me lembrar do nome dela. Por isso desliguei. Na próxima vez que vi Bud no emprego fiz questão em não dizer que lhe tinha telefonado, mas conduzi a conversa de modo a que ele mencionasse o nome da mulher. «Olla», disse ele. Olla, disse eu para comigo. *Olla*.

—Nada de especial — disse Bud. Estávamos sentados no refeitório a beber café, — Só nós os quatro. Tu e a tua senhora, e eu e a Olla. Nada de cerimónias. Apareçam por volta das sete. Ela dá de comer ao bebé às seis. A seguir põe-no na cama e depois vamos nós comer. A nossa casa não é difícil de encontrar. Mas, de qualquer maneira, aqui tens um mapa.

Deu-me uma folha de papel com toda a espécie de linhas a indicarem as estradas principais e secundárias, veredas e coisas do género como setas a apontarem para os quatro pólos da bússola. Um grande X marcava o sítio da casa.

— Teremos imenso prazer — disse eu.

Mas Fram não ficou muito entusiasmamda. Naquela noite, enquanto víamos televisão, perguntei-lhe se devíamos levar qualquer coisa para a casa do Bud.

— Como, por exemplo? — perguntou Fram. —df Ele pediu que levássemos alguma coisa? Como é que queres que eu saiba? Não faço a mínima ideia.

Encolheu os ombros e olhou-me de uma maneira especial. Ela já me tinha ouvido falar do Bud. Mas não o conhecia, nem estava interessada em conhecê-lo.

— Podíamos levar uma garrafa de vinho — disse ela. — Mas tanto me faz. Porque é que não levas uma garrafa de vinho?

Fram sacudiu a cabeça. O cabelo comprido balançou de um lado para ooutro, sobre os ombros. Parecia queree dizer: «Porque é que precisamos das outras pessoas? Temo-nos um ao outro».

— Vem cá — disse-lhe. Ela chegou-se um pouco mais, de modo a que eu pudesse abraçá-la.

Fram é como um copo esguio de água fresca. Tem cabelos loiros compridos que lhe caem pelas costas. Levantei-lhe parte do cabelo e cheirei-o. Enrolei o cabelo dela na minha mão. Ela deixou-me abraçá-la. Mergulhei a cara no cabelo dela e abracei-a com mais força. Às vezes, quando o cabelo a incomoda, ela tem o hábito de o levantar e atirar por cima dos ombros. E fica irritada. «este cabelo — diz ela — só me dá trabalho».

Fram trabalha numa fábrica de lacticínios e tem de pentear o cabelo para cima quando vai trabalhar. Tem de lavá-lo todas as noites e escova-o quando estamos sentados à frente da televisão. De vez em quando ameaça cortá-lo. Mas não creio que o faça. Ela sabe que eu gosto muito dele; sabe que sou louco por ele. Costumo dizer-lhe que me apaixonei por ela por causa do cabelo. Costumo dizer-lhe que se ela o cortar deixarei de amá-la. Às vezes chamo-lhe sueca. Ela podia passar por sueca. Nesses momentos emque estávamos juntos ao serão, ela escovava o cabelo e formulávamos desejos em voz alta das coisas que não tínhamos. Um carro novo era uma das coisas que desejávamos. E desejávamos passar duas semanas no Canadá. Mas uma coisa que não desejávamos era ter filhos. A razão por que não tínhamos filhos era por não querermos filhos «Talvez um dia», dizíamos um ao outro. Mas, naquela altura, estávamos a a aguardar. Pensávamos que podíamos continuar a aguardar. Algumas noites íamos ao cinema; outras, ficávamos em casa a ver televisão. Às vezes Fram fazia bolos e comíamos o que quer que fosse de uma assentada.

— Talvez eles não bebam vinho — disse eu.

— Leva vinho, de qualquer maneira — disse Fran. — Se eles não bebem, bebemos nós.

— Branco ou tinto?

— Vamos levar qualquer coisa doce — disse ela, não me prestando atenção. — Mas não me ralo se levarmos outra coisa qualquer. O espectáculo é teu. Mas não façamos disso uma superprodução, senão não ponho lá os pés. Posso fazer biscoitos com compota, ou então uns bolinhos...

— Eles devem ter sobremesa — disse eu. — Não se convidam pessoas para jantar sem se preparar uma sobremesa.

— Devem ter arroz-doce. Ou gelatina. Qualquer coisa de que não gostamos — disse ela. — Eu não conheço a mulher. Como é que posso saber o que ela vai apresentar? E se ela nos der gelatina?

Fran sacudiu a cabeça. Eu encolhi os ombros. Mas ela tinha razão.

— Aqueles charutos que ele te deu — disse ela. — Leva-os contigo. Depois, tu e ele, podem ir até à sala de estar, a seguir ao jantar, fumar charutos e beber um Porto, ou lá o que quer que seja que as pessoas bebem nos filmes.

— Está bem, vamos levar-nos a nós próprios — disse eu.

— Vamos levar um dos meus pães — disse Fran.

Bud e Olla viviam mais ou menos a umas vinte milhas da cidade. Nós já vivíamos naquela cidade há três anos, as, cos diabos, nem Fran nem eu tínhamos ido dar uma volta pelo campo. Era agradável conduzir pelas pequenas estradas sinuosas. Era ao princípio da noite. Estava agradável e quente e vimos pastagens e cercas de vacas leiteiras que se encaminhavam pachorrentamente em direcção aos velhos celeiros. Vimos melros de asas vermelhas empoleirados nas cercas e pombos a voarem em círculo sobre os palheiros. Havia jardins e coisas assim, flores silvestres a desabrochar e pequenas casas afastadas da estrada.

— Oxalá tivéssemos uma casa aqui — disse eu. Foi apenas um pensamento vão; outro desejo que não chegaria a nada.

Fran não respondeu. Estava ocupada a olhar para o mapa de Bud. Chegámos aos quatro caminhos que ele assinalara. Voltámos à direita, tal como o mapa indicava, e andámos exactamente 3,3 milhas. Do lado esquerdo da estrada vi um campo de milho, uma caixa de correio e um longo acesso de cascalho para carros. Ao fundo, junto a umas árvores, havia uma casa com alpendre. A casa tinha uma chaminé, mas, sendo Verão, naturalmente, não deitava fumo. Mas eu pensei que era uma vista bonita e disse-o à Fran.

— São as estacas aqui à volta — disse ela.

Entrei no acesso de cascalho. O milho crescia de ambos os lados e era mais alto do que o carro. Eu ouvia o ruído do cascalho a ser esmagado pelos pneus. Quando nos aproximámos da casa, vimos um jardim com umas coisas verdes do tamanho de bolas, dependuradas das estacas da videira.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Como é que hei-de saber? — disse ela. — Abóboras, provavelmente. Não faço a mínima ideia.

— Ei, Fran — disse eu —, tem calma.

Ela não disse nada. Trincou o lábio inferior e deixou as coisas neste ponto. Desligou o rádio quando nos aproximámos da casa.

No jardim havia um baloiço de bebé e alguns brinquedos no alpendre. Dirigi-me para a frente da casa e parei o carro. Foi nessa altura que ouvimos um grito terrível. Havia um bebé em casa, é certo, mas aquele grito era demasiado estridente para um bebé.

— Que barulho é este? — perguntou Fran.

Depois, uma coisa tão grande como um abutre bateu as asas com força, veio em voo picado de cima de uma árvore e poisou mesmo em frente do carro. Sacudiu-se. Voltou o longo pescoço em direcção ao carro, ergueu a cabeça e olhou para nós.

— Raios me partam — disse eu. Fiquei ali sentado, com as mãos no volante, a olhar para aquela coisa.

— Acreditas naquilo que estás a ver? — perguntou Fran. — Eu nunca tinha visto antes um verdadeiro.

Ambos sabíamos que era um pavão, claro, mas não dissemos a palavra em voz alta. Ficámos apenas a olhar para ele. A ave levantou a cabeça no ar e deu, novamente, um grito desagradável. Tinha aberto as penas da cauda e parecia ter o dobro do tamanho de quando pousara no chão.

— Raios me partam — disse eu novamente. E ficámos ali sentados no banco da frente.

A ave aproximou-se um pouco. Voltou a cabeça para o lado e ficou tensa. Manteve o olho vivo e louco fixo em nós. Tinha a cauda levantada e parecia um grande leque a abrir e a fechar. Da cauda saíam todas as cores do arco-íris.

— Deus do céu — disse Fran calmamente, colocando a mão em cima do meu joelho.

— Raios me partam — disse eu. Não havia mais nada a dizer.

A ave fez, uma vez mais, um estranho som de pranto: *Mai-aué, mai-aué!* Se fosse uma coisa que eu ouvisse à noite pela primeira vez, teria pensado que estava alguém a morrer ou que era qualquer coisa selvagem e perigosa.

A porta da frente abriu-se e Bud saiu para o alpendre. Estava a abotoar a camisa. Tinha o cabelo molhado. Parecia que tinha acabado de sair do chuveiro.

— Cala a boca, Joey! — disse ele ao pavão. Bateu as mãos em frente à ave e a coisa recuou um pouco. — Já chega. É isso mesmo. Agora cala-te! Vamos lá a calar, seu malvado!

Bud desceu os degraus. Enquanto vinha em direcção ao carro, meteu a camisa dentro das calças. Vestia aquilo que usava sempre no trabalho: *jeans* e uma camisa de sarja. Eu trazia vestidas umas calças e uma camisa desportiva de manga curta. O meu melhor par de *mocassins*. Quando vi as roupas de Bud não gostei de estar tão bem vestido.

— Estou muito contente por terem vindo — disse Bud ao aproximar-se do carro. — Entrem lá!

— Olá, Bud — disse eu.

Fran e eu saímos do carro. O pavão mantinha-se à distância, um pouco de lado, movendo a feia cabeça de um lado para o outro. Tivemos o cuidado de manter uma certa distância entre ele e nós.

— Tiveram dificuldade em encontrar a casa? — perguntou-me Bud. Ele ainda não tinha olhado para Fran. Estava à espera de ser apresentado.

— As instruções eram boas — disse eu. — Ei, Bud, esta é a Fran. Fran, Bud. Ela tem boas referências tuas, Bud.

Fran riu-se e apertaram as mãos. Ela era mais alta do que Bud. Bud tinha de olhar para cima.

— Ele fala muito de ti — disse Fran. Desprendeu a mão. — E o Bud para aqui, o Bud para acolá. Deves ser a única pessoa de quem ele fala lá em casa. Sinto até que já te conheço.

Fran continuava de olho no pavão. Ele tinha-se aproximado do alpendre.

Ele é meu amigo — disse Bud —, portanto, tinha de falar de mim. Bud disse isto e depois sorriu ironicamente e deu-me um pequeno soco no braço.

Fran continuava a segurar o pão. Não sabia o que fazer com ele e entregou-o a Bud. — Trouxemos-te uma coisa.

Bud aliviou-a daquele peso. Voltou-o ao contrário e olhou-o como se visse um pão pela primeira vez. — É muito simpático da tua parte. Levou o pão ao nariz e cheirou-o.

— Foi a Fran quem cozeu esse pão — disse eu a Bud.

Bud acenou a cabeça. Depois disse:

— Vamos entrar e conhecer a esposa e mãe.

Ele estava a falar de Olla, é claro. Olla era a única mãe ali à volta. Bud tinha-me contado que a mãe morrera e que o pai abandonara a casa quando ele era criança.

O pavão foi dando saltinhos à nossa frente e depois pulou para o alpendre quando Bud abriu a porta. Estava a tentar entrar em casa.

— Olha! — disse Fran, ao sentir o pavão encostar-se à perna.

— Coa breca, Joey — disse Bud. Deu um carolo na cabeça da ave. O pavão recuou e sacudiu-se. As penas da cauda fizeram um ruído quando ele se sacudiu. Bud fingiu que ia dar-lhe um pontapé e o pavão recuou ainda. Depois Bud segurou a porta para entrarmos.

— Ela deixa o maldito entrar em casa. Qualquer dia vai comer à mesa e dormir no raio da cama.

Fran parou mesmo à entrada da porta. Olhou para trás, para o campo de milho.

— A vossa casa está muito bem situada — disse ela. Bud continuava a segurara a porta. — Não achas, Jack?

— De que maneira — disse eu, surpreendido por ela ter dito aquilo.

— Uma casa assim não é apenas aquilo que parece — disse Bud, continuando a segurar a porta. Fez um gesto ameaçador ao pavão.

— Sempre a bulir. Nunca há um

momento de tédio. — Depois disse: — Entrem, minha gente!

Eu perguntei:

— Ei, Bud, o que são aquelas coisas ali?

— Tomates — respondeu Bud.

— Sempre me saíste um grande agricultor — disse Fran, a abanar a cabeça.

Bud riu. Entrámos em casa. Uma mulherzinha rechonchuda, com carrapito, estava à nossa espera na sala. Tinha as mãos enroladas no avental. As bochechas eram de um vermelho vivo. A princípio, pensei que ela estivesse com falta de ar ou zangada com qualquer coisa. Olhou-me rapidamente e depois desviou a vista para Fran. Não de maneira hostil, mas com curiosidade. Olhou fixamente para Fran e continuou a corar.

Bud disse:

— Olla, esta é a Fran. E este é o meu amigo Jack. Já sabes tudo acerca dele. Minha gente, esta é a Olla. — E entregou o pão a Olla.

— O que é isto? — perguntou Olla. — Oh, é pão caseiro. Obrigada. Sentem-se onde lhes apetecer. Estejam à vontade, Bud, porque é que não lhes perguntas se querem beber alguma coisa? Tenho uma coisa ao lume. — Disse aquilo e voltou para a cozinha com o pão.

— Sentem-se — disse Bud.

Fran e eu deixámo-nos cair no sofá. Tirei os cigarros.

— Está aqui um cinzeiro — disse Bud. Pegou numa coisa pesada que estava em cima da televisão. — Podes utilizar isto. — E pôs a coisa em cima da mesinha de café que estava à minha frente. Era um desses cinzeiros de vidro em forma de cisne. Acendi um cigarro e deixei cair o fósforo na abertura que havia na parte de cima do cisne. Fiquei a olhar para um pequeno fio de fumo que subia do cisne.

A televisão a cores estava ligada e ficámos a olhar para ela durante um minuto. NO *écran*, *stock cars* passavam disparados pela pista. O locutor fazia comentários com uma voz grave, mas parecia que estava a esconder uma certa excitação. Estamos ainda a aguardar a confirmação oficial , dizia o locutor.

— Vocês querem ver isto? — perguntou Bud, que ainda estava de pé.

Respondi que tanto me fazia. E era verdade. Fram encolheu os ombros. Que diferença lhe fazia? — parecia querer dizer. De qualquer maneira o dia estava estragado.

— Só faltam cerca de vinte voltas — disse Bud. — Está quase no fim. Houve um grande acidente, um pouco antes, que destruiu meia dúzia de carros. Alguns condutores ficaram feridos. Ainda não disseram se foi grave.

— Deixa-a ligada — disse eu —, vamos lá ver...

— Talvez um desses malditos carros expluda mesmo à nossa frente — disse Fram. — Ou talvez um deles suba até à bancada central e esmague o tipo que está a vender a porcaria dos cachorros quentes. — Fram pegou numa madeixa de cabelo com dois dedos e manteve os olhos fixos na televisão.

Bud olhou para Fram para ver se ela estava a brincar e disse:

— Aquela história do acidente foi qualquer coisa... Uma coisa levou a outra; carros, peças dos carros, gente em geral... Vamos lá, o que é que vos posso oferecer? Temos cerveja e há uma garrafa de *Old Crow*.

— O que é que vais beber? — perguntou a Bud.

— Cerveja — respondeu Bud. — Está boa e fresca.

— Também bebo cerveja — disse eu.

— Eu vou beber um pouco de *Old Crow* com pouca água. Num copo grande, por favor. Com gelo. Obrigada, Bud.

— É para já — disse Bud. Olhou uma vez mais para a televisão e encaminhou-se para a cozinha.

Fram deu-me uma cotovelada e fez-me sinal para olhar para a televisão.

— Olha para a parte de cima — segredou ela. — Vês aquilo que eu estou a ver?

Olhei para onde ela indicava. Havia uma jarra vermelha esguia onde alguém tinha espetado umas margaridas. Ao lado da jarra, em cima do *napperron*, estava um velho molde em gesso da dentadura mais torta e desdentada que jamais vira. Aquela coisa horrorosa não tinha lábios nem sequer maxilas; apenas aquela velha dentadura de gesso, enfiada numa coisa que parecia uma espessa gengiva amarelada.

Precisamente naquele momento, Olla voltou com uma lata de amendoins sortidos e uma garrafa de *root-beer*. Já tinha tirado o avental. Pôs a lata de amendoins em cima da mesinha do café, ao lado do cisne.

— Sirvam-se — disse ela. — O Bud está a preparar as vossas bebidas.

O rosto de Olla voltou a corar enquanto falava. Sentou-se numa velha cadeira de baloiço, em junco, e começou a balançar-se. Deu um gole na *root-beer* e olhou para a televisão. Bud regressou, trazendo uma pequena bandeja de madeira com o copo de uísque e água para Fran e a minha garrafa de cerveja. Para ele tinha outra garrafa de cerveja na outra bandeja.

— Queres um copo? — perguntou-me.

Fiz que não com a cabeça. Ele deu-me uma palmada no joelho e virou-se para Fran.

Ela tirou-lhe o copo da mão e disse:

— Obrigada.

Os olhos dela voltaram-se de novo para a dentadura. Bud viu para onde ela estava a olhar. Os carros chiavam à volta da pista. Peguei na cerveja e comecei a prestar atenção ao que se passava no *écran*. Os dentes não eram da minha conta.

— Aquilo é como pareciam os dentes de Olla antes de ela usar o aparelho — disse Bud a Fran. — Já me habituei a eles. Mas acredito que pareçam esquisitos ali em cima. Não consigo perceber, por nada deste mundo, porque é que ela não os tem guardados.

Bud olhou para Olla. Depois olhou para mim e piscou-me o olho. Sentou-se na espreguiçadeira e cruzou as pernas. Deu um golo na cerveja e voltou a fixar o olhar em Olla.

Olla corou de novo. Ela estava a segurar a garrafa de *root-beer*. Deu um gole. Depois disse:

— Estão ali para me fazerem lembrar quanto devo a Bud.

— O que é que disse — perguntou Fran. Ela estava a mexer na lata dos amendoins e tirou alguns cajus. Interrompeu o que estava a fazer e olhou para Olla. — Desculpe, mas não percebi. — Fran olhou para a mulher e ficou à espera do que ela iria dizer a seguir. O rosto de Olla voltou a corar.

— Há muitas coisas pelas quais me devo sentir agradecida. Aquilo é uma das coisas pelas quais me sinto agradecida. Eles estão ali para me fazerem lembrar quanto deve ao Bud. — Olla bebeu mais um gole de *root-beer*. Depois baixou a garrafa e disse: — Você tem uns dentes bonitos, Fran. Reparei logo neles. Mas estes meus dentes eram todos tortos quando eu era miúda. — Bateu levemente com a unha em dois dentes da frente e continuou: — Os meus pais não tinham dinheiro para me mandarem arranjar os dentes. Estes dentes nasceram cada um para seu lado. O meu primeiro marido não se importava com o meu aspecto. Não, ele não se importava. Não se importava com nada, excepto onde arranjar uma bebida. Ele

só tinha um amigo neste mundo que era a garrafa. — Olla sacudiu a cabeça. — Então o Bud apareceu e tirou-me daquela porcaria. Depois de estarmos juntos a primeira coisa que Bud disse foi: «Vamos tratar desses dentes». Aquele molde foi feito logo a seguir ao Bud e eu nos termos conhecido, durante a minha segunda visita ao odontologista. Antes de começar a usar o aparelho.

O rosto de Olla mantinha-se corado. Olhou para a imagem no *écran* e deu outro gole na *root-beer*. Parecia não ter mais nada para dizer.

— Esse odontologista devia ser um génio — disse Fran, e voltou a olhar para a dentadura de filme de terror em cima da televisão.

— Era óptimo — disse Olla. Voltou-se na cadeira e disse: — Estão a ver? — Abriu a boca e mostrou-nos outra vez os dentes, sem qualquer embaraço.

Bud tinha ido até à televisão e pegado na dentadura. Foi até junto de Olla e encostou-lha à face. — Antes e depois — disse Bud.

Olla estendeu o braço e tirou o molde da mão de Bud.

— Querem saber uma coisa? — disse Olla. — O odontologista queria guardar isto. — Ela estava a segurar o molde no colo enquanto conversava. — Eu disse-lhe que nem pensasse nisso. Fi-lo ver que os dentes eram meus. Então, como alternativa, tirou fotografias do molde. Disse-me que ia mandar as fotografias para uma revista.

Bud disse:

— Imagine-se que género de revista devia ser. Esse tipo de publicação não deve ter muita procura, penso eu — disse ele e rimos todos.

— Mesmo depois de tirar o aparelho, ainda continuei a pôr a mão à frente da boca quando me ria. Assim... — disse Olla. — Às vezes ainda o faço. É um hábito. Um dia Bud disse-me: «Podes deixar de fazer isso quando quiseres, Olla». Não tens de esconder uns dentes tão bonitos como os teus. Agora tu tens uns dentes bonitos».

Olla olhou para Bud. Bud piscou-lhe o olho. Ela sorriu timidamente e baixou os olhos.

Fran levou o copo à boca. Eu bebi um pouco da minha cerveja; não sabia que comentário fazer. Nem a Fran. Mas sabia que a Fran teria muito que dizer mais tarde. Então disse:

— Olla, eu telefonei uma vez para cá. Você atendeu o telefone, mas eu desliguei. Não sei porque foi que desliguei — disse eu e bebi mais um gole de cerveja. Não sabia porque tinha mencionado aquilo.

— Não me lembro — disse Olla. — Quando é que foi isso?

— Há tempos.

— Não me lembro — disse ela e sacudiu a cabeça. Passou os dedos à volta da dentadura que estava no colo. Olhou para a corrida de carros e voltou a balançar-se.

Fran virou os olhos para mim. Trincou o lábio. Mas não disse nada.

Bud disse:

— Então, quais são as novidades?

— Sirvam-se de mais amendoins — disse Olla. — O jantar não demora muito.

Ouviu-se um choro vindo das traseiras da casa.

— Oh, não... — disse Olla a Bud, fazendo uma careta.

— É o célebre júnior — disse Bud. Inclinou-se para trás na cadeira e acabámos de ver o resto da corrida, as últimas três ou quatro voltas, sem som.

Uma ou duas vezes ouvimos de novo o bebé, uns gritinhos rabujentos, vindos do quarto das traseiras.

— Não sei o que fazer — disse Olla. Levantou-se da cadeira. — Está quase tudo pronto para irmos jantar. Só falta preparar o molho. Mas primeiro é melhor ir ver o que se passa com ele. Porque é que vocês não se vão sentando à mesa? Não demoro mais de um minuto.

— Eu gostava de ver o bebé — disse Fran.

Olla estava ainda a segurar a dentadura. Começou a andar e pô-la em cima da televisão.

— Isso é capaz de o perturbar neste momento — disse ela. — Não está habituado a estranhos. Espere até eu o adormecer. Depois pode dar uma espreitadela. Enquanto ele estiver a dormir. — Disse isto e atravessou o corredor até chegar a um quarto cuja porta abriu. Entrou suavemente e fechou a porta. O bebé parou de chorar.

Bud apagou a televisão e fomo-nos sentar à mesa. Bud e eu falávamos de coisas do emprego. Fran ouvia-nos. De vez em quando até fazia uma pergunta. Mas eu sabia que ela estava aborrecida e talvez ofendida com Olla por ela não a ter deixado ver o bebé. Olhou em volta da cozinha de Olla. Enrolou uma madeixa de cabelo à volta dos dedos e começou a inspeccionar as coisas de Olla.

Olla voltou para a cozinha e disse:

— Mudei-lhe a fralda e dei-lhe um patinho de borracha. Talvez agora ele nos deixe comer em paz. Mas nunca podemos ter a certeza.

Olla levantou uma tampa e tirou uma panela do fogão. Despejou um molho vermelho para uma taça que pôs em cima da mesa. Tirou as tampas de outras panelas e olhou para dentro para ver se estava tudo pronto. Em cima da mesa havia presunto assado, batatas doces, puré de batata, feijão-de-lima, maçarocas de milho e salada. O pão de Fran estava num lugar de destaque, ao lado do presunto.

— Esqueci-me dos guardanapos — disse Olla. — Comecem a comer. O que é que querem beber? Bud bebe leite com todas as refeições.

— Leite será óptimo — disse eu.

— Para mim, água — disse Fran. — Mas posso ir buscá-la. Não quero que você se esteja a incomodar por minha causa. Já fez bastante. — Fran fez o gesto de se levantar da cadeira.

Olla disse:

— Por favor. Você é uma convidada. Deixe-se estar sentada. Eu vou buscar. — Olla estava novamente a corar.

Ficámos novamente com as mãos no colo e aguardámos. Pus-me a pensar acerca daquela dentadura de gesso. Olla voltou com guardanapos, dois copos com leite para Bud e para mim e um copo de água gelada para Fran. Fran, disse:

— Obrigada.

— Não tem de quê — disse Olla. Depois sentou-se. Bud aclarou a garganta. Baixou a cabeça e disse uma oração de acção de graças. Falou em voz tão baixa que tive dificuldade em perceber as palavras. Mas apanhei o sentido. Ele estava a agradecer ao Todo Poderoso a comida que estávamos prestes a enfardar.

— Amen — disse Olla, quando ele acabou.

Bud passou-me a travessa do presunto e serviu-se do puré de batata. Depois começámos a comer. Não falámos muito, excepto quando, de vez em quando, Bud ou eu dizíamos: «Este presunto está mesmo bom.» Ou: «É o melhor milho doce que comi até hoje.»

— Este pão é que é especial — disse Olla.

— Vou servir-me de um pouco mais de salada, Olla — disse Fran, abrandando talvez um pouco.

— Tirem mais — dizia Bud, passando a travessa do presunto e a taça do molho vermelho.

De fez em quando, ouvíamos o bebé a fazer barulho. Olla virava a cabeça para ouvir melhor. Depois, satisfeita por ser apenas um pequeno rebuliço, voltava a prestar atenção à comida.

— O bebé hoje não está bem disposto — disse Olla a Bud.

— Mesmo assim ainda gostava de vê-lo — disse Fran. — A minha irmã tem um bebé pequeno, mas vivem em Denver. Quando é que terei oportunidade de ir a Denver? Tenho uma sobrinha e nunca a vi. — Fran pensou nisso por um instante e depois recomeçou a comer.

Olla levou uma garfada de presunto à boca. — Esperemos que ele adormeça — disse ela.

Bud disse:

— Ainda há mais de tudo. Vamos lá a comer mais presunto e batatas doces.

— Não posso comer mais uma garfada — disse Fran. Poisou o garfo no prato. — Está tudo óptimo, mas não posso comer mais.

— Ao menos deixem um cantinho — disse Bud. — A Olla fez uma tarte de ruibarbo.

Fran disse:

— Acho que ainda vou ser capaz de comer um pouco. Quando todos estiverem prontos.

— Eu também — disse eu. Mas disse aquilo por uma questão de delicadeza. Odiava tarte de ruibarbo desde os treze anos, quando fiquei doente por tê-la comido com gelado de morango.

Acabámos de comer o que estava nos pratos. Então, ouvimos novamente o maldito pavão. Desta vez, aquela coisa estava no telhado. Podíamos ouvi-lo por cima das nossas cabeças. Fazia um som de tiquetaque quando andava para trás e para diante nas telhas de madeira.

Bud sacudiu a cabeça. — Joey já vai parar com aquilo dentro de um minuto. Vai cansar-se e ir para a cama dentro em pouco — disse Bud. — Ele dorme em cima duma das árvores.

A ave lançou o seu grito uma vez mais: *Mai-auc!* Ninguém disse nada. O que é que podíamos dizer?

Depois Olla disse:

— Ele quer entrar, Bud.

— Bem, ele agora não pode entrar — disse Bud. — Temos convidados, no caso de não te teres apercebido. Os nossos amigos não vão querer o maldito pavão dentro de casa. Aquela ave nojenta e a tua velha dentadura! O que é que as pessoas vão pensar? — sacudiu a cabeça. Riu-se.

Rimos todos. Fran riu tanto como os outros.

— Ele não é *nojento*, Bud — disse Olla. — O que é que te deu? Tu gostas do Joey. Desde quando é que começaste a chamar-lhe nojento?

— Desde que ele cagou uma vez no tapete — disse Bud. — Perdoe-me a franqueza — disse ele a Fran. — Mas deixem-me que vos diga: às vezes apetece-me torcer o pescoço àquela ave velha. Mas ele nem merece que o matem, não é, Olla? Às vezes, a meio da noite, faz-me saltar da cama com um dos seus gritos. Ele não vale um chavo, não achas, Olla?

**Raymond Carver**
Catedral, ed. Teorema

A fechar

# 101 histórias Zen

**Paul Reps é um americano apaixonado pelo Oriente e Nyogen Senzaki um monge budista fixado na Califórnia. Eles escolheram os 101 contos que compõem esta edição da *Presença*. Pensando, igualmente, no Natal, aqui fica um «cheirinho» *zen*.**

### Uma taça de chá

Nan-in, um mestre japonês da era Meidji (1868-1912), recebeu um professor universitário que viera informar-se sobre o Zen.

Nan-in serviu chá. Encheu a taça do seu visitante e, depois, continuou a deitar.

O professor observou aquele transbordar até que não pôde conter-se por mais tempo:

— Está a deitar por fora. No cabe mais nada!

— Tal como esta taça — disse Nan-in, — estás cheio com as tuas próprias opiniões e conjecturas. Como poderei revelar-te o Zen, se antes não esvaziares a tua taça?

### Encontrar um diamante no meio da lama

No seu tempo, Gudo foi mestre do imperador. Contudo, tinha o hábito de viajar sozinho como um mendigo vagabundo. Certa ocasião, ia ele a caminho de Edo, centro cultural e político do shogunato, encontrou-se nas vizinhanças de uma pequena aldeia chamada Taquenaca. Era ao anoitecer e caía forte bátega de água. Gudo estava encharcado. Tinha as sandálias de palha desfeitas. Já perto da aldeia, numa casa de camponeses, reparou em quatro ou cinco pares de sandálias pendurados à janela e resolveu comprar um par de sandálias secas.

A mulher que lhas entregou, vendo-o tão molhado, convidou-o a passar a noite em sua casa. Gudo aceitou, agradecido. Entrou e, frente ao altar da família, recitou uma sutra. Depois, foi apresentado à mãe e aos filhos da mulher. Observando que toda a família parecia angustiada, Gudo quis saber o que os afligia.

— O meu marido, — explicou a mulher, — é um jogador e um bêbedo. Quando lhe acontece ganhar, bebe e fica insuportável. Se perde, pede dinheiro emprestado aos outros. Às vezes, quando está mesmo a cair, nem sequer vem a casa. Que hei-de eu fazer?

— Vou ajudá-lo — disse Gudo. — Aqui tens algum dinheiro. Arranja-me um galão de bom vinho e coisas boas para comer. Depois podes recolher-te. Ficarei a meditar junto ao altar.

Quando o dono da casa voltou, perto da meia-noite e muito embriagado, bradou:

— Ó mulher! Já cheguei. Tens alguma coisa que se coma?

— Tenho eu — disse Gudo. — Fui apanhado pela chuva e a tua mulher teve a bondade de me acolher por esta noite. Em paga, comprei vinho e peixe, de modo que bem podes aproveitar.

O homem ficou encantado. Bebeu logo o vinho e deitou-se no chão. Gudo sentou-se a seu lado, a meditar.

De manhã, quando o dono da casa acordou, tinha esquecido o que se passara na noite anterior.

— Quem és? De onde apareceste? — perguntou a Gudo que continuava em meditação.

— Sou Gudo de Quioto e vou de viagem para Edo.

O homem ficou envergonhadíssimo e desfez-se em desculpas perante o mestre do seu imperador. Gudo sorriu.

— Tudo nesta vida é transitório — explicou.

— A vida é muito breve. Se continuas a beber e a jogar, não te restará tempo para realizar seja o que for, além de que trarás sofrimento à tua família.

A percepção do homem foi então despertada, como de um sonho.

— Tens razão — exclamou. — Como poderei alguma vez pagar-te tão precioso ensinamento? Deixa-me acompanhar-te e levar as tuas coisas um pouco do caminho.

— Se quiseres — assentiu Gudo.

Partiram ambos. Após terem caminhado cerca de cinco milhas, Gudo disse ao homem que regressasse.

— Só mais cinco milhas — pediu ele. E prosseguiram.

— Podes regressar agora — sugeriu Gudo.

— Depois de mais outras dez milhas — replicou o homem.

— Regressa agora — disse Gudo, após terem percorrido as dez milhas.

— Seguir-te-ei por todo o resto da minha vida — declarou o homem.

Os actuais mestres Zen japoneses provêm da linhagem de um famoso mestre que sucedeu a Gudo. O seu nome era Mu-nan, o homem que nunca voltou atrás.

### NÃO SE PODE ROUBAR A LUA

Riocane, um mestre Zen, vivia a mais simples das vidas, numa pequena cabana, junto ao sopé de uma montanha. Certo dia, em que estava ausente, um ladrão entrou na cabana apenas para descobrir que nada havia ali para roubar.

Ao regressar, Riocane surpreende-o.

— Provavelmente, percorreste um longo caminho para me visitares, — disse-ele ao gatuno, — e não quero que te vás de mãos vazias. Por favor, deixa que te ofereça as minhas roupas.

O ladrão ficou confuso. Pegou nas roupas e foi-se dali, envergonhado.

Riocane, na sua nudez, sentou-se a admirar a Lua.

— Pobre homem, — considerou, — quem me dera ter podido oferecer-lhe esta lua tão bela.

### Aviso

Tandzan escreveu sessenta postais no último dia da sua vida, e pediu a um servidor que os enviasse. Depois, morreu.

Os postais diziam:

*Estou a partida. Estou numa última aventura.*

*Tandzan*
*27 de Julho de 1892*

# Madrugada

*É de madrugada*
*e os restinhos de desgosto levantam voo do céu*
*aterram no chão, enterram-se de bruços*
*como se o globo tivesse voltado a cobrir-se de mar*

*As américas, as índias, as beiras, os meios e os fins,*
*tudo vale; nada está certo nem errado mas coberto de água.*

*Pensei sobreviver á inundação.*
*Pensei pausadamente sobre a existência*
*de sentimentos e outras coisas fúteis; guardei apenas o resíduo,*
*que é a cinza das paixões, e esse adubo transforma a terra em água,*
*até nada ficar senão submerso.*

*E agora é de madrugada, sou um português de trinta e um anos, e tudo*
*se afogou.*

*Irei por esses líquidos até à savana, ao deserto, e depois aos cumes, de onde dizem que se vê tudo. Porque sei que agora estou cego, irei procurar a escola sub-marina do aprender a ver.*

*Tornou-se insuportável acreditar que a verdade seja isto: a verdade é pois isto de outra maneira.*

*No regresso apanharei uma flor. Se for marinha, será porque nada mudou.*
*Então terei que fazer um esforço para chorar bastante, até secar a terra.*

*Mas se a flor for terrestre, será sinal de que toda esta água, na sua vertigem de molhar, foi ver o centro da terra, o centro das coisas.*

*E do cerne das coisas nascem sempre pétalas.*

**Manuel Cintra**

### O desabitar de uma paisagem de silêncio

*Desabitar o espaço, por vontade.*
*Um silêncio interior atravessa as paisagens.*
*Que dizer do silêncio que o silêncio não diga?*
*Uma força emotiva trespassa o silêncio e dá-lhe cor.*
*E assim Romy Castro cria um lugar de diálogo entre dois espaços.*
*Cortando esses espaços, uma linha de silêncio povoa as telas,*
*anunciando como que uma divisão algo mística ou ainda e tão só*
*um jogo entre o sentir e o pensar.*
*Neste jogo, a pintora desequilibra a dimensão plástica entre*
*os dois pólos no espaço-tela,*
*espaço metáfora de um universo maior*
*onde o Homem desabita.*
*Como se a pintura nascesse da terra e a terra fosse o lugar da emoção,*
*aí mesmo Romy Castro encontra o lugar para ampliar em dimensão e força,*
*a paixão que percorre a sua pintura.*
*E ainda o silêncio separando sinuosamente as duas paisagens,*
*remetendo o nosso olhar para um ver mais sereno,*
*onde o pensamento terá um espaço secreto.*

**Maria Mello Giraldes**
Dez. 87


Prémio Literário

Círculo de Leitores

1988

Romance, Conto, Novela

1000 contos

O PRAZO
PARA ENTREGA DE ORIGINAIS
TERMINA A
31 DE DEZEMBRO DE 1987

O regulamento deverá ser solicitado a
**Relações Públicas • Círculo de Leitores**
Rua Eng.º Paulo de Barros, 22 • 1599 Lisboa Codex
Tels. 70 92 15/70 92 21 • Telex 18343 CILECL

SAI TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

Cartaz

*Não pode ser vendido separadamente da edição do «Diário de Lisboa» de 18 de Dezembro de 1987*

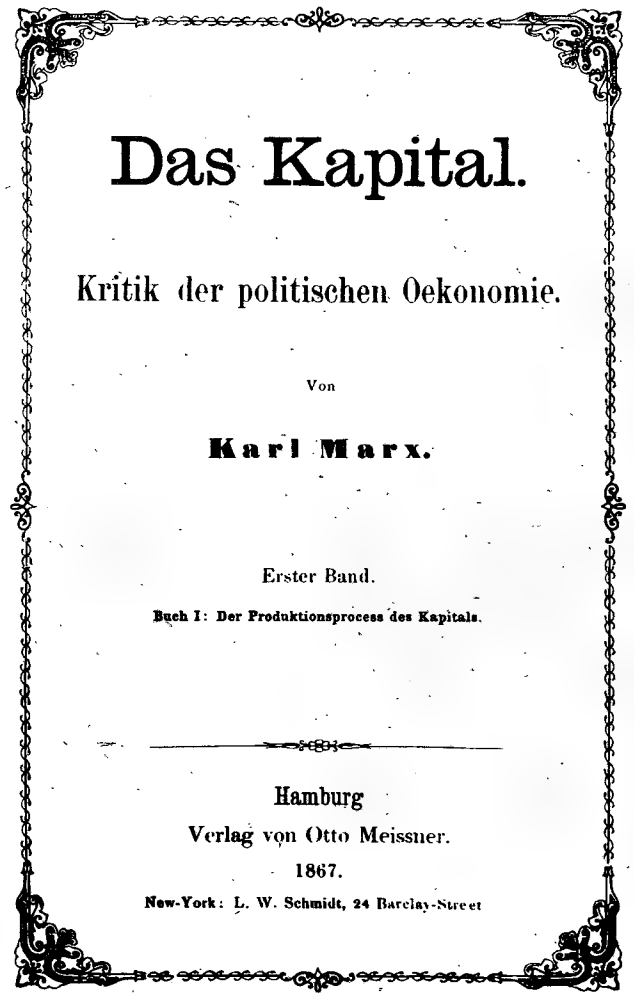
# CINEMA VOTOS PARA 1988

## *Trabalho de casa*

# A FILOSOFIA VIVA

Ernesto Sampaio

**UMA filosofia viva exprime as tendências da sociedade da época em que surgiu e é o meio que unifica os indivíduos dessa sociedade e dessa época. A ausência de uma tal filosofia significa que já não existem perspectivas de renovação na sociedade, que todos os seus valores se esgotaram e que o seu fim, portanto, está próximo.**



Das Kapital.

Kritik der politischen Oekonomie.

Von

Karl Marx.

Erster Band.

Buch I: Der Produktionsprocess des Kapitals.

Hamburg

Verlag von Otto Meissner.

1867.

New-York: L. W. Schmidt, 24 Barclay-Street

Ao descobrir-se e objectivar-se a si próprio, o filósofo transcende-se e leva ao mesmo tempo os outros homens seus contemporâneos a tomar a consciência possível de si próprios, que é sempre projectada para o futuro (não a do que são, mas a do que poderão ser) e, portanto não a da classe dominante na sua época, mas a classe em vias de suplantá-la. Se, como Sartre escreveu (em **Questions de Méthode**), em cada época «só há uma filosofia viva», tal vitalidade depende não só da permanência da prática que a engendrou, da eficácia com que directa ou indirectamente consegue justificar, esclarecer e guiar essa prática, mas também de deter, exclusiva e incontestavelmente, a totalização do saber da época.

Esse saber conhecerá o mesmo destino dos saberes anteriores: será contestado e destruído quando, em vez de acelerar, travar o movimento social; em vez de polarizar pelo futuro se considere concluído, virando-se para o passado; em vez de dinâmico, for inerte, mero elo na cadeia sem fim da história das ideias. É tão verdadeira a identificação de uma filosofia com o momento histórico de que é expressão, que nunca essa filosofia é «ultrapassada», nunca o horizonte cultural deixa de ser balizado por ela, enquanto o próprio movimento histórico não a ultrapassar.

Por isso mesmo que a pretensa «ultrapassagem» do marxismo se tem revelado um absurdo ou, retomando as palavras de Sartre (op.cit.), «na pior das hipóteses um regresso ao pré-marxismo, na melhor a redescoberta de um pensamento já contido na filosofia que se julgou ultrapassar».

O marxismo, filosofia da necessidade, só pode ser substituído por uma filosofia da liberdade, mas «o reino da liberdade», di-lo Marx em **O Capital**, «só começará de facto quando acabar o trabalho imposto pela necessidade e pela finalidade exterior; encontra-se, portanto, para além da esfera da produção propriamente dita». Sartre tira a conclusão: «O marxismo chegará ao fim dos seus dias quando existir **para todos** uma margem de liberdade **real** para além da produção da vida. (...) Não dispomos ainda de nenhum meio, nenhum instrumento intelectual, nenhuma experiência concreta que nos permita conceber essa liberdade e essa filosofia» (op.cit.).

Mas uma filosofia não é um catecismo: é um método que evolui e se transforma ao aplicar-se a objectos novos, que dá origem a esquemas transitórios, a atitudes que perdem o sentido de uma geração para outra, a explicações, estratégias, tácticas que, à força de se tornarem impessoais, se tornam equívocas, contraditórias, sem qualquer função real.

Quando os conceitos abertos de uma filosofia se fecham, fetichizando-se, e as sínteses produzidas pelas análises são substituídas por «verdades» **a priori**, quando o idealismo voluntarista substitui os esquemas interpretativos e força ou desnatura o significado dos factos e acontecimentos, o saber torna-se Escolástica e deixa de mediatizar a experiência social e histórica. Aconteceu isso aos conceitos burgueses e o mesmo acontecerá ao marxismo se os que dele se proclamam persistirem em constituí-lo como um saber já totalizado, como um todo que não se procura através das partes, mas que as afasta e elimina se o contradizem.

Em **Critique de la Raison Dialéctique**, Satre explica-nos isto e demonstra-nos também os motivos por que em cada época «só há uma filosofia viva», espécie de húmus que alimenta todas as ideias, quaisquer que sejam, mesmo as que se lhe opõem.

«Os factos particulares», escreveu Sartre, «não significam nada; não são verdadeiros nem falsos enquanto não relacionados, através de diferentes totalidades parciais, com a totalização em curso (totalização que incessantemente se totaliza)».

À sombra da filosofia, florescem as ideologias que começam por se lhe opor e depois ou morrem ou se integram nela. Para Sartre, o existencialismo é uma destas ideologias, uma «visão do mundo» enraizada no puro **vivido**, que é duma opacidade inultrapassável e não se desvanece no saber.

O saber tem, na verdade, limites: é incapaz, por exemplo, de transformar o sofrimento ou a paixão. Mas o saber consiste primeiro em perdermo-nos nas coisas, depois em dissolvê-las e, finalmente, em incorporá-las em nós, num processo cujo primeiro tempo é a alienação e o segundo a recuperação enriquecida do que se alienou.

Sabemos e somos sabidos; somos, como diz Sartre, «integrados vivos na totalização suprema». O saber atravessa-nos e situa-nos, antes de nos dissolver.

O resto explica-nos Marx numa carta a Annenkov de 28 de Dezembro de 1846: «Os homens nunca renunciam às suas conquistas, mas isso não significa que não venham a renunciar à forma social que envolveu a aquisição de determinadas forças produtivas. Muito pelo contrário. Para não se verem privados do resultado obtido, para não perderem os frutos da civilização, os homens são forçados a modificar todas as suas formas sociais tradicionais, logo que o modo do seu comércio deixa de corresponder às forças produtivas adquiridas.»

# Passar o ano em (Grande) Paz

**Acontece poucas vezes mas acontece: toda a gente está de acordo, o espectáculo do Teatro da Cornucópia com a peça de Edward Bond** Grande Paz, **é um modelo do grande teatro daquele grupo e portanto do teatro português.**

...Um texto fabuloso, **Grande Paz** é um espectáculo raro que seria imperdoável perder. **(José Valentim Lemos — «Diário de Notícias»)**

**É...num itinerário de coerências (entre dramaturgia e cena) que se desenrola o novo espectáculo da Cornucópia, assinalando um momento de elevadíssima qualidade artística de que os actores — as figuras modeladas no irracionalismo, no desespero e na esperança — são expressão e fundamento inesquecível...Genial...a interpretação de Alda Rodrigues.** (Maria Helena Serôdio — «O Diário/Fim de Semana»)

Um espectáculo de profunda reflexão e de chamada de atenção que, mais do que uma análise adjectivada, pressupõe uma atitude de envolvimento responsável. **(Eugénia Vasquez — «Expresso/Revista»)**

Houve uma certa loucura goticizante ao montar **Grande Paz,** porém, a qualidade e o interesse do espectáculo é tal que as quatro horas passaram num ápice. **A Trilogia da Guerra** é um espectáculo...que dignifica o teatro em Portugal e o teatro em geral. **(Manuel Rio-Carvalho — «Jornal de Letras»)**

Texto admirável...a sua leitura por parte de Luís Miguel Cintra...é um trabalho igualmente admirável...de total entendimento das personagens e das situações, de eficácia da sua passagem à realidade teatral...Um trabalho minucioso, denso, com os actores, um trabalho a que apetece chamar perfeito do relacionamento de cada actor com a sua personagem e de cada um com todos. **(Carlos Porto — «Diário de Lisboa»)**

# CINEMAS

## ALFAS TRIPLEX

### ALFA 1
— T. 806496

**O SICILIANO**
*de Michael Cimino*
**(para maiores de 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### ALFA 2
**TRINITÁ, COWBOY INSOLENTE**
*de E.B. Clucher*
**(para maiores de 6 anos)**
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

### ALFA 3
**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
*de Tony Scott*
**(para maiores de 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

### ALFA 4
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
*de Walt Disney*
**(para maiores de 4 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

## ALFA CLUB
**A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO**
*de Mel Brooks*
**(para maiores de 6 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

## AMOREIRAS

### SALA 1
— T. 691275

**O SICILIANO**
*de Michael Cimino*
**(para maiores de 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### SALA 2
**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
*de Tony Scott*
**(para maiores de 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

### SALA 3
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
*de Walt Disney*
**(para maiores de 4 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

### SALA 4
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
*de Don Bluth*
**(para maiores de 6 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

### SALA 5
**OS INTOCÁVEIS**
*de Brian de Palma*
**(para maiores de 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### SALA 6
**CRIMES DO CORAÇÃO**
*de Bruce Beresford*
**(para maiores de 12 anos)**
14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

## APOLO 70
— T. 763319

**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
*de Don Bluth*
**(para maiores de 6 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

## ÁVILA
— T. 539930

**MICRO-HERÓI**
*de Joe Dante*
**(para maiores de 12 anos)**
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## BERNA
— T. 776098

**O SICILIANO**
*de Michael Cimino*
**(para maiores de 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## CAPITÓLIO
— T. 372358

**SEXO DE OURO**
**(interdito men. 18 anos)**
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## CASTIL
— T. 530194
**O MICRO-HERÓI**
*de Joe Dante*
* Ver «As Estre[illegible] da Semana»
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

## CINEBOLSO
— T. 573407

**LOUCOS POR SEXO**
**(int. a men. 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

## CINE 222
— T. 579460

**OS BRAVOS DO PELOTÃO**
*de Oliver Stone*
**(para maiores de 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
**SER OU NÃO SER**
*de Alan Johnson*
**(para maiores de 12 anos)**
24.00 h

## CINE ESTÚDIO ACS
— T. 887255

**ENCONTRO INESQUECÍVEL**
*de Blake Edwards*
**(para maiores de 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## CINE PORTELA
— T. 9434762

## ESTÚDIO ANUSHA
**007 – RISCO IMEDIATO**
*de John Glen*
**(para maiores de 12 anos)**
16.00 e 21.45 h (dias úteis)
14.45, 17.00 e 21.45 h (outros dias)

## ESTÚDIO SHEZA
**QUEM É AQUELA GAROTA?**
*de James Foley*
**(para maiores de 12 anos)**
15.30 e 21.30 h (dias úteis)
15.00, 17.15 e 21.30 h (outros dias)

## CITY CINE
— T. 549999

**O PODER DO SILÊNCIO**
*de Mike Newell*
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 h

## CONDES
— T. 323523

**O ÚLTIMO IMPERADOR**
*de Bernardo Bertolucci*
**(para maiores de 12 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h

## EDEN
— T. 320768

**TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
*de Joseph Sargent*
**(para maiores de 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## ESTÚDIO
— T. 555134

**NOVE SEMANAS E MEIA**
*de Adrian Lyne*
**(para maiores de 18 anos)**
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

## ESTÚDIO 444
— T. 768078
**O QUERIDO LILÁS**
*de Artur Semedo*
**(para maiores de 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

## FONTE NOVA
— T. 7145088

### SALA 1
**ARIZONA JÚNIOR**
*de Joel Coen*
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### SALA 2
**TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
*de Joseph Sargent*
**(para maiores de 12 anos)**
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

### SALA 3
**SARILHOS À DESFILADA**
*de Jim Kouf*
**(para maiores de 6 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## GEMINI
— T. 734009
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
*de Walt Disney*
**(para maiores de 4 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

## HOLLYWOOD
— T. 802859

### SALA 1
**OS MARADOS NO PARAÍSO**
*de Joe Roth*
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### SALA 2
**SARILHOS À DESFILADA**
*de Jim Kouf*
**(para maiores de 6 anos)**
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## IGOPER
— T. 708926

**ANNIE**
*de John Huston*
**(para maiores de 6 anos)**
15.30, 18.30 e 21.30 h

## IMPÉRIO
— T. 555134
**O MICRO-HERÓI**
*de Joe Dante*
* Ver «As Estreias da Semana»
**(para maiores de 12 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## LAS VEGAS
— T. 631162

### SALA 1
**OS MARADOS NO PARAÍSO**
*de Joe Roth*
**(para maiores de 12 anos)**
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h (sáb., dom. e fer.).
15.15, 18.30 e 21.30 h (de 2.ª a 6.ª)
(ao sábado também às 24.00 h)

### SALA 2
**SARILHO À DESFILADA**
*de Jim Kouf*
**(para maiores de 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h (sábado, domingos e feriados); 15.30, 18.45 e 21.45 h (de 2.ª a 6.ª); ao sábado também às 24.00 h

## LONDRES
— T. 801313
**O ÚLTIMO IMPERADOR**
*de Bernardo Bertolucci*
**(para maiores de 12 anos)**
15.00, 18.15 e 21.30 h (ao sábado às 24.00 h)

## MUNDIAL
— T. 538743

### SALA 1
**O SICILIANO**
*de Michael Cimino*
**(para maiores de 16 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### SALA 2
**O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II**
*de Tony Scott*
**(para maiores de 12 anos)**
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

### SALA 3
**O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO**
*de Denys Arcand*
**(para maiores de 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

## NIMAS
— T. 574362
**ISHTAR**
*de Elaine May*
**(para maiores de 6 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## OLÍMPIA
— T. 325309
**SEXY, SEXY**
**(interdito men. 18 anos)**
Sessões contínuas a partir das 14.00 h

## ODEON
— T. 326283
**LOUCA ACADEMIA DE RECRUTAS**
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## POLITEAMA
— T. 326305
**TRINITÁ, COWBOY INSOLENTE**
*de E.B. Clucher*
**(para maiores de 6 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## QUARTETO
— T. 771378

### SALA 1
**ISHTAR**
*de Elaine May*
**(para maiores de 12 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**SCANNERS**
*de David Cronenberg*
**(para maiores de 12 anos)**
23.30 h

### SALA 2
**O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO**
*de Denys Arcand*
**(para maiores de 12 anos)**
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
**O IMPÉRIO DOS SENTIDOS**
*de Nagisa Oshima*
**(para maiores de 18 anos)**
23.30 h

### SALA 3
**MÉLO**
*de Alain Resnais*
**(para maiores de 16 anos)**
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
**O SENTIDO DA VIDA**
*de Terry Jones*
**(para maiores de 12 anos)**
23.45 h

### SALA 4
**O SACRIFÍCIO**
de Andrei Tarkovsky
**(para maiores de 12 anos)**
15.00, 18.45 e 21.30 h
**SEIS MULHERES PARA UM DETECTIVE**
*de Robert Moore*
**(para maiores de 12 anos)**
24.00 h

## ROMA
— T. 887778

**O TUBARÃO IV – A VINGANÇA**
*de Joseph Sargent*
**(para maiores de 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## ROXY
— T. 548560
**ROCKY IV**
*de Sylvester Stallone*
**(para maiores de 12 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. JORGE
— T. 579144

### SALA 1
**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
*de Tony Scott*
**(para maiores de 12 anos)**
15.30, 18.30 e 21.15 h

### SALA 2
**FIEVEL – UM CONTO AMERICANO**
*de Don Bluth*
**(para maiores de 6 anos)**
14.00, 15.45, 17.30, 19.15 e 21.15 h

### SALA 3
**O ÚLTIMO IMPERADOR**
*de Bernardo Bertolucci*
**(para maiores de 12 anos)**
14.15, 17.45, 19.15 e 21.00 h

## 7.ª ARTE
— T. 730715

**ISHTAR**
*de Elaine May*
**(para maiores de 6 anos)**
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 (à segunda, sexta e sábado também às 23.45 h)

## STAR
— T. 804210

**O CAÇA-POLÍCIAS – PARTE II**
*de Tony Scott*
**(para maiores de 12 anos)**
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

## TERMINAL
— T, 371573
**O MICRO-HERÓI**
*de Joe Dante*
* Ver «Estrelas da Semana»
**(para maiores de 12 anos)**
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
(à sexta, sábado e domingo também às 23.45 h)

## TIVOLI
— T. 570595
**AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA**
*de Walt Disney*
**(para maiores de 4 anos)**
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

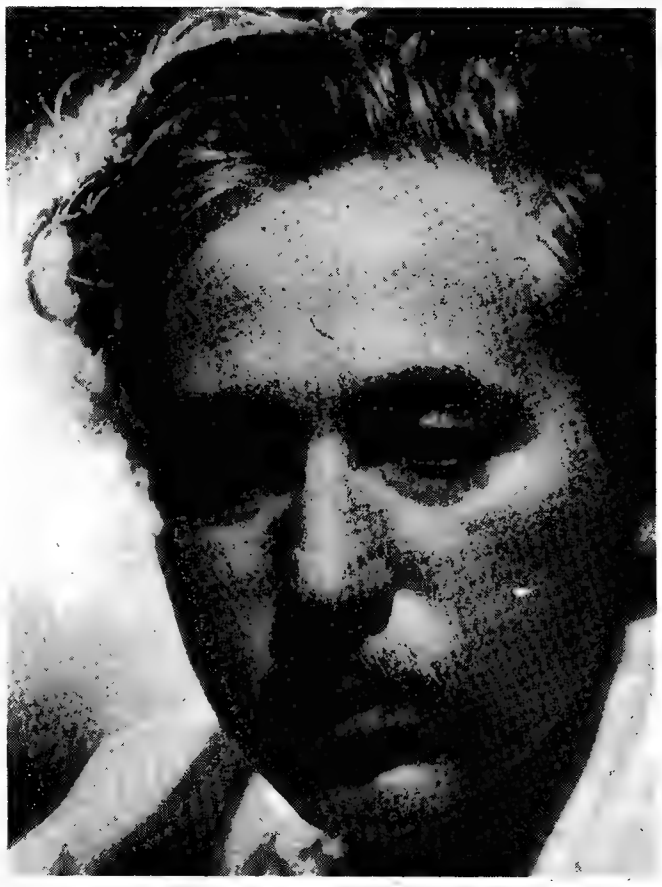
## TURIM
— T. 706666
**A CARAVANA DA CORAGEM**
de John Korty
**(para maiores de 6 anos)**
15.00, 17.30 e 21.30 h (dias úteis); 14.00, 16.30, 18.30 e 21.30 h (outros dias)

## XENON
— T. 368480

**OS MARADOS DO PARAÍSO**
*de Joe Roth*
**(para maiores de 12 anos)**
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## AS ESTRELAS

| | |
|---|---|
| O SACRIFÍCIO | ★★★★★ |
| MÉLO | ★★★★ |
| O ÚLTIMO IMPERADOR | ★★★★ |
| TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE | ★★★ |
| O MICRO HERÓI | ★★ |
| AS BRUXAS DE EASTWICK | ★★ |
| OS INTOCÁVEIS | ★ |
| O QUERIDO LILÁS | ● |



*Janeiro está, na RTP, sob o signo de Sternberg: um bom auspício*

*O ano dobra-se com o último filme de Wim Wenders — «As Asas do Desejo» —, no horizonte: um bom sinal*

# VOTOS PARA 1988

***Com o ano a terminar, é uso o balanço mas também a esperança. Formulemos um conjunto de votos para 1988 que ora começa, Ano Europeu do Cinema e da Televisão, ano em que o Velho Continente espera ver focado o seu panorama audiovisual e dele sair com uma consciência e uma prática mais consentâneas com a importância cultural da Europa. Votos Para um País cuja paisagem, no cinema em sala, em vídeo, na televisão, não é tão desértica como alguns pensam mas podia e devia ser bem mais frutificante.***

*O primeiro filme a exibir na Cinemateca em 1988 é dedicado a Isabella Rossellini, uma europeia no cinema americano: um bom começo*

1. Que o concentrado núcleo de distribuidores de filmes se lembre mais que o cinema não é monopólio americano.

2. Que, em consequência, os filmes de Fellini, Ferreri, Piafat, Rohmer, Tanner, irmãos Taviani, Moretti, Tavernier, Chabrol e tantos outros não tardem a desembarcar nas salas.

3. Que (ainda um pequeno esforço) se lembrem que o cinema existe — e é meritório — em sítios tão diversos quanto a Hungria e o Japão, a India e a Argentina, a Espanha e a Polónia, a URSS e a RFA.

4. Que á Cinemateca Portuguesa não esmoreça na sua tarefa de divulgação, tornando acessível ao público de Lisboa os clássicos e os filmes de margem, as cinematografias desconhecidas e as glórias do cinema.

5. Que a mesma Cinemateca encete uma política profunda de preservação e investigação do património fílmico português, não o tratando como enteado em lugar onde deveria ser filho dilecto.

6. Que a RTP prossiga o caminho traçado na sua programação de cinema, sabendo atender a todos os públicos.

7. Que o cinema português consiga chegar a todos os ecrãs, estreando os filmes novos que já tardam, surgindo na televisão regularmente, entrando no mercado das videocassetes.

8. Que os editores de videogramas comecem a olhar o seu produto como diverso de salsichas, que o saibam escolher e trabalhar e promover, fazendo sair o mercado de videocassetes do estatuto de espectáculo de feira em que ainda está.

9. Que o público acorra a todos os ecrãs e se torne cada vez mais exigente, não dando razão aos que o julgam uma massa informe e sem critério.

10. Que a Comunicação Social não confunda a sua tarefa com a dos departamentos publicitários das empresas de cinema e de videogramas.

Com estes dez votos — mas não igual número de esperanças — cumpramos o ritual de mudar a folha do calendário ainda mais uma vez.

**J.L.R.**

# NEM SÓ DE FILMES VIVEM AS VIDEOCASSETES...

*É certo que, nos Estados Unidos, não foi como actriz que Jane Fonda pulverizou todos os recordes na venda de videocassetes, mas como mestra na ginástica aeróbica. De facto, em alguns mercados estrangeiros, as cassetes «didácticas» têm larga difusão.*
*Ausentes até agora do mercado português, ei-las que chegam neste final de 1987*

Uma nova empresa — Terceira Vaga (telef. 54 28 15) — entrou nas edições vídeo com este novo tipo de produtos. São videocassetes, com cerca de 1 hora de duração, onde se propõem as mais variadas coisas. Desde «Como deixar de fumar», até uma «Introdução à Programação» para o ZX Spectrum, passando por «Defesa Pessoal» e pelo imperativo «Combata o Stress», há de tudo um pouco e, com o correr dos meses, a lista de solicitações vai crescer. A Terceira Vaga promete lançamentos nas áreas da Pedagogia, Medicina, Terapêutica, Ciências e Desporto.

Embora os videoclubes também sejam potenciais veículos para fazer chegar estes programas ao público, a sua vocação essencial é a da venda directa. E aí há que questionar a existência de uma procura, efectiva ou potencial, para este tipo de produto.

Como o mercado é virgem, quaisquer considerações a respeito são isentas de fundamento sério. Mas há estudos de mercado não demasiado estimulantes — razão pela qual nenhum editor videográfico ousar entrar por esta via. O preço (acima dos 5000$00) também não é de molde a prever uma grande apetência por parte dos comsunidores...

É bom, contudo, que alguém assuma os riscos inerentes à expansão do território das videocassetes que, a terminar 1987, está a atingir fronteiras que, há um ano, ninguém julgaria prováveis.

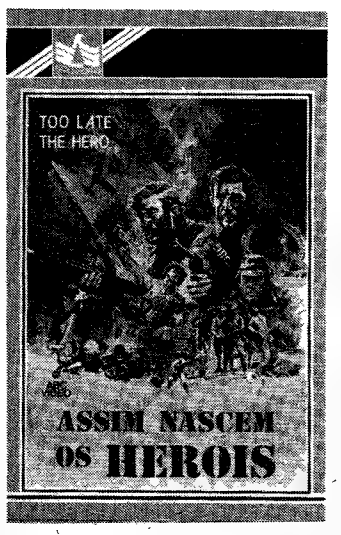
# CATÁLOGO

## ÊXITO COM VINGANÇA

No cruzamento entre uma reflexão sobre o exílio de um intelectual polaco e a forma como esse conforto é recusado pelo seu filho, entre a política e a privacidade, decorre este interessantíssimo filme de Skolimowski, nunca exibido em Portugal.

Pode dizer-se que se trata de um acontecimento relevante da edição videográfica portuguesa, imperdoável seria que passasse despercebido.

**Success is the Best Revange. Realização: Jerzy Skolimowski (GB — França — 1984). Interpretação: Michael York, Michael Lyndon, Anouk Aimée. Cor; Drama; 83 minutos; M/12 anos; ed. Vista Video.**
★★★




## ASSIM NASCEM OS HERÓIS

A «receita» é clara: prosseguir, de certa maneira, a estética de «**Doze Indomáveis Patifes**». Assim Aldrich ia dando razão aos que o acusavam de vendido ao vil metal, perdido que fora o ímpeto que, nos anos 50, fizera dele um valor fugaz do cinema americano.

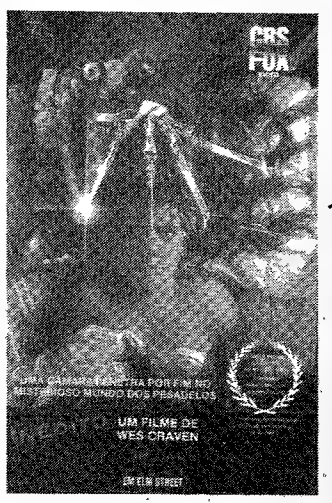
**Too Late the Hero. Realização: Robert Aldrich (EUA — 1970). Interpretação: Michael Caine, Cliff Robertson, Henry Fonda. Cor; Guerra; 133 minutos; N.A. men. 18 anos; ed. Ecovideo.**
★

## F/X — EFEITOS MORTAIS

Um perito em efeitos especiais é contratado para simular um crime real e vê-se envolvido numa teia de caça ao homem de que ele próprio é a vítima.

Um curioso filme policial que tem, contudo, uma ideia mais brilhante que a sua materialização cinematográfica.

**F/X — Murder by Illusion. Realização: Robert Mandel (EUA — 1985). Interpretação: Bryan Brown, Bryan Dennehy, Diane Venora. Cor; Policial; 102 minutos; M/12 anos; ed. Publivideo/RCA — Columbia.**
★★




## PESADELO EM ELM STREET

Filme de terror — nos limites do onírico ou, melhor, tomando o sonho como catalizador de adormecidos monstros — este «**Pesadelo em Elm Street**» foi um êxito colossal nos Estados Unidos mas, espantosamente, nunca estreou em Portugal. Uma prenda para os adeptos de cinema fantástico.

**A Nightmare on Elm Street. Realização: Wes Craven (EUA — 1984). Interpretação: John Saxon, Ronee Blakely, Heather Langenkamp. Cor; Fantástico/Terror; 87 minutos; M/18 anos; ed. Publivideo/CBS-Fox.**
★★

## CAÇADORES NO ESPAÇO

Seguindo a vaga da ficção científica, eis um filme de aventuras, movimentado e sem outras ambições que as do entretenimento. Tempo, contudo, para ver que os cenografistas não fizeram mau trabalho e que o filme tem alguma espectacularidade.

**Spacehunter: Adventures in the Forbideen Zone. Realização: Lamont Johnson (EUA — 1983). Interpretação: Peter Strauss, Molly Ringwald, Michael Honside. Cor; Ficção Científica; 86 minutos; M/12 anos; ed. Publivideo/RCA — Columbia.**
★★

## CARAMBOLA

A dupla Bud Spencer/Terence Hill, que «**Trinitá Cowboy Insolente**» celebrizou, engrenou, a partir daí, numa série de sucedâneos, sempre comercialmente bem acolhidos por um público popular. Mas a fórmula nunca mais voltou a funcionar como na fita de Clucher...

**Carambola. Realização: Ferdinando Baldi (Itália — 1974). Interpretação: Bud Spencer, Terence Hill, Paul Smith. Cor; Comédia; 101 minutos; ed. Ecovideo.**

*

*Um filme em destaque*

# «Ran – os senhores da guerra»

## de *AKIRA KUROSAWA*

Trata-se da obra-prima de Kurosawa, sublime retrato de um Poder que se fracciona porque se divide, magnífica encenação de um drama que tem, ao mesmo tempo, ressonâncias cósmicas e individuais. «**Ran**» é um príncipe do cinema, poderoso e apaixonante, onde se não sabe que mais admirar: se o superlativo sentido plástico e rítmico com que se filmam multidões em batalhas gigantescas, se o esplendor dos confontos individuais, das cúpidas manipulações palacianas ao drama do Grande Senhor errando pela perdição, confrontado com a sua loucura de ontem e de hoje.

A edição videográfica da «**Ran**» estava destinada a ser o acontecimento máximo neste Natal de 1987. Mas não é. E a razão é simples e exemplar: filmado com rigores de mestre, «**Ran**» é um filme onde a composição de cada plano e a pulsação de cada ritmo de montagem são uma lição de cinema. Ora a versão que nos é dada em videocassete foi passada pelo filtro do pan & scan e os resultados são catastróficos. Todos os equilíbrios são rompidos, toda a precisão anulada por reenquadramentos que são sucessivas facadas demolidoras no corpo de um filme que merecia outro respeito.

É certo que o grande público do vídeo não gosta de cassetes em que aparte superior e inferior do pequeno ecrã apareça tarjada a negro. É certo que grande parte dos filmes pouco sofre com o trabalho do pan & scan. Mas é também certo que os grandes cineastas que operaram no interior do formanto **scope** não o fizeram por acaso. E quanto melhores são os filmes mais nítidas e graves são as mutilações. O caso de «**Ran**» é extremo, mas tem uma lição no bornal: os editores deveriam ter cuidados particulares quando comercializam filmes que não são carne para canhão, deveriam tratar cada filme segundo os seus merecimentos. E que ver «**Ran**» nesta edição videográfica é assistir a um assassinato fílmico incomensurável.

Por estas razões as indiscutíveis cinco-estrelas-cinco que deveriam acompanhar a ficha desta videocassete não estão presentes. E que cinco estrelas vale o filme de Kurosawa. E o que nos dão é apenas uma vaga ideia...

**Ficha:**
*Ran. Realização: Akira Kuroswa (Japão-França-1985). Interpretação: Tatsuya Nakadai, Akira Terao, Mieko Acada. Cor; Drama; 156 minutos; M/16 anos; Ed. Pulbivideo/CBS-Fox.*

CASABLANCA

AGORA
NOVA MODALIDADE
SEM PAGAMENTO
DE JÓIA

MAIS DE 1200 TÍTULOS
BETA – VHS

BENFICA – CENTRO COMERCIAL TURIM, Loja 16 – Tel. 70 67 32
OLIVAIS NORTE – CENTRO COMERCIAL A. C. SANTOS, Loja 4
MIRATEJO – CENTRO COMERCIAL ROUXINOL
ESTEFÂNIA – CENTRO COMERC. A. C. SANTOS – R. Pascoal Melo

VIDEO CLUBE

# SÁBADO

## RTP 1

**09.00 - Juventude e Família**
**12.05 - A Água e a Vida**
**12.30 - Estrada Larga**
**13.00 - Notícias**
**13.10 - Especial National Geographic**
**14.05 - Parlamento**
**14.35 - Sobe e Desce**
**15.35 - Sessão da Tarde**

*«Amor Proíbido», de Paul Aaron (EUA—1981): Linda Rivers é uma jovem viúva, professora numa escola de uma pequena comunidade do sul dos E.U.A. Quando se apaixona por um dos seus alunos, tem que enfrentar as censuras da direcção da escola e a hostilidade dos habitantes locais. Mas Linda não cede facilmente. Muitas vezes, os telefilmes de origem americana são palco de reunião de actores e actrizes de gerações muito diferentes e, por isso mesmo, com experiências profissionais completamente distintas. É o caso de «Thin Ice» onde podemos encontrar, lado a lado, uma das vedetas da popular série «Os Anjos de Charlie» — Kete Jackson — e uma das mais lendárias actrizes da história de Hollywood, presenca de vários filmes de Griffith — Lillian Gish. Respectivamente como neta e avó, elas são duas figuras de uma intriga sentimental marcada por fortes resistências morais e institucionais numa pequena comunidade do sul dos E.U.A. Através da história da paixão de uma professora por um dos seus alunos, o que aqui se porpõe é, por isso, o retrato de um choque de valores alicerçados em diferentes estilos de sentir e pensar a existência individual face ao colectivo social. Interpretação: Margot Kidder, James Farentino, David Ackroyd, Ary Meyers, Joyce Van Patten. Duração: 100 minutos.*

**17.20 - Um Toque de Classe**
**18.00 - Saber Saúde**
**18.15 - Vivamúsica**
**19.15 - Sete Folhas**
**19.45 - Totoloto**
**20.00 - Jornal de Sábado**
**21.00 - Boletim Meteorológico**
**21.10 - Uma Canção para Si**
**21.20 - Duarte & Companhia**
**22.20 - Espectáculo**

*«Lio Fait une Scéne»*

**23.15 - Cinema da Meia-Noite**

*«O Inquilino», de Roman Polanski (França—1976): Trelkovsky procura um apartamento em Paris. Mr. Zy é a pessoa indicada para o ajudar. Na verdade, ele tem um apartamento disponível, mas não lho pode ceder enquanto a anterior inquilina — Simone, que ficou horrivelmente desfigurada depois de se ter lancado pela janela — aindsa estiver viva. Trelkovski visita Simone no hospital e é surpreendido pela reacção da sua amiga Stella que, parecendo reconhecer a moribunda, solta um grito de terror. Mas Simone morre e Trelkovski instala-se no apartamento. Há duas facetas opostas, embora em última análise complementares, na obra de Roman Polanski: uma é abertamente eufórica, divertida, celebrando o irrisório e o artifício das máscaras («O Beco», «O Quê?», «Os Piratas»; outra pertence ao mundo das sombras e dos fantasmas, reflete o medo do oculto ou do inacessível («Repulsa», «A Semente do Diabo»). «O Inquilino» pertence a esta segunda faceta e, num certo sentido, pode ser considerado como a versão no masculino de «Repulsa»: neste se contava a história de uma mulher (Catherine Deneuve) progressivamente dominada pelo pavor em relação a todos os sinais do mundo exterior; em «O Inquilino» é um homem que vive uma experiência semelhante (e há quem veja no facto de ser o próprio Polanski a interpretar a figura central um reflexo mais ou menos legível dos traumas e atribulações da sua própria biografia). No fundo, a questão vital continua a ser a do vampirismo das relações humanas e sociais, não sendo certamente por acaso que «Por favor, Não Me Morda o Pescoço» (precisamente um filme sobre vampiros) possa ser tomado como o título que faz a ponte entre as duas facetas atrás referidas. A odisseia de Trelkovski (Polanski) é a de alguém que, a pouco e pouco, se vai descobrindo roubado na sua personalidade e até no seu sexo ( a pouco e pouco, a personagem começa a vestir-se como a mulher que habitou o apartamento antes da sua chegada). Seguindo uma lógica anírica que tem as suas raízes em Kafka ou Edgar Allan Poe, Polanski traz, assim, para a evidência do vivido, a intensidade perturbante dos fantasmas, quer dizer, também uma interrogação drástica da identidade. O que é e onde começa a unidade de cada um? Ou, como o próprio Trelkovski pergunta: «Seme cortarem a cabeça, como devo dizer: eu è a minha cabeça ou eu e o meu corpo?». Interpretação: Roman Polanski, Isabelle Adjani, Shelley Winters, Melvyn Douglas, Jo Van Fleet, Bernard Fresson, Lila Kedrova. Duração: 126 minutos.*

## RTP-2

**09.00 - Compacto Totally Live**
**13.00 - Compacto «Tudo ou Nada»**
**16.00 - Troféu**
**20.05 - Música na América**
**21.05 - Alexandre, o Grande**
**22.00 - Concordo ou Talvez Não**

# DOMINGO

## RTP 1

**09.00 - Juventude e Família**
**11.15 - Eucaristia Dominical**
**12.00 - 70 X 7**
**12.30 - TV Rural**
**13.00 - Notícias**
**13.10 - Ritmos da Cidade**

*Estreia*

**14.00 - A Casa de Irene**
**14.25 - O Planeta Terra**
**15.20 - Primeira Matinée**

*«A Casa de Irene»*

*«Sissi e o Destino», de Ernst Marischka (Áustria—1957): Sissi tornou-se uma mulher madura. O seu casamento com o IMperador Franz Joseph é feliz e ela mostra grande tacto nas questões de Estado. Só as suas relações com a mãe do imperador, a arquiduquesa Sofia, não são boas, em especial por ela tentar controlar os movimentos do filho. Um dia, aproveitando a momentânea separação do casal, Sofia espalha o boato de uma relação secreta entre Sissi e o conde Andrassy. Terceira e última história de Sissi, a jovem ingénua que ascende à condição de imperatriz. Era também, de alguma maneira, o completar da definição da imagem de Romy Schneider, intérpete de Sissi, na primeira fase da sua carreira. Então com 19 anos, (a actriz nascera em 1938 e a primeira parte de Sissi tinha sido rodada dois anos antes), Romy Schneider conquistara, aqui, uma popularidade de âmbito europeu, tanto mais que a vocação de fábula deste cinema se prestava a isso. Seria em 1962, com «Bocaccio 70» (ela protanonizava o peisódio assinado por Luchino Visconti) que a sua carreira sofreria uma viragem sensível, revelando-a como uma actriz também capaz de representar uma grande variedade de registos emocionais e psicológicos. Além do mais, as três partes de «Sissi» permanecem como um caso exemplar de um «cinema de série», fabricado a partir de uma relação dinâmica com as expectativas e os gostos do público. Este é, afinal, um estilo de produção que está, hoje em dia, em grande parte transferido para o espaço específico da televisão. Como curiosidade, refira-se que os três filmes prefazem um total de 317 minutos (102+107+108) e que, em 1962, foi lançada na Grã-Bretanha uma versão resumida com 145 minutos e sob o título «Forever My Love». Interpretação: Romyt Schneider, Karlheinz Bohm, Magda Schneider, Gustva Knuth. Duração: 108 minutos.*

**17.15 - Clube Amigos Disney**
**19.00 - Um Anjo na Terra**
**20.00 - Jornal de Domingo**
**20.30 - Boletim Meteorológico**
**20.40 - Eu Show Nico**
**21.50 - Uma canção para Si**
**21.55 - Um Sonho para Durar**
**23.00 - Domingo Desportivo**

## RTP 2

**09.00 - Musica Box**
**10.00 - Troféu**
**12.30 - Juventude e Família**
**13.05 - Caminhos**
**13.35 - Novos Horizontes**
**13.55 - TV Mulher**
**14.20 - Music Box Especial**
**15.20 - Troféu**
**17.10 - A Evolução do Homem**
**18.00 - 5ª Dimensão**
**18.55 - Piano Bar**
**20.00 - Quem Sai aos Seus...**
**20.25 - Artes e Letras**

*Ben Nicholson*

**21.30 - Cine-Clube**

*«Aves de Rapina», de Eric Von Stroheim (E.U.A—1932): Mac Teague é um dentista, ex-mineiro, com ambições desmedidas de riqueza. Na sua cegueira pelo ouro, mata a mulher e empreende uma busca delirante pelo Vale da Morte, a ponto de nem sequer ter em conta a ameaça do clima para a sua própria sobrevivência. Porventura mais conhecido pela sua inconfundível figura como actor — de que «O Crepúsculo dos Deuses» (1950), de Billy Wilder, foi a derradeira expressão — Eric Von Stroheim foi, sobretudo, um dos cineastas que transformou de modo mais sensível o estilo narrativo da produção muda americana. Em termos genéricos, ele trouxe para o cinema um sentido da duração e um modelo de análise psicológica definitivamente libertos da herança teatral. «Greed» é a sua obra-prima absoluta e também um filme eminentemente mítico, de tal forma a sua produção foi atribulada. Depois do sucesso de títulos como «Blind Husbands» (1919) ou «Folish Wives» (1922), Stroheim conseguiu, finalmente, concretizar o projecto que o acompanhava há vários anos: adaptar o romance «MacTeague», de Frank Norris, uma parábola sobre a avareza e a decomposição das relações entre os homens. Orientado por um gosto quase maníaco do pormenor realista, Stroheim preparou o seu filme ao longo de dois anos e, logo aí, começaram os gastos não previstos ( o orçamento inicial apontava para um investimento de um milhão de dólares e o filme acabou por custar o dobro). A primeira versão — afinal, a única que Stoheim considerava legítima e que está definitivamente perdida — tinha 36 bobines e durava cerca de oito horas. Numa altura em que os chemados filmes de fundo raras vezes excediam uma hora, esta situação levantou, naturalmente, sérias resistências de produtores e exibidores. Stroheim ainda aceitou fazer uma redução para seis horas ( a ser explorada em duas partes de três horas cada), mas o filme foi novamente amputado e reduzido para as cerca de duas horas que hoje contém. O mínimo que se pode dizer é que é surpreendente o modo como o génio narrativo de Stroheim resistiu a todo este processo. São exemplares estas palavras com que Jean Mitry resume a singularidade do trabalho do autor de «Greed»: «Embora de uma grande qualidade formal, a arte de Stroheim reside na mameira de conceber e expor um certo conteúdo na maneira de ver o mundo, mas do que na de o fazer ver. A grande novidade de «Greed» é a de ter sabido dar ao filme o desenvolvimento «contínuo» do romance, de ter introduzido a «duração romanesca» na construção cinematográfica». Interpretação: Gibson Gowland, Tempe Piggot, Zasu Pitts, Jean Hersholt, Chester Conklin, Sylvia Asthon. Duração: 120 minutos.*

# SEGUNDA

## RTP 1

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.15 - Tudo ou Nada**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.30 - O Mundo da Bonecada**

*Estreia:*

*«O Mundo da Bonecada»*

**14.25 - O Mundo da Natureza**

*Há mais de mil anos, antes de se terem transformado num povo civilizado, os chineses utilizavam os animais na sua alimentação e como meio de transporte. Mas, apesar disso, tinham por eles um tal respeito e atribuiam-lhes tantas qualidades que começaram a venerá-los mitologicamente e assim nasceu um horóscopo zoológico. Assim, por exemplo, aqueles que nasceram no ano do macaco são inteligentes, mas arrogantes.*

**15.20 - Odisseia**

*Uma galeria secreta leva um grupo de exploradores a uma zona desconhecida da nave: um mundo habitado por velhos guerreiros de uma comunidade machista... com uma paixão por exemplares do sexo aposto.*

**16.55 - Max, o Computador**
**17.35 - Sumário**
**17.40 - Brinca Brincando**
**18.20 - Iratan Iracema**
**18.55 - O Império de Carson**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - Boletim Meteorológico**
**20.15 - Roque Santeiro**
**21.20 - Uma Canção para Si**
**21.25 - Saber a Valer**
**22.30 - A Clínica da Floresta Negra**

*Bertram e hannes, dois rapazes de 17 anos, vão passear de bicicleta com Gundi, a rapariga por quem ambos estão apaixonados. Para a impressionarem, vão praticando actos destemidos e Bertram acaba por ficar com um pé preso numa brecha duma gruta e parte o tornezelo. Gundi fica junto dele enquanto Hannes vai chamar o pai de Bertram que é médico na clínica. Mas a situação acaba por se tornat dramática.*

**23.35 - 24 Horas**
**00.05 - Remate**

## RTP-2

**13.15 - Totally Live**
**14.10 - Agora Escolha!**
**15.40 - Concurso Internacional com Elizabeth da Bélgica**
**16.35 - Trinta Minutos Com...**
**17.10 - Os Imigrantes**
**18.00 - Ponto por Ponto**
**19.00 - Formula One**
**19.55 - Hitchcock Apresenta**

*Um jovem e encantador canalizador, especializado em fazer chantagem, vai arruinando os casamentos da zona onde trabalha. Margot apercebe-se de que várias das suas amigas, todas elas casadas, andam extremamente nervosas e não consegue compreender a razão até ao dia em que Stanley, o canalizador, aparece na sua casa.*

**20.20 - O Sol aos Quadradinhos**
**20.50 - Montra de Livros**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.35 - Bolsa & Negócios**
**22.00 - Arturo Toscanini**

*Arturo Toscanini dirige «Aida», de Verdi. Este programa foi gravado no Estúdio 8H da NBC, pela Orquestra Sinfénica da NBC, coro de Robert Shaw. Intérpretes: Herva Nelli (soprano), Giuseppe Valdengo (baritono), Richard Tucker (tenor), Dennis Harbour (baixo baritono) e Eva Gustavson (meio soprano).*

# TERÇA

## RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Mundo da Bonecada
14.25 - O Mundo da Natureza
15.20 - Odisseia
16.55 - Max, o Computador
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - Iratan Iracema
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorologico
20.15 - Roque Santeiro
21.15 - Uma Canção para Si
21.10 - Portugal Sem Fim
22.20 - Acção em Miami
23.20 - 24 Horas
23.55 - Remate

## RTP-2

13.15 - Totally Live
14.10 - Dois Dedos de Conversa
15.10 - A Gaveta Secreta
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.10 - O Sol aos Quadradinhos
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Lá em Casa Tudo Bem
22.05 - Cinemadois

*«O Nosso Herói», de Bill Forsyth (Grã-Bretanha): A Knox Oil and Gas, companhia petrolífera de Houston (Texas) palneia construir uma refinaria na Escócia, na zona costeira de Ferness. MacIntyre, um dos seus jovens executivos supostamente de origem escocesa, é enviado a Ferness com a missão de montar o projecto. Na verdade, ele virá a descobrir que existe um outro projecto para a zona: um laboratório experimental para estudos oceanográficos. David Puttnam é um nome essencial na história recente do cinema britânico. Produtor ligado a projectos de grande orçamento («Momentos de Glória», «A Missão», etc), seguiu também uma política de apoio a novos cineastas através de filmes de menores recursos económicos que, em muitos casos, puderam revelar universos extremamente originais. «Local Hero» é um exemplo dessa sua estratégia. Para o seu realizador, Bill Forsyth, representou, sobretudo, a possibilidade de ultrapassar o quadro limitado das suas primeiras longas metragens — «That Sinking Feeling» (1979) e «Gregory's Girl» (1981) — trabalhando agora numa produção já com algumas ambições de penetração nos mercados internacionais (para o que contribuem, em particular, a participação de Burt Lancaster e a música de Mark Knopfler). Seja como for, Forsyth, que é também, o responsável pelo argumento, mantém-se fiel à preocupação de abordar as características específicas da sua Escócia natal. Assim, a odisseia de MacIntyre, enviado de uma grande companhia pretrolífera americana, revela, desde logo, os contrastes e as contradições entre dois mundos bem diferentes: de um lado, a economia das empresas multinacionais, interessadasem expandir o território da sua implantação; do outro, o universo de uma pequena povoação costeira da Escócia, marcado ainda pelos rituais de uma actividade que se mantém fiel às suas tradições mais remotas. No fundo, Forsyth revela-se ainda marcado por toda uma herança realista espalhada pela história do cinema britânico, ao mesmo tempo que propõe uma visão quase de fábula do conflitoentre a actividade artesanal e a grande indústria. «Local hero» evolui, então, como uma série de quadros, ora objectivos, ora à beira do absurdo, quase sempre atravessados por uma ironia subtil, sendo a personagem de Burt Lancaster o símbolo da vitalidade que aqui se celebra: observador apaixonado da Aurora Boreal, ele mantém-se, afinal, fiel à verdade da natureza que nos circunda. Interpretação: Burt Lancaster, Peter Riegert, Denis Lawson, Peter Capaldi, Fulton MacKay. Duração: 111 minutos.*

# QUARTA

## RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Mundo da Bonecada
14.30 - O Mundo da Natureza
15.25 - Odisseia
17.00 - Max, o Computador
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Portugal de Faca e Garfo
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.15 - Uma Canção para Si
21.20 - Vamos Jogar no Totobola
21.45 - Lotação Esgotada

*«O Pequeno Príncipe», de Stanley Donen (EUA—1974): Um piloto profissional que nunca conseguiu concretizar o seu sonho de ser pintor faz uma aterragem forçada no deserto do Sahara. Tenta arranjar o motor do avião, mas acaba por adormecer. Na manhã seguinte, ao acordar, depara com um rapazinho que lhe pode para desenhar um carneiro. Ao longo dos dias que vão passando, o piloto fica a conhecer a história daquele pequeno ser — na verdade, um príncipe — que viajou do seu asteróide até ao nosso planeta. Quando «O Pequeno Príncipe» foi feito (1974) não era, certamente, o musical que estava na moda. Pelo contrário, pode até dizer-se que desde a sua idade de ouro, nos anos 50, nunca o género reencontrou a grandiosidade que o distinguiu. Algumas das tentativas para o recuperar provêm, como aqui acontece, de figuras que ocupam um lugar insubstituível na sua história. Assim, convirá lembrar, antes do mais, que «O Pequeno Príncipe» é uma realização de Stanley Donen, nome ligado a títulos tão importantes como «Um Dia em Nova Iorque» (1949), «Serenata à Chuva» (1952) e «Sete Noivas para Sete Irmãos» (1954). A adaptação do clássico de Saint-Exupéry surge assinada por Alan Jay Lerner, um dos mais importantes argumentistas do musical, sendo a letra das canções também de sua autoria e a respectiva música da responsabilidade de Frederick Lowe, compositor que frequentemente formou uma dupla célebre com Lerner. Assumindo por inteiro o tom de fábula que caracteriza a história do pequeno príncipe que vem à terra observar o comportamento dos humanos, Donen faz um filme que é, no essencial, uma aposta na recuperação da evocação artificial e espectacular do cinema. «O Pequeno Príncipe» representa, por isso, uma renovada exaltação de um estilo de fazer filmes que no estúdio, e nos seus recursos específicos, encontra a origem da sua peculiar energia. Como curiosidade, refira-se que o actor e cineasta Bob Fosse (autor de «Cabaret» e «All Thatt Jazz»), recentemente falecido, é um dos principais intérpretes, desempenhando a figura de «cobra». Interpretação: Richard Killey, Steven Warner, Bob Fosse, Gene Wilder, Joss Ackland. Duração: 89 minutos.*

23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

## RTP 2

13.15 - Totally Live
14.10 - Agora, Escolha!
15.40 - Piano Bar
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.55 - Hitchcock Apresenta
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Fantasia e Realidade
22.05 - Encontro com o Dr. João Santos
23.10 - Leis do Amor

# QUINTA

## RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Mundo da Bonecada
14.30 - O Mundo da natureza
15.30 - Odisseia
17.00 - Max, o Computador
17.35 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.20 - Gira Mundo
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.15 - Uma Canção Para Si
20.20 - Richard Clayderman

*O pianista francês Richard Clayderman apresenta alguns temas clássicos e populares, num programa gravado nos belos cenários naturais da Escócia. Com ele estarão alguns músicos europeus de grande talento e, abrilhantando as prestações musicais, está a companhia «Chris Power Dancers» com as suas alegres e coloridas coreografias.*

21.45 - Se o Amanhã Chegar
22.50 - Espectáculo de Fim do Ano
01.00 - Girls of Paris

*«Girls of Paris»*

## RTP 2

13.15 - Totally Live
14.10 - Pano Para Mangas
15.40 - Horizontes de Glória
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.55 - Hitchcock Apresenta

*(Dois últimos episódios): (152º episoódio): Tommy, cujo passatempo é o estudo dos casos de assassínio e das razões que levam as pessoas a cometê-los, diz a um amigo que poderia matar alguém sem nunca ser apanhado, pela simples razão de que o faria sem ter qualquer motivo. E justifica a sua tese. (153º episódio): Shelley é amante de Tony, um homem casado, e quer que ele se divorcie e case com ela. No entanto, Tony não está interessado em deixar a mulher e vai ter com Shelley ao consultório, depois de já toda a gente ter saído, na esperança de a convencer a aguardar mais algum tempo. Mas o destino encarrega-se de os juntar para sempre.*

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
22.55 - As Teias da Lei

*Kuzak tenta livrar o seu cliente Petrovek de ser condenado à morte por violação e assassínio de uma mulher grávida. Gladys, a mãe de Becker, vai falar com o filho para ele ser o advogado na acção de divórcio contra o pai.*

# SEXTA

## RTP 1

08.55 - Missa da Paz

*Missa celebrada por Sua Santidade o Papa João Paulo II, por ocasião do Dia Mundial da Paz. Directamente da basílica de S. Pedro, em Roma.*

11.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Mundo da Bonecada
14.30 - Sequim D´Oro
16.30 - Odisseia

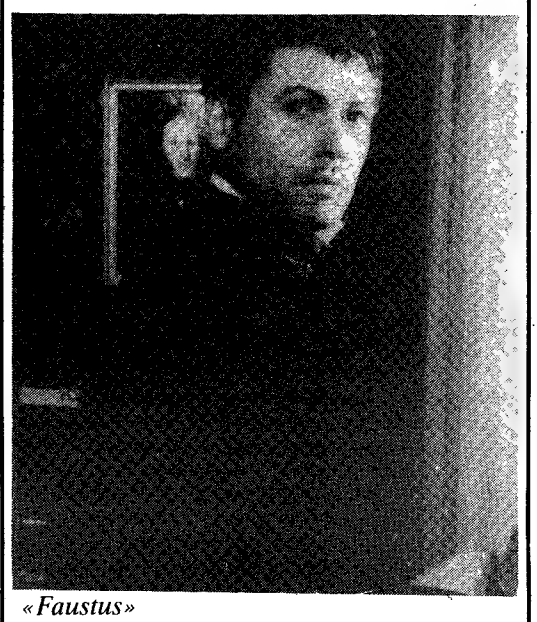
*(Último episódio): A tripulação da nave regressa depois de 400 anos. No entanto, verifica-se que sofre de uma perturbadora doença — senilidade espacial. Intérpretes: Keir Dullea, Lloyd Bochner, Edward Andrews.*

18.00 - Concerto de Ano Novo

*Em diferido de Viena de Grosser Musikvereinsaal, transmitiremos o famoso «Concerto de Ano Novo». A Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Claudio Abbado, executa uma série de peças de Johann Strauss e de Josef Strauss, sobretudo polcas e valsas. Participam também o Coro dos Pequenos Cantores de Viena e o Ballet da Ópera Nacional de Viena.*

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Mensagem de Ano Novo de S. Exª o Presidente da República
20.30 - Carol Burnet
21.30 - Take Off
23.00 - Pela Noite Dentro

*«Of Dure Blood»*



*«Faustus»*

## RTP-2

12.00 - Eurovisão

*«Esqui — Saltos»: transmissão directa de Garmish*

14.15 - Star in Der Manege

*Circo*

15.40 - O Mundo é um Palco

*Os grandes musicais americanos do nosso tempo têm a sua origem nas comédias musicais do século XIX, no teatro de «Vaudeville» e nas peças burlescas. A história da sua evolução, durante os anos trinta, é contada em linguagem musical, com extratosa de uma obra que trnsformou o musical no género teatral que actualmente conhecemos: «Oklahoma».*

16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.55 - Almanaque
20.00 - Naked City

*Estreia*

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Neon an Electric Memoir
22.00 - Faustus

*Estreia*

# TEATROS

## TEATRO ABERTO

**ca26.003**
**Praça de Espanha**
**Tel. 770969**

(De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00.)
**A Dama do Maxim's,** de Georges Feydeau, pelo **Novo Grupo.** Enc.: João Lourenço. Cen. Nuno Carinhas. Int.: Amílcar Botica, António Rui, anto e Castro, Cristina Carvalhal, Fernanda Montemor, Francisco Pestana, Iida Seabra, Irene Cruz, Isabel Ribas, João Baião, Joaquim Rosa, Jorge Gonçalves, José Pedro Gomes, Luís Óscar, Luísa Salgueiro, Manuela Cassola, Melim Teixeira, Paulo Filipe, Paulo Matos, Teresa Sobral e Virgílio Castela.
**Uma leitura discutível da farsa de Feydeau, mas um espectáculo bastante divertido e muito bem interpretado por Canto e Castro, Irene Cruz, Fernanda Montemor, José Pedro Gomes, entre outros.**

**TEATRO DO BAIRRO ALTO**
**Rua Tenente Raul Cascais, 1-A**
**Tel. 661515**

(De terça a quinta, às 20.30,; sextas e sábados, às 21.30; domingos, ás 16.00.)

**Grande Paz,** de Edward Hond, pelo Teatro da Cornucópia. Enc./Cen.: Luís Miguel Cintra. Int.: Alda Rodrigues, António Fonseca, Fernando J. Oliveira, Cândida Ferreira, Gilberto Gonçalves, José Wallenstein, Laurinda Ferreira, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Miguel Guilherme, Raquel Maria e Rogério Vieira.

Um texto soberbo, um dos melhores espectáculos do teatro da Cornucópia e do teatro português dos últimos 20 anos. Um admirável trabalho de todos os actores com um solo, inacreditável e comovente, de Alda Rodrigues.

**TEATRO DA CISTERNA DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES**

**L.º da Academia Nacional de Belas-Artes** (ao Chiado).
(De segunda a sexta, às 18.00 e 22.00; sábados e domingos, às 15.00, 18.00 e 22.00.)

**Cidade-Rei,** pelo **Teatro Espaço.** Enc./Cor.: Águeda Sena. Int.: Águeda Sena, Ana Gaspar, António Fontinha, Cristina Paixão, João Simões, Júlio Martin, Maria Terra e Sara Valente.

**Da poesia e da música para a dança e para o teatro, um espectáculo sem fronteiras que propõe um jogo bastante positivo no seu relacionamento com o espectador.**

## TEATRO IBÉRICO

**Rua de Xabregas, 54**
**Tel. 382531**

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00.)
**Lendas de Amor e Morte,** de Yukio Mishima. Enc.: Xosé Blanco Gil. Int.: Adelaide João, Francisco Soromenh, António Filipe, Teresa Corte-Real, Ana Rita, Artur Mendonça, Maria José Baião e António Liza.

**Um elenco feminino bastante superior ao masculino com um trabalho brilhante de Adelaide João, num espectáculo cuja justificação é teatralmente frágil.**

## MARIA MATOS

**Av.ª Frei Miguel Contreiras**
**Tel. 897017**

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos às 16.00, 20.30 e 22.45.)

**Toma Lá Revista,** de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal; pela **C.ª do Teatro Maria Vitória.** Int.: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, F. Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes, Leonor Edviges, Carlos Areia, Eva Cristina e Rute Correia.

# Agenda do essencial

Bem, cá estamos no Natal. Mas terá o teatro português Natal?

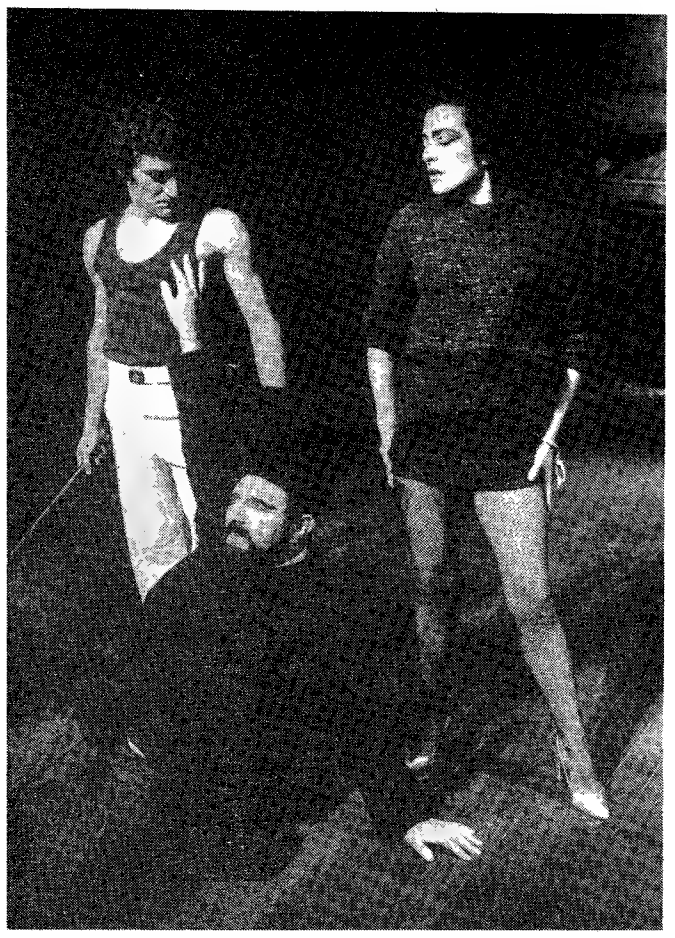
Aos leitores, porventura interessados em gastar algumas horas natalícias numa sala de teatro, chamamos a atenção para se certificarem em relação a dias e horas dos respectivos espectáculos.

Espectáculos que se recomendam, sem quaisquer remorsos: **Grande Paz,** de Edward Bond, encenação de Luís Miguel Cintra, pelo teatro da Cornucópia, no Teatro do Bairro Alto; **O Balcão,** de Jean Genet, encenação de Carlos Avilez, pelo Teatro Experimental de Cascais, no Teatro Municipal Mirita Casimiro (Monte Estoril); **A Dama do Maxim's,** de Georges Feydeau, encenação de João Lourenço, pelo Novo Grupo, no Teatro Alberto; **Cidade-Rei, encenação e coreografia de Águeda Sena, pelo Teatro Espaço, na ESBAL.**

Ainda em cena: **Guerras do Alecrim e Manjerona,** de António José da Silva (O Judeu), encenação de Carlos Avilez, no Teatro Nacional D. Maria II (até dia 31); **Lendas de Amor e Morte,** de Yukio Mishima, encenação de Xosé Blanco Gil, pelo Teatro Ibérico; **Metro-Cabaret,** texto e encenação de Fernando Gomes, no Teatro do Século.

Ainda: **Toma Lá Revista,** de Henrique Santana, F. Nicholson e M. Zambujal, no Teatro Maria Matos; **Criada para Todo o Serviço,** de Barillet & Grédy, encenação de Armando Cortez, no Teatro Villaret.

Fora de Lisboa: **O Desconcerto,** de Jaime Salazar Sampaio, pelo Teatro de Portalegre, na Sala-Estúdio (Convento de Santa Clara); **O Médico à Força,** de Molière, pelo Teatro Animação de Setúbal, no Teatro de Bolso do TAS; **Fantasio,** de Alfred Musset, pela Cena-/Companhia de Teatro de Braga, no Teatro-Circo.



*«O Balcão», de Jean Genet pelo TEC*

**TEaTRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO**
**Av.ª Fausto Figueiredo (ao Cruzeiro)**
**Tel. 2670320**

(De quarta a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.)
**O Balcão,** de Jean Genet, pelo **Teatro Experimental de Cascais.** Enc.: Carlos Avilez. Cen./Fig.: Vasco Eloy. Int.: Alexandra Lencastre, Anna Paula, António Marques, Carlos Freixo, Carlos Sebastião, Fernanda Alvarez, Fernando Corte-Real, Ilda Roquete, João Mendes, João Vasco, Lia Gama, Luiz Rizo, Paulo B., Santos Manuel, Sérgio Silva e Zita Duarte.
**Um texto genial numa leitura sabiamente comedida de Carlos Avilez permitindo entender o labirinto que a peça percorre. Salvo algumas dissonâncias vocais, um trabalho esplêndido por grande parte dos intérpretes em especial Lia Gama, Zita Duarte e Alexandra Lencastre.**

## NACIONAL D. MARIA II

**Rossio**
**Tel. 372246**
**Sala Garrett**
(Domingo, às 16.00; de terça a quinta, às 21.30.)
**Guerras do Alecrim e Manjerona,** de António José da Silva (O Judeu). Enc.: Carlos Avilez. Int.: António Anjos, Carlos Pimenta, Catarina Avelar, Fernanda Borsatti, João de Carvalho, Manuel Coelho, Paula Mora, S. José Lapa e Vítor Ribeiro.
**Imperdoável operação de academização do admirável texto de O Judeu, num trabalho incriativo de Carlos Avilez.**

## TEATRO DO SÉCULO

**Rua do Século, 41**
**Tel. 324704**
(De quinta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00.)
**Metro-Cabaret.** Texto/Encenação: Fernando Gomes. Int.: Adriano Luz, Fernando Gomes e Maria Vieira.
**Algumas graças do texto, a qualidade dos intérpretes, alguns achados da cenografia justificam a visão de um espectáculo do qual, no entanto, se esperava mais.**

## VILLARET

**Av.ª Fontes Pereira de Melo, 31-A**
**Tel. 538586**
(De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30.)
**Criada para Todo o Serviço,** de Barillet Grédy. Adapt./Enc.: Armando Cortez. Int.: Alexandra Pereira, Armando Cortez, Florbela Queirós, Manuela Maria e Norberto de Sousa.

**JUNTA DE FREGUESIA DE CARNIDE**
**Largo das Pimenteiras, 6-A**
**À Moda da Minha Avó,** pelo Teatro os Pápa-Léguas.

## TEATRO INFANTIL DE LISBOA

**Rua Leão de Oliveira, 3 (ao Calvário)**
**Tel. 639974**
(Sábados, domingos e feridos, às 16.00.)
**O Avestruz Mecânico,** de Carlos M. Rodrigues. Enc.: Bento Martins.

**BRAGA**
**TEATRO-CIRCO**
(De terça a domingo, às 21.45.)
**Fantasia,** de Alfredo Musset, pela Cena/Companhia de Teatro de Braga. Enc.: Rui Madeira. Int.: Ana Bustorff, António Durães, Carlos Feio, Cecília Guimarães, Jorge Silva, Rui Madeira, Rui Peixoto, José Teles, Isabel Marado, Maria de Jesus Mota, Aníbal Abrantes e Rui Prata.

**PORTALEGRE**
**Convento de Santa Clara**
**Rua de Elvas**
(Quartas e sábados, às 21.30.)
**O Desconcerto,** de Jaime Salazar Sampaio, pelo **Teatro de Portalegre.** Enc.: Augusto Tello. Int.: Cristina Paiva, José Mascarenhas, Manuel João Borges e Vítor Pires.
Um texto redescoberto num admirável espectáculo que permite uma outra descoberta: a jovem Cristina Paiva. Vale a pena fixar este nome.

**TEATRO DE BOLSO**
**Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9**
**Tel. 29130**
(Quinta e sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30.)
**O Médico à Força,** de Molière, pelo **TAS.** Enc.: Carlos César/Asdrúbal Teles. Int.: Carlos Rodrigues, João Vítor, Maria Clementina, Nuno Mello, Rui Serra, etc.

*Acto*

# O parasitismo do Estado

Para quem não acredita em coincidências, o «DL» da sexta-feira 18, era um festival que deveria obrigá-lo a mudar de opinião.

Foi o caso de terem surgido três referências ao último espectáculo do Teatro de Portalegre (ou do Semeador), sem que tivesse havido qualquer combinação nesse sentido, o que aliás seria absurdo, entre a saída do **destaque** da 1.ª pág. do Cartaz e a publicação da crítica ao espectáculo visto em Portalegre, e há dias no jornal, como não houve qualquer combinação entre estes dois textos e o comentário de José Mirandum a propósito do programa de Jorge Listopad, Não Faça Cenas, sobre a actividade daquele grupo.

Podemos, porém, aproveitar esta coincidência para fazer do caso do Teatro de Portalegre um símbolo. Trabalhando há anos na província, este grupo tem vivido graças a subsídios pontuais da SEC e sobretudo da Câmara Municipal, e principalmente graças ao espírito de sacrifício daqueles que o constituem na concretização de um projecto sério de animação e criação teatrais.

O que há de simbólico neste caso é que ele é um paradigma das relações do teatro em Portugal com o Estado, melhor, com os poderes constituídos. Porque o que interessa é que haja grupos a trabalhar, isto é, gente, pessoas, mulheres e homens que têm necessidades, problemas, carências mas são suficientemente loucos para os minimizar e assim tornar possível a existênciade qualquer coisa que faz, ou devia fazer, parte da nossa maneira de estar no mundo, ou seja, para que haja teatro em Portugal. É assim que o Estado parasita esse espírito de sacrifício.

Provavelmente convencido que está a ser vítima de perigosos exploradores.

Curioso: assim se falou pela quarta vez de um grupo do qual nunca se fala.

Mas desta vez não foi coincidência.

# MARGENS

## *Congresso Internacional da Crítica*

Como aqui foi noticiado, realizou-se em Berlim Leste o X Congresso da Associação Internacional de Críticos de Teatro. O encontro decorreu entre 15 e 21 de Novembro e teve como tema dominante: A Importância do Teatro e da Crítica de Teatro na história de uma cidade, de um terriório e de uma região cultural». A Associação Portuguesa de Críticos de Teatro esteve pela primeira vez representada num congresso desta ordem, tendo estado presentes em Berlim dois membros da sua direcção: Maria Helena Serôdio (tesoureira) e Eugénia Vasques (secretária). As críticas portuguesas participaram nos trabalhos, tendo Maria Helena Serôdio apresentado uma breve comunicação sobre as relações do 25 de Abril com a evolução do teatro em Portugal. Registou-se ainda a sua participação na Assembleia Geral da AICT, que se efectuou pela mesma ocasião, com direito a um voto. Figuraram nessa AG os representantes de 21 países, e Portugal figurou entre os 17 que se propuseram para fazer parte do Comité Executivo da AICT. Foram eleitos, por voto secreto, 10 países para integrar o referido Comité, tendo Portugal, numa primeira votação, ficado em 10.º, «ex-aequo» com a França e a Hungria. Em segunda votação foi eleita a Associação da Hungria. Os órgãos executivos da AICT, para o próximo biénio, ficaram assim constituídos:

Presidente: **John Elsom** (reconduzido por unanimidade e aclamação); secretário geral: **Georges Banu** (reconduzido e igual modo); Comité Executivo: representantes dos seguintes países: **URSS, RDA, Turquia, Argentina, Suécia, EUA, Itália, Áustria, Polónia e Hungria.**

O próximo congresso da AICT realizar-se-á em 1989 em Buenos Aires, havendo duas propostas para a realização do congresso de 1991, da secção polaca para que se realize em Varsóvia e da APCCT para que se realize em Lisboa.

No âmbito da AICT realizar-se-ão em breve os seguintes seminários: em Berlim Leste por ocasião do 90.º aniversário do nascimento de Brecht, em Fevereiro; em Londres, de 23 a 25 de Abril, sbordinado ao tema «O Fim do Absurdo?»

## *Jane Calamity foi Joana Calamitat*

Como Cartaz/Teatro noticiou, Hélder Costa dirigiu em Barcelona uma versão catalã da obra de que foi adaptador, sobre as cartas de Calamity Jane, de que Maria do Céu Guerra foi a intérprete em Portugal com o grupo A Barraca. O último n.º de «El Público» insere, com grande destaque, uma entrevista com a actriz Victoria Peña, intérprete da obra em Espanha. No que se refere ao seu trabalho com o encenador português, Victoria Peña declara:

**Com a montagem de Hélder Costa intenta-se, a partir de tetos das cartas e de dados biográficos, dar uma visão da personagem. Às vezes de maneira dramática, outras de maneira cómica, outras em linguagem quase de «comic», nas quais a personagem explica e encena as coisas que fez, com momentos de reflexão, sempre com acompanhamento musical...** Joana Calamitat **apareceu-me no momento em que Alfons Flores, do GAT, me propôs fazer esta obra que já tinha sido encenada em Portugal, pela Barraca. Flores estava muito interessado em fazê-la aqui e que fosse dirigida por Hélder Costa, que tinha sido o encenador em Portugal... Disse que sim. Li o texto, gostei muito. Só faltava conhecer o encenador. Para mim era uma jogada um tanto às cegas. Se dizes que sim e depois não te entendes com ele? Claro que havia a garantia da trajectória da Barraca que me parecia muito interessante. Em Agosto Hélder Costa esteve cá, falámos demoradamente e entendemo-nos na perfeição. Trocámos opiniões sobre as nossas maneiras de ver a personagem e depois começámos a trabalhar.**

## Ainda o Festival de Cadiz

No mesmo n.º de «El Público» (Novembro), Carlos Espinosa Dominguez escreve uma reportagem sobre o Festival de Cádiz: «Las Largas 240 horas de Cádiz». Sublinhando a qualidade da presença brasileira, com destaque para o espectáculo do grupo Delta com a peça de Nélson Rodrigues **Toda a Nudez Será Castigada,** grande êxito do último FITEI, Carlos Espinosa refere-se assim à participação do Teatro Hoje:

**Os portugueses não têm tido sorte em Cadiz. No ano passado, um desacerto de calendário e de horário influiu para que um excelente trabalho de O Bando não tivesse sido valorizado na sua justa medida. A apresentação de** *O País do Dragão,* **do Teatro Hje, provocou um êxodo maciço de espectadores, essencialmente por causa das dificuldades idiomáticas que prejudicavam o acesso a um espectáculo no qual o texto tem um grande peso. Trata-se portanto de um trabalho que resiste mal na sua passagem a um outro contexto linguístico. Ganharia, é certo, com um aligeiramento do ritmo, mas, tal como está, constitui uma encenação rigorosa, cuidada, com um inteligente trabalho dramatúrgico, um elenco admirável, no qual se plasmam com densidade e consequidas atmosferas, a densidade, frustrações e incomunicação em que se afogam as personagens de Tennessee Williams.**

Carlos Espinosa Dominguez não refere o espectáculo de Os Comediantes com a peça, de Copi, **As Noites da Senhora Luciana,** também presente em Cádiz.

## *Marguerite Yourcenar*

Morte a 17-12-1987 de Marguerite Yourcenar. Escritora de língua francesa, nascera em bruxelas e naturalizara-se há dezenas de anos como cidadã dos Estados Unidos, onde vivia e onde morreu. Tinha 84 anos. M.Y. era uma das maiores escritoras do nosso tempo. Foi a primeira mulher a entrar na Academia Francesa.

Romancista, poetisa, dramaturga, escreveu obras que a tornaram mundialmente conhecida: «Memórias de Adriano», «Obra ao Negro» e «Golpe de Misericórdia» são três das suas obras-primas, traduzidas em português. Sobre ela escreveu Lídia Jorge: «Não conheço outro escritor contemporâneo que saiba tanto de duas dimensões que são opostas — a paixão e o tempo.»

Como autora dramática, M.Y. publicou: **Electre ou la Chute des Masques** (1954); **Le Mystère d'Alceste,** seguido de **Qui n'a pas son Minotaure?** (1963); **Rendre à César, La Petite Sirène, Le Dialogue dans le Marécage** (1971).

A única peça de M.Y. representada em Portugal foi **Electra ou a Queda das Máscaras,** criação de Filipe La Féria sobre a tradução de Luiza Neto Jorge, dramaturgia de Eugénia Vasques, cenografia e figurinos de Filipe La Féria, com os seguintes intérpretes: Zita Duarte, Rocha Santos, Virgílio Castelo, Juvenal Garcês, Glicínia Quaitin e João d'Ávila. A estreia foi na Casa da Comédia a 13-4-87.

# ESTANTE

**El Publico** — Revista Mensal do Centro de Documentação Teatral do Ministério da Cultura — Madrid — n.º 50/Novembro 1987.

Na capa do último n.º de «El Publico» a actriz Lina Morgan, a quem a revista chama a rainha da revista, que ocupa as primeiras páginas do periódico madrileno. Moisés Pérez Coterillo assina o editorial onde exprime algumas reflexões sobre os cinquenta números publicados da revista de que é director. Outra colaboração:

Uma entrevista com José Martin Recuerda a propósito da encenação da sua peça **Las Salvajes en Puente San Gil;** um artigo sobre o último trabalho de Miguel Narros com a peça de Vargas Llosa **La Chunga,** incluindo uma entrevista com aquele escritor peruano; uma entrevista com o conhecido comediante Alberto Closas que vai fixar-se na Argentina; artigo e entrevista sobre o espectáculo **Los Enredos de Scapin,** de Moliere, encenação de Daniel Sopulier, no Teatro Español, de Madrid; um artigo sobre a primeira encenação em Espanha de uma peça do polaco Witkiewicz (de quem Carlos Avilez encenou há anos **A Mãe**), com o título **El Loco y la Monja;** um conjunto de artigos sobre espectáculos de dança-teatro, entre eles um do grupo Vianants que esteve no último FITEI, e um trabalho intitulado **Madame Josefina a...mi querido Tchekhov,** teatro, dança e **cabaret** do Teatro de la Dança; uma entrevista com a acriz Victória Peña; Textos sobre festivais em Espanha (Cadiz, Barcelona, etc.), incluindo uma entrevista com a actriz argentina Maria Escudero (una rebelde con causa); um **dossier** sobre o último espectáculo do Théâtre du Soleil, **La Indiada,** incluindo uma entrevista com Ariane Mnouchkine, trabalho de Didier Méreuze; mais correspondência de Paris, de Itália, de Londres, de Portugal (ainda o ACARTE/87 e o Congresso de Coimbra), do México; da Venezuela, do Brasil. O n.º termina, como habitualmente, com precisas informações sobre o comportamento das bilheteiras dos teatros de Madrid e de Barcelona. Não muito animador.

O suplemento deste n.º de «El Publico» é constituído pelo n.º 28 de «Cuadernos El Publico» dedicado ao tema «Los Pintores y el Teatro», coordenação de Angel Garcia Pintado. Profusamente ilustrado, este Caderno inclui um conjunto de textos extremamente interessantes sobre um tema tão raramente tratado. Entre os colaboradores, além do coordenador, Denis Bablet, Eduardo Arroyo, Francisco Nieva, António Susa, José Caballero, etc.

# ÚLTIMA HORA

*Reaparecimento de José Viana no Parque. Depois de alguns anos fora do teatro de Lisboa, o grande actor José Viana reapareceu num espectáculo de Vasco Morgado. Trata-se de um espectáculo entre a revista e o musical de que José Viana foi autor, encenador, e grande parte das canções além de intérprete. Com ele, Dora Leal, Camacho Costa, Dulce Guimarães e Maria Viana, entre outros.*

*Com o título* **Festa do Parque,** *o espectáculo de José Viana está no Teatro Variedades.*

## A pergunta da semana

*Que presentes no sapato do teatro português?*

## ANTENA 1

**[95.7 e 99.4 Mhz]**

**Intima fracção — às 2.ªs, das 0 às 2; realização de Francisco Amaro.**

Espaço de infinidade, relaxa introversão, criado a partir de uma escolha criteriosa de som calmo mas não passivo e de textos plenos de modernidade.

**PROGRAMA DA MANHÃ — De 2.ª a 6.ª, das 7 às 10; realização de João Paulo Dinis.**

— Um exemplo claro de como o «estágio» na BBC não traz necessariamente benefícios acrescidos para os profissionais que por lá passam: João Paulo Dinis não abandonou um certo provincianismo «estiloso», antes o desenvolver e «aprimorou». O resultado é uma tristeza...

**DIALOGO — Às 5.ªs, entre as 20.30 e as 21; realização de João Coelho.**

Do outro lado, a ligação directa e imediata à cultura africana e nomeadamente à dos PALOP com um cruzamento excelente entre a nossa língua e a música e a cultura «deles».

**ÂNGULOS E REFLEXOS — Aos sábados, às 21 (repete às 5.ªs às 11); realização de Carlos Achemenn.**

A cultura em Portugal, suas figuras e aspectos vários; com realce permanente para a música, desde a música ligeira de qualidade (Nat King Cole, por exemplo) até à música erudita.

**FALAR CINEMA — Às 6.ªs, às 17 (repete às 2.ªs às 11h.); realização de Luís Filipe Costa.**

Começou na Rádio, onde se notabilizou como um responsável pelo famoso serviço de noticiários do Rádio Clube Português, bem como pela sua voz portentosa, sem rival nas décadas de 60 e 70. Hoje também realizador de televisão e com um gostinho especial por pequenas séries filmadas, é obviamente um amante da 7.ª Arte.

Luís Filipe Costa, de quem se diz que viu «Os Salteadores da Arca Perdida» por mais de vinte vezes, é de ouvir (até) quando fala de cinema!

## RÁDIO COMERCIAL - FM ESTÉREO

**[97.4 Mhz]**

**COUNTRY MUSIC, MUSICA DA AMÉRICA — Aos sábados, das 19 às 20; realização de Jaime Fernandes.**

Não, não foi a atribuição pela 1.ª vez dos «diplomas» que premeiam a música «country» editada no ano que me levou a comprar o disco «Always and Forever» de Randy Travis; foram a dedicação e o empenho de Jaime Fernandes que me levaram a esbocar um gesto já esquecido», o de comprar «country music».

Jaime Fernandes continua vivo e atento, como se comprova pela atenção dada a este magnífico (jovem) intérprete de «country», que ouço continuamente.

**MANHAS DA COMERCIAL — De 2.ª a 6.ª, das 7 às 10; realização de José Freire, apresentação de Nuno Santos.**

A Rádio continua a revelar jovens altamente promissores: se 86 foi o ano em que Luis Montez se confirmou como uma grande «promessa», 1987 foi o ano da revelação de Nuno Santos. Pescado pela Comercial do seio de um «cardume» de jovens convencidos e medíocres, Nuno Santos é uma voz e uma presença a fixar. Oxalá não fique por aqui...

**ESPAÇO AKAI — De 2.ª a 6.ª, das 0 à 1; realização de Nuno Santos, espaço de «Casamento» entre a tranquilidade da locução e da música, mas ultrapassando claramente o tom anódino, tão na moda a estas horas; em Nuno Santos está aqui como peixe na água!**

## RÁDIO COMERCIAL - ONDA MÉDIA

**[736 e 1035 Khz]**

**OS BONS DIAS DA RADIO — De 2.ª a 6.ª, das 10 às 12.30, realização de Carlos Rebelo.**

Com a saída de Ana Bola o programa «afunda-se» e passa a roçar a mediocridade. O tom agora é dado por presenças como Marco Paulo (cuja dignidade e sobriedade aos microfones não estão em causa) que chega para «desarmar» um incipiente Carlos Rebelo.

## RFM

**[93.2 Mhz]**

**COLAR DE PEROLAS — Aos sábados, das 19 às 21; realização de Manuel Falcão.**

Na 2.ª hora da emissão desta semana o destaque vai todo para o «bootleg» (disco — «pirata») «Hisher Ground» dos U2, captado integralmente na Suécia. Disco com um edição muito reduzida (cerca de 50 mil exemplares), que contempla um grupo fascinante e com notáveis prestações em palco (como se pôde constatar em Vilar Mouros em 1982), «Hsher Ground» merece uma audição muito atenta.

## CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO

**[104.3 Mhz]**

**EDIÇAO ESPECIAL DE FIM DE ANO — 5.ª feira dia 30 com especial incidência das 10 às 19 e das 24 às 2; coordenação de Rui Pêgo.**

Música só de 1987, destacando os melhores e apresentando pequenos trabalhos de produção sobre onze «grupos» em destaque (veteranos», «regressos», «revelações») etc.). A ouvir atentamente — a música e os especiais».

## TELEFONIA DE LISBOA

**[101.5 Mhz]**

**EDIÇAO ESPECIAL DE FIM DE ANO — 6.ª feira, 31, até às 7 da manhã; coordenação de Rui Pêgo.**

Ao longo do dia a música de 1987 tem lugar exclusivo, mas desta vez os «Sonhos de Ouro» (2/7 da manhã) não serão previamente gravados, pois o CMR também festeja a «morte de 1987 e o dealbar do ano novo.

UM AMOR FELIZ
DAVID MOURÃO-FERREIRA

4 Prémios • 4.ª edição
40.000 exemplares
O ROMANCE PORTUGUÊS MAIS PREMIADO DE SEMPRE

DAVID MOURÃO-FERREIRA
UM AMOR FELIZ

PRESENÇA ROMANCE

Prémio de Narrativa do Pen Clube Português
Prémio D. Diñis, da Casa de Mateus (ex-aequo)
Prémio de Ficção do Município de Lisboa
Grande Prémio de Romance da Ass. Port. de Escritores

EDITORIAL PRESENÇA Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA Telef. 73 41 91

Não entre em 88
só com o pé direito.
Entre, connosco, a pés juntos!

CASTELO DE VIDE
HOTEL SOL e SERRA ★★★ ALENTEJO • PORTUGAL

CASTELO DE VIDE
★★★ HOTEL
SOL E SERRA

QUE RÉVEILLON!

Informações e reservas:
Telfs. (045)91301 e 91337

Visite também, em PORTALEGRE, o
RESTAURANTE O TARRO (Av. do MFA Tel. 24345)

# Redacção

*Eu fui ao jardim zoológico. Este jardim zoológico é muito bonito. E o jardim zoológico do senhor Marchak. Vi bichos muito lindos. Os bichos que vi não estão em jaulas. Estão dentro das folhas dum livro, muito quietinhos, e aconchegados e quando a gente abre o livro eles saltam das páginas e ficam muito engraçados. Que lindo é este jardim zoológico! Há lá um tigre que diz:*

*«Eu não sou nenhum miau!*

*Sou um tigre muito mau!»*

*Está lá escrito isso! A gente acha engraçado, mas não acredita nisso. Ele tem um ar muito engraçado. Deve haver tigres maus, mas este não parece.*

*Neste jardim zoológico também há um elefante, um camelo, uma girafa, zebras (que são cavalos às riscas!), uma avestruz, uns mochos muito engraçados e os pinguins.*

*Estes bichos todos têm cores muito lindas e estão todos no meio de flores e ervas também com cores muito bonitas. No outro jardim zoológico onde fui uma fez, não é tão bonito. Os bichos têm lá um ar triste, metidos atrás de grades: estão todos presos e não devem gostar disso.*

*E tão bonito abrir o livro e o elefante sair das folhas e ficar com aquele ar carrancudo! E a avestruz, então?! Dos mochos ainda falei pouco, mas até são os que acho mais engraçados!*

*Vou escrever ao senhor Marchak a dizer-lhe que gostei muito do jardim zoológico que ele fez.*

*TÍTULO: No Jardim Zoológico*
*AUTOR: S. Marchak*
*EDITOR: Malich — C.D.L.*

**Porfírio Alves Pires**

# Eduardo Batarda

O universo é presente, à partida neutro de significação. Progressivamente encher-se-á de rastros de trajectórias vagamente circulares, mas exactas, como se sabiamente fossem calculadas e obedientes a desígnios bem precisos. Aqui e além, alguns sinais-objectos.

A pintura de Eduardo Batarda é um pouco isso. Muda de significação, ela mergulha e emerge dos meandros da complexidade dum mundo circular e quase sempre centrípeto. Mundo perfeitamente organizado, no seu aparente confuso de trajectórias. Mundo luminoso, surgindo da negrura patente do fundo que lhe serve de base.

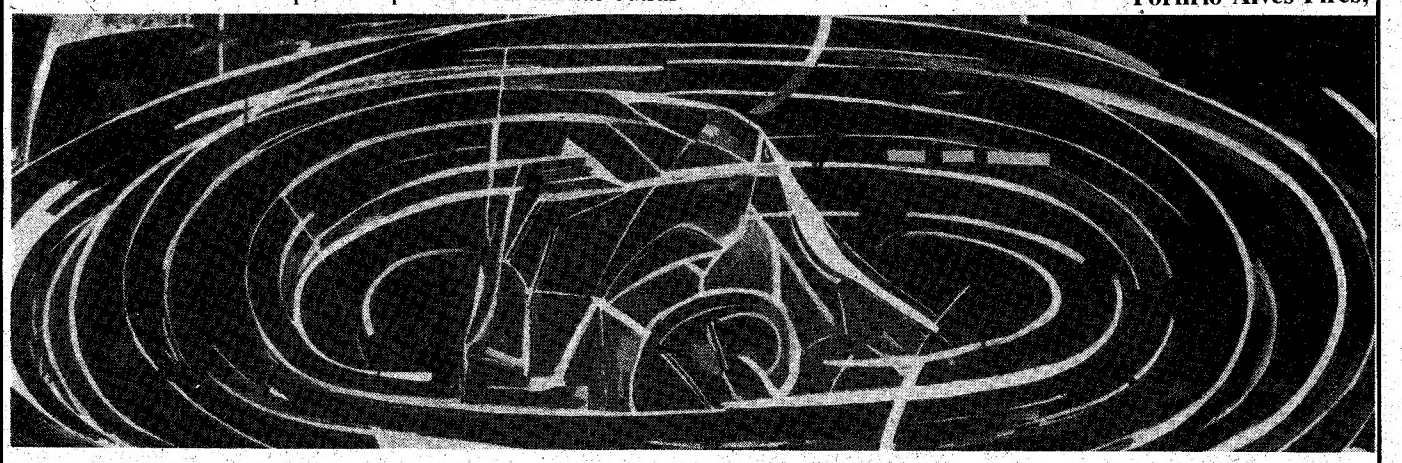
Universo neutro de significado à partida, mas significante no modo como se organiza: circular, mas não radiante; centrípeto, mas não fechado.

Como se fosse reescrita sobre uma já muito trabalhada escrita, como se fossem palavras postas sobre muitas outras palavras já escritas, o discurso ganha sentido não pelas palavras ditas, mas sim pelo emaranhado que as palavras entre si organizam.

Discurso complexo, sem dúvida; discurso extremamente claro, também. Ele fala dum universo aberto, limitado pelas dimensões da superfície de suporte meramente por acaso, como se a representação do representado pudesse continuar muito para além; mas ele discursa também sobre um mundo extremamente fechado, aconchegado como se dum espaço uterino se tratasse. Mundo de negridão, mas onde a luz penetra como sinais acenados.

Cativante esta pintura, mas como se de uma armadilha se tratasse, à maneira duma teia que prende.

**Porfírio Alves Pires,**



- **COLECTIVA**
  **Arte Maizum Espaço,** Rua dos Poiais de S. Bento, 75 B, 2.ª a sáb., 18-21.
  Desenhos, escultura e pintura. Até 30/12.

- **FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA**
  **Gal. do Centro de Estudos de Fotografia,** R. Padre António Vieira, salas 12/13, 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-20.
  Até 30/12.

- **KIKA**
  **Gal. Ana Isabel,** R. da Emenda 111, 1.º; 2.ª a sáb., 14-19.
  Tapeçarias. Até 30/12.

- **«LES CHEMINS DE L'ILLUSTRATION»**
  **Inst. Franco-Português,** Av. Luís Bivar, 91.
  Até 30/12.

- **COLECTIVA**
  **Gal. Triângulo 48,** Av. Vasco da Gama, 48-A.
  Gravura. Até 31/12.

- **COLECTIVA DE NATAL**
  **Casa da Imprensa,** R. da Horta Seca, 20, 2.ª a 6.ª, 10-20.
  Pintura. Até 31/12.

- **JOSÉ BELO**
  **Adelas, artes e estilos,** R. do Norte, 23.
  Aguarelas. Até final do mês.

- **SALVADOR DALI**
  **Gal. da Livraria Barata,** Av. de Roma, 11-A, 2.ª a sáb., 12-23.
  Escultura e serigrafia. Até 9/1.

- **KHALKOS**
  **Gal. Diferença,** R. Filipe Nery, 42, 3.ª e 6.ª, 15-20; sáb. e dom., 16-19.
  Gravura. Até 10/1.

- **JOSÉ LUÍS PEREZ NAVARRO**
  **Gal. Módulo,** Av. António Augusto de Aguiar, 56-5.º Dt.º, 2.ª a sáb., 16-20 (excepto feriados).
  Pintura, Até 15/1.

- **IRENE BUARQUE**
  **Gal. Diferença.**
  Pintura. Até 10/1.

- **EXP. ESTUDOS PINTURA**
  **Museu Nacional de Arte Antiga,** R. das Janelas Verdes, 3.ª a dom., 10-17 (excepto feriados).
  Até 25/1.

- **ANA LEONOR E LUÍS FRANÇA**
  **Espaço Poligrupo, Renascença,** R. Ivens, 14, 2.ª a 6.ª 9-20; sáb., 9-12.
  Pintura.

- **DIÁLOGO COM SOARES DOS REIS**
  **SNBA,** Rua Barata Salgueiro, 14-20.
  Colectiva de escultura.

- **JUAN MUÑOZ**
  **Galeria Cómicos,** R. Tenente Raul Cascais, 1, 2.ª a sáb., 15-20.

- **EDUARDO BATARDA**
  **Galeria 111, Campo Grande, 113.**
  **Pintura.**

- **MATEO, XXV 30**
  **Poligrupo,** R. Ivens, 14, 2.ª a 6.ª, 9-20, sáb., 9-12.
  Pintura.

- **«LES CHEMINS DE L'LLUSTRATION»**
  **Inst. Franco-Portugais,** Av. Luís Bivar, 91.
  Originais de George Lemoine e Henri Galeron.

- **FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA**
  **Galeria do Centro de Estudos de Fotografia,** R. Padre António Vieira; 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-20.

- **ESPIGA PINTO**
  **Galeria da «Gravura»,** Trav. do Sequeiro; 2.ª a 6.ª, 10.30-13.30 e 15-17.
  Gravuras e serigrafias.

- **CYRIL BOURQUIN**
  **Fundação Gulbenkian,** Av. de Berna, 45; 3.ª a dom., 10-17.
  Pintura.

- **BRINQUEDOS CABO-VERDIANOS**
  **Museu Nacional do Traje,** Parque do Monteiro-Mor; 3.ª a dom., 10-13 e 14.30-17.
  Brinquedos manufacturados por crianças.

- **ANTÓNIO AURÉLIO**
  **Fundação Gulbenkian,** Av. de Berna, 45, 3.ª a dom., 10-17. (encerra 24, 25 e 26)

- **ALFREDO MORA** e **ROSINDA DOS SANTOS**
  **Hotel Meridien,** Rua Castilho, 149; diariamente 9-23.
  Estanhos e tapetes.

- **COLECTIVA**
  **Galeria Restauração,** Av. Guerra Junqueiro, 18-C; 2.ª a 6.ª, 15-19; sáb., 9-20.
  Pintura.

- **COLECTIVA**
  **Atelier 2,** Rua da Emenda, 66, 3.º; 2.ª a 6.ª, 14.30-20.
  Originais e serigrafias.

- **COLECTIVA**
  **Galeria Da Vinci,** Rua de Belém, 75-77; 2.ª a 6.ª, 13.30-19; sáb. e dom., 15-19.
  Artistas gráficos da Checoslováquia.

- **JOAQUIM BRAVO**
  **Loja de Desenho,** Rua Academia de Ciências, 2-B; 3.ª a sáb., 15-19.30.

- **JOSÉ LUÍS e PEREZ NAVARRO**
  **Módulo,** Av. António Augusto de Aguiar, 36, 5.º; 2.ª a sáb., 16-20.
  Pintura.

- **«O NATAL»**
  **Galeria Almada Negreiros,** Av. da República, 16.

- **MÁRIO MIRANDA**
  **Fundação Gulbenkian,** Av. de Berna, 45; 3.ª a dom., 10-17.
  Desenho.

- **SALVADOR DALI**
  **Livraria Barata,** Av. de Roma, 11-A; 2.ª a sáb., 12-12.
  Escultura e obra gráfica.

- **LUÍS VASCONCELOS**
  **Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica,** R. das Chagas, 17, 2.º Dt.º; diariamente 14-18.
  Fotografia.

- **GARY HANSMANN**
  **Centro de Arte Moderna,** R. Dr. Nicolau Bettencourt; 3.ª a dom., 10-17.
  Pintura.

- **COLECTIVA**
  **Multiface,** Centro Comercial Gemini, Loja 65; 2.ª a 6.ª, 10-19.30; sáb. e dom., 12-19.

- **MADALENA ROSALIS**
  **Museu Nacional do Traje,** Parque do Monteiro-Mor; 3.ª a dom., 10-13 e 14.30-17.
  Jóias.

- **«TRABALHO MARGINAL DO ARTISTA»**
  **Galeria Arte Mixta,** R. de S. Domingos à Lapa, 6.
  Colectiva.

- **PACO AGUILAR**
  **Galeria S. Francisco,** R. Ivens, 40; 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19.
  Pintura.

- **COLECTIVA**
  **Altamira,** R. Filipe Folque, 48-A.
  Pintura.

# CLÁSSICA

**Teatro S. Luiz**

Rua António Maria Cardoso, 40
Telef. 327172
Dia 27, pelas 11.00h: concerto de melodias populares gregas, por **Oliveira Lopes** (voz) e **Fernando Azevedo** (piano); «peça em forma», de Habanera Tzigare, por 2Vasco Barbosa (violino) e **Grazi Barbosa** (piano).
Dia 28, pelas 18.30h: concerto comemorativo do cinquentenário da morte de Maurice Ravel pela **Orquestra Sinfónica da RDP,** dirigida pelo maestro **Silva Pereira** e com o pianista **Adriano Jordão.**

# LIGEIRA

**ROCK RENDEZ-VOUS**
Rua da Beneficência, 175
Telef. 774402
Dias 25 e 26, pelas 22.00h: **Mler Ife Dada.**

# MUSICA

# 40 anos da Juventude Musical Portuguesa

A partir de Janeiro a Juventude Musical Portuguesa vai dar início a um vasto plano de actividades que se destina a assinalar o 40º aniversário da sua fundação em 1948.

Não foi fácil conseguir então das autoridades os instrumentos legais necessários à constituição dessa nova associação cultural. A hostilidade do regime fascista ao movimento associativo era conhecida. Em tudo se via uma ameaça ao Poder, mormente quando se tratava de pôr as pessoas em contacto umas com as outras, de lhes dar a possibilidade de reunir legalmente, trocar ideias, planear, agir.

Até a música assustava Salazar e os seus apaniguados. É claro que havia quem dissesse que a música era outra coisa, era uma arte «pura», que nela se podia ser «permissivo» — enquanto, por outro lado, se apertava com a literatura, com o cinema, com o teatro, com o jornalismo, etc. Mas, o certo é que também na música o regime não deixava de tomar «providências cautelares»: lembre-se o que aconteceu no Conservatório, em 1938 (ainda hoje o ensino da música está a sofrer as consequências do obscurantismo que então ali se instalou); lembrem-se as sistemáticas perseguições a Lopes-Graça. Associativismo e cultura eram incompatíveis com a tranquilidade da meia dúzia de famílias que usufruía do País como duma quinta, através do Estado policial.

Quem vasculhar nos Arquivos da PIDE/DGS e, decerto também, no do ditador Salazar ainda poderá encontrar os documentos desse processo complicado e retorcido que foi a legalização da Juventude Musical Portuguesa. Lá se encontra a carta de Elisa de Sousa Pedroso a garantir ao ditador a inocuidade da nova associação, a tentar pôr «água na fervura» do alarmismo da polícia política. E como Salazar acreditou (do seu capricho, que não das normas democráticas de um Estado de Direito, é que dependia o ser ou não ser), a Juventude Musical Portuguesa fez-se.

Por que não promover agora a publicação em «livro negro» desses documentos de uma época negra? Deixo aqui a sugestão à actual Direcção da JMP, com os votos de que consiga vencer as dificuldades burocráticas que tal empresa decerto há-de suscitar...

As actividades planeadas para 1988 pela JMP prevêem concertos semanais aos sábados no Forum Picoas, iniciativas fora de Lisboa em colaboração com câmaras municipais, animação musical nas escolas, um concurso para jovens instrumentistas, uma exposição de artes plásticas inspiradas em obras musicais, encontros de férias nas áreas da música, movimento e teatro, além das secções de Biblioteca, Coro Infantil e de intercâmbio com o estrangeiro, que pode proporcionar a jovens músicos estágios, participação na Orquestra Mundial das JM, etc.

Em suma, a JMP dá sinais de vida, revitaliza-se, renova-se e isso é a melhor maneira de comemorar os seus 40 anos de existência.

**Mário Vieira de Carvalho**

# DICIONÁRIO

## *Vinte anos de cinema português*

**JORGE LEITÃO RAMOS**

*— realizadora*

*João Lagarto, Amélia Videira e João Mota numa cena de «A Borboleta na Gaiola», de Luís Filipe Costa*

## BORBOLETA Na Gaiola (A)

*— média-metragem*
*— 16mm/cor*

**Realização:** Luís Filipe Costa. **Argumento:** L.F. Costa segundo o seu romance homónimo. **Fotografia:** António Silva. **Música:** Carlos Mendes. **Montagem:** Elisabeth Fernandes. **Som:** Manuel Samora. **Interpretação:** João Mota, Helena Isabel, João Lagarto, Amélia Videira, Carlos Santos, Carlos Paulo, Isabel Medina, Rui Mendes, etc. **Produção:** RTP. **Direcção de produção:** Luís de Freitas. **Rodagem:** 1987. Não estreado comercialmente. **Localização de cópias:** Radiotelevisão Portuguesa.

De algum modo, este filme é uma meditação retrospectiva sobre os últimos anos do Estado Novo, meditação íntima e privada sobre gente inquieta que, entre um copo, a amizade, o amor e o sexo, se aquieta numa certa dor incómoda.

Feito para a televisão, **A borboleta na gaiola** não tem arrojos mas é tocante, sincero e triste, verdadeiro na medade do seu mundo. Tecnicamente aceitável, conta com bons trabalhos da maior parte dos actores, com realce para João Mota e João Lagarto, díspares registos que são duas faces da mesma moeda.

*— longa-metragem*
*— 35 mm/cor*

## MATAR saudades

**Realização:** Fernando Lopes. **Argumento:** Carlos Saboga, António Pedro Vasconcelos, Fernando Lopes. **Fotografia:** António Escudeiro. **Cenários e figurinos:** Gabriela Cerqueira. **Selecção musical:** Diogo Seixas Lopes. **Montagem:** Alexandre Gonçalves. **Som:** Antoine Bonfanti. **Interpretação:** Rogério Samora, Teresa Madruga, Pedro Efe, Alexandre de Sousa, Eunice Muñoz, João Cabral, Manuel Cavaco, António Reis, Lurdes Rodrigues, Laura Soveral, Canto e Castro. **Produção:** Fernando Lopes. **Produção executiva:** Fernando Matos Silva, José Luís Vasconcelos. **Duração:** 85 minutos. **Rodagem:** 1986/87. **Primeira apresentação pública:** 6 de Novembro de 1987 («Cinemateca Portuguesa», Lisboa). **Localização de cópias:** Instituto Português de Cinema.

*Fernando Lopes, o realizador de «Matar Saudades»*

O que mais espanta nesta história de um emigrante que volta à sua aldeia transmontana, em missão de vingança por ciúmes, é a tentativa de **normalização** do cinema de Fernando Lopes, até aqui viajando por bem diversos caminhos.

O que mais dói é ver essa tentativa conduzir o filme para o beco sem saída de uma incredibilidade essencial, seja ela traduzida nas falas dos actores (nunca Teresa Madruga apareceu tão irremivelmente urbana...), na acção ou olhar que Lopes lança sobre a paisagem física e social. O resultado é um falhanço em toda a linha, tanto mais problemático quanto, pela primeira vez na sua carreira, o realizador dispôs de um financiamento confortável...